

*Uma mentira
salvará uma família.
A verdade destruirá outra.
Qual você escolheria?*



Diane Chamberlain
**SEGREDOS
E MENTIRAS**





SEGREDOS E MENTIRAS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Diane Chamberlain
**SEGREDOS
E MENTIRAS**



Título original: *The Midwife's Confession*
Copyright © 2011 por Diane Chamberlain
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Regina Lyra
preparo de originais: Sheila Til
revisão: Clarissa Peixoto e Flávia Midori
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: dmeacham design
imagem de capa: Robert Mikulko
adaptação da capa: Raul Fernandes
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ	
C427s	Chamberlain, Diane, 1950- Segredos e mentiras [recurso eletrônico] / Diane Chamberlain [tradução de Regina Lyra]; São Paulo: Arqueiro, 2013. recurso digital Tradução de: The midwife's confession Formato: ePub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-225-3 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lyra, Regina. II. Título.
13- 05743	CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

P A R T E I

N O E L L E

Noelle

Wilmington, Carolina do Norte
Setembro de 2010

Ela estava sentada no último degrau da varanda da frente do seu bangalô em Sunset Park, recostada à pilastra, de olhos pregados na lua cheia. Sentiria falta de tudo isso. Do céu noturno. Da barba-de-velho que pendia dos carvalhos. Do ar de setembro que parecia cetim em contato com sua pele. Resistiu ao impulso de se recolher ao quarto. Os comprimidos. Ainda não. Tinha tempo. Podia ficar sentada ali a noite toda, se quisesse.

Ergueu um braço e contornou com a ponta do dedo o círculo da lua. Sentiu os olhos arderem.

– Amo você, mundo – sussurrou.

O peso do segredo se fez sentir de repente, e ela deixou a mão cair sobre o colo como uma pedra. Ao acordar de manhã, nem sequer desconfiara que este seria o dia em que ela não suportaria mais carregar aquele peso. Ainda há pouco, ao cair da noite, ela cantarolava ao picar aipo, pepinos e tomates para a sua salada, pensando no lourinho prematuro nascido na véspera – uma vida frágil que precisava da sua ajuda. Quando, porém, se sentara para comer diante do computador, fora como se dois braços musculosos saíssem da tela e duas mãos lhe comprimissem com força a cabeça, os ombros, os pulmões, impedindo-a de respirar direito.

Até o formato das letras na tela perfurava seu cérebro, e ela entendeu que a hora tinha chegado. Não sentiu medo – de fato nenhum pânico – ao desligar o computador. Largou a salada praticamente intacta sobre a escrivaninha. Não precisava mais dela. Não a queria. Aprontou tudo; não foi difícil. Vinha se preparando para essa noite havia muito tempo. Depois de tudo arrumado, foi até a varanda para contemplar a lua, sentir o ar acetinado e encher de mundo os olhos, os pulmões e os ouvidos uma última vez. Não esperava mudar de ideia. O alívio da decisão era grande demais, tão grande que, na hora em que finalmente se pôs de pé, justo quando a lua se escondeu atrás das árvores do outro lado da rua, ela quase sorria.

T a r a

Subir e chamar Grace para jantar vinha se tornando um hábito. Eu sabia que a encontraria sentada em frente ao computador usando fones de ouvido, o que a impedia de me escutar quando eu gritava por ela da cozinha. Será que fazia isso de propósito? Bati à porta e, como não houve resposta, a entreabri. Ela estava digitando, sua atenção focada no monitor.

– O jantar está quase pronto, Grace – avisei. – Por favor, vá pôr a mesa.

Nosso cachorro, Twitter, estava estirado junto aos pés descalços de Grace, mas, à menção da palavra “jantar”, postou-se ao meu lado de imediato. Minha filha, não.

– Só um minuto – disse ela. – Preciso terminar isto.

Não dava para ver a tela de onde eu estava, mas não tive dúvidas de que Grace digitava um e-mail em vez de fazer o dever de casa. Eu sabia que ela continuava um pouco atrasada em relação à turma. É o que acontece quando se dá aula na escola em que seu filho faz o ensino médio: sempre se sabe como ele está nos estudos. Grace havia sido uma aluna excelente e conhecida por suas ótimas redações na Hunter High, mas tudo tinha mudado em março, com a morte de Sam. Todo mundo pegou leve com ela durante a primavera e eu tinha esperança de que as coisas voltassem aos eixos agora, no outono, mas então Cleve terminou o namoro deles antes de partir para a faculdade e Grace piorou. Ou pelo menos eu suspeitava de que o término do namoro tinha sido o motivo de ela se fechar ainda mais em sua concha. Como eu poderia saber de verdade o que estava acontecendo, se ela não conversava comigo? Minha filha se tornara um mistério. Um livro fechado. Eu começava a vê-la como a estranha do andar de cima.

Encostei-me ao batente da porta e estudei-a. Tínhamos o mesmo cabelo castanho-claro, clareados com as mesmas luzes louras no salão, mas o dela, comprido e espesso, reluzia com o brilho acetinado de seus 16 anos. Em alguma curva do caminho, o meu, que ia até a altura do queixo, perdera o viço.

– Estou fazendo macarrão ao *pesto* – falei. – Fica pronto em dois minutos.

– Ian ainda está aí?

Ela continuou a digitar, mas deu uma rápida espiada pela janela, para onde supus que pudesse ver o Lexus de Ian estacionado na rua.

– Vai jantar conosco – respondi.

– Ele bem que podia se mudar para cá – disse ela. – Já passa o tempo todo aqui

mesmo.

Fiquei chocada. Ela jamais dissera uma palavra sobre as visitas de Ian, e ele só ia uma ou duas vezes por semana à nossa casa, agora que o inventário de Sam havia terminado.

– Não é verdade – falei. – E ele tem ajudado muito com a papelada, meu bem. Além disso, assumiu todos os casos do seu pai e alguns dos processos estão aqui, no escritório, por isso...

– Esquece – resmungou Grace, erguendo os ombros até as orelhas enquanto digitava, como se pudesse bloquear a minha voz assim.

Parou de escrever um instante, torcendo o nariz para a tela, depois olhou para mim.

– Dá para você pedir a Noelle para largar do meu pé? – indagou.

– Noelle? Como assim?

– Ela vive mandando e-mails para eu e Jenny, e...

– Para mim e Jenny.

Grace revirou os olhos e eu me encolhi. *Idiota, idiota*. Eu queria que minha filha conversasse comigo, mas ficava corrigindo o que ela dizia.

– Tudo bem. O que ela quer de você e Jenny?

– Que a gente faça coisas para o projeto de bebês carentes que ela tem – respondeu Grace, acenando na direção do monitor. – Agora é: “O trabalho comunitário vai ser um ótimo trunfo quando vocês se candidatarem a uma faculdade.”

– Vai mesmo.

– Ela é doida – concluiu Grace, voltando a digitar, os dedos voando sobre o teclado. – Se você comparar a tomografia do cérebro dela com a de um cérebro normal, vai ver que são bem diferentes.

Tive de sorrir. Grace talvez estivesse certa.

– Bem, ela trouxe você a este mundo e sempre serei grata por isso – falei.

– Ela também nunca me deixa esquecer isso.

Ouvi o timer disparar lá embaixo.

– O jantar está pronto. Vamos.

– Dois segundos.

Ela se levantou, mas continuou a digitar rápido, inclinada sobre a escrivaninha. De repente deixou escapar um grito, levou as mãos ao rosto e deu um passo para trás.

– Ah, não! – exclamou. – Ah, não!

– O que houve?

– Ah, não – repetiu Grace, sussurrando dessa vez, enquanto desabava de volta na cadeira, com os olhos fechados.

– O que foi, meu bem?

Comecei a me aproximar, como se de alguma forma pudesse consertar o que estava errado, mas ela me dispensou com um aceno.

– Não foi nada – disse ela, com os olhos na tela. – E não estou com fome.

– Você precisa comer – insisti. – Quase não janta mais comigo.
– Mais tarde eu como um cereal – rebateu. – Mas agora... agora preciso consertar uma coisa, está bem?

Seu olhar me disse que a conversa chegara ao fim, e eu recuei, assentindo.

– Está bem – concordei, acrescentando em seguida: – Avise se eu puder ajudar.



– Ela está agitada – expliquei a Ian quando entrei na cozinha. – E não está com fome.

Ian picava tomates para a salada e se virou para me encarar.

– Talvez seja melhor eu ir embora – sugeriu.

– Nem pensar – discordei, mexendo o *rigatoni* com molho *pesto* numa das minhas travessas grandes. – Alguém precisa me ajudar a dar conta de toda esta comida. De todo jeito, não é você que está afastando Grace de mim. Sou eu. Ela me evita o máximo que pode.

Eu não queria que Ian fosse embora. Sua companhia me confortava. Ele havia sido sócio de Sam no escritório de advocacia e um ótimo amigo por mais de quinze anos, e eu queria ficar ao lado de alguém que tivesse conhecido o meu marido e que gostasse dele. Ian vinha sendo meu porto seguro desde a morte de Sam. Era ele quem cuidava de tudo, da cremação ao fundo de investimento que agora geria para nós. Como as pessoas eram capazes de sobreviver a uma perda tão devastadora sem um Ian em suas vidas?

Ian pôs a travessa de *rigatoni* na mesa da cozinha e depois se serviu de um copo de vinho branco.

– Acho que ela tem medo de que eu queira tomar o lugar de Sam – disse ele, passando a mão no cabelo louro que começava a rarear.

Ian era um desses homens que a calvície não faz ficarem feios, mas eu sabia que a ideia de perder os cabelos não o deixava feliz.

– Eu não acho, não – falei.

Mas depois me lembrei de Grace ter dito que ele bem que podia se mudar para a nossa casa. Será que eu devia ter perguntado por quê? Não que ela fosse me responder.

Sentei em frente a Ian e espetei com o garfo um tubinho de *rigatoni* que na verdade não queria comer. Tinha perdido quase 10 quilos desde a morte de Sam.

– Sinto falta da minha Grace – falei, mordendo o lábio e olhando nos olhos escuros de Ian por trás de seus óculos. – Quando ela era menor, ficava me seguindo por todo lado dentro de casa. Vinha engatinhando e se aconchegava no meu colo e eu cantava e lia para ela e...

Dei de ombros. Eu sabia como ser boa mãe para aquela menininha, mas ela se fora havia muito tempo.

– Imagino que todo mundo sinta a mesma coisa quando os filhos viram

adolescentes – disse Ian.

Ele não tinha filhos. Aos 45 anos, nunca se casara, o que soaria suspeito em outro homem, mas em Ian era algo que todos nós simplesmente aceitávamos. Chegara bem perto do casamento muitos anos atrás – com Noelle – e eu achava que ele jamais havia se recuperado do término repentino do relacionamento.

– Sam saberia o que dizer a ela – falei, percebendo frustração na minha voz. – Amo a minha filha, mas ela sempre foi mais apegada ao Sam. Ele era o nosso... O nosso tradutor. O nosso intermediário.

Era verdade. Sam e Grace haviam sido duas almas silenciosas, que não precisavam trocar palavras para se comunicarem.

– Dava para sentir a ligação dos dois quando estavam no mesmo cômodo, mesmo que um deles estivesse no computador e o outro, lendo. Dava para *sentir*.

– Você é muito perfeccionista, Tara – disse Ian. – Você se esforça para ser a mãe perfeita, mas não existem pais perfeitos.

– Sabe o que os dois adoravam fazer? – Sorri para mim mesma, presa às lembranças, algo que vinha me acontecendo um bocado ultimamente. – Às vezes eu tinha uma reunião que ia até tarde e, quando chegava em casa, encontrava os dois na sala assistindo a um filme, tomando alguma bebida à base de café que haviam inventado.

– Sam e o café – comentou Ian, rindo. – O dia inteiro. Tinha um estômago de avestruz.

– Ele viciou Grace em cafeína antes dos 14 anos – falei, beliscando um pedacinho da massa. – Ela sente uma falta louca do pai.

– Eu também – disse Ian, espetando um *rigatoni*.

– E aí o Cleve vai e termina o namoro tão pouco depois de...

Balancei a cabeça. Minha garotinha estava sofrendo.

– Eu daria tudo para que ela fosse um pouco mais parecida comigo – falei, mas depois me dei conta de que estava sendo injusta. – Ou que eu fosse um pouco mais parecida com ela. Queria que tivéssemos mais em comum, que fizéssemos alguma atividade juntas, mas somos muito diferentes. Todo mundo na escola comenta isso, quero dizer, os outros professores comentam. Acho que esperavam que ela gostasse de teatro, como eu.

– Se não me engano, há uma lei que proíbe a existência de mais de uma diva por família – disse Ian, e eu o chutei por baixo da mesa.

– Não sou uma diva – retruquei –, mas sempre achei que o teatro seria bom para Grace, você não? Faria com que ela saísse da concha.

– Ela só é calada, Tara. Não é crime ser introvertido.

Crime não era, mas eu tinha uma necessidade quase patológica de interagir com outras pessoas, então não compreendia a timidez da minha filha. Grace abominava qualquer acontecimento social que envolvesse mais de uma ou duas pessoas, ao passo que, como dizia meu pai, “Tara consegue conversar com uma espiga de

milho”.

– Ela já falou sobre tirar carteira de motorista?

Balancei a cabeça. Grace passara a ter medo de dirigir depois da morte de Sam. Mesmo quando era eu ao volante, dava para sentir sua tensão.

– Já mencionei o assunto algumas vezes, mas ela não quer falar sobre isso – respondi. – Com o Sam ela falaria.

Espetei meu garfo em outro *rigatoni*. Sentada ali com Ian, de repente fui assolada pela verdade que me pegava desprevenida a todo momento – no meio de uma aula, durante a seleção de elenco para uma peça da escola, enquanto lavava roupa: Sam nunca mais voltaria. Nunca mais faríamos amor novamente. Eu jamais poderia conversar com ele na cama à noite. Nunca sentiria os braços dele à minha volta quando acordasse de manhã. Ele não tinha sido apenas meu marido, mas meu melhor amigo e o mais antigo também. Quantas mulheres podiam dizer o mesmo sobre o homem com quem se casaram?



Estávamos pondo a louça na lavadora quando meu celular tocou e o som eletrônico de “All That Jazz” encheu a cozinha. Enxuguei as mãos e olhei para o nome na tela.

– É a Emerson – falei para Ian. – Você se importa se eu atender?

– Claro que não.

Ian era ainda mais viciado que eu num BlackBerry e não tinha como reclamar.

– Oi, Emy. O que houve?

– Você tem falado com Noelle? – indagou Emerson.

Tive a impressão de que ela estava no carro.

– Está dirigindo? O telefone está no viva-voz?

Imaginei-a apertando o celular contra o ouvido, o cabelo castanho, comprido e cacheado, cobrindo-lhe a mão.

– Se não estiver, não vou falar com...

– Está no viva-voz, sim, não se preocupe.

– Ótimo.

Eu me tornara ultraconsciente a respeito do uso de celulares no carro desde o acidente de Sam.

– Então? Falou com ela ultimamente? – insistiu Emerson.

– Bom... – Tentei me lembrar. – Falei há uns três dias, acho. Por quê?

– Estou indo para lá. Não consigo falar com ela. Você se lembra se ela disse alguma coisa sobre ir viajar ou algo assim?

Tentei lembrar a última conversa com ela. Tínhamos falado sobre a superfesta de aniversário que ela, Emerson e eu vínhamos planejando para Suzanne Johnson, uma das voluntárias do projeto social para bebês de Noelle e... mãe de Cleve. A festa tinha sido ideia de Noelle, mas fiquei felicíssima por ter algo com que me ocupar.

– Que eu me lembre, ela não falou nada sobre viajar – respondi.

Ian olhou para mim. Tive certeza de que ele sabia sobre quem estávamos conversando.

– Faz muito tempo que não fala de viajar – confirmou Emerson.

– Você parece preocupada.

Ian tocou no meu braço, indagou com os lábios “Noelle?”, e assenti.

– Achei que ela fosse aparecer lá em casa ontem à noite – prosseguiu Emerson –, mas não. Eu devo ter... Ei, filho da mãe! Desculpe. O carro na minha frente parou do nada.

– Cuidado, por favor – falei. – Vamos desligar.

– Não, tudo bem – disse ela, recuperando o fôlego. – Resumindo, devo ter entendido errado, mas agora não consigo achá-la e resolvi dar uma passada por lá depois do Hot!.

Hot! era a cafeteria que Emerson acabara de inaugurar, próxima à orla.

– Provavelmente ela está arrecadando doações para os bebês.

– Provavelmente.

Era típico de Emerson preocupar-se à toa. Era uma pessoa atenciosa e de bom coração, que jamais seria descrita por alguém sem o uso da palavra *boa*. Jenny não ficava atrás, e eu ficava muito feliz pelo fato de minha filha e a filha da minha melhor amiga também serem as melhores amigas uma da outra.

– Estou em Sunset Park agora e vou entrar na rua de Noelle – disse Emerson. – A gente se fala depois, certo?

– Dê um beijo em Noelle por mim.

– Pode deixar.

Desliguei o telefone e olhei para Ian.

– Noelle tinha ficado de ir à casa de Emerson ontem à noite e não apareceu. Aí a Emy resolveu dar um pulo na casa dela para ver se está tudo bem.

– Ah, bom. Com certeza está tudo bem – disse ele, consultando o relógio. – É melhor eu ir andando para você poder levar alguma coisa para Grace comer lá em cima – prosseguiu, inclinando-se para me beijar no rosto. – Obrigado pelo jantar. Volto para pegar o restante dos arquivos de Sam daqui a uns dois dias, tudo bem?

Observei-o sair. Pensei em esquentar um prato para Grace, mas achei que ela não ia gostar disso e, honestamente, não queria enfrentar sua frieza outra vez. Então comecei a limpar as bancadas de granito, tarefa que me acalmou até eu dar de cara com o ímã de geladeira com a foto onde aparecíamos nós três – Sam, Grace e eu – às margens do rio San Antonio, no Texas, numa noite de fim de verão fazia pouco mais de um ano. Encostei na bancada e contemplei minha pequena família, desejando ardentemente poder voltar no tempo.

Pare com isso, disse a mim mesma, e retornei à limpeza.

Imaginei Emerson chegando à casa de Noelle e lhe dando o meu beijo. Eu falava com Noelle duas ou três vezes por semana, mas já fazia algum tempo que não a via.

Na verdade, não tínhamos nos encontrado desde que ela batera à minha porta no fim de julho, numa noite de sábado em que Grace havia saído com Jenny e Cleve, e eu estava esvaziando a escrivaninha de Sam no escritório. Mexer nas coisas dele se revelara uma tortura – tocar tudo aquilo que ele mesmo tocara fazia tão pouco tempo... Eu tinha separado os papéis em pilhas cuidadosamente organizadas no chão. Depois os daria a Ian, porque eu não saberia dizer se aqueles documentos e cartas fariam parte dos processos em que Sam por acaso estivesse trabalhando. Ian também tinha dificuldade para entender os arquivos. Meu marido era bagunceiro. Como sua escrivaninha tinha um tampo de correr, nós dois havíamos feito um trato: ele podia fazer ali a bagunça que quisesse, desde que eu não fosse obrigada a vê-la. Agora eu daria qualquer coisa para poder ver aquela bagunça.

Só muito depois eu me daria conta do porquê da visita de Noelle naquela noite. Emerson comentara com ela que Grace ia sair com Jenny, então ela sabia que eu estaria sozinha numa noite de sábado, quando aparentemente todas as outras pessoas do mundo têm um par. O verão era uma época difícil para mim, já que eu não tinha as aulas para me ocupar nem estava envolvida em qualquer produção no teatro comunitário. Noelle sabia que me encontraria triste, frustrada ou furiosa, emoções que me deixavam vulnerável demais para ficar com outras pessoas que não ela. Todos nos sentíamos seguros com Noelle e ela sempre se mostrava disponível.

Eu me deixei cair na cadeira de Sam e ela se sentou no canapé e me perguntou como eu estava. Eu sempre respondia “Bem” a essa pergunta, mas me parecia sem sentido mentir para Noelle. Ela jamais acreditaria.

“Todo mundo pisa em ovos à minha volta, como se eu fosse desabar a qualquer instante”, eu dissera.

Noelle usava uma saia comprida de lã estampada em azul e verde e um brinco de argola enorme que a faziam parecer uma cigana de cabelo acobreado. Era bonita, mas de uma beleza pouco convencional: pele pálida (quase translúcida), olhos num tom de azul forte, elétrico, e um sorriso rápido e largo que deixava à mostra os dentes brancos alinhados, com a arcada superior levemente protuberante. Era alguns anos mais velha que eu e começavam a aparecer alguns fiozinhos brancos no cabelo comprido e cacheado. Emerson e eu a conhecíamos desde a época da faculdade e, embora fosse bonita a seu modo descorado, não era do tipo que chamasse a atenção da maioria dos homens. Havia, no entanto, alguns – almas sensíveis, poetas e artistas, nerds da informática – que ficavam tão hipnotizados ao cruzar com ela na rua que chegavam a tropeçar. Vi isso acontecer mais de uma vez. Ian foi um deles, muito tempo atrás.

Naquela noite, no escritório, Noelle jogara a sandália longe e cruzara as pernas sob o corpo no canapé.

“E vai? Você vai desabar?”

“Talvez.”

Conversamos durante um bom tempo e ela me conduziu pelo labirinto das minhas emoções como uma terapeuta competente. Falei da minha tristeza e da minha perda. Falei da minha raiva irracional de Sam por ter me deixado, por acrescentar rugas novas à minha testa. Por transformar meu futuro num ponto de interrogação.

“Já pensou em procurar um grupo de apoio para viúvas?”, indagara Noelle, passado um tempo.

Balancei a cabeça. A ideia de um grupo de apoio para viúvas me dava arrepios. Não queria me ver cercada de mulheres que se sentiam tão mal quanto eu. Acabaria afundando e jamais teria condições de voltar à tona. Havia uma comporta em mim que eu tinha medo de abrir.

“Esqueça o grupo de apoio”, corrigira-se Noelle. “Não tem nada a ver com você. Você é extrovertida, mas não é de se abrir.”

Noelle já me dissera isso uma vez e a descrição me incomodara.

“Eu me abria com Sam”, fora minha defesa.

“Sim”, concordara minha amiga. “Era fácil se abrir com Sam.”

Ela havia olhado pela janela para a escuridão lá fora, como se divagasse, o que me fizera lembrar suas palavras no funeral de Sam: *Sam era o melhor ouvinte do mundo.*

Se era!

“Sinto falta de conversar com ele”, eu admitira.

Eu olhava para a pilha de papéis no chão. Para o grampeador movido à pilha em cima da escrivaninha. Para o talão de cheques. Para os quatro bloquinhos de notas adesivas. Dei de ombros.

“Sinto falta *dele*.”

Noelle assentira.

“Você e Sam... Tenho restrições ao termo ‘almas gêmeas’, porque é banal e porque talvez eu não acredite nisso, mas vocês dois tiveram um casamento excepcional. Sam se dedicava a você.”

Eu havia tocado no teclado do computador do meu marido. O E e o D estavam gastos, quase apagados. Passara os dedos sobre o plástico.

“Você ainda pode falar com Sam, sabia?”

“Como é que é?”, eu havia perguntado, rindo.

“Não me diga que não fala. Quando está sozinha, aposto que sim. Seria muito natural dizer: ‘Droga, Sam! Por que você tinha de me abandonar?’”

Eu havia encarado novamente o teclado, com medo das comportas.

“Honestamente, não faço isso”, eu mentira.

“Mas poderia fazer. Poderia dizer a ele como está se sentindo.”

“Para quê?”

Eu tinha ficado incomodada. Noelle adorava impingir seus argumentos.

“E qual seria a finalidade disso?”, eu questionara.

“Ora, nunca se sabe se ele pode ouvir você.”

“Na verdade, tenho certeza de que não pode”, eu tinha dito, cruzando os braços e

girando a cadeira de modo a encará-la. “Cientificamente, ele não pode.”

“A ciência vive fazendo novas descobertas.”

Não podia contar a ela que, às vezes, enquanto tomava café da manhã ou dirigia para a escola, eu ouvia a voz de Sam tão claramente quanto se ele estivesse ao meu lado e que então eu me perguntava se seria ele tentando se comunicar comigo. Já tivera longas conversas com ele em voz alta quando ninguém estava olhando. Adorava senti-lo por perto. Eu não acreditava que fosse possível os mortos se manifestarem do além, mas... e se pudessem e ele estivesse tentando e eu o ignorasse? Ainda assim, eu me sentia louca quando falava com ele e tinha muito medo dessa sensação.

“Você sempre sentiu medo de ter problemas psiquiátricos como sua mãe”, falara Noelle, como se lesse meus pensamentos.

Assim ela me assustava.

“Acho que esse é o seu maior medo, mas você é uma das pessoas mais sãs que conheço.” E, dizendo isso, ela havia se levantado, respirado fundo e esticado os braços bem acima da cabeça. “Sua mãe teve uma doença”, prosseguira, deixando os braços longos e esbeltos pendendo ao lado do corpo. “Mas você não tem. Jamais terá.”

“As comportas...”

De onde estava sentada, eu havia olhado para minha amiga. Não queria que ela fosse embora.

“Tenho medo de abri-las”, eu confessara.

“Você não vai se afogar”, garantira Noelle. “Você não é esse tipo de pessoa.” E, abaixando-se para me abraçar, completara: “Eu te amo. E estou apenas a um telefonema de distância.”

Enquanto relembrava aquele dia, eu polira a bancada de granito até que ela refletisse as luzes do teto. Então ousei olhar novamente para a foto de nós três na porta da geladeira. Noelle me ajudara a entender muita coisa naquela noite quente e triste de julho, mas uma emoção continuava a me corroer por dentro: o medo de estar fracassando com a minha filha.

Na foto, Grace estava entre mim e Sam, sorrindo, e só alguém muito observador poderia perceber como ela se inclinava para perto de Sam, afastando-se de mim. Ele me deixara sozinha com uma filha da qual eu não sabia ser mãe. Uma filha que eu ansiava por conhecer, mas que se recusava a me permitir isso. Uma filha que me culpava por tudo.

Ele me deixara sozinha com a estranha do andar de cima.

Emerson

A lata-velha de Noelle estava na entrada e estacionei atrás dela. Começava a escurecer, mas ainda dava para ler todos os adesivos no vidro traseiro: “Coexistência e tolerância entre as religiões”; “Sem pântanos não há frutos do mar”; “Protejam o rio Cape Fear”, “Tem tofu?”; “Tragam as parteiras de volta!” – as paixões de Noelle (e eram muitas) estavam expostas na traseira amassada do seu carro para todo mundo ver. Quando algum machão emparelhava com ela num sinal de trânsito e fingia alvejá-la imitando um revólver com a mão, ela exibia o dedo médio em resposta. Essa era Noelle.

Ela abandonara a carreira de parteira fazia mais ou menos um ano, quando resolvera se concentrar no projeto social para bebês, ainda que isso significasse ter de viver de suas economias. Além disso, na época, os consultórios de ginecologistas e obstetras das redondezas vinham fazendo grande alarde sobre o fim da atividade das parteiras, então Noelle concluíra que era hora de parar, ainda que isso fosse doer como se lhe decepassem um braço. Seriam necessárias dez vidas para que Noelle fizesse tudo o que queria. Jamais seria capaz de consertar o mundo a seu jeito com apenas uma.

Ted e eu havíamos parado de lhe cobrar pelo aluguel da casa, ainda que, com a economia enfraquecida e as despesas para abrir o Hot!, não estivéssemos exatamente preparados para pagar a faculdade de nossa filha. Ted comprara aquele bangalô rústico decadente da década de 1940 pouco antes de nos casarmos. Na época achei uma ideia de jerico, mesmo que o vendedor o estivesse praticamente dando de presente. Parecia que ninguém ia ali desde 1940, exceto para atulhar o quintal com uma churrasqueira quebrada, uns pneus de bicicleta, uma privada e outras tantas quinquilharias. Ted era corretor de imóveis, porém, e sua bola de cristal lhe dissera que Sunset Park estava prestes a renascer. A bola estava certa... embora o tal renascimento tenha demorado a acontecer. A vizinhança vinha finalmente mudando, embora o bangalô de Noelle continuasse a ser uma visão deplorável. A churrasqueira e a privada haviam sumido, mas os arbustos estavam nas últimas. Se algum dia Noelle se mudasse, precisaríamos fazer uma baita reforma, mas também conseguiríamos um bom lucro a essa altura, de forma que deixá-la morar lá pagando apenas as contas de serviços públicos não chegava a ser o fim do mundo.

A princípio, Ted não ficou empolgado com a ideia de não cobrar aluguel de

Noelle. Ele vinha pondo um bocado de dinheiro na minha cafeteria na época, e ambos nos preocupávamos imensamente com isso. Havia anos eu queria abrir um café. Algumas mulheres fantasiam encontrar Matthew McConaughey em suas camas. Eu fantasiava ter clientes fazendo fila para provar meus quitutes. A boa notícia era que o Hot! já era um negócio estável. Eu tinha clientes fiéis entre os moradores locais e precisara até contratar mais funcionários durante a alta temporada. Por isso Ted acabara mudando de ideia, tanto sobre o café quanto em relação a Noelle ficar em nosso imóvel sem pagar aluguel.

Da entrada cheia de mato, pude ver o canto esquerdo do quintal, onde Noelle fizera seu jardim. Não se podia dizer que ela se importasse em reformar a casa, e o restante do terreno estava em ruínas, mas ela nos surpreendera alguns anos antes montando uma pequena obra-prima naquele cantinho, e o jardim se tornara uma de suas muitas obsessões. Ela se dedicara tanto a pesquisar plantas que praticamente o ano todo havia algo florindo ali. Um amigo seu fizera a escultura que ocupava o centro do jardim e parecia uma peça de museu: uma bacia de pedra num pedestal, com uma garotinha descalça ao lado, esculpida em bronze, que, na ponta dos pés, tentava tocar na água. Seu vestido e seu cabelo esvoaçavam, como se soprasse uma brisa. Era ali que os pássaros tomavam banho. A peça ficara conhecida e alguns repórteres quiseram fotografá-la e escrever matérias sobre seu autor, mas Noelle nunca permitiu. Tinha medo de que alguém tentasse roubá-la. Ela daria tudo o que tivesse para ajudar outra pessoa, mas não queria ninguém mexendo em seu jardim. Ela o regava, adubava e podava. Adorava aquele pedacinho de terra. Cuidava dele do jeito que outras mulheres cuidariam dos filhos e dos maridos.

O bangalô era de um azul desbotado, da cor dos joelhos de uma calça jeans muito velha, e a pintura, descascada, adquiria uma tonalidade doentia sob a claridade avermelhada do pôr do sol. Quando subi o caminho que levava à varanda, vi uns dois ou três envelopes saindo da caixa de correio junto à porta e, embora a noite estivesse quente, um arrepio me subiu pela espinha. Algo estava errado. Ela tinha ficado de jantar conosco na noite anterior e levar tecidos para Jenny, que, por incrível que parecesse, estava fazendo cobertores para os bebês do projeto social de Noelle. Não era o tipo de coisa que Noelle fosse esquecer. Fiquei preocupada por ela não ter respondido meus recados. Eu havia deixado um na noite anterior: “Vamos jantar sem você. Deixo seu prato guardado.” Deixara outro por volta das dez horas: “Só para saber notícias. Achei que você viria aqui hoje, mas devo ter me enganado. Ligue para dizer que está tudo bem.” Finalmente, mais um de manhã: “Noelle? Você não ligou de volta. Está tudo bem? Te amo.” Ela não respondera e, enquanto eu subia os degraus da varanda, não consegui afastar uma leve sensação de medo.

Toquei a campainha e ouvi o som atravessar o vidro fino das janelas. Bati e depois tentei abrir a porta, mas estava trancada. Eu tinha uma cópia da chave em casa, mas não me ocorrera trazê-la comigo.

Desci a escada e percorri o pequeno caminho que levava à porta dos fundos. A luz

da entrada estava acesa, e tentei girar a maçaneta. Trancada também. Pela janela, vi a bolsa de Noelle em cima da velha mesa da cozinha. Ela nunca se separava daquela bolsa. Era um modelo a tiracolo, daqueles de couro avermelhado e enormes, em que cabe metade da casa da gente. Lembro-me de Noelle tirar brinquedos para Jenny dali quando minha filha ainda engatinhava. Era essa a idade da bolsa. Noelle e ela eram inseparáveis. Cabelo vermelho, bolsa vermelha. Se a bolsa estava ali, minha amiga também estava.

Bati com força na porta.

– Noelle!

– Dona Emerson?

Virei-me e vi uma menina, de uns 10 anos talvez, atravessando o quintal em minha direção. A noite caía rapidamente, então demorei um minuto para notar que a menina trazia um gato nos braços.

– Você é a...? – tentei lembrar, olhando para a casa vizinha.

Uma família afro-americana com três ou quatro filhos morava ali. Eu já fora apresentada a todos eles, mas guardar nomes não era o meu forte.

– Sou a Libby – respondeu a menina. – A senhora está procurando a dona Noelle? Porque ela precisou ir embora de repente ontem à noite.

Sorri, aliviada. Ela viajara. Não fazia sentido que a bolsa e o carro continuassem ali, mas eu acabaria entendendo por quê. Libby pôs um pé no degrau da entrada e a luz bateu no gatinho malhado em seus braços. Cheguei mais perto para ver.

– Esta é a Patches? – perguntei.

– Sim, senhora. A dona Noelle me pediu para cuidar dela na minha casa desta vez.

– Aonde ela foi?

– Ela não disse. A mamãe falou que ela devia ter me dito – acrescentou a garota, afagando a cabecinha de Patches. – Eu cuido da Patches às vezes, mas sempre na casa da dona Noelle. Por isso a mamãe acha que agora a dona Noelle deve ficar fora muito tempo, como ela faz de vez em quando, mas que ela devia ter avisado quando voltava e atender o celular.

Que diabos estava acontecendo?

– Você tem a chave da casa, Libby? – indaguei.

– Não, senhora, mas sei onde ela deixa. Sou a única pessoa que sabe.

– Então me mostre, por favor.

Libby atravessou comigo o quintal em direção ao jardimzinho, com nossas sombras compridas à nossa frente. Foi direto até a escultura onde os pássaros tomavam banho, abaixou-se e ergueu do chão uma pedra junto aos pezinhos da menina de bronze.

– Ela guarda a chave aqui embaixo – sussurrou Libby, entregando-a.

– Obrigada – agradei, e voltamos até a porta dos fundos.

Parei nos degraus. Lá dentro, eu encontraria uma pista do lugar para onde Noelle

tinha viajado. Algo que me dissesse por que não levava sua bolsa gigante. Nem a gata. A sensação horrível que me tomara antes voltou a me incomodar, e me virei para a menina.

– Pode ir, querida. Leve a Patches para casa com você, por favor. Vou tentar descobrir o que está havendo e depois lhe digo, certo?

– Certo.

A menina deu meia-volta devagar, como se não tivesse certeza se devia ou não confiar a chave a mim. Observei-a atravessar o quintal em direção à própria casa.

A chave estava coberta de terra e eu a limpei na minha camiseta, um claro sinal de que nada me importava a não ser descobrir o que fora feito de Noelle. Destranquei a porta e entrei na cozinha.

– Noelle?

Encostei a porta e girei a tranca, porque estava começando a ficar paranoica. A bolsa jazia sobre a mesa como uma pilha flácida de couro e as chaves do carro estavam sobre a bancada entre a pia e o fogão. As vasilhas de comida e de água da gata se achavam emborcadas na bancada em cima de um pano de prato. A pia estava limpa e vazia. A cozinha parecia arrumada demais. Noelle era capaz de deixar um cômodo em desordem só de pisar nele.

Fui até a sala minúscula, passando pelas estantes atulhadas de livros e pela velha tevê que Tara e Sam haviam lhe dado anos antes, quando compraram uma nova com tela grande. Passei pelo sofá marrom puído. Vi um par de carrinhos de bebê virados para a televisão e três cadeirinhas de automóvel empilhadas sobre caixas de papelão que, muito provavelmente, continham coisas de bebê. Mais caixas se equilibravam sobre uma poltrona. Sem dúvida este era o mundo de Noelle. Na parede acima do sofá, vi retratos emoldurados de Jenny e Grace, junto com uma velha foto em preto e branco da mãe de Noelle no portão de um jardim. Ver as fotos das meninas ao lado da de sua mãe sempre me emocionava, porque me fazia sentir que Noelle considerava a filha de Tara e a minha parte de sua família.

Passei pelo primeiro dos dois quartos, o que ela usava como escritório. Assim como a sala, estava lotado de caixas e sacolas, e a escrivaninha, cheia de papéis, livros e... um prato de salada.

– Noelle?

O silêncio da casa começava a me assustar. *Um escorregão no chuveiro?* Mas por que ela diria a Libby para cuidar da gata? Cheguei ao quarto e entrei pela porta aberta. Então a vi, deitada de costas, com as mãos cruzadas sobre o peito, imóvel e calada como se meditasse. Seu rosto sem cor e a fileira de frascos de comprimidos na mesinha de cabeceira, porém, me disseram algo diferente. Minha respiração ficou presa e não consegui me mexer. Eu não estava entendendo. Me recusava a entender. *Impossível, pensei. Isto é impossível.*

– Noelle?

Dei um passo minúsculo adiante, como se testasse a temperatura da água numa

piscina. Então a realidade me atingiu e corri em direção à cama. Agarrei o ombro de Noelle e a sacudi com força. O cabelo cobriu a minha mão como se estivesse vivo, mas era a única coisa viva nela.

– Não, não, não! – gritei. – Noelle! Não! Isso não! Por favor!

Peguei um dos frascos vazios, mas minha mente não registrou nada do que estava escrito no rótulo. Eu quis *matar* aquele frasco. Atirei-o longe e depois caí de joelhos ao lado da cama. Apertei a mão fria de Noelle entre as minhas.

– Noelle – sussurrei. – *Por quê?*



É incrível a quantidade de coisas que não notamos quando estamos emocionalmente devastados. O bilhete estava bem ao meu lado, na mesinha de cabeceira. Tive de estender a mão por cima dele para pegar o celular e chamar ajuda. O telefone estava a milímetros da mão de Noelle. Ela podia ter ligado para mim ou para Tara. Podia ter dito: “Fiz uma besteira, venha me salvar.” Mas ela não fez isso. Não queria que ninguém a salvasse.

As equipes da polícia e da ambulância entraram no quarto ao mesmo tempo, ocupando todo o espaço e sugando todo o ar, e tudo o que vi foi um borrão azul e cinzento me cercando. Ainda segurando a mão de Noelle, sentei na cadeira de espaldar alto que alguém trouxera da cozinha, enquanto os paramédicos atestavam sua morte e todos aguardávamos a chegada do legista. Respondi às perguntas que os policiais me fizeram. Eu conhecia o inspetor Whittaker, que aparecia toda manhã no Hot! e pedia o croissant de framboesa com *cream cheese* e um *muffin* quente de banana com nozes. Eu enchia sua caneca com o meu café mais forte e depois o via mergulhar cinco torrões de açúcar nele.

– A senhora chamou o seu marido? – indagou ele, que sempre me chamava de *senhora*, por mais que eu lhe pedisse para me chamar de Emerson.

Ele andou para lá e para cá no claustrofóbico quarto de Noelle, examinando cada foto da mãe dela na parede, tocando a lombada de um livro na pequena estante sob a janela e estudando a almofada para alfinetes em cima da cômoda como se pudesse extrair dali a resposta para o ocorrido.

– Chamei.

Eu ligara para Ted antes da chegada das viaturas e da ambulância. Meu marido estava mostrando um imóvel a um cliente e eu tinha deixado uma mensagem. Ele ainda não a escutara, caso contrário teria ligado de volta imediatamente ao me ouvir atropelar as palavras como se estivesse sofrendo um derrame.

– Quem é o parente mais próximo? – perguntou o inspetor Whittaker.

Ah, não. Pensei na mãe de Noelle. Ted teria de ligar para ela por mim. Eu não conseguiria. E Tara também não.

– A mãe – sussurrei. – Ela tem mais de 80 anos e é... é frágil. Mora em um lar para idosos em Charlotte.

– A senhora viu isto? – indagou o policial, pegando o pequeno pedaço de papel na mesinha de cabeceira com os dedos enluvados.

Ele me entregou o papel, para que eu pudesse ler.

Emerson e Tara, sinto muito. Por favor, cuidem do meu jardim e se assegurem de que mamãe seja bem cuidada. Amo todos vocês.

– Ah – gemi, fechando os olhos. – Ah, não!

O bilhete tornava tudo real. Até aquele segundo, eu vinha conseguindo evitar a palavra *suicídio*. Agora ali estava ela, em letras garrafais na minha cabeça.

– É a caligrafia dela? – perguntou o inspetor Whittaker.

Abri ligeiramente os olhos, como se não fosse capaz de suportar ver o bilhete por inteiro de novo de uma vez só. A curva descuidada das letras seria praticamente ilegível para outra pessoa, mas eu a conhecia bem. Assenti.

– Ela estava deprimida? A senhora tem ideia do motivo?

Balancei a cabeça.

– Não. *Nenhuma* ideia – garanti e ergui os olhos para ele: – Ela adorava o que fazia. Jamais teria... Será que estava doente e não nos contou? Será que alguém a matou e fez parecer suicídio?

Olhei novamente para o bilhete. E para todos aqueles frascos de comprimidos. Vi o nome de Noelle nos rótulos deles. Um dos paramédicos notou que alguns haviam sido prescritos no mês anterior, mas outros datavam de anos atrás. Será que Noelle andara estocando remédios?

– Ela vinha falando da própria saúde ultimamente? – perguntou o policial. – De consultas médicas?

Esfreguei a testa, tentando avivar a memória.

– Ela machucou as costas em um acidente de carro faz anos, mas há muito tempo não se queixa das dores que tinha – falei.

Na época, ficamos preocupados com a quantidade de remédios que ela tomava, mas isso já tinha tempo.

– Ela teria nos dito se houvesse algum problema.

Eu parecia muito certa disso e o inspetor Whittaker pousou uma das mãos no meu ombro.

– Às vezes as pessoas guardam as coisas para si. Até mesmo as pessoas mais próximas da gente. Nunca se consegue conhecê-las de verdade.

Olhei para o rosto de Noelle, tão bonito e agora tão vazio. Ela não estava mais ali e achei que já me esquecera do seu sorriso. *Isto não faz sentido*, pensei. Ainda havia tanta coisa que ela planejava fazer.

Eu precisava ligar para Tara. Não daria conta disso sozinha. Tara e eu saberíamos o que fazer. Juntas, descobriríamos o que havia acontecido. Juntas, nós duas sabíamos tudo o que se poderia saber sobre Noelle.

Ainda assim, na minha frente jazia a prova – nossa amiga, que se fora para sempre

– de que, na verdade, não sabíamos de nada.

Noelle

Condado de Robeson, Carolina do Norte
1979

Ela era uma pessoa de hábitos noturnos. Parecia incapaz de deixar o dia acabar e ficava acordada até de madrugada, lendo ou – a mãe não sabia disso – passeando lá fora, às vezes deitada na velha rede, tentando enxergar as estrelas no céu por entre a renda dos ramos de árvore. Vinha sendo uma pessoa noturna por todos os 13 anos da sua vida. A mãe dizia que era porque nascera exatamente à meia-noite, o que a levava a confundir a noite com o dia. Noelle preferia pensar que era porque tinha um pouco de sangue indígena. Imaginava que os índios de olhos cinzentos da Carolina do Norte tinham de ficar alertas à noite para se manterem a salvo dos inimigos. Também tinha uma parte holandesa e, segundo a mãe, outro pouquinho de seu sangue era judeu. Gostava de chocar as colegas de escola com aquele elemento de sua genética tão exótico naquela área rural da Carolina do Norte. Contudo a mãe às vezes inventava coisas, e Noelle aprendera a escolher as partes das histórias em que queria acreditar.

Estava lendo *O Senhor dos Anéis* na cama numa noite de verão quando ouviu o ruído de passos apressados na entrada de cascalho. Alguém corria na direção da casa. Apagou o abajur para espiar pela janela. A lua cheia iluminou uma bicicleta largada na entrada, os pneus e o guidão jogados de qualquer jeito como se alguém a tivesse abandonado ali às pressas.

– Parteira? – chamou uma voz masculina, seguida de batidas na porta da frente. – *Parteira?*

Vestiu o short e enfiou a camiseta dentro do cós enquanto corria para a sala com paredes de lambri.

– Mãe? – gritou ao passar pelo quarto dela em direção à porta. – Mãe, levante!

Acendeu a luz da entrada e abriu a porta. Viu um garoto negro com olhos grandes que brilhavam de medo. O punho estava no ar, preparado para bater mais uma vez à porta. Noelle o reconheceu. James Alguma Coisa. Era um pouco mais velho – tinha o quê, uns 15? – e estudava na escola dela, embora não o tivesse visto por lá no último ano. Era um menino calado e tímido, e certa vez ela ouvira um professor comentar que tinha esperança de que ele se formasse e talvez até chegasse à faculdade. Não se

podia dizer o mesmo sobre muitas das crianças daquela escola, fossem negras, brancas ou indígenas. Depois, porém, ele sumira e Noelle nunca mais pensara no menino. Até agora.

– Chame a sua mãe!

Ele estava nervoso e parecia disposto a irromper casa adentro.

– Ela é parteira, não é?

– Talvez.

Noelle hesitou. Não era recomendável que as pessoas soubessem da atividade da mãe. Todos sabiam, claro, mas Noelle não devia admitir o fato diretamente.

– Como assim “talvez”? – indagou James, empurrando-a pelo ombro e quase a derrubando no chão.

Mas Noelle não teve medo. Era *ele* que estava assustado. Apavorado, a ponto de lhe dar um empurrão.

– Tire as mãos dela! – gritou a mãe, entrando na sala enquanto vestia o roupão. – O que acha que está fazendo? Feche a porta, Noelle!

A mãe agarrou a porta e tentou fechá-la, mas a menina segurou com firmeza a maçaneta.

– Ele disse que precisa de uma parteira – falou, e a mãe parou de forçar a porta e olhou para o garoto.

– É verdade?

Seu tom deu a impressão de que ela não acreditava naquilo.

– Sim, senhora – respondeu ele, parecendo arrependido, e Noelle viu que seu corpo tremia com o esforço para ser educado, quando o que queria, de verdade, era gritar e implorar. – É a minha irmã. Ela está tendo bebê e nós não temos...

– Vocês moram naquela casa do córrego?

A mãe semicerrou os olhos e ergueu o rosto, como se fosse capaz de ver a casa dele através das árvores na escuridão.

– Isso mesmo. A senhora pode vir comigo?

– Nosso carro não está funcionando – disse a mãe de Noelle. – Você ligou para o pronto-socorro?

– Não temos telefone – respondeu o garoto.

– Sua mãe está com ela?

– Não tem *ninguém* lá com ela! – exclamou o garoto e, batendo o pé como uma criança impaciente, acrescentou: – Por favor, venha comigo. Por favor!

A mãe de Noelle se virou para a filha:

– Ligue para o pronto-socorro enquanto me visto. E você vai comigo. Talvez eu precise da sua ajuda.

Ela jamais convidara Noelle para atender uma paciente com ela antes, mas nada naquela situação era habitual. Era a primeira vez que um vizinho batia à porta às duas da madrugada. Já houvera telefonemas no meio da noite. Noelle ouvia a mãe sair e sabia que teria de preparar o café da manhã e se arrumar para a escola sozinha.

A mãe provavelmente estaria em casa quando ela voltasse à tarde, mas não diria nada sobre o que quer que tivesse acontecido. Noelle não se importava. Estava mais interessada em ler do que em saber o que a mãe fazia.

A mãe era velha – 52 anos – e o cabelo castanho sem graça já estava grisalho. Tinha rugas em volta dos olhos e no pescoço. Era muito mais velha do que as mães das colegas de classe de Noelle, e muita gente achava que fosse sua avó. As mães das amigas iam à manicure, usavam batom e frequentavam o salão de beleza em Lumberton para fazer o cabelo. Noelle sentia vergonha da idade da mãe e de seu comportamento nada convencional. Mas quando discou o número do pronto-socorro e fez o máximo para explicar ao atendente onde James morava, teve a estranhíssima sensação de que logo mudaria sua opinião.



Ela não sabia que a mãe era capaz de correr. As duas seguiram atrás da bicicleta de James pela estrada de terra. Mesmo levando a grande sacola de lona com seus apetrechos, a mãe corria mais que ela. O ar estava carregado com o odor do rio e da barba-de-velho que pendia dos ciprestes à margem da estrada. Entraram numa trilha ao lado do córrego e pontas da barba-de-velho roçaram os ombros de Noelle. Quando era pequena, a mãe lhe contara que a mulher de um chefe indígena desobedecera ao marido e, como castigo, ele cortara seu cabelo e o jogara sobre o galho de uma árvore, onde ele cresceu e se multiplicou e logo passou a cobrir todas as árvores vizinhas. O que isso tinha a ver com barba Noelle não fazia ideia, mas adorava imaginar que a mulher do chefe indígena era um de seus antepassados distantes.

Noelle e a mãe seguiram James na última curva da trilha. Centelhas de luar iluminavam a tinta branca descascada que cobria a minúscula choupana, mas os três ouviram os gritos mesmo antes de verem a casa. O som parecia mais animal que humano, e cortou o ar úmido como se fosse uma espada. Os gritos fizeram a mãe correr mais ainda, ao contrário de Noelle, que reduziu o passo, nervosa. Não que nunca tivesse visto um parto – já vira uma gata dar à luz seus filhotes –, só que jamais ouvira algo como aqueles gritos.

– *Onde* estão os seus pais? – perguntou a mãe de Noelle, enquanto James largava a bicicleta no chão.

– A mãe está em Lumberton – respondeu o garoto por cima do ombro, já agarrando a gasta maçaneta da porta da frente e girando-a. – A irmã dela ficou doente.

O garoto não mencionou o pai, então a mãe de Noelle não perguntou sobre ele. Todos entraram correndo na casa, que não passava de um cubículo de dois cômodos. O primeiro era uma espécie de cozinha e sala integradas, com um sofá de um lado e uma pia e um fogão, além de uma geladeira pequena, do outro. Porém a mãe de Noelle nem reparou no aposento. Seguiu os gritos até o segundo cômodo, onde uma garota, magra feito um varapau, exceto pelo barrigão enorme, estava deitada de

costas numa cama de casal. Não podia ser mais que uns dois anos mais velha que Noelle e estava nua da cintura para baixo, com a camiseta verde puxada até os seios. Dobrara os joelhos, e algo grande e escuro se avolumava no espaço entre as pernas.

– Santo Deus, já está coroadando! – exclamou a mãe de Noelle, antes de se virar para James e ordenar: – Encha todos os potes e panelas da casa com água e ponha para ferver!

– Sim, senhora!

James desapareceu do cômodo, mas Noelle permaneceu ali estática, hipnotizada pelo que acontecia no corpo da garota. Aquilo não podia ser normal, podia? A aparência e o som indicavam que ela estava sendo rasgada.

– Tudo bem, querida – disse a mãe, começando a tirar coisas da sacola. – *Não empurre.* Sei que está com vontade de empurrar, mas não empurre, certo? Vou ajudar você e vai dar tudo certo.

– Não... dar certo, não! – gritou a garota. – Eu não quero bebê nenhum!

– Bom, ainda assim, você vai ter um dentro de alguns minutos.

A mãe de Noelle encarou a filha.

– Encontre todas as toalhas e lençóis limpos que existirem nessa casa – mandou enquanto enrolava o aparelho de pressão no braço fino da garota. – Depois umedeça um pano na água que o menino foi ferver e traga para mim.

Noelle assentiu e começou a procurar dentro do estreito armário do quarto. Agarrou as toalhas, as fronhas e os lençóis muito bem dobrados que achou nas prateleiras e correu para o outro cômodo. Encontrou James tremendo e vigiando as panelas cheias de água sobre o fogão.

– Preciso molhar um destes na água quente – disse Noelle, apontando para as panelas. – Qual delas está mais quente?

– Essa, talvez – respondeu ele, indicando com o queixo a mais próxima dela.

Noelle mergulhou o pano na água, depois o torceu na pia e o levou de volta para o quarto.

A mãe desdobrou parcialmente um dos lençóis e o deslizou para debaixo do traseiro da garota. Depois pegou o pano úmido e morno e o segurou de encontro à pele bizarramente esgarçada em volta da cabeça do bebê. Noelle se aproximou da mãe.

– Isto é normal? – sussurrou em seu ouvido, apontando para onde as pernas da garota se juntavam.

A mãe afastou a mão dela.

– Totalmente normal – respondeu em voz alta, e Noelle percebeu que ela tentava tranquilizar a garota ao mesmo tempo que respondia a pergunta. – Por que não vai ajudar o irmão dela? – sugeriu.

– Não, quero ficar aqui.

– Então pegue uma cadeira e deixe que ela segure a sua mão – disse a mãe, indicando a garota com a cabeça.

Noelle foi buscar uma cadeira na sala e a pôs ao lado da cama. A garota agarrava a beirada do colchão e Noelle, sem jeito, soltou seus dedos dali e os enlaçou na própria mão, que a garota apertou com força. Lágrimas lhe escorriam pelo rosto e gotículas de suor cobriam sua testa. A pele era mais clara que a de James e, mesmo com as feições contorcidas pela dor, Noelle reparou em como era bonita. E em como estava apavorada.

Estendeu o braço, enxugando as lágrimas da garota com as pontas dos dedos.

– Qual é o seu nome? – indagou.

– Bea – sussurrou a garota. – Estou morrendo, não estou? Este bebê vai me matar?

Noelle balançou a cabeça:

– Não, a minha mãe...

Bea a interrompeu com mais um grito:

– Estou sendo partida ao meio!

– Nenhuma mulher jamais se partiu ao meio, querida – tranquilizou a mãe de Noelle. – E você está dilatando, exatamente como deve acontecer.

– Minha coisa está queimando! – disse Bea.

Largando a mão de Noelle, tentou alcançar o lugar entre as próprias pernas. Os olhos se esbugalharam quanto ela tocou no que quer que estivesse ali, fora do campo visual de Noelle.

– Senhor Jesus! Senhor Jesus, me salve!

– É, Senhor Jesus – repetiu a mãe judia-índia-holandesa de Noelle, rindo e provavelmente usando aquele termo pela primeira vez na vida. – Seu Senhor Jesus está bem aqui com você, meu bem, se é do que você precisa – assegurou ela e então, erguendo a cabeça, acrescentou para a filha: – Noelle, quer ver este bebê vir ao mundo?

Noelle se levantou e foi até o pé da cama. O círculo escuro crescera mais ainda e ela prendeu o fôlego, imaginando o que a mãe faria para extrair aquele bebê da magricela Bea. De repente, Bea deixou escapar um grito e a cabeça morena de cabelo escuro foi expelida de seu corpo.

Noelle ofegou, maravilhada.

– Que beleza! – exclamou a mãe. – Você está se saindo muito bem.

Ela posicionou as mãos acima e abaixo da cabeça do bebê, sem tocá-lo, sem tocar Bea, apenas mantendo as mãos ali, como se sustentasse a cabeça no ar por mágica. A cabeça do bebê virou para o lado e Noelle pôde ver seu rostinho, todo enrugado, como se essa coisa toda de nascer lhe desse tanto trabalho quanto dava a Bea. De repente, os olhinhos semicerrados e os lábios sujos de sangue pareceram virar um borrão diante de Noelle e ela se deu conta de que estava chorando, apesar de não haver qualquer motivo aparente.

De repente, o bebê deslizou do corpo de Bea para as mãos da mãe de Noelle.

– Um menino lindo! – exclamou a mãe, enrolando o bebê chorão numa toalha e

pousando-o sobre a barriga de Bea, num movimento tão ágil e natural que Noelle soube de imediato que já fora feito centenas de vezes.

– Não quero este bebê – gemeu Bea, mas já estava levantando a ponta da toalha e tocando o cabelo úmido do filho.

– Veremos – falou a mãe de Noelle. – No momento temos um pouquinho mais a fazer aqui embaixo.

Noelle viu a mãe cortar o cordão umbilical e remover a placenta ao mesmo tempo que respondia suas perguntas e explicava tudo o que fazia. Aquela não era a mesma mulher que preparava o jantar todas as noites, que limpava a casa e alimentava as galinhas e plantava tomates e cortava a grama mirrada do quintal. Naquele cômodo cheio de gritos animais, suor e sangue e um ar denso demais para ser respirado, a mãe se transformava em outra pessoa – alguém misterioso, em parte sábio, em parte mágico. Era linda. Cada ruga em seu rosto. Cada fio branco. Cada junta inchada nas mãos que haviam trazido o bebê ao mundo com tanta facilidade e delicadeza. Naquele instante Noelle soube que queria ser igual à mãe. Queria ser *igualzinha* a ela.



Os socorristas chegaram tarde demais para ajudar no parto, mas mudaram o clima no casebre imediatamente. Fizeram perguntas objetivas. Trouxeram equipamentos médicos reluzentes. Agulhas afiadas e bolsas de líquido penduradas em hastes. Uma maca com rodinhas.

Bea se assustou.

– Não tenha medo – disse a mãe de Noelle, apertando-lhe a mão enquanto dois dos homens uniformizados passavam a garota da cama para a maca. – Você se saiu muito bem. Vai ficar ótima.

– A senhora fez o parto? – indagou um dos homens.

– Ela é parteira – respondeu James, e o paramédico ergueu as sobrancelhas.

– Sou apenas uma vizinha que veio ajudar – emendou, rapidamente, a mãe de Noelle.

Alguns anos antes, passara vários dias na cadeia por exercer o ofício de parteira, e Noelle sabia que ela não pretendia repetir a dose. A namorada do pai, Doreen, havia tomado conta dela na ausência da mãe. Doreen estava ali como empregada, o pai explicara. Noelle podia ter apenas 9 anos, mas de boba não tinha nada. O pai acabou se divorciando da mãe e casando-se com Doreen. Noelle odiava aquela mulher. Ela roubara seu pai. Roubara o marido da sua mãe.

“Jamais machuque uma mulher como Doreen me machucou”, disse-lhe a mãe mais tarde. “Jamais.”

E Noelle jurou que nunca faria isso e achou, sinceramente, que dizia a verdade.



Já começava a raiar o dia quando voltaram a pé para casa. Caminhavam num ritmo lento e tranquilo e durante um tempo nenhuma das duas disse uma palavra. O canto das cigarras dera lugar a um silêncio sereno que as envolvia na escuridão. De vez em quando Noelle ouvia o chamado de um pássaro dentro da mata. Como gostava daquele som! Já ouvira a mesma ave algumas vezes quando vagava lá fora no meio da noite.

As duas entraram na estrada de terra que levava à casa onde moravam.

– Como você sabia fazer aquilo tudo? – indagou Noelle.

– Minha mãe. E ela aprendeu com a mãe dela. Não tem grande mistério, Noelle. Os médicos hoje em dia querem que a gente acredite que tem. Fazem a gente achar que precisa de remédios e cesarianas, quero dizer, da cirurgia que corta a barriga para tirar o bebê, e todo tipo de intervenções sofisticadas para se ter um filho. E às vezes é isso mesmo. Uma boa parteira deve saber quando é seguro para uma mulher ter um bebê em casa e quando não é. Mas não é um bicho de sete cabeças.

– Eu quero fazer isso.

– O quê? Ter um bebê?

– Ser parteira. Como você.

A mãe envolveu Noelle em um abraço.

– Então quero que você faça do jeito certo – falou. – Dentro da lei, para não precisar ficar se escondendo como eu.

– E como é o jeito certo?

– Primeiro, você se torna enfermeira – respondeu a mãe. – Nunca dei esse passo. Não acho necessário. Acho ruim até, porque eles nos convencem de que, quando se trata de ter bebês, mais é melhor. Mas a Carolina do Norte tem suas leis e é preciso segui-las. Não quero ver minha filha na cadeia.

Noelle se recordou do quartinho abafado de Bea, onde a mãe não fizera nada além do bem.

– Aquela Bea – interveio Noelle – é só um pouco mais velha que eu. Se eu tivesse um bebê, iria querer ficar com ele. Não entendo por que alguém não iria querer o próprio filho.

A mãe não respondeu nada de imediato.

– Às vezes, não ficar com um bebê é a escolha mais amorosa – falou. – Às vezes a gente sabe que não tem o dinheiro ou o apoio necessários para dar oportunidades na vida a um filho e, nesses casos, entregá-lo a uma boa família é a coisa certa. Aquela garota – prosseguiu a mãe, com um suspiro profundo – vai ter de decidir sozinha. Como o bebê é negro, será mais difícil encontrar pais adotivos para ele, por isso espero que ela fique com ele e talvez a avó possa ajudar a criá-lo. Mas 15 anos é cedo demais para isso. Então me faça o favor de não engravidar até ser adulta.

– Não se preocupe. Não quero nem beijar um garoto, quanto mais fazer um bebê.

– Isso vai mudar – garantiu a mãe.

Noelle pôde sentir o sorriso no tom de voz dela.

O céu começava a ficar rosado com o nascer do sol. A estrada de terra era agora visível sob os pés de ambas e à frente. Noelle vislumbrou a silhueta da casa além da mata.

– Tem uma coisa que eu preciso lhe contar, Noelle – disse a mãe do nada, numa voz tão diferente que bem podia pertencer a outra mulher. – É algo que eu devia ter lhe contado há muito tempo, mas depois que seu pai foi embora e tudo... Achei que fosse um fardo pesado demais para os seus ombros.

Noelle sentiu o coração se apertar no peito.

– O que é, mamãe? – perguntou.

– Vamos sentar no quintal para ver o sol nascer – disse a mãe. – Vou fazer um pouco de chá e vamos ter uma boa conversa.

Noelle reduziu o passo quando as duas entraram no caminho de cascalho, sem saber ao certo se queria ouvir o que quer que tivesse feito a mãe falar de um jeito tão estranho. Não conseguia se livrar da sensação de ter saído de casa naquela noite como uma pessoa e de que seria outra ao voltar.

E tinha razão.

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte
2010

Parecia que não tinham se passado mais que algumas semanas desde que eu me sentara na mesma igreja para a cerimônia fúnebre de Sam, e agora precisava voltar ali. Tinha sido num estado de torpor que Emerson e eu havíamos organizado a cerimônia. Emy perguntara se eu queria cantar, algo que eu fazia às vezes em casamentos e recepções, mas eu me recusara. E, na hora em que ouvi uma das minhas colegas de coro entoar *Pie Jesu*, de Fauré, em sua bela voz de soprano, fiquei contente por não ter assumido a tarefa. Minha voz jamais teria vencido o nó que eu tinha na garganta. Não ali, onde as lembranças do funeral de Sam ainda pairavam no ar. E não agora, quando eu ainda não conseguia acreditar que a nossa Noelle se fora.

A mãe de Noelle estava sentada à minha esquerda. Eu não a via fazia cerca de um ano e, aos 84, ela começava a mostrar os primeiros sinais de senilidade. Esquecera o meu nome, embora se lembrasse do de Emerson e mesmo do de Jenny, e sem dúvida havia entendido que Noelle se fora. Sentada ao meu lado, cobria os lábios com a mão deformada pela artrite e balançava a cabeça repetidamente, como se não acreditasse no que estava acontecendo. Eu entendia a sensação.

Grace estava à minha direita, ao lado de Jenny, Emerson e Ted, enrolando uma mecha de cabelo no dedo indicador, como fazia quando estava angustiada. Havia implorado para ficar em casa.

“Sei que é difícil”, eu a reconfortara naquela manhã, sentando-me na beirada da cama, onde Grace se refugiara sob o lençol.

O edredom azul e verde de bolinhas jazia embolado no chão e tive de me conter para não apanhá-lo e dobrá-lo direitinho no pé da cama.

“Sei que isso vai fazer você se lembrar do funeral do seu pai, mas precisamos estar lá para prestar homenagem à memória de Noelle”, insistira. “Ela a amava e sempre foi muito boa com você. Precisamos estar lá por causa da mãe dela. Lembra como foi importante aquelas pessoas todas comparecerem ao funeral do seu pai?”

Ela não respondeu e o morrinho que sua cabeça formava debaixo do lençol permaneceu imóvel. Pelo menos ela estava me escutando. Eu torcia para que estivesse.

“Não foi pelo seu pai que aquelas pessoas compareceram”, eu prossequira. “Foi por nós, para que sentíssemos seu amor e apoio e para que todos pudessem partilhar as lembranças de...”

“*Está bem!*”, ela gritara, puxando o lençol da cabeça e empurrando-me para levantar da cama, o cabelo comprido e embaraçado descendo pelos ombros. “Dá para parar de falar?”, emendara, já de costas.

Não ralhei com ela pela grosseria. Tive medo de afastá-la de mim ainda mais.

Agora Grace apertava a mão de Jenny e fiquei satisfeita de vê-la consolar a melhor amiga. Jenny parecia ainda mais pálida que de hábito. Já perdera o leve bronzeado que adquirira no verão, enquanto a pele de Grace ainda mostrava um brilho caramelado. Jenny herdara a pele alva de Emerson e o cabelo escuro e ralo de Ted, que ela usava de lado e quase cobria o olho esquerdo. Era graciosa e eu a amava, mas, aos meus olhos nada imparciais, perto de Grace ela praticamente sumia. Quando eu as via juntas na escola, não podia deixar de reparar na reação dos meninos a ambas. Eles abordavam Grace e Jenny de olho grudado na minha filha... até todos começarem a conversar. Então era como se um ímã os atraísse para Jenny e a minha filha calada se tornasse invisível.

Mas Cleve escolhera Grace e não Jenny. Cleve era um garoto bonito, filho de mãe branca – Suzanne – e pai negro. Tinha olhos azuis fantásticos e um sorriso que quase fazia os *meus* joelhos bambearem, e eu sabia que Grace o considerava o amor de sua vida. Agora Jenny andava saindo com um garoto chamado Devon e Grace devia estar se sentindo muito sozinha. Sem pai. Sem namorado. Sozinha com a mãe despreparada.

Ian se sentara no banco atrás do nosso. Fora ele quem nos contara sobre o testamento de Noelle. Ian estava a par da existência do documento havia meses, desde que o encontrara entre os arquivos de Sam, contudo, naturalmente, jamais dissera uma palavra a respeito. Tenho certeza de que ele nunca poderia imaginar ter de usá-lo tão cedo. O testamento era bastante recente, redigido apenas alguns meses antes da morte de Sam. Para ser franca, fiquei surpresa por Noelle ter feito um testamento, já que nunca mostrara ser uma pessoa das mais organizadas. Mais surpresa fiquei, porém, com o fato de ter preparado o documento com Sam. É verdade que ela o conhecia havia tanto tempo quanto conhecia a mim e que, apesar de uma ou outra desavença, os dois sempre foram bons amigos. O conteúdo do testamento, porém, era tal que deveria tê-la deixado pouco à vontade de discuti-lo com ele, e tenho certeza de que deve ter sido complicado para Sam ouvir os últimos desejos da amiga.

No documento, Noelle nomeava Emerson sua testamenteira. Fiquei magoada quando Ian me contou. Não pude evitar. Emerson, Noelle e eu sempre fomos muito próximas. Um trio. Às vezes eu me sentia meio alijada, mas sempre me convencia de que era imaginação minha. A escolha de Emy como testamenteira confirmava minhas suspeitas. Não que alguém fosse *almejar* ser testamenteiro, mas não

consegui deixar de imaginar por que Noelle não dera a função a nós duas. Será que Sam chegara a lhe sugerir isso?

Mais reveladora, contudo, tinha sido a divisão de seus bens. Ela vivera de forma simples, mas conseguira economizar mais de 50 mil dólares ao longo dos anos. As instruções eram para que Emerson não deixasse faltar nada à mãe de Noelle. Se sobrasse dinheiro depois, ele deveria ser investido em um fundo para Jenny e Grace, na proporção de 75 e 25 por cento, a parte maior para Jenny. Como Sam teria se sentido quando Noelle deixara clara sua preferência pela filha de Ted e Emerson? Eu sabia que a divisão era justa. Era certa. Jenny ajudava Noelle com o projeto social para bebês e parecia gostar mais dela do que Grace. O dinheiro em si não importava. Mas senti uma dor no peito ao perceber que a amizade entre mim, Emerson e Noelle havia sido menos igualitária do que eu imaginara.

Também no testamento, Noelle pedia que Suzanne assumisse o projeto social para bebês, se assim quisesse. Ela quis. Suzanne estava sentada no banco atrás do nosso, ao lado de Ian. A grande comemoração do seu aniversário de 50 anos se aproximava e agora eu me perguntava se devíamos cancelar a festa. Muito tempo antes, ela trabalhara como doula com Noelle e desde então as duas se tornaram amigas, enfrentando o divórcio de Suzanne e seus dois embates com o câncer. Após o último, seu cabelo crescera cacheado e basto, branco como neve. Quando a cumprimentei antes da cerimônia, percebi como parecia saudável. Seus enormes olhos azuis sempre me faziam pensar numa garotinha boquiaberta, e era difícil fitá-la sem sorrir, mesmo no período que passara doente e careca por causa da quimioterapia. Aqueles olhos cativavam qualquer um.

Achei que todas as mulheres que haviam sido pacientes de Noelle compareceriam à cerimônia, mas, quando olhei para trás, vi que menos de metade da pequena igreja fora ocupada. Passei o braço em torno dos ombros da mãe de Noelle, tentando evitar que ela percebesse aquilo. Não queria que ela visse que as pessoas que Noelle tocara não haviam se dado o trabalho de aparecer para homenageá-la.

O prefeito começou a fazer a elegia e tentei prestar atenção. Ele mencionou a tentativa de dar a Noelle o Prêmio por Serviços Voluntários, por conta do seu projeto social para bebês, mas que ela não aceitara. Ela era exatamente assim, pensei. Nenhum de nós ficou realmente surpreso. Noelle não achava que ajudar os outros merecesse ser tratado como algo especial.

Senti um tremor perpassar o corpo da mãe de Noelle enquanto ouvíamos as palavras do prefeito, e apertei mais seus ombros. Eu abraçara minha filha desse jeito no funeral de Sam. Naquele dia, sentadas ali, Grace e eu parecíamos dois blocos de madeira. Seus ombros estavam tensos e meu braço simplesmente ficou dormente – tão dormente que precisei tirá-lo do seu ombro com a outra mão. Ficamos tão próximas naquele dia que nossos corpos se tocavam. Agora havia quase dois palmos de espaço entre nós no banco, praticamente 5 centímetros para cada mês de ausência

de Sam. Era uma distância grande demais para que eu a abraçasse. Nem se tentasse eu conseguiria.

Perguntei-me se, assim como eu, Grace estaria pensando nos “e se”. E se Sam tivesse saído de casa cinco segundos depois? Nós três tínhamos nos apressado na cozinha, como sempre de manhã, sem muita conversa. Lembrei-me de Sam enchendo de café a caneca horrenda listrada de roxo que Grace lhe dera de presente de aniversário anos antes; de Grace, afobada procurando um livro que não sabia onde havia guardado; e de mim, arrumando a bagunça deixada por ambos. Sam havia esquecido a caneca quando saíra correndo porta afora. Eu a vi sobre a bancada, mas imaginei que ele já houvesse passado pelo portão àquela altura. E se eu tivesse corrido até a porta com a caneca na mão? Será que ele teria me visto? Aí jamais teria parado no Port City Java para comprar café. Jamais teria atravessado o cruzamento de Monkey Junction na hora errada. Será que estaria sentado a meu lado agora, se eu tivesse tentado alcançá-lo?

E se, e se, e se.

Emerson fungava à minha direita e o lenço de papel na minha mão estava ensopado com as minhas lágrimas. Emy olhou para mim e tentou sorrir e eu desejei que Grace e Jenny não estivessem entre nós para que eu pudesse tocar seu braço. Nós duas estávamos devastadas. Os “e se” relacionados à morte de Noelle eram muitos e atormentadores. Talvez nós realmente pudéssemos ter feito *alguma coisa* para mudar o curso dos acontecimentos. Noelle se matara. Isso era muito diferente de dois carros colidirem num cruzamento, muito mais evitável, caso uma de nós tivesse percebido os sinais. Mas que sinais? O suicídio de Noelle não fazia sentido. Ela sempre *amara* tanto a vida. Teríamos ignorado um vazio nela? Noelle rompera o noivado com Ian anos antes e nunca se casara, trouxera ao mundo um bebê atrás do outro sem jamais ter tido um filho. Parecia contente com suas escolhas, mas talvez estivesse fingindo para todos nós. Lembrei-me de Noelle naquele sábado de julho me consolando pela perda de Sam. Eu só estava pensando em mim mesma. Que dor reveladora, ainda que pequena, eu teria ignorado em minha amiga naquela noite?

Eu conhecia Noelle desde o primeiro ano de faculdade e tinha milhares de lembranças suas desde então. No entanto, a que sempre se destacaria em minha mente era a da noite em que ela me ajudou a dar à luz Grace. Sam relutara, mas acabara concordando com o parto em casa e, francamente, se a parteira fosse qualquer outra que não Noelle, eu mesma não me sentiria à vontade com a ideia. Eu tinha total confiança nela, mas Sam temia que estivéssemos correndo riscos desnecessários, e a verdade é que as coisas não correram muito bem.

Noelle, contudo, se manteve calma. Existem pessoas cuja mera presença é capaz de estabilizar a nossa pressão sanguínea. Reduzir a nossa ansiedade. Manter a nossa concentração. Noelle era assim. *Vou cuidar de você*, dissera ela naquela noite, e eu acreditara. Ao longo de todos aqueles anos, quantas mulheres ouviram da sua boca as mesmas palavras? Eu sabia que eram verdadeiras. A luz do abajur que ela dirigia

para o espaço entre as minhas pernas ressaltava o azul dos seus olhos, e o cabelo revoltado havia sido amarrado, liberando o rosto, mas madeixas úmidas se grudavam à sua testa. Sob aquela luz, seu cabelo ficava quase vermelho. Ela me fez andar pelo quarto iluminado pelo luar. Fez com que eu tomasse brandy e chás com gosto de terra. Colocou-me em posições estranhas que, devido ao meu barrigão e às minhas pernas trêmulas, fizeram eu me sentir uma contorcionista. Pegou um banco da cozinha e me fez apoiar um pé nele e balançar o quadril para lá e para cá. Gritei e gemi e me apoiei nela e no meu marido aflito. Eu batia o queixo, ainda que o quarto estivesse bastante quente. Odiei me sentir tão fora de controle, mas não tive escolha senão me entregar a Noelle. Eu faria o que quer que ela mandasse, tomaria o que quer que ela me desse. Confiava nela mais do que em mim mesma e, quando por fim ela mencionou algo sobre chamar uma ambulância, pensei: *Se Noelle diz que é melhor, então é.*

Mas ela não chegou a telefonar e o restante da noite se transformou num borrão de dor para mim. Acordei em meio à escuridão e vi Sam sentado ao lado da nossa cama, uma silhueta indistinta contra a luz do abajur. Por um momento, eu não soube onde estava. Meu corpo doía e eu me sentia em carne viva e vazia.

“Você é mãe, Tara”, falara ele, afagando meu rosto. “Que mãe incrível, corajosa e linda você é.”

Eu não conseguia ver seu rosto, mas ouvira o sorriso em sua voz.

“Estou no hospital?”, sussurrara.

Um sussurro foi tudo o que consegui forçar minha garganta a produzir. Eu não tinha voz. Minha boca estava seca e áspera.

“Não, Tara, você está em casa. Noelle deu conta de tudo. Chegou a pensar que talvez precisasse levar você para o hospital, mas conseguiu virar o bebê”, respondera Sam, alisando meu cabelo e repousando a mão em meu rosto.

Eu sentira o aroma de sabonete.

“Minha boca”, falara, umedecendo os lábios. “Parece que tem areia.”

Sam estalara a língua.

“Cinzas.”

Ele segurava um copo perto da minha boca, guiando um canudo até os meus lábios. A secura foi diminuindo enquanto eu sorvia a água.

“Cinzas?”, repetira.

Será que eu havia entendido direito?

“Você desmaiou depois que o bebê nasceu. Noelle cortou uma mecha do meu cabelo”, explicara Sam, enquanto passava a mão no cabelo escuro que lhe caía na testa, “e a queimou. Depois pôs as cinzas debaixo da sua língua para trazer você de volta”

Minha cabeça girava.

“E funcionou?”, indagara.

Ele assentira.

“Sinto muito que tudo tenha sido tão difícil para você, mas a nossa neném é linda, Tara. Você a segurou, lembra?”

De repente, me lembrei do chorinho miado da minha filha quando a tomei nos braços. Lembrei-me dela, tão leve, envolta na manta de flanela. O puxão no meu seio. As lembranças pareciam um sonho e desejei rever cada detalhe.

“Onde ela está? Quero vê-la.”

Olhara para além de Sam, para o bercinho perto da janela.

“Noelle a levou para a cozinha para fazer alguma coisa que as parteiras fazem. Eu disse a ela que você estava acordando e ela falou que vai trazer a neném.”

De repente, ele se inclinara e encostara seu rosto no meu.

“Pensei que fosse perder você”, dissera Sam. “Que fosse perder vocês duas. Tive tanto medo... Achei que havíamos cometido um erro terrível ao tentar fazer o parto em casa. Mas Noelle... Nenhum obstetra faria melhor que ela. Nós lhe devemos tudo. Como foi competente, Tara!”

Sentira o calor da face dele, a pele úmida em contato com a minha, e descansara a mão em seu rosto.

“O nome da neném...”, sussurrara.

Tínhamos tamanha certeza de que o bebê seria menino, outro Samuel Vincent, que não havíamos escolhido um nome de menina. Grace, Sara, Hannah disputavam a nossa preferência, mas não tínhamos chegado a uma decisão.

“Noelle?”, sugerira.

Sam afastou o queixo do meu. Por um momento, achei ter visto uma sombra de dúvida em seu rosto, mas depois ele sorriu e assentiu.

“Aqui está ela”, dissera Noelle, entrando no quarto com uma trouxinha no colo. “Sua mãe está esperando por você, querida”, falara, aproximando o rosto da trouxinha.

E naquele momento senti um impulso diferente de tudo o que já sentira na vida. Se pudesse pular da cama e agarrar minha filha, eu teria feito isso, mas abri os braços e deixei que Noelle acomodasse ali o bebê.

Sam encostou a testa na minha e contemplamos o rosto da nossa filha. Afastei a touquinha amarela da sua cabeça e vi seu cabelo castanho-claro. As bochechas eram redondas e rosadas; as sobrancelhas, duas meias-luas pálidas. Ela abriu os olhos e piscou, olhando para nós sem enxergar mas com interesse, como se tivesse esperado tão ansiosamente para nos ver quanto havíamos esperado para vê-la, e senti meus olhos marejarem diante do milagre em meus braços. Não conseguia desviar o olhar dela, mas Sam ergueu a cabeça para fitar Noelle, que se sentara na beirada da cama com um sorriso nos lábios.

“Vamos chamá-la de Noelle”, contara ele.

Eu havia erguido o olhar a tempo de ver o sorriso se apagar do seu rosto.

“Ah, não, não vão mesmo”, exclamara Noelle, num tom que soou como um aviso.

“Vamos, sim. É o que queremos.”

Mesmo sem minhas lentes de contato, vi um rubor repentino colorir o rosto de Noelle.

“Por favor, não”, pediu ela. “Prometam que não vão obrigar essa criança a carregar o meu nome.”

“Está bem”, disséramos Sam e eu em uníssono, rapidamente, porque estava claro que a tínhamos deixado aflita.

Não entendi aquilo. Será que ela não gostava do próprio nome? Sempre achei que era um nome bonito, lírico e forte. Por algum motivo, porém, a ideia a afligia. Tudo bem. Escolheríamos outro, um nome lindo para a nossa filhinha linda.

Agora, sentada na igreja ao lado da criança que nascera naquela noite, recordei a proximidade que tive com ela. Física. Emocional. Espiritual. Florescera entre nós muito naturalmente naqueles primeiros anos. Como aquela proximidade havia se transformado nessa distância insuportável? Haveria alguma esperança de recuperá-la um dia?

E m e r s o n

Deus, eu me sentia um zumbi. A reunião após o funeral era na minha casa, mas eu mal conseguia reconhecer o cenário. Rostos e vozes se fundiam numa confusão de imagens e sons. Quase todos estavam de preto, exceto eu. Vestira minha blusa verde preferida e a saia estampada de flores em verde e marrom que já estava ficando apertada demais na cintura. Simplesmente pegara a roupa no armário de manhã, sem pensar. De todo jeito, Noelle teria odiado todo aquele preto.

Eu tinha uma vaga noção do que estava acontecendo: Jenny e Grace haviam subido para escapar dos adultos; os garçons do bufê contratado por Tara flutuavam de cômodo em cômodo com bandejas de *bruschetta* e camarões; Ted me vigiava de onde quer que estivesse. Sabia que eu estava péssima. Felizmente a mãe de Noelle havia se retirado com a acompanhante após o funeral. Eu não me considerava capaz de testemunhar o sofrimento dela por mais tempo.

Tara circulava entre os grupos de pessoas, mas ficou ao meu lado na maior parte do tempo. Ted e Ian seguravam pratinhos e conversavam no canto da sala, provavelmente sobre esporte. Eu ainda não me habituara a ver os rapazes juntos sem a presença de Sam. Agora Noelle também se fora. E tinha mais: a casa de repouso ligara de manhã para avisar que iriam transferir meu amado avô para uma clínica. Eu estava perdendo todo mundo. Levaria um bom tempo para que as coisas voltassem a parecer bem.

Algumas voluntárias do projeto social para bebês de Noelle haviam comparecido. Eu conhecia a maioria, embora não muito bem. Tentei conversar com todo mundo, assentindo, sorrindo, trocando apertos de mão. As pessoas diziam coisas boas a respeito de Noelle. Ninguém perguntou “Por que ela fez isso?”. Pelo menos não a mim. Alguém perguntou como estava indo a cafeteria e eu usei a frase de sempre: “Muito bem! Dê uma passadinha por lá qualquer hora!” Mas o tempo todo eu percebia as vozes dos outros e a minha própria envoltas numa bruma. Não conseguia parar de varrer a sala com os olhos em busca da única pessoa que faltava: Noelle. Quando me pegava procurando por ela, meu corpo de repente voltava à realidade como se atingido por um raio. Eu estava enlouquecendo.

Uma hora depois de começada a reunião – uma hora que parecia ter durado três –, Tara finalmente me afastou de uma mulher que não parava de falar sobre roupinhas de tricô para bebês.

– Hora do descanso – sussurrou ela no meu ouvido.

Deixei-me guiar pela sala até o solário que havíamos construído no ano anterior. Tara me pegou pelos ombros e me levou até que me sentasse no sofá, depois desabou num pufe de frente para mim. As vozes vindas da sala eram agora um mero burburinho, do outro lado da porta fechada do solário. Pareciam maravilhosamente distantes. Olhei para Tara.

– Obrigada – agradei. – Eu estava me afogando lá.

Tara assentiu.

– Eu sei. É difícil.

Fiz uma espécie de careta.

– Não paro de procurar Noelle – admiti. – É loucura, não é? Estou falando sério, não é brincadeira. Fico esperando que ela entre por aquela porta a qualquer momento.

– Eu também – disse Tara. – Eu *ainda* acho que vou ver Sam às vezes. Achei que era ele outro dia no armazém. E teve um sujeito que vinha descendo a Water Street num carro... Quase dei meia-volta e fui atrás.

– Não entendi por que não havia mais gente na igreja – observei.

O comparecimento – a falta dele, na verdade – me magoava.

– Honestamente, achei que iria encontrar... Achei que todas as mães dos bebês que ela trouxe ao mundo... – Balancei a cabeça. – Você conhece o tipo de relacionamento que ela tinha com as mães. A proximidade. Achei que todas estariam lá.

– Eu sei – disse Tara, afagando minha mão, que eu pousara na coxa. – Pensei a mesma coisa, mas talvez elas não tenham visto o artigo no jornal.

Ela escrevera um texto sobre Noelle e se saíra muito bem nisso. Havia um toque levemente melodramático na descrição que fizera, mas Tara era assim.

– A notícia se espalharia, de todo jeito, com ou sem artigo – falei.

– Provavelmente estão ocupadas demais com a família – sugeriu Tara.

Do nada, bati o punho na coxa.

– Simplesmente não entendo por que ela fez isso! – Eu parecia um disco arranhado. – O que foi que não notamos? O que foi que *eu* não notei? No que foi que falhamos com ela?

Tara balançou a cabeça.

– Eu bem que queria saber – disse ela, massageando a testa. – Não eram problemas financeiros, certo? Ela tinha aquela poupança, então não podia ser isso.

– Além do mais, ela não dava a mínima para dinheiro – emendei. – Você sabe disso.

– Fico pensando que ela talvez estivesse doente e não tenha nos contado – disse Tara. – Não tinha plano de saúde e pode ser que o suicídio tenha parecido a única saída. O relatório da autópsia já veio?

– Ainda não. Não acho que ela estivesse doente, Tara. Não mesmo. Garanto que o relatório vai mostrar uma dose alta de tranquilizantes e narcóticos e nada mais.

Tara se acomodou melhor no pufe.

– Ela era péssima quando se tratava de pedir ajuda.

– Ou mostrar fraqueza – acrescentei. – Tinha sempre de ser forte.

A porta do solário se entreabriu e uma mulher enfiou a cabeça pela fresta.

– Uma de vocês é Emerson? – indagou.

– Eu.

Minha vontade era ficar de pé, mas meu corpo tinha outras ideias, por isso permaneci grudada no sofá.

A mulher atravessou o cômodo como um sargento, com passadas largas e postura firme, e me estendeu a mão. Na verdade, acabei me encolhendo. Senti-me como um balão que ela pudesse estourar caso eu a deixasse chegar perto demais.

– Meu nome é Gloria Massey – apresentou-se a mulher.

Tinha uns 60 e poucos anos, com cabelo curto, reto e grisalho. Calça cáqui. Blazer azul-marinho.

Tara se levantou do pufe e ofereceu o lugar à mulher, que se sentou de frente para mim, os joelhos ossudos parecendo maçanetas sob a calça. *Gloria Massey*. O nome me soou familiar, mas só Deus saberia por quê. Olhei para Tara, que franziu a testa, e pude ver que ela também tentava reconhecer a mulher. Nossas mentes não estavam funcionando. Gloria Massey aparentemente percebeu.

– Sou obstetra da Maternidade Forest Glen – esclareceu. – Noelle foi parteira da nossa equipe.

– Isso mesmo – falei, antes de indicar Tara com um gesto. – Esta é Tara Vincent. Éramos as melhores amigas de Noelle.

– Sim, eu me lembro – disse Gloria. – Frequentaram a universidade com ela, não foi?

Tara assentiu.

– Ela estava alguns anos na nossa frente, mas é isso mesmo.

– Bem, sinto muito por chegar tão tarde – desculpou-se Gloria. – Tive um parto hoje de manhã e perdi a cerimônia fúnebre, mas fiz questão de falar com vocês duas e dizer como lamento o que aconteceu com Noelle. Ela era muito especial.

– Obrigada – agradei.

– Eu não a via desde... Nossa, deve fazer uns dez anos, mas ela é o tipo de pessoa que a gente não esquece.

Dez anos?

– Acho que confundi a senhora com outra pessoa – falei. – Achei que Noelle tivesse deixado a sua equipe há pouco mais de um ano.

Gloria Massey ergueu as sobrancelhas, surpresa.

– Não. Na verdade, fiquei meio confusa com o artigo no jornal que dizia que ela nos deixou há mais ou menos dois anos, porque faz no mínimo dez. Mais provavelmente uns doze, não me lembro ao certo. Foi por volta da época em que

começamos aquele projeto social para bebês carentes.

Franzi a testa, tentando me lembrar.

– Achei que ela estivesse trabalhando com vocês durante todos esses anos – comentei e então olhei para Tara: – Será que estou perdida? Ela não foi funcionária da Forest Glen até parar de fazer partos?

Tara assentiu.

– Mande alguém procurá-la lá não faz mais de dois anos – acrescentou.

– Bom, é verdade que continuamos a ter clientes que pediam para serem atendidas por ela – disse Gloria –, mas costumávamos encaminhá-las para a outra parteira que trabalha conosco.

– Então onde Noelle trabalhava? – indaguei. – Estou confusa.

– Eu... – começou Gloria, olhando para Tara e depois para mim –... estou quase certa de que ela deixou de ser parteira quando parou de trabalhar conosco – disse, afinal. – Eu saberia se ela tivesse ido trabalhar em outro lugar.

Nós duas olhamos para ela. Senti como se estivesse sendo tragada para a escuridão em um longo túnel. Não me considerava capaz de aguentar outra descoberta que não combinasse com o que eu sabia de Noelle. Minha cabeça doía. Minha vontade era gritar para o Universo: “Noelle não era um grande mistério! Parem de tentar transformá-la nisso!”

– Imagino que, por algum motivo, ela não tenha querido que você soubesse que estava trabalhando em outro lugar – expliquei a Gloria.

Com seus gestos que lembravam pequenas metralhadoras, Gloria tirou o celular da bolsa a tiracolo.

– Espere um instante.

Rapidamente, ela digitou um número.

– Laurie, sou eu. Você se lembra de quando foi que Noelle Downie nos deixou? – Ela assentiu e, olhando para mim, falou: – Vai fazer doze anos em 1^o de dezembro – repetindo o que ouvia. – É a minha gerente geral. Ela disse que se lembra porque foi nesse dia que o marido pediu o divórcio, que acabou não acontecendo e agora está tudo bem, não é, Laurie?

Ela sorriu para o telefone e minha mente se esforçou para registrar essa informação bizarra.

– E onde ela foi trabalhar? – indagou Tara.

– Ela foi para outro lugar? – perguntou Gloria à gerente, assentindo de novo. – Ahã. Foi o que pensei. Está bem, obrigada. Vou chegar um pouquinho mais tarde.

Encerrada a ligação, Gloria deixou o celular cair dentro da bolsa.

– Noelle deixou a licença expirar depois que parou de trabalhar conosco – explicou.

– *O quê?* – exclamei. – De jeito nenhum!

– Isso não faz sentido – emendou Tara, desabando a meu lado no sofá.

– Talvez essa tal de Laurie a tenha confundido com alguma outra parteira de vocês – sugeri.

Gloria balançou a cabeça.

– Acho muito difícil.

Ela me encarou e praticamente pude *ouvi-la* pensar que droga de amiga eu era por não saber o que Noelle estava aprontando.

– Lembro-me de boatos e de todos dizerem que ela queria se concentrar no projeto social para bebês. Sei que ela sofria um bocado de dores nas costas. Disso eu me lembro. Houve até outra equipe da área que tentou contratá-la quando soube que ela não estava mais conosco, mas Noelle respondeu que não faria mais esse tipo de trabalho.

– Mas ela continuou fazendo partos todo esse tempo! – insisti.

– É verdade – concordou Tara. – Ela continuou trabalhando como parteira.

– Vocês têm certeza? – perguntou Gloria, inclinando a cabeça para o lado. – Sob a supervisão de quem?

Olhei para Tara, que balançou a cabeça.

– Não sei – respondeu ela.

– De vez em quando ela contava que tinha visitado uma paciente – acrescentei, mas falei devagar, agora insegura do que dizia. Insegura de tudo. Será que ela havia me dito isso? Massageei minhas têmporas. – Doze *anos*? Isso é absurdo!

Até onde eu sabia, Noelle tivera três paixões nos últimos doze anos: seu ofício de parteira, o projeto social para bebês e o que ela chamava de “trabalho rural”. A cada dois anos, ela passava alguns meses numa área rural pobre trabalhando como parteira voluntária. Ela crescera num lugar assim e essa era sua maneira de retribuir. Será que doze anos da vida de Noelle haviam transcorrido sem que soubéssemos o que estava de fato acontecendo com ela?

– Eu *tenho certeza* de que a ouvi mencionar as pacientes – afirmou Tara.

Se eu estava louca, Tara também estava.

– Sinto muito – desculpou-se Gloria, ficando de pé. – Deixei vocês duas nervosas e isso era a última coisa que eu pretendia quando vim até aqui.

Ela se abaixou para me dar um rápido abraço formal e outro em Tara.

– Preciso ir andando – falou. – Mais uma vez, aceitem meus sentimentos. Essa é uma grande perda para toda a comunidade.

Ela saiu do solário e Tara e eu permanecemos caladas e confusas por um instante. Meu olhar ficou embaçado enquanto eu fitava a porta do solário.

Tara massageou minhas costas:

– Deve haver uma explicação para isso.

– Ah, sim, há uma explicação, sem dúvida – esbravejei. – E sei exatamente qual é. Odeio saber, mas temos de aceitá-la.

– Do que você está falando? – perguntou ela.

– A explicação é que nunca conhecemos Noelle de verdade.

Encarei Tara, a determinação de repente substituindo a confusão em minha cabeça.

– Precisamos descobrir por que ela morreu, Tara. De um jeito ou de outro, precisamos conhecê-la agora.

Noelle

Condado de Robeson, Carolina do Norte
1984

A mãe estava parada no meio da sala de estar, olhando preocupada ao redor.

– Detesto deixar você com essa bagunça – falou. – O momento não podia ser pior.

– Você está fazendo tempestade em copo d’água, mãe – retrucou Noelle, empurrando-a em direção à porta. – Vai dar tudo certo.

A mãe olhou pela porta aberta para os dois carros na entrada de cascalho. Seu velho Ford estava ao lado do carro “novo” de Noelle – um Chevrolet amassado e desbotado que ela comprara por 600 dólares. As nuvens prenunciavam tempestade e o vento quente soprava por entre as copas das árvores.

– Tudo está mudando tão rápido – observou a mãe.

– Para melhor – emendou Noelle, com mais um empurrãozinho em direção à porta. – Você nunca gostou muito de morar aqui.

A mãe soltou uma gargalhada.

– É verdade – concordou, tocando o rosto da filha. – Não gosto é de ficar longe de você. É essa a mudança que não consigo suportar.

– Também vou sentir saudades – disse Noelle.

Sentiria mesmo. Mas ela tinha o futuro à frente, o que compensava a sensação de perda causada por ficar longe da mãe e deixar a casa onde havia crescido.

– Vejo você daqui a alguns dias – acrescentou. – Isto não é uma despedida.

O carro da mãe estava abarrotado até o teto para a curta viagem a New Bern, mas nem tudo coubera nele, por isso Noelle prometera levar o restante das coisas dali a alguns dias. Depois teria de buscar seus próprios pertences e partir para a universidade.

– Lembre-se de que a Srta. Wilson tem um quarto de hóspedes que você pode usar durante as férias.

– Vou lembrar – garantiu Noelle, sem ter certeza se um dia ficaria à vontade hospedando-se na casa de uma estranha, ainda que a mãe estivesse lá.

A Srta. Wilson era a irmã mais velha de uma das amigas da mãe. Quebrara o quadril e, como precisava de uma acompanhante permanente, contratara a mãe de Noelle. Já que Noelle logo partiria para a faculdade com bolsa de estudos integral, a

ocasião era perfeita para vender a casa, arrematada quase da noite para o dia por um jovem casal de Raleigh que queria morar no campo. Tudo acontecera rápido demais. As duas doaram a mobília antiga, mas ainda havia muito a fazer.

– Eu te amo, meu bem – disse a mãe, envolvendo a filha num abraço, antes de dar um passo atrás e tentar arrumar o cabelo inarrumável de Noelle.

– Também te amo – retribuiu Noelle, empurrando a mãe carinhosamente em direção à porta de novo. – Dirija com cuidado.

– Você também.

De braços cruzados no peito, Noelle observou o carro descer ruidosamente a entrada de cascalho até a estrada de terra. O amor que sentia pela mãe era tamanho que seus olhos marejaram ao ver o automóvel sumir na curva. A mãe estava com 58 anos. Era ativa, vibrante, cheia de vida. Ainda assim, para Noelle, alguém de 58 anos parecia muito velho e isso a afligia. O pai morrera dois anos antes, aos 57. Ela soubera disso por uma carta fria de Doreen. A carta chegara quase um mês depois da morte, junto com um cheque de 400 dólares em nome de Noelle.

“Ele não deixou testamento”, escrevera Doreen, “mas achei que Noelle deveria ficar com alguma coisa do seu patrimônio”. Patrimônio. A palavra fez Noelle e a mãe rirem por horas, o tipo de riso que brota da mágoa e do sofrimento. Mas os 400 dólares ajudaram Noelle a comprar o carro, que ela batizou de Paizão, torcendo para que ele a tratasse melhor do que o pai fizera.

Além dos pertences que Noelle quisera manter e das caixas que teria de transportar até a casa da Srta. Wilson, a única coisa que restara na casa era uma velha poltrona reclinável. James a levaria para a própria casa depois, numa picape que pegaria emprestada. Depois da noite em que o filho de Bea nascera, James se tornara figura constante na casa de Noelle, onde aparava a grama, a princípio, por gratidão, porém mais tarde em troca de uns poucos dólares que a mãe de Noelle insistia em lhe pagar. Aquela família era uma caixinha de surpresas. Como acabaram descobrindo, James não era irmão de Bea, mas seu namorado e pai do bebê que ela deu à luz naquela noite. O menino tinha agora 5 anos, e já ganhara dois irmãozinhos, ambos “aparados” pela mãe de Noelle, conforme ela gostava de dizer, tendo a filha como assistente. A mãe de Noelle tentara convencer Bea e James a usar métodos contraceptivos, mas suas súplicas caíram em ouvidos moucos. Bea, na verdade, gostava de ser mãe e se derretia pelas crianças.

Noelle estava ajeitando as caixas no carro quando James apareceu com a picape.

– Ei, dona Noelle – chamou o rapaz, descendo da cabine com um salto –, por acaso sua mãe já foi?

– Faz uma hora – respondeu Noelle, colocando uma caixa dentro do porta-malas já atulhado.

– O que vamos fazer sem ela? – indagou James.

– É melhor você e Bea pararem de ter filhos.

James riu. Ele se tornara um homem bonito e tinha o tipo de sorriso que obrigava

qualquer um a retribuir com outro.

– Tarde demais para isso.

Noelle pôs as mãos no quadril e o encarou.

– De novo? O que vocês vão fazer com tantos filhos?

James deu de ombros.

– Amar todos eles – respondeu o rapaz.

“As pessoas têm direito a fazer as próprias escolhas, Noelle”, dissera a mãe tempos antes, ao ouvir Noelle reclamar por Bea estar grávida de novo.

– Bom – disse Noelle –, vou ajudá-lo a botar essa poltrona na carroceria.

Os dois levaram quase meia hora para conseguir que a poltrona passasse pela porta estreita da casa e pela ventania do quintal e fosse parar na picate. Depois James começou a ajudá-la com o restante das caixas da mãe.

Noelle estava caminhando do carro até a casa para pegar mais uma caixa quando viu James largar de repente uma delas e jogar os braços para cima.

– Caramba! – gritou ele. – Onde essas caixas estavam?

Ele empurrou com a sola do sapato a caixa que largara.

– Elas estão cobertas de cocô de aranha.

Noelle não havia reparado, mas ele estava certo. Além disso, sacos com ovos pendiam dos cantos e teias de aranha atravessavam de um lado ao outro as abas da caixa lacrada.

– Pode deixar aí mesmo, James – instruiu Noelle. – Acho que não tem nenhuma viva, mas não quero entrar com essas coisas imundas na casa da tal Srta. Wilson. Vou pegar um pano para limpá-las.

– Tem fita adesiva? – perguntou o rapaz, agachando-se. – Vou olhar dentro de algumas caixas para ver se não tem um ninho ou algo do tipo.

Encontrar um pano na cozinha já vazia não foi tarefa fácil, então, por fim, Noelle resolveu pegar uma toalha de rosto na própria mala. Umedeceu-a na pia e voltou para o jardim.

Quando, afinal, se aproximou de James e da caixa, o rapaz estava de pé, com uma pasta de documentos na mão. Encarava-a com a testa franzida.

– Você foi adotada? – perguntou.

Noelle congelou. Como ele poderia saber? Ela só descobrira na noite em que o primeiro bebê de Bea nascera, quando a mãe finalmente lhe contara a verdade. As duas tinham se sentado na rede do quintal, enquanto a mãe se desculpava por não ter contado antes.

“Você tinha o direito de saber há muito tempo, mas eu não queria que pensasse que o fato de ser adotada tinha alguma coisa a ver com a partida do seu pai.”

Noelle ficara perplexa, como se um vazio enorme se abrisse dentro dela.

“E a minha mãe?”, indagara, então. “Quem são meus pais verdadeiros?”

“Seu pai e eu somos seus pais verdadeiros”, respondera, bruscamente, a mãe.

“Mas sua mãe *biológica* era uma menina de 15 anos, igualzinha àquela com quem estivemos agora. Igualzinha a Bea. Seu pai...” Ela dera de ombros. “Acho que ninguém sabia quem ele era.”

“Então eu não sou sua”, dissera Noelle, testando a validade daquelas palavras.

“Ah, você é minha, sim, meu bem. Por favor, nunca mais repita isso.”

“Não tenho sangue indígena?”, perguntara, sentindo a magia se esvair. A barba-de-velho que se derramava sobre a rede de repente não lhe pareceu nada além de mato, e não o cabelo da esposa de um chefe indígena.

“Acredito que você seja uma mistura. Um pouco disto e um pouco daquilo.” A mãe pegara sua mão. “Você é a melhor coisa que já me aconteceu, isso é o que você é.”

Noelle encarou James.

– Sim, sou adotada – respondeu, como se o fato não tivesse importância para ela.

– Mas como você soube?

– O vento arrancou alguns papéis daqui – explicou ele, entregando-lhe a pasta. – Não significam nada para mim, mas talvez signifiquem para você.

Seus doces olhos castanhos disseram a Noelle que ele vira algo que não deveria ter visto. Algo que ela também não deveria ver. E quando lhe entregou a pasta, ele tocou a mão dela. Não como um homem toca uma mulher, mas como um amigo que sabia que os documentos ali talvez mudassem a vida de Noelle para sempre.

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte
2010

Ai, Deus, que coisa estranha.

Sentada à mesa, de frente para Ian na Pilot House, me perguntei se aquilo seria um encontro. Parecera bastante casual na véspera, na hora em que ele dissera que tinha dois ingressos para um filme no Thalian Hall. Depois sugerira que comêssemos alguma coisa antes. Quando se põe um jantar na orla seguido de um filme num lugar bacana como o Thalian Hall, o que mais pode significar senão um encontro? Eu gostava de Ian. Já o conhecia havia tanto tempo e tão bem que podia afirmar que o adorava, só que não queria *sair* com ele. Não queria *sair* com ninguém. A ideia de beijar alguém ou mesmo ficar de mãos dadas com um homem que não fosse Sam me fazia estremecer – e não era de desejo. Na verdade, me causava repulsa. Eu sentia uma solidão profunda na cama à noite, não devido à ausência de um homem qualquer, mas sim do meu marido.

– Isto não é um encontro, é? – perguntei a Ian depois que o garçom serviu minha segunda taça de vinho.

Ian riu.

– Não se você não quiser que seja – respondeu.

– Você estava pensando que seria? Que é? – insisti, sorrindo.

Era bom poder falar de forma tão natural com Ian. Eu precisava muito mais de um amigo do que de um namorado.

– Eu só estava pensando que seria bacana vê-la sorrir – disse Ian –, como está fazendo agora.

No momento em que o ouvi dizer isso, senti meu sorriso se desfazer. Havia uma coisa que eu precisava contar a ele. Eu planejava esperar até o dia seguinte, para que ambos pudéssemos relaxar e desestressar nessa noite. De repente, porém, percebi que não seria capaz de manter minha boca fechada.

Depois da aula naquela tarde, eu tinha ido até a casa de Noelle para ajudar Emerson a começar a limpeza. Emy me aguardava na varanda e, assim que me aproximei, ela me agarrou pela mão e sentou comigo no balanço. Seu rosto estava vermelho e brilhava de suor, o que me revelou que ela já andara trabalhando pesado

dentro de casa. O estresse em seu rosto, porém, sugeria algo mais que mero esforço físico.

– Você não vai acreditar no que diz o relatório da autópsia – disse Emy.

– Ela estava doente – arrisquei.

Eu queria que fosse isso. Uma doença terminal para a qual Noelle não vira saída. Pude imaginá-la optando por dar fim à própria vida, por não querer nos obrigar a enfrentar uma longa e desgastante doença a seu lado.

Mas não era nada disso.

Agora eu encarava Ian, sentado à minha frente.

– Noelle teve um filho – falei.

Ele me olhou, espantado, e depois riu.

– Do que você está falando?

– Emy recebeu o relatório da autópsia hoje. A causa da morte foi uma overdose, como imaginávamos, mas a autópsia mostrou que, em algum momento da vida, Noelle esteve grávida e deu à luz.

Todos os sinais de tranquilidade sumiram do rosto de Ian.

– *Quando?*

– Não sei.

Hesitei durante um segundo, antes de perguntar:

– O filho poderia ser seu, Ian?

Ele pareceu chocado diante da ideia. Tive certeza de que ambos estávamos nos recordando do fim abrupto do noivado dele com Noelle. Haveria uma ligação?

– Não vejo como – respondeu Ian. – Eu... *Todos nós* teríamos notado se ela estivesse grávida. Sobretudo grávida a ponto de dar à luz.

– Deve ter acontecido quando ela era adolescente, então – falei. – Antes que a conhecêssemos. Emy e eu concluímos que ela entregou o bebê para adoção. Talvez viesse lidando com a tristeza de uma coisa assim por todos esses anos sem que soubéssemos.

– Bom – disse Ian –, talvez vocês tenham razão. Ou talvez o bebê tenha morrido, ou... Acho que jamais saberemos. Eu só... Eu achava que a conhecia tão bem na época em que fomos noivos. Por que ela não me contou?

– Por que não contou a Emy ou a mim? – acrescentei. – Suas melhores amigas.

Olhei para meu prato, onde restavam algumas garfadas de linguado. Tive a impressão de que não conseguiria terminar a refeição.

– De todo jeito, isso provavelmente não tem nada a ver com o suicídio – concluí.

– A menos que ela jamais tenha superado.

Ele parecia devastado.

– Sinto muito por contar isso a você hoje. Devia ter ficado calada.

– Não, agradeço por ter me contado – disse ele.

Comi mais um pedacinho do linguado, sem sentir o sabor. Estava cansada. Emy e eu havíamos tirado tudo da cozinha de Noelle e passado para caixas as coisas que

Ted poderia levar para o abrigo de mulheres. Não era muita coisa. Noelle havia reduzido seus pertences ao mínimo. Jamais tinha sido dada a acumular coisas, mas me surpreendi com os armários da cozinha, tão vazios. Alguns pratos. Alguns copos, xícaras e tigelas. Nada supérfluo. O mesmo na cômoda e no closet, onde se via apenas o essencial. Foi difícil encarar as saias compridas e as blusas folgadas de algodão tão conhecidas sabendo que jamais as veríamos novamente em Noelle. Depois passamos aos sacos pretos cheios de coisas de bebê espalhados pela casa toda. Ted e Emy puseram os sacos no carro para levá-los para casa, onde Grace e Jenny prometeram organizar a bagunça e entregar tudo a Suzanne.

Fiquei boquiaberta quando Grace me disse que pretendia trabalhar como voluntária no projeto social para bebês, como Noelle pedira. Emy tinha lhe dado a velha máquina de costura de Noelle e ensinado a embainhar os cobertorezinhos que faziam parte dos enxovais doados aos bebês. Quando Grace me falou de seus planos, pus a mão em sua testa, como se avaliasse sua temperatura.

“Está se sentindo bem?”, indaguei, sorrindo. Atitude errada.

Ela puxou a cabeça num rompante, para afastá-la da minha mão.

“Estou ótima”, respondeu. “Não precisa fazer uma cena.”

Duvidava que ela pudesse fazer parte do grupo de voluntárias que entregava os enxovais no hospital. Desde o acidente de Sam, Grace desenvolvera quase uma fobia de hospitais, chegara a dizer que se um dia eu precisasse ser internada, não iria me visitar. Não visitaria nem *Cleve* num hospital, enfatizara. Achei que a culpa era minha. No dia do acidente de Sam, quando chegamos à Emergência, fui adentrando em pânico a sala de tratamento, com Grace logo atrás de mim. Nem eu aguentava me lembrar do que vimos: o belo rosto de Sam ensanguentado e dilacerado. Grace desmaiara, desabando como uma pedra às minhas costas.

– Então – disse Ian –, vocês encontraram alguma coisa na casa de Noelle que parecesse... que parecesse fora do comum?

Balancei a cabeça, fazendo que não.

– Emy procurou pistas em tudo o que tocou – respondi. – Ela acha que algo naquela casa há de nos dizer por que Noelle se matou ou o que aconteceu com seu filho ou por que ela mentiu para nós sobre seu trabalho de parteira.

Noelle e parteira. As palavras combinavam como *café e leite*. Para mim, “parteira” definia quem ela era. Para *todos nós*. Pelo menos um de nós não havia apresentado Noelle como parteira ao longo da última década sem que ela dissesse uma palavra para nos corrigir? Bizarro.

Ian tamborilou com os dedos na base da taça vazia.

– Noelle... – murmurou, balançando a cabeça. – Às vezes era impossível saber o que estava acontecendo com ela.

Senti pena de Ian. Eu sabia quanto ele a amara.

– Deve ter sido muito duro para você quando ela rompeu o noivado.

– Santo Deus, Tara – exclamou ele, dispensando com um gesto o meu comentário.
– Faz tanto tempo. Faz uma vida.

– Não me lembro de você ter sentido raiva. Acho que praticamente qualquer homem ficaria enfurecido.

– Fiquei mais preocupado com ela do que furioso – disse ele.

Então ele se remexeu na cadeira e tornou a sorrir:

– Vamos falar de assuntos mais leves? – propôs. – Nada de Noelle ou Sam ou qualquer outra coisa triste por hoje.

– Perfeito – concordei.

– Então... – começou Ian, enquanto cortava ao meio uma vieira succulenta em seu prato. – Quando foi a última vez que você *saiu* para assistir a um filme em vez de alugar um para ver em casa?

Fiz uma retrospectiva mental dos últimos meses, depois torci o nariz.

– Antes do acidente de Sam – respondi.

Ele riu.

– Muito bem. Vou tentar de novo – disse ele, olhando para o teto como se buscasse um tópico seguro ali.

De repente seus olhos brilharam atrás das lentes dos óculos.

– Estou pensando em arrumar um cachorro – falou.

– Está brincando!

Eu sabia que ele adorava o nosso cachorro, Twitter, mas não conseguia imaginá-lo sendo o dono de um.

– Um filhote? Ou um animal mais velho ou...

– Filhote. Não tenho um cachorro desde criança. Acho que iria precisar trabalhar mais em casa durante algum tempo.

– É uma ótima ideia – falei. – Talvez você pudesse arrumar dois para que eles brincassem um com o outro enquanto...

– Tara?

Ergui os olhos e vi uma mulher mais velha se dirigir até a nossa mesa. Eu estava tão hipnotizada pela imagem de Ian com um filhotinho que levei um instante para reconhecê-la.

– Barbara! – Eu fiquei de pé e a abracei. – Que prazer ver você!

Eu não via Barbara Read desde a comemoração da sua aposentadoria, uns dois anos antes. Ian também se levantou.

– Ian, esta é Barbara Read – apresentei. – Ela era professora de matemática na Hunter High.

– Ah, podem se sentar – falou Barbara, sorrindo.

Ela estava mais que bem-disposta, com o cabelo acobreado cortado curto e a pele macia como cetim. A aposentadoria definitivamente lhe fizera bem.

– Ah, querida – prosseguiu ela depois que tornei a me sentar –, que bom ver você com uma cara tão boa. Fiquei desolada quando soube de Sam. Coitadinha da Grace.

Sei que deve estar sendo difícilimo para vocês duas.

– Obrigada – agradei e indiquei Ian com o queixo para completar: – Ian era sócio de Sam.

Senti necessidade de explicar por que eu estava sentada num restaurante, tomando vinho com outro homem, apenas seis meses depois da morte de Sam. Vi um sorriso se insinuar nos lábios de Ian. Ele havia notado meu constrangimento.

Barbara mal pareceu me ouvir, porém.

– Acabei de saber de Noelle Downie – falou. – Santo Deus, que tragédia!

Assenti:

– É muito triste.

– Sei como vocês eram chegadas – disse Barbara. – Noelle tinha um coração de ouro. Eu a vi com Sam no South Beach Grill umas duas vezes ano passado e é difícil acreditar que ambos se foram. Ele comentou que nos vimos lá? Mande um beijo para você.

Achei ter entendido mal.

– Você viu Sam e Noelle no South Beach Grill? Em Wrightsville Beach?

– Adoro aquele restaurante, você não? Almoço muito lá. Fora da temporada, é claro. Não passo nem perto da praia no verão.

– Quando foi isso? – indaguei.

Eu não queria parecer nervosa, ou, pior, ciumenta, mas aquilo era muito estranho. Noelle e Sam eram amigos, mas sem dúvida não o tipo de amigos que se encontram para almoçar.

– Ah, deixe-me ver... – falou Barbara, batendo no queixo e olhando pela janela, na direção do rio, enquanto refletia. – Ora, deve ter sido na primavera. Em abril, talvez.

– Sam morreu no início de março – corrigi, impaciente.

Olhei para Ian e vi uma ruga se formar em sua testa.

– Ah, então deve ter sido no fim do inverno, ou até mesmo no outono passado – sugeriu Barbara, rindo. – A aposentadoria atrapalha o nosso calendário mental, espere só para ver! Foram duas vezes, disso eu me lembro. Falei com Sam em ambas. Eu não conhecia Noelle pessoalmente, mas todo mundo sabe quem ela é. Era. Imaginei que ele seria o advogado do projeto social para bebês que ela mantinha.

– E provavelmente acertou – interveio Ian, que olhava para mim, insinuando que eu me livrasse dela.

– Barbara, foi um prazer ver você – falei –, mas Ian e eu precisamos terminar o jantar, senão perderemos nosso filme.

– Tenho de fazer o mesmo – disse ela, olhando por cima do ombro na direção da mesa de onde saíra. – Meu marido deve estar achando que me perdi no toalete.

Ela se aproximou e me fez um carinho no pulso.

– Foi maravilhoso ver você, querida. E muito prazer em conhecê-lo, Ian. Boa noite aos dois.

Ian e eu nos entreolhamos até termos certeza de que ela não poderia mais nos ouvir.

– O projeto social para bebês precisa de um advogado? – perguntei.

Ele balançou a cabeça.

– Tenho certeza de que não era isso – disse ele –, mas eu queria que ela fosse embora. Dava para ver que você estava ficando nervosa.

– Não estou nervosa. Estou confusa.

– Olhe – começou Ian, umedecendo os lábios e estudando o próprio prato, por um instante. – Provavelmente foi por causa do testamento – disse ele, olhando nos meus olhos. – Ele foi feito em fevereiro e garanto que Sam e Noelle precisaram se encontrar algumas vezes para falar a respeito. Sam teve que redigir documentos relativos à assistência à mãe dela e... Ora, é provável que ele a tenha ajudado a planejar a partilha dos bens.

– Por que num restaurante e não no escritório?

– Porque os dois eram amigos e resolveram trabalhar num ambiente agradável. Eu faço isso, e Sam levava clientes para almoçar o tempo todo.

Estendendo o braço, ele descansou sua mão sobre a minha.

– Escute, você não está pensando que...?

Balancei a cabeça.

– Noelle e Sam? De jeito nenhum. Sam sempre gostou dela, mas também a achava meio estranha. Só é esquisito ouvir uma coisa dessas assim, do nada, quando eu não fazia a mínima ideia...

– Você não fazia ideia disso porque Sam era um sujeito ético – emendou Ian. – Ele não lhe contou sobre o testamento pela mesma razão. Eu não contei também, quando o encontrei nos arquivos dele. Até ela morrer, isso não era da sua conta.

– Certo – concordei.

Não era a primeira vez que eu descobria que Sam dera assistência jurídica a alguém que eu conhecia. Apreendi bem cedo no casamento a não fazer perguntas sobre isso.

O garçom trouxe a conta e Ian se inclinou na cadeira para puxar a carteira do bolso.

– Bom – disse ele, rindo, enquanto botava o cartão de crédito na mesa –, não tivemos muito sucesso na tentativa de não falar de Noelle ou de Sam, hein?

– Não muito – concordei, pousando meu guardanapo na mesa. – Vamos nos distrair com o filme.

– Fechado – disse ele.

Só quando já tínhamos saído do carro e estávamos a caminho do cinema me dei conta de que o deixara pagar meu jantar.

E concluí que, afinal, aquilo era, sim, um encontro.

Emerson

A raça humana perdeu alguma coisa quando inventaram a fotografia digital. Sentei no chão da pequena sala de estar de Noelle, com as costas apoiadas no sofá e as pernas cruzadas, para folhear um de seus velhos álbuns de fotos. Assim como os meus, os dela tinham poucas imagens recentes – porque elas ficavam todas no computador. As próximas gerações – a dos meus netos, por exemplo – jamais folheariam meu álbum de fotos e se perguntariam “Quem é este sujeito e por que ele foi importante para a vovó?”. Honestamente, isso me entristecia. As poucas fotos atuais do álbum de Noelle incluíam algumas não muito boas de Jenny e Grace na escola e outras de eventos para angariação de donativos, como o grande chá de bebê que ela promovia anualmente no pátio da nossa igreja.

De qualquer forma, eu não sabia ao certo o que procurava no álbum. Uma foto dela com um estranho, talvez? Um filho ou filha já crescido, que ela escondera de nós? Alguém que tivesse as respostas de que precisávamos? Enquanto examinava aquelas páginas, foram as fotos da própria Noelle que me atraíram, cada qual me causando um aperto agriçoce no peito. Eu estava zangada por ela ter partido daquele jeito, sem qualquer explicação, e furiosa por causa das mentiras, mas odiava me sentir assim com relação a minha amiga. O único jeito de me livrar da raiva era encontrar algum sentido no que ela fizera.

– Adoro esta foto dela – comentei com Ted, que tirava livros das prateleiras ao redor da lareira e os embalava em caixas.

Ele trabalhando feito um burro de carga e eu bancando a detetive. Eu sabia que ele achava que eu estava apenas divagando e que sentia pena de mim. Ted não abraçara minha causa. Ainda.

– A-hã – fez ele, pondo mais alguns livros dentro da caixa.

Eu comentara com ele sobre minha necessidade de encontrar respostas para a vida misteriosa de Noelle, mas Ted apenas dissera para deixar as coisas como estavam, por isso agora eu não comentava sobre minha investigação. Nunca tive com Ted o relacionamento tão próximo – para ser honesta, *apaixonado* – que Tara tinha com Sam, mas ele era um bom provedor, um marido fiel e um pai carinhoso. Essas eram as minhas principais exigências, e ele as satisfazia plenamente. Então eu continuava com ele.

Na foto, Noelle aparecia diante de uma peça decorativa pendurada na parede. A

fotografia fora batida com muita luz em seu rosto, o que tinha feito sua pele já alva parecer alabastro. Argolas de prata singelas lhe pendiam das orelhas. A luz intensa fazia cintilar o azul de seus olhos e praticamente apagava as sobrancelhas. Ela estava muito esbelta – como sempre, mesmo antes de adotar uma dieta vegetariana e leve. Eu invejava sua magreza, mas gostava demais de comer – minha tevê estava sempre num canal de culinária. Teria alguns quilos extras pelo resto da vida e pronto. Noelle e eu tínhamos, ambas, um cabelo grosso e rebelde. Na foto, o cabelo dela estava jogado para trás, deixando ver seu rosto, do jeito como ela sempre o usava. A rebeldia estava lá, porém sob controle. Era assim que eu a descrevia para quem não a conhecesse: rebelde, porém sob controle. Achei que a descrição continuava válida. Ela jogara seus trunfos exatamente como desejara, até o fim.

Ted levantou-se depois de encher a última caixa e levou as mãos à base da coluna.

– Emy, não vamos sair daqui se você ficar parando para olhar tudo o que encontra. Ri.

– Eu sei – concordei.

Já bastava. Fechei o álbum e me estiquei para colocá-lo na caixa das coisas que guardaríamos conosco. Depois eu olharia os objetos pessoais com atenção. Por ora, precisávamos esvaziar a casa. Ted e eu havíamos decidido reformá-la antes de alugar. Arrumaríamos a cozinha, o piso de madeira arranhado e pintaríamos a casa por dentro e por fora. E manteríamos o jardim, como Noelle pedira. Tara gostava de jardinagem mais que eu, então assumira a responsabilidade por ele, que não daria muito trabalho até a primavera. Até lá a casa teria um inquilino. Suzanne Johnson estava interessada. Morava de aluguel desde o divórcio, anos antes, e agora que Cleve entrara para a faculdade em Chapel Hill, estava pronta para ter uma casa menor. Além disso, Suzanne adorava Sunset Park. Eu precisaria confirmar se ela também adorava jardinagem. Minha raiva de Noelle não chegara a afetar em nada o meu amor por ela. Ela queria que cuidassem do seu jardimzinho especial e eu garantiria que isso acontecesse.

Patches fazia agora parte da minha família e não parecia eufórica por se ver numa casa com dois cachorros. Ela se adaptaria. Achei estranho Noelle nos pedir para cuidar do jardim em seu bilhete e não mencionar a gata. Talvez tivesse imaginado que os vizinhos ficariam com Patches quando descobrissem o que havia acontecido, mas Noelle amava aquela gata e eu não queria deixá-la com estranhos.

Abri uma nova caixa e comecei a enchê-la com os livros da estante à esquerda da lareira, enquanto Ted continuava a fazer o mesmo na da direita. Tara e eu havíamos cuidado da cozinha e do quarto de manhã, mas a sala e o escritório de Noelle eram os maiores desafios. O armário do escritório e os arquivos ainda teriam de ser esvaziados – adiei a tarefa porque estavam entupidos de documentos e Deus sabe de que mais. Eu ansiava por analisar aqueles papéis, porém. Sabia que Ted iria querer jogar tudo fora, mas eu pretendia examinar cada recibo, cada conta, *tudo*, em busca de respostas. Também queria dar uma olhada no computador. Não achava que seria

preciso uma senha e, se conseguisse entrar em seus e-mails, talvez encontrasse A Resposta. Ou não.

Olhei para o título de um dos livros nas minhas mãos: *O desafio da parteira*. Abri e li a data da publicação: 1992. Velho. Dei um suspiro. Eu continuava a procurar qualquer indício de que minha amiga houvesse abandonado a profissão havia apenas alguns anos. Permanecia em negação mesmo depois de ligar para o conselho regional e descobrir que Noelle deixara sua licença expirar fazia onze anos. Onze anos!

– Ainda não consigo entender – comentei com Ted. – Por que ela mentiria para nós?

Ted deixou escapar um suspiro. Estava cansado daquilo tudo.

– Será que ela de fato *mentiu* ou simplesmente omitiu essa informação? – indagou.

– Ela *mentiu*. Até poucos anos atrás, vivia dizendo que tinha um parto marcado ou comentando alguma coisa sobre uma paciente.

Não me ocorreu nenhum exemplo específico, mas eu tinha certeza de que ela falara das pacientes.

– E todas aquelas viagens que ela vivia fazendo ao interior ou a áreas rurais ou... sei lá mais aonde. Aquele negócio que ela chamava de “trabalho rural”, lembra? Ela ficava meses por lá fazendo partos. Era o que ela sempre nos dizia.

– Será que ela trabalhava por baixo dos panos? – perguntou Ted.

– Não, não acredito.

Por mais que Noelle levasse uma vida atípica, não era o tipo de pessoa que infringisse a lei. Era profissional e cautelosa. Sempre que tinha uma paciente de alto risco, ela a convencia a não fazer o parto em casa. Eu sabia disso, porque fui uma dessas. Meu parto e o de Tara estavam programados com três semanas de diferença e nós duas desejávamos ter nossos bebês em casa. Mas eu já tinha sofrido dois abortos antes de engravidar de Jenny, bem como algumas complicações na gravidez dela, por isso Noelle vetou o parto em casa para mim e me mandou para o seu obstetra preferido. Ela queria estar presente na hora em que minha filha chegasse, mas nada saiu conforme o planejado. Acabei precisando de uma cesariana depois de entrar em trabalho de parto três semanas antes do previsto – na mesma noite em que Tara deu à luz. Noelle atendia Tara e Ted estava fora da cidade, de modo que nunca me senti tão sozinha quanto no momento em que Jenny fez sua feliz e saudável estreia no mundo.

– Não consigo imaginá-la trabalhando sem licença – comentei com Ted.

Mas também não conseguia imaginá-la cometendo suicídio.

– A gente deveria ter percebido o que estava acontecendo com ela – insisti, estendendo a mão para pegar mais um livro na prateleira.

– Amor, pare de se culpar – disse Ted, sentando-se no sofá deformado e massageando as costas. – Olhe, Noelle era ótima, mas não era a pessoa mais estável

do mundo. Você sabe disso.

– Ela era perfeitamente estável. Diferente? Sem dúvida. Instável? Não.

– Que pessoa estável mantém uma vida em segredo das pessoas que a amam? Que pessoa estável teria... quantos mesmo? Doze? Doze frascos de remédios controlados guardados para o dia em que resolvesse se matar? Aliás, que pessoa estável comete suicídio?

– Acho que Noelle tinha aqueles comprimidos desde o acidente de carro, quando machucou as costas.

Noelle voltava de madrugada de um parto quando um carro bateu na traseira do dela num sinal de trânsito. Eu me lembrava daquele período triste: ela sentia dor quase o tempo todo. Depois começou a organizar o projeto social para bebês e isso a revigorou.

– O que é isso?

Ted saiu do sofá e agora estava inclinado, pegando vários livros grossos e encadernados na última prateleira da estante. Soprou a poeira das capas e folheou algumas páginas.

– Escrito à mão – disse ele. – É um diário ou algo assim? – perguntou, entregando-me o livro.

– Não.

Reconheci o livro assim que o peguei.

– São os registros dela.

Abri o livro e olhei a primeira data: 22 de janeiro de 1991. O nome da paciente era Patty Robinson e Noelle havia detalhado o trabalho de parto e o nascimento do bebê ao longo de quatro páginas e meia. Sorri ao ler suas palavras.

– Ela era uma mistura estranha, Ted. Faz um monte de anotações técnicas e depois escreve: “Deixei Patty e seu anjinho às dez da manhã, quando o canto dos passarinhos entrava pela janela aberta e o aroma de café perfumava o ar.”

Olhei para os outros registros encadernados em couro na última prateleira da estante.

– Ah, me passe o que tem o parto da Grace – pedi. – Este aqui termina em 1992, então o de Grace deve estar no terceiro livro.

Ted me entregou o terceiro livro e eu me sentei no chão para folhear as páginas mofadas até chegar ao parto de Grace em setembro. Estudei as notas de Noelle. Eu sabia que o trabalho de parto de Tara tinha sido longo e trabalhoso comparado ao meu, abreviado pela cesariana.

Passei os olhos pelas anotações de Noelle, até esbarrar com a seguinte:

– “Bebê do sexo feminino veio ao mundo à 1h34 da madrugada, medindo 48 centímetros e pesando 2,8 quilos” – li em voz alta para Ted. – “É linda! Vão chamá-la de Grace.”

Ted se abaixou para me dar um beijo na cabeça, embora eu não achasse que ele tivesse escutado uma palavra do que eu lera.

– Quer terminar as prateleiras enquanto eu ataco o armário do escritório? – indagou. – Não dá para adiar mais.

– Está bem – concordei, mas continuei presa ao livro como se ele fosse a própria Grace. – Vou ajudar você num segundo. Não jogue nada fora.



Eu estava sentada na pequena escrivaninha do escritório de Noelle algumas horas depois, lendo meses de e-mails em seu computador. Havia alguns trocados com Tara, comigo, Jenny e Grace, mas a maioria era entre ela e Suzanne e outras voluntárias. Nada fora do comum. Absolutamente *nada*.

Ted arrastou uma caixa grande de papelão do armário até o meio do cômodo.

– Podemos jogar isso tudo fora? – perguntou.

Ele abriu a caixa e pude ver dentro dela envelopes, cartões, cartas escritas à mão, fotografias.

– O que é isso? – indaguei, estendendo a mão para pegar um punhado de papéis, que pus em cima da escrivaninha.

Abri um dos cartões.

Querida Noelle,

É difícil pôr em palavras o que você significou para nós ao longo dos últimos nove meses. Só lamento não ter tido todos os meus filhos em casa. Foi extraordinário. Seu carinho e delicadeza e a forma como sempre esteve disponível para mim foram incríveis (mesmo naquela noite em que liguei para você às três da manhã e você veio na mesma hora, embora achasse, com razão, que era apenas um alarme falso. Obrigada!). Gina está mamando direitinho e crescendo bastante. Somos muito gratos a você, Noelle, e esperamos que faça parte das nossas vidas para sempre.

Com amor,

Zoe

– São bilhetes e cartas de agradecimento das pacientes dela – expliquei.

Pesquei dentro da caixa a foto de um bebê.

– E fotos de bebês que ela trouxe ao mundo.

E pistas, pensei, embora a essa altura tivesse minhas dúvidas. Já examinara pilhas e pilhas de memorandos e recibos e todo tipo de lixo e precisava admitir que a maioria podia ser jogada fora.

– Lixo? – perguntou Ted, esperançoso.

Abri mais um cartão e li o que estava escrito:

Nem acreditei quando a moça trouxe aqui no abrigo as roupinhas tão bonitas pra mim e pro meu bebê. Obrigada, dona Noelle!

Olhei para Ted.

– Não consigo – falei. – Ainda não. Vou levar esta caixa para casa. Quero dar uma olhada nela quando tiver tempo.

Ted riu.

– E quando é que você tem tempo? Você precisa administrar o Hot! e está tentando visitar seu avô duas vezes por semana. Ainda pretende fazer a festa da Suzanne na nossa casa?

Quase engasguei. *A festa da Suzanne*. Levei as mãos à cabeça.

– Eu me esqueci completamente.

Eu concordara em fazer a festa na nossa casa, já que Noelle queria convidar meio mundo e tínhamos espaço.

– Cancele – sugeriu Ted.

Balancei a cabeça.

– Não dá. Os convites já foram todos enviados e...

– Garanto que Suzanne há de entender, em vista das circunstâncias.

Suzanne não me dissera uma palavra a esse respeito, provavelmente por não saber como abordar o assunto. Ela era divorciada, lutara contra o câncer duas vezes e jamais tivera expectativas de chegar aos 50 anos. Noelle gostaria de ver a festa acontecer.

– Não – falei. – Vamos fazer a festa. Faltam três semanas e Tara vai ajudar.

Tara era a pessoa ideal para tudo o que exigisse planejamento, administração ou organização.

– Tem certeza? – insistiu Ted. – Acho que você está se exigindo demais.

Talvez meu marido tivesse razão, e eu queria mais, e não menos, tempo com meu avô doente. Mal conseguia pensar nele sem chorar. Jenny e eu tínhamos ido visitá-lo em Jacksonville na véspera e ele parecera tão magro naquela cama enorme da clínica que quase não o reconheci. Contudo ele ficara alerta e feliz ao nos ver. A minha infância era repleta de lembranças dele. Meu pai viajava muito e foi o vovô que me ensinou a andar de bicicleta, a pescar e até a cozinhar. Arrumar tempo para visitá-lo era prioridade.

Ainda assim, eu não abriria mão daquela caixa.

– Quero ficar com a caixa por enquanto – falei. – Só para ver o que todas essas mulheres tinham a dizer.

– Eu preferia que jogasse no lixo – interveio Ted. – Não temos espaço para todas essas coisas dela.

– Vou levar – insisti, sentindo-me teimosa ao fechar a tampa da caixa de papelão.

Talvez, só talvez, algo na caixa me levasse ao filho ou filha de Noelle e dessa maneira eu pudesse contribuir para que algo de minha amiga sobrevivesse.

Noelle

Universidade da Carolina do Norte, Wilmington
1988

Ela estava sentada no saguão do dormitório Galloway com as outras monitoras no último dia de treinamento. As calouras chegariam no dia seguinte e, com isso, a calma preguiçosa que pairava sobre o campus de Wilmington daria lugar ao caos. Noelle aguardava ansiosa. Adorava essa escola.

As mesas do saguão estavam lotadas de latas de refrigerante e caixas de pizza vazias, mas Noelle não tocara naquela comida gordurosa. Tirara a sandália e se sentara num dos sofás sobre as pernas cruzadas, a saia azul comprida cercanda-a como o mar, e comera amêndoas e palitos de cenoura do saquinho que levava consigo aonde quer que fosse. Ofereceu o lanche a Luanne, uma das outras monitoras, que estava sentada a seu lado no sofá e aceitou um palito. De todas as monitoras naquele saguão, era de Luanne que Noelle se sentia mais próxima – o que não queria dizer muita coisa: as colegas de curso gostavam de Noelle e a respeitavam, mas ela era diferente demais para se encaixar no grupo. Havia sido assim a vida toda, e Noelle não se importava de verdade. Acostumara-se a manter-se levemente afastada. As outras a tratavam com carinho, chegavam até a procurá-la quando tinham problemas, mas sempre havia um distanciamento. Noelle jamais conseguira criar aquele tipo de ligação intensa, íntima, que a maioria das mulheres mantém com as amigas.

Quanto aos rapazes... Bem, os atletas e os membros de fraternidades não faziam ideia de como se relacionar com alguém como Noelle. Sem saber lidar com o desconforto que sentiam ao lado dela, eles a descartavam fazendo comentários sobre sua excentricidade. Ela era a excêntrica que vagava sozinha pelo campus depois da meia-noite. Era bonita de uma forma não convencional, mas tinha um jeito difícil demais para se deixar conhecer e para que o esforço valesse a pena. Parecia envolta num véu impossível de ser rasgado ou erguido. Simplesmente não pertencia ao grupo e, no fundo, eles sabiam disso.

Ainda assim, não lhe faltavam admiradores. Em vez de intimidados, alguns rapazes do campus ficavam intrigados com ela. Esses eram artistas ou do tipo intelectual, tímidos demais para conversar com as outras colegas, mas que

reconheciam em Noelle uma alma parecida com a deles. Por isso, embora ela não houvesse de fato namorado ninguém durante seus três primeiros anos na Universidade da Carolina do Norte, teve relacionamentos mais profundos do que meras amizades, ainda que jamais chegassem a ser algo permanente. Ela não se queixava. Seu objetivo era um só: tornar-se parteira. O restante da vida se arrumaria mais tarde.

Esse seria seu último ano como estudante de enfermagem e ela já andava pesquisando os programas de formação de parteiras para o ano seguinte. Não teria problema para conseguir vaga no que quer que escolhesse: era uma das melhores alunas da turma. Ninguém jamais declarara isso com todas as letras, mas não era preciso. Noelle era uma aluna esforçada e os professores a adoravam. Enfrentara problemas com relação a algumas regras ridículas do ambiente hospitalar durante seus estágios, mas fazia tudo o que mandavam. Quando se sentia frustrada, ligava para a mãe, que continuava trabalhando para a Srta. Wilson e sempre conseguia acalmá-la. “Faça o que lhe mandarem e consiga o diploma”, dizia. “Depois você estará livre para criar *suas* próprias regras. Precisa arrumar um jeito de se encaixar no sistema, Noelle.”

Agora, sentada ali com as outras monitoras, Noelle concentrava a atenção no jovem que se inclinava, apoiando-se nas costas de um dos sofás. O rapaz era estudante de psicologia e havia sido o orientador do grupo nos últimos dois dias.

– Então amanhã vai ser o caos – dizia ele. – Vai ter gente reclamando dos quartos e das colegas de quarto uma hora depois de chegar. Estejam preparadas para que isso não seja um tormento para vocês. Se tiverem algum problema, sabem onde me encontrar, certo?

Todas murmuraram uma resposta enfatiada. O grupo inteiro estava cansado de ficar ali dentro e Noelle não era exceção. Fazia um dia lindo e, para a época, fim de agosto, não estava tão quente. Ela queria ficar ao ar livre. Mas o orientador iria passar as listas de distribuição dos dormitórios e ela não podia sair enquanto não recebesse a dela.

Pedira para ficar no dormitório Galloway, o mesmo em que estava sentada naquele exato momento. Havia passado seu primeiro ano ali e se lembrava muito bem de quanto sua monitora era gentil. Queria ser aquele mesmo tipo de colega, prestativa e imparcial, para o grupo de alunas que receberia.

O estudante de psicologia estava folheando vários papéis, que Noelle sabia se tratar das listas de alunas em cada andar dos vários dormitórios.

– Noelle? – disse ele, estendendo uma das folhas para ela. – Você vai ficar no Galloway. Terceiro andar.

– Maravilha – respondeu ela, levantando-se para pegar o papel da mão dele e depois tornando a sentar-se ao lado de Luanne.

O estudante entregou a Luanne sua lista.

– Estou no Galloway também – disse, lendo o papel. – Legal.

– Em que andar? – perguntou Noelle.

– Quarto.

Noelle mordeu o lábio, surpresa por sentir uma sementinha de nostalgia brotar em seu peito.

– Foi onde passei meu primeiro ano – falou.

– Está com saudade? – comentou Luanne, sorrindo. – Não tenho preferência por esse ou aquele andar, caso você queira trocar.

Noelle percebeu que queria, *sim*. Não soube dizer por quê. Aquele ano havia sido tão bom. Ela amadurecera – longe de casa, morando na cidade pela primeira vez na vida e adorando cada momento. Os andares do dormitório Galloway eram praticamente idênticos, por isso parecia tolice trocar, mas mesmo assim...

– Você não se importa? – perguntou a Luanne.

– Não mesmo.

Luanne esticou o braço para lhe entregar a lista das alunas do quarto andar, mas, quando Noelle estendeu a sua para fazerem a troca, reparou num dos últimos nomes e se deteve. Olhou bem para o nome, concentrada enquanto tentava entender o que lia. Então puxou a folha de volta.

– Vou ficar com o terceiro andar – decidiu, ouvindo um leve tremor na própria voz. – Que bobagem a minha. Os andares já estão registrados nos nossos nomes e vamos bagunçar tudo se trocarmos.

Luanne a fitou franzindo a testa:

– Duvido que fôssemos causar um grande problema.

– Não, assim está bom – confirmou Noelle, apertando a lista contra o peito, como se ela fosse um tesouro há muito enterrado.

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte
2010

Bati à porta do quarto de Grace e ouvi alguns ruídos, como se ela estivesse fazendo algo que não queria que eu soubesse.

– Entra – falou ela, passado um instante.

Abri a porta e a vi sentada diante da escrivaninha, com um livro escolar aberto no colo. Provavelmente estava mexendo no Facebook ou respondendo e-mails, mas agora fingia que estudava. Não me importava. De verdade. Só queria que ela fosse feliz e se sentisse bem. Grace olhou para mim enquanto bebia algo da sua caneca preta favorita. Café fortíssimo, sem dúvida. Eu não conseguia tomar essa coisa que ela e Sam preparavam.

– Só vim ver se você precisava de ajuda com a máquina de costura – falei.

– Não tenho tempo para fazer isso *agora*, mãe. Estou estudando.

– Quando quiser, então.

Sentei na beirada da cama, na esperança de conversar de verdade com ela. Na esperança de estabelecer contato. Twitter pousou seu cabeçaço no meu joelho e afaguei suas costas.

– Noelle ficaria muito feliz de saber que você está trabalhando no projeto social para bebês.

– A-hã.

Grace ergueu a mochila do chão, remexeu dentro dela e tirou um caderno. Olhava para todos os lugares do quarto, menos para mim. Odiei a tensão que senti entre nós. Simplesmente odiei.

– Não sei como você consegue tomar café tão tarde – comentei com um sorriso, ao olhar para sua caneca.

Ela abriu o caderno com um suspiro exasperado:

– Você diz isso toda vez que me vê com uma caneca de café à tarde.

Será que eu dizia?

– Isso me faz lembrar o seu pai. Vocês eram muito parecidos nesse ponto.

– Por falar no papai – interveio Grace, agora olhando diretamente para mim –, como foi seu grande encontro com Ian?

Franzi a testa, surpreendida pela pergunta. Sarcasmo não fazia o estilo dela, e Grace me pegou desprevenida.

– Não foi um encontro, Grace – respondi.

Ela olhou pela janela e seu rosto enrubesceu. Imaginei que havia deixado a pergunta escapar.

– Fico pensando que o papai está *morto* enquanto você sai para se divertir. Não sei como você pode fazer isso com ele.

– Não foi um encontro – repeti. – Não do jeito como você está sugerindo. Vai levar muito tempo até que eu me interesse por outro homem, mas preciso ser capaz de sair para jantar ou assistir a um filme com um amigo de vez em quando, como você faz com Jenny. Nós *duas* precisamos sair.

Inclinei-me na direção dela, tentando fazer com que me encarasse novamente.

– Dá para você entender isso?

– Tudo bem – respondeu, sem soar convincente.

– Sei que você sente falta de Cleve – falei, aprumando o corpo.

Grace baixou os olhos para o caderno e tive a sensação de ter tocado numa ferida.

– Não é nenhum drama – observou Grace.

Nunca tive certeza do grau de intimidade do relacionamento de Grace e Cleve. Será que faziam sexo? Os dois namoraram durante oito meses e, embora não pudesse imaginar que isso acontecesse – não *quisesse* imaginar –, eu achava que sim. A única coisa de que eu tinha certeza era que minha filha o amara. Mesmo agora, havia inúmeras fotos de Cleve sobre a cômoda, a escrivaninha e o quadro de cortiça atrás do computador. Ela *ainda* o amava. Como eu queria poder acabar com aquela dor.

– Eu me lembro direitinho de como foi quando seu pai e eu ficamos separados – falei.

– Separados? Como assim?

– Ah, não estou falando durante o casamento, mas de quando ele foi fazer faculdade fora e eu ainda estava no ensino médio.

– Bom, a grande diferença é que o papai não terminou com você antes de viajar – disse ela, parecendo surpresa consigo mesma por me fornecer um vislumbre das próprias emoções.

Eu precisava aproveitar o momento.

– Eu sei, querida. Sei como é difícil.

– Não, não sabe – resmungou Grace.

– Sei que é diferente do que aconteceu entre mim e seu pai, mas o que fiz para lidar com a separação foi me ocupar. Envolve-se em projetos. *Aja* – sugeri e me inclinei em sua direção. – Queria que você conseguisse enxergar quanto isso iria ajudá-la, Grace.

– Eu estou envolvida em projetos até o pescoço! – rebateu ela. – Trabalho no Animal House, estudo e agora estou por conta dessa droga de projeto social para bebês. O que mais você quer?

– Tudo isso é bom – falei –, mas é só trabalho, não tem diversão, certo? Você podia diversificar um pouco, amor. Sei que você adora a Jenny, mas devia ter atividades com outras amigas, também. Quando seu pai e eu ficamos separados, fiz amizade com Emy e Noelle. Mergulhei nos estudos e comecei a fazer teatro.

– É, você foi a Sra. Perfeição, como sempre.

– Não foi o que eu disse – retruquei. – Só estou tentando sugerir algumas ideias para lidar com isso.

Girei minha aliança no dedo. Eu vinha fazendo esse gesto com muita frequência ultimamente, sempre que me sentia tensa. Sempre que sentia que precisava de Sam ao meu lado.

– Você só se ocupa tanto para não ter que pensar em nada – insistiu Grace. – Para poder esquecer que sua vida virou de cabeça para baixo.

– Ah, Grace – suspirei, balançando a cabeça. – Não tem nada a ver com isso. Envolver-se em atividades é simplesmente saudável.

Parei de girar a aliança no dedo e espalmei as mãos sobre o colo.

– Sabe, não conversamos assim faz tempo, mas eu gostaria que você pensasse seriamente em teatro. Você não precisa *representar*. Você escreve tão bem... Podia escrever peças. Sei que você tem receio de que isso pareça estranho, já que eu sou...

– Você não me conhece mesmo! – interveio Grace, fechando o caderno ruidosamente. – Eu não sou você, entendeu? Não lido com as coisas do mesmo jeito que você.

– Eu sei.

Senti meus ombros caírem. Lá estava eu, falhando com ela mais uma vez.

– Não tem problema. Foi só uma ideia.

– Eu realmente preciso estudar – disse ela, erguendo do colo o livro de biologia para mostrar que eu estava interrompendo seu trabalho.

– Está bem.

Obriguei-me a levantar da cama, me aproximei dela e me abaixei para abraçá-la. Ela permaneceu imóvel, rígida como uma pedra.

– Chamo você quando o jantar estiver pronto.

Saí do quarto e fechei a porta atrás de mim. Fiquei parada no corredor, sentindo-me frustrada e meio perdida. Aquela garota fria que me tratava com tanta impaciência e desdém não era a Grace que eu conhecera e amara durante dezesseis anos. Aquela era uma garota que tinha raiva de mim. Eu não sabia exatamente por quê. Por voltar a trabalhar apenas duas semanas após a morte de Sam? Ela ficara horrorizada com isso, mas eu precisava me ocupar o máximo possível para conseguir sobreviver. Será que ela ainda estaria zangada por eu ter me desfeito das coisas do pai? Será que achava que era traição sair com Ian?

Uma coisa de que eu tinha certeza era que, com ou sem razão, ela me culpava pela morte de Sam.

Havia momentos em que até eu me culpava por isso.

E m e r s o n

Era sexta-feira à tarde e achei que finalmente teria algum tempo livre para remexer na caixa de cartões e cartas de Noelle. Jenny ainda estava na escola, Ted mostrava uma casa para um cliente e eu fechara a cafeteria depois do movimento do almoço. As pessoas me diziam que eu deveria começar a servir jantar, mas almoço e café da manhã eram tudo o que eu conseguia administrar. E eu mal podia dar conta disso naquele momento.

Quando cheguei em casa, fiquei surpresa de encontrar Jenny e Grace no quartinho em cima da garagem, separando coisas para o projeto social para bebês.

– O que vocês duas estão fazendo em casa? – perguntei, passando os olhos sobre as pilhas bem arrumadas de roupas e cobertores.

– Hoje é só meio período – respondeu Jenny, me abraçando.

Jenny era fã de abraços, sempre fora. Herdou isso de mim. De Ted é que não teria sido.

– Como vai, Grace? – cumprimentei-a, tirando um minúsculo suéter de tricô amarelo de uma das pilhas. – Nossa, isto aqui é uma fofura.

– Vou bem – respondeu ela. – Mas definitivamente sou um horror na costura.

Ela estendeu um dos cobertorzinhos para mim, e tive de rir ao ver a bainha toda enrugada.

– Os outros que fiz ficaram melhores – explicou. – Precisava regular o ponto. Minha mãe teve de arrumar para mim.

Imaginei Grace costurando. Talvez até gostando disso. Ela sempre amou tarefas que pudesse desempenhar sozinha. Escrever. Ler. Desenhar.

– Ouçam – falei. – A festa de Suzanne é daqui a algumas semanas e Tara e eu realmente precisamos de ajuda com a decoração. Vocês duas teriam tempo para...

– Vai ter uma festa para Suzanne? – interveio Grace, erguendo os olhos do cobertor que dobrava.

Assenti.

– A festa de 50 anos dela – respondi. – Vamos fazer aqui em casa e...

– E Cleve vem? – perguntou Grace.

Seu rosto estampava tanta esperança, tanta ansiedade, que mal consegui fitá-lo.

– Não tenho certeza, meu bem. Talvez.

Um brilho se apagara no olhar de Grace quando Cleve terminara com ela.

Grace largou o cobertor que tinha nas mãos e puxou o celular do bolso. Observei enquanto digitava uma mensagem – para Cleve, sem dúvida. Jenny também observou, e vi a preocupação no rosto da minha filha.

Jenny olhou para mim.

– A gente pode ajudar, sim, mãe.

– Beleza – aprovei. – E mais uma coisa: quando falei com Suzanne hoje de manhã, ela disse que nasceram dois prematuros ontem à noite e perguntou se uma de vocês, ou as duas, podia levar enxovais ao hospital à tarde.

– Claro – concordou Jenny.

Ela adorava qualquer desculpa para pegar o carro, agora que tinha carteira.

Grace ergueu os olhos do celular.

– Pode me deixar em casa primeiro? – pediu ela.

– Você não quer ver os bebês? – indagou Jenny.

Grace balançou a cabeça, mas eu sabia que não eram os bebês que ela não queria ver, mas o hospital. Tara me contara que Grace não conseguia sequer ver uma placa que indicasse a localização do hospital sem empalidecer.

– Os enxovais precisam estar lá hoje à tarde – falei –, mas vocês resolvem como.

– Está bem – concordou Jenny.

Dirigi-me até a escada e já estava na metade dela quando ouvi Jenny perguntar a Grace:

– O que ele disse?

Parei no degrau e fiquei imóvel, para conseguir ouvir.

– “Não posso faltar, ou ela me deserda” – leu Grace.

Imaginei-a lendo a mensagem na tela do celular. Pude ouvir o sorriso em sua voz, a esperança.

Ai, Gracie, pensei. Ele tem 18 anos e está na faculdade, meu bem. Essa história não tem futuro.



Lá embaixo, fui até o escritório, onde a caixa com as coisas de Noelle me aguardava. A caixa começava a me dar a impressão de ser mais um morador da minha casa, alguém com um poder excessivo, comparado ao espaço que ocupava. Aquela caixa era a nossa última esperança. Nada na casa de Noelle nos fornecera qualquer resposta. Tara e eu havíamos falado com os funcionários de todos os consultórios de obstetrícia num raio de 30 quilômetros e todos sabiam o que nós ignorávamos: fazia anos que Noelle havia largado o ofício de parteira. Poucos a tinham visto recentemente, por isso não nos demos o trabalho de perguntar se sabiam se ela andava deprimida. Suzanne e as outras voluntárias vinham fazendo essa pergunta a nós. Noelle mantivera segredo sobre o que quer que a estivesse incomodando. Eu desconfiava de que a caixa tampouco nos daria alguma resposta, mas ignorá-la ao menos mantinha viva minha esperança.

Não dava mais para adiar. Eu estava com tempo agora. Ia começar a cavar.

Ted e eu dividíamos o escritório, um cômodo grande e de teto rebaixado que os antigos proprietários haviam acrescentado à casa para servir de quarto aos sogros... de quem não deviam gostar muito. O teto baixo era opressivo, mas o espaço funcionava para nós. A escrivaninha de Ted e o material de escritório ficavam de um lado e a minha escrivaninha, menor, do outro. Mandamos fazer estantes embutidas numa parede sem janelas e pusemos duas bancadas compridas sob as janelas de outra, para que Ted pudesse abrir seus mapas da cidade. Naquele exato momento, Shadow e Blue roncavam debaixo das mesas. Antes de abrir o Hot!, eu costumava usar minha parte do escritório para guardar documentos da casa e da família. Agora eu tinha um arquivo inteiro para o café. Tudo se encaixara tão bem para mim que eu começara a achar a minha vida perfeita. Mas agora Sam e Noelle estavam mortos e meu avô, moribundo, e eu sabia que jamais voltaria a ter aquela sensação de que a vida era cor-de-rosa.

Sentei na poltrona junto à janela e tirei um punhado de cartões e cartas da caixa, mas logo me dei conta de que pegá-los a esmo não adiantaria nada. Eu tinha nas mãos uma carta datada do mês anterior e outra de oito anos antes, uma troca de e-mails entre Noelle e outra parteira, duas fotos de bebês, outra de um adolescente, um cartão de aniversário assinado por Jenny – que lembrei ter comprado para ela mandar para Noelle anos atrás. Era como se minha amiga tivesse usado um mixer gigantesco naquela caixa para misturar todo o seu conteúdo. Desejei que Tara tivesse tempo para me ajudar. Em trinta minutos, ela organizaria essa bagunça em ordem alfabética e cronológica.

Fiquei de pé, esvaziei uma das bancadas sob a janela e comecei a separar cartas, cartões e fotografias, além de alguns recortes de jornal. Ted continuava a achar que eu deveria jogar aquilo tudo fora, mas Noelle guardara aquelas coisas, tinham importância para ela. Eu queria tentar entender o que quer que ela sentira ao guardá-las. Por que fizera isso? Ted achava que eu vinha me tornando sentimental demais, chorando a perda de Noelle e me preocupando com meu avô. Dizia que eu andava obcecada, e talvez tivesse razão, mas a caixa me parecia o último elo entre mim e uma das minhas duas melhores amigas. Aquelas tinham sido coisas que ela valorizara o suficiente para mantê-las consigo.

Se eu examinasse o conteúdo em ordem cronológica, talvez fosse capaz de rastrear o que ocupara sua mente ao longo dos últimos anos. Talvez pudesse até escrever uma minibiografia sua. Se um dia encontrássemos seu bebê – que agora estaria crescido –, talvez ele gostasse de ter essa lembrança da mãe biológica.

– Como se eu tivesse tempo para escrever – disse a mim mesma, enquanto empilhava os cartões.

Shadow ergueu a cabeça e olhou para mim, na esperança de que eu estivesse falando em comida.

Vi o cartão que eu mesma enviara a Noelle em seu último aniversário. Em seu

último aniversário. De coração apertado, toquei o papel, depois puxei mais um punhado deles de dentro da caixa. Havia um recorte de jornal datado do ano anterior àquele em que os obstetras locais começaram a se livrar de suas parteiras. Balancei a cabeça. Achávamos que era por isso que ela largara o ofício. Tinha sido o que ela nos dissera, não? Que iria parar enquanto ainda era possível uma saída honrosa, quando na verdade parara havia muito tempo.

– Por que você não nos contou? – indaguei em voz alta.

Minha intenção de pôr tudo em ordem cronológica logo foi descartada, porque muitos dos cartões e cartas não tinham data. Por isso os separei segundo o tipo: cartões numa pilha, cartas em outra, e-mails impressos numa terceira e recortes de jornal numa quarta. Enfiado no fundo da caixa de papelão, preso pela metade sob uma aba, havia um cartão que Grace havia feito para Noelle quando não devia ter mais de 4 anos. Imaginei Noelle segurando o cartão, pronta para jogá-lo no lixo, mas por fim decidindo guardá-lo em sua caixa de recordações.

Ouvi as garotas saírem de casa e aproveitei a interrupção para fazer uma pausa. Fui até a cozinha, preparei uma xícara de chá e desembulhei um dos bolinhos que trouxera da cafeteria, quebrando as pontinhas para dar aos cachorros. Depois levei o bolinho e o chá para o escritório.

Quando entrei no cômodo, um cartão xadrez em azul e branco no topo de uma pilha me saltou aos olhos. Pousei a caneca e o prato na escrivaninha e peguei o cartão. Quando o abri, precisei me sentar na poltrona: o cartão era *meu* e muito antigo. Tinha dezessete anos, para ser mais precisa.

Noelle,

Obrigada por cuidar de mim. Você parece entender exatamente como tudo tem sido doloroso e sabe dizer as coisas certas para me ajudar. Não sei o que faria sem você.

Com amor, Emy.

Eu me lembrava de ter escrito essas palavras algumas semanas depois do meu segundo aborto. De perder meu segundo filho. Ted e eu morávamos perto do campus na época e Noelle se mudou para a nossa casa por algumas semanas e tomou a frente de tudo. Cozinhou, limpava e, o mais importante, me ouvia chorar. Ted já não tinha mais palavras de consolo para me dizer àquela altura; precisava lidar com o próprio luto. Noelle sabia quanto eu desejara aqueles bebês. Pouco mais de um ano depois, eu estaria com Jenny nos braços. Embora não pudesse compensar a perda que senti – que *ainda* sentia quando pensava nos bebês que jamais conheci –, Jenny me trouxe de volta à vida.

Segurei o cartão alguns instantes. Que sentido faria guardá-lo? Ou guardar qualquer um dos bilhetes escritos para Noelle? Mesmo assim, devolvi-o à pilha. Não precisava tomar nenhuma decisão naquele momento.

Fui bebericando meu chá enquanto lia algumas das cartas, todas cheias de

palavras de gratidão, o tipo de sentimento demonstrado quando se está explodindo de felicidade. Precisei lê-las depois de ter ficado mexida com meu cartão. Botei a pilha de cartas no colo, apenas passando os olhos na maioria, lendo atentamente outras, pousando cada uma virada ao contrário no braço da poltrona quando terminava a leitura.

Cheguei a uma folha de bloco quase em branco e levei um instante para reconhecer o papel de carta de Noelle. Tinha um tom de pêssego bem claro, com um padrão de palha trançada. Eu não via aquele papel de carta fazia anos – será que alguém ainda escrevia cartas à mão? –, mas me lembrei de ter recebido um ou outro bilhete dela no mesmo papel. Havia apenas uma frase escrita:

Cara Anna,

Já comecei esta carta várias vezes e aqui estou, começando-a novamente, sem fazer a mínima ideia de como lhe dizer

Só isso. Apenas essa frase. Dizer a ela o quê? Quem era Anna? Remexi nas cartas e nos cartões procurando algo enviado por uma Anna. Havia um cartão assinado por uma Ana. Tudo o que ele dizia era: “Noelle, nossa família adora você! Ana.” Mas o nome era escrito com um N só, diferente do da Anna da carta de Noelle. Sem sobrenome. Sem data. Havia a foto de um garotinho presa com fita adesiva ao cartão e, quando a descolei, vi um nome escrito no verso: Paul Delaney.

Não faço a mínima ideia de como lhe dizer.

A carta era antiga: o papel cor de pêssego ficara frágil com o tempo. Que importância teria agora?

Deixei de lado a carta inacabada e continuei a percorrer a pilha, beliscando meu bolinho e bebericando meu chá. Só quando cheguei ao fim da pilha encontrei mais uma carta pela metade que Noelle havia escrito, essa à máquina. Estava um pouco amassada. Lembrei-me de tê-la esticado quando comecei a separar a correspondência. Prendi a respiração ao lê-la e não consegui mais soltar. E me levantei tão rápido, com um movimento tão brusco, que derrubei a xícara no chão.

Noelle

Universidade da Carolina do Norte, Wilmington
1988

No segundo dia depois que as calouras preencheram o dormitório Galloway, Noelle fez sua ronda, guardando o quarto 305 para o fim, do mesmo jeito que todas as manhãs deixava por último os mirtilos da salada de frutas, por serem seu fruto predileto. Só que jamais se sentira ansiosa quanto àqueles mirtilos e estava definitivamente ansiosa quanto ao quarto 305.

No corredor, mesmo antes de se aproximar da porta aberta, ela ouviu risos vindo do cômodo. As moças estavam criando um vínculo entre si. Emerson McGarrity e Tara Locke. Noelle bateu no portal e espiou lá dentro. As duas estavam sentadas na cama perto da janela, escolhendo discos numa pilha. Olharam para ela e Noelle soube de imediato quem era Tara – a loura de olhos castanhos – e quem era Emerson, que tinha cabelo comprido, escuro e cacheado. Noelle sabia muito bem como era difícil domar aqueles cachos.

– Oi – saudou as duas com um sorriso. – Meu nome é Noelle Downie. Sou a monitora de vocês. Estou fazendo a ronda para conhecer todo mundo.

A loura se levantou de um salto, descalça, e estendeu a mão:

– Meu nome é Tara.

Noelle apertou a mão da moça e depois voltou a atenção para Emerson, que tinha no colo uma pilha de discos e não se deu o trabalho de ficar de pé. Noelle precisou se inclinar para apertar sua mão.

– Emerson? – indagou.

– Isso mesmo.

A moça tinha um sorriso bonito, caloroso e encorajador, e foi difícil para Noelle soltar sua mão.

– Quer sentar? – convidou Tara, indicando a cadeira da escrivaninha.

Noelle ficou surpresa com a própria necessidade de desabar no assento, os joelhos de repente bambos demais para sustentá-la.

– Vocês duas estavam rindo como se já fossem amigas há muito tempo – comentou. – Já se conheciam antes de vir para cá?

As duas tornaram a rir e se entreolharam.

– Não, mas é como se sim – respondeu Tara.

Das duas, nitidamente, era ela a mais desinibida. Dava para ver isso em seus olhos brilhantes e ouvir no tom seguro da voz.

– A gente se entendeu de cara – emendou Emerson. – Isto é, conversamos por telefone uma vez durante o verão sobre o que trazer e coisas do gênero, mas não nos conhecíamos de verdade.

– Aí, quando nos vimos ontem, foi como se nos conhecêssemos desde sempre – prosseguiu Tara. – Ficamos acordadas a noite toda conversando.

– Que maravilha – disse Noelle. – Nem sempre funciona assim.

E nem sempre dura, também, pensou. Esperava que funcionasse, *sim*, para aquelas duas. Ela já desejava tudo de bom para Emerson. Seus sentimentos a assustavam: eram muito viscerais, muito profundos. Precisaria ter cuidado com o que dissesse ou fizesse. Poderia se perder facilmente ali, naquele quarto. Não podia tratar Emerson de forma diferente.

Olhou para as cômodas. Havia porta-retratos sobre ambas. Testando as pernas, pôs-se de pé e pegou um deles, que exibia um jovem com cabelo escuro tão comprido que lhe batia nos ombros. Ele lhe pareceu familiar. Tinha um rosto simétrico e aquela combinação de olhos azuis e cabelo preto era difícil de esquecer.

– Quem é? – indagou, alternando o olhar entre Emerson e Tara.

– Sam – respondeu Tara. – Meu namorado. Ele estuda aqui. Preparatório de direito – acrescentou, orgulhosa. – Mora perto do campus.

– Ah – comentou Noelle –, devo tê-lo visto por aí. Você acha que vai ser bom que ele esteja por perto?

– Nossa, claro que sim – respondeu Tara, rindo, como se a pergunta fosse idiota.

Noelle supôs que fosse, mas não estava pensando tão claramente como fazia de hábito.

– Ele cortou o cabelo no verão. Está totalmente diferente agora – acrescentou Tara.

Noelle pegou a foto da segunda cômoda. Era em busca dessa que realmente estava. Os mirtilos em sua salada de frutas. Uma foto de família. Emerson com uma mulher e um homem. O cabelo da mulher era curto, acobreado e encaracolado. Ela mostrava um sorriso largo e parecia jovem: 30 e poucos, 40 anos, talvez. Noelle olhou para Emerson.

– Seus pais? – indagou.

– A-hã. Não tenho namorado – explicou, rindo. – Preciso arrumar um.

– Onde eles moram?

Estava tendo dificuldade para desviar os olhos do rosto da mulher.

– Na Califórnia.

– Califórnia! Então... Wilmington é... Você nunca morou aqui?

Era uma pergunta esdrúxula, e ela se deu conta disso assim que a fez, mas Emerson não pareceu perceber.

– Na verdade, morei aqui até o segundo ano do ensino médio. Depois meu pai foi transferido para Greensboro e terminei os estudos lá. Então, em julho, ele foi mandado para Los Angeles, mas eu quis ficar na Carolina do Norte. Amo Wilmington.

– Eu sou de Wake Forest – contou Tara.

Noelle se obrigou a devolver a foto à cômoda de Emerson.

– De onde tiraram seu nome? – perguntou, então, a Emerson.

– É o sobrenome de solteira da minha mãe.

É isso, pensou Noelle. Isso.

– Bem, me falem das suas famílias – pediu, tornando a sentar.

Não fizera essa pergunta a nenhuma outra aluna. Com elas discutira seus horários, os cursos escolhidos, seus interesses. Mas faria essa conversa parecer o habitual discurso de boas-vindas.

Tara respondeu primeiro, como era de esperar. O pai trabalhava como contador, a mãe era dona de casa, e ela, filha única.

– Também sou – interveio Emerson.

Não é, não, pensou Noelle.

Tara falava pelos cotovelos. Estudava artes cênicas, o que não surpreendeu Noelle. Em outras circunstâncias, Noelle a acharia intrigante – toda aquela energia, a extroversão –, mas nesse instante estava desesperada para que a vez de Emerson chegasse.

– Então você também é filha única – falou, quando finalmente conseguiu desviar o foco para Emerson.

– Sou. Minha mãe é enfermeira e meu pai trabalha com vendas numa grande empresa de móveis.

Enfermeira!

– Eu estudo enfermagem – revelou Noelle.

Isso não é sobre você, lembrou a si mesma. No entanto, aquela conversa tinha tudo a ver com ela, sabia disso. Deu uma nova olhada na foto dos pais de Emerson, atraída pela mulher e seu sorriso largo.

– Eles virão visitá-la em algum momento ou você é que vai até a Califórnia para vê-los?

– Neste exato momento, eles estão deslumbrados com a Califórnia, mas meus avós moram em Jacksonville, por isso os dois acabarão tendo de voltar à Carolina do Norte.

O coração de Noelle deu um salto. Avós. Pensou na pasta de documentos guardada em seu quarto no fim do corredor – um dos pertences da mãe que mantivera consigo.

– Pais da sua mãe ou do seu pai?

Estaria parecendo maluca? Não havia perguntado a nenhuma outra aluna a respeito dos avós. E por que faria isso?

– Da minha mãe. Os pais do meu pai já morreram – respondeu Emerson.

– Meus avós estão todos vivos – interveio Tara –, mas moram em Asheville, onde meus pais foram criados, por isso raramente os vejo.

– Que pena – disse Noelle. – Dê um jeito de visitá-los quando puder.

Voltando então a atenção para Emerson e torcendo para não parecer tão grosseira quanto se sentia, indagou:

– Há outros nomes interessantes em sua família? Como se chama o seu pai?

– Frank, nada de mais – respondeu Emerson.

Tara franzira a testa. Noelle podia ver sua expressão pelo canto do olho. Não estava propriamente desconfiada – quem poderia imaginar suas intenções? –, mas Noelle teve medo de que Tara começasse a pensar que ela não era apenas uma monitora. Já conseguira a resposta de que precisava. Tinha todas as respostas agora e não aguentaria ficar mais um segundo naquele quarto. Algo iria explodir dentro dela se ficasse.

Consultou o relógio.

– Nossa! Já passei tempo de mais aqui. Preciso ir andando, mas queria conhecer vocês duas melhor. Vamos ter uma reunião amanhã à noite, com bolo e brincadeiras. Não deixem de ir.

Ela se pôs de pé, mas se apoiou nas costas da cadeira porque se sentiu zozza.

– Enquanto isso, se tiverem alguma pergunta ou algum problema, sabem onde fica o meu quarto, não é?

– Sabemos – disse Tara.

– Obrigada pela visita – acrescentou Emerson.

Noelle conseguiu chegar ao corredor antes de precisar se apoiar na parede para manter o equilíbrio. Do outro lado da porta do quarto 305, ela ouviu risos e depois Tara sussurrar para Emerson:

– Acho que ela se apaixonou por você.

Não estava totalmente errada.



De volta ao próprio quarto, Noelle ligou para a casa da Srta. Wilson e ficou aliviada quando a mãe atendeu.

– Preciso conversar com você, mãe. É um assunto sério.

– Você está bem?

A mãe lhe pareceu sem fôlego, como se tivesse corrido para atender o telefone.

– Estou ótima – respondeu Noelle, sentando-se na cama, sem se sentir nada bem. – Você está com tempo?

– Espere um instante – disse a mãe, largando o telefone.

Noelle pôde ouvir o barulho de pratos, antes que ela voltasse ao aparelho.

– Pronto. Qual é o problema?

Noelle imaginara essa conversa centenas de vezes nos últimos anos, mas jamais

esperara honestamente que ela se concretizasse. Jamais esperara encontrar Emerson. Nem sequer sabia da sua existência. Encontrá-la mudava tudo.

Noelle respirou fundo.

– Quando a ajudei a se mudar da nossa casa, antes de vir para a faculdade, vi um de seus arquivos. Não foi de propósito. Estava ventando e... Não importa. Eu vi. O meu arquivo.

– Seu?

– O arquivo do meu nascimento. Da minha adoção. Fiquei com ele.

A mãe permaneceu calada e Noelle imaginou que estaria tentando se lembrar exatamente do que havia nele.

– Ele continha as notas da assistente social sobre a minha mãe biológica e... tudo.

A mãe continuou calada.

– Por que está tocando nesse assunto agora? – indagou, afinal.

Noelle se lembrou da conversa das duas na volta do parto do primeiro filho de Bea, quando a mãe lhe contara sobre a menina que a dera à luz e a entregara para adoção.

– Você disse que não sabia quem era ela, apenas que tinha 15 anos.

– Não vi sentido em revelar a identidade dela. Não era importante.

Noelle fechou os olhos.

– Mãe, tem uma moça aqui. No meu andar. É caloura. O nome dela é Emerson McGarrity.

A mãe deu um suspiro.

– Emerson era o sobrenome da sua mãe biológica, mas não vejo por que isso iria fazer você pensar...

– McGarrity, mãe. O nome do pai é Frank McGarrity. Não lhe soa familiar?

– Deveria?

– Estava nas notas da assistente social.

Noelle perguntou a si mesma se, passado todo aquele tempo, a mãe não teria simplesmente se esquecido da história.

– Susan Emerson engravidou numa festa. Ela nem sequer sabia o sobrenome do rapaz, mas tinha um namorado, Frank McGarrity, e não quis que ele descobrisse o que ela havia feito. Os pais também não queriam que ninguém soubesse e a mandaram morar com...

– A tia – interrompeu a mãe, com outro suspiro. – Sim, Noelle, sei de tudo isso. Sei muito bem, embora tenha me esquecido do nome do namorado. Ele não fazia parte da história, na verdade. Não entendo... – De repente, a mãe prendeu o fôlego. – *Meu Deus!* Você acha que a garota no seu dormitório é filha dela? Filha de Susan Emerson?

– Ela é minha meia-irmã, mãe. Você devia vê-la.

– Você não pode contar a ela – interveio, rapidamente, a mãe. – O processo de adoção é confidencial. A mãe jamais quis que alguém soubesse.

– Bom, os registros da assistente social *não* eram confidenciais, eram? Estavam com você.

A mãe hesitou.

– Fui eu que fiz seu parto, Noelle – falou, finalmente. – Conhecia a tia com quem Susan ficou hospedada. A família queria que tudo fosse discreto. Você ficou sob guarda temporária durante alguns meses enquanto seu pai e eu cuidávamos da adoção definitiva. Tive acesso às anotações da assistente social, a todo... a tudo. Mas nunca deveria ter deixado esses papéis num lugar onde você pudesse encontrá-los. Você *não pode* fazer nada com essa informação, Noelle. Está entendendo?

– Ela é minha *irmã*.

– Foi uma coisa que aquela família precisou fingir que jamais aconteceu. Sobretudo porque aparentemente ela acabou se casando com o tal McGarrity, que não fazia ideia de que a namorada tinha uma filha. Não cabe a você interferir nisso. Sei que é difícil, Noelle. *Sei* disso. Quando sentir falta de uma mãe, ligue para *mim*. Por favor, querida, ligue para mim. E peça para transferirem você para outro dormitório. Não vai ser bom ficar perto dessa garota.

– Ela é minha irmã – repetiu Noelle.

– Não vai ser bom para você ficar perto dela.

– Eu *quero* ficar perto dela.

– Não a magoe com isso, meu bem – pediu a mãe. – E não magoe essa família. Acima de tudo, Noelle, não magoe a si mesma. Remexer no passado não vai ser bom para ninguém. Está bem?

Noelle pensou na garota do quarto 305 e na foto da mulher que era sua mãe. Pensou no que provavelmente representava para aquela mulher. Um grande erro. Algo que ela precisava fingir que jamais acontecera, a mãe dissera. Algo de que ela quisera se livrar. Pensou no amor que vira no rosto de Emerson ao falar da família. Da mãe. Dos avós.

– Está bem – concordou, enquanto lágrimas quentes lhe queimavam os olhos. Então soube que só poderia amar a irmã a distância.

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte
2010

Eu tinha um pequeno intervalo entre minha última aula do dia e o ensaio da peça com os alunos do primeiro ano. Sentada à mesa na sala de aula, enfiei a agenda na bolsa e notei que o ícone de mensagem de voz estava piscando no celular. Só me restavam uns trinta segundos para sair para o auditório, mas, mesmo assim, digitei o número da caixa postal e escutei.

Emerson parecia histérica: “Me ligue imediatamente”, pedira. Depois, provavelmente pensando melhor, acrescentara: “Ninguém morreu, mas me ligue.”

Franzi o cenho enquanto guardava o celular na bolsa. No que nossas vidas haviam se transformado para que fosse necessário acrescentar “ninguém morreu” às mensagens?

Parti para o auditório. Eu poderia pedir que algum aluno vigiasse a turma por alguns minutos e retornar o telefonema de Emerson para ter certeza de que estava tudo bem.

Os alunos já me aguardavam quando entrei no auditório.

– Sra. V! – chamaram alguns deles ao me verem.

– Oi, gente! – respondi.

Estavam espalhados pelas primeiras fileiras da plateia, alguns empoleirados na beirada do palco, todos sorrindo para mim. Sorrisos largos. Aquela garotada gostava de mim. Como eu queria poder dizer o mesmo da minha filha.

A Hunter High contava com um auditório fabuloso, com fileiras de poltronas roxas dispostas num belo anfiteatro. A acústica era fantástica. No entanto, não me dirigi ao palco. Em vez disso, chamei um dos rapazes, Tyler, para vir até a porta.

– Preciso dar um telefonema rápido – expliquei.

Tyler era um garoto bacana, novato na escola, muito talentoso. Seria um dos nossos cenógrafos.

– Você assumiria a turma por alguns minutos?

– Eu? – indagou o menino, surpreso.

– É – confirmei. Depois falei para o restante dos alunos: – Gente, preciso dar um telefonema rápido, por isso Tyler vai conversar com vocês sobre o cenário. Deem a

ele as suas opiniões, que eu volto num minuto.

Todos estavam calados quando deixei o auditório, mas eu sabia que a algazarra iria começar assim que a porta se fechasse às minhas costas. Mas eles conseguiriam sobreviver alguns minutos. Eu seria rápida.

Atravessei o corredor em direção à sala dos professores, torcendo para não ter posto Tyler numa enrascada. Eu poderia ter escolhido outro aluno. Conhecia muitos deles fazia mais tempo do que conhecia Tyler e havia nesse grupo do primeiro ano algumas estrelas verdadeiras. Eu sempre tinha o cuidado de escolher um aluno diferente a cada tarefa, pois não queria que me acusassem de ter predileções. Nunca mais.

Sempre odiei a expressão “queridinho do professor”. Quando cursava o ensino médio, *eu* costumava levar esse rótulo porque o Sr. Starkey, responsável pelo grupo de teatro, me cobria de atenções. Ele me via como uma pessoa talentosa e empolgada e achava ter encontrado uma aluna que o ajudaria a tirar o grupo de teatro do trivial. Provavelmente foi essa crença dele que alimentou minha arrogância quanto ao talento que eu tinha e me levou a achar que seria aceita em Yale, a faculdade dos meus sonhos, sem que tivesse de prestar grande atenção ao restante das disciplinas. Olhando em retrospecto, eu sentia raiva dele por ter me tratado com tanta distinção, o que me afastou dos outros alunos, ressentidos com a atenção que eu recebia, e me deu uma noção irreal da minha capacidade. O fato de eu ser a melhor do grupo de atores da minha pequena escola de ensino médio não significava que eu era uma boa atriz, apenas que eu tinha um olho em terra de cego.

Quando me tornei professora, assumi o compromisso de jamais fazer de um aluno o meu queridinho. Sabia que iria ter meus preferidos, aqueles que facilitassem minha vida por serem dedicados e que, com suas conquistas, fizessem com que eu me sentisse um sucesso. Mas prometi jamais tratar melhor qualquer um deles e, honestamente, acho que me saí bem cumprindo esse objetivo. De alguma forma, porém, embora eu me esforçasse para esconder que Mattie Cafferty me deslumbrava toda vez que subia ao palco, todos sabiam disso. E eu nem fazia ideia, até que, depois do acidente, as pessoas começaram a comentar como era irônico que minha aluna preferida estivesse dirigindo o carro que matara Sam. Pior ainda: Grace também sabia.

“E você achava que ela era perfeita!”, disse minha filha quando descobriu que era Mattie ao volante daquele carro. Mattie digitando uma mensagem de texto para o namorado. Eu não teria pensado duas vezes antes de pedir a Mattie que assumisse o grupo no auditório. Sabia que podia contar com ela.

Meu rosto enrubesceu ao pensar em Mattie e, quando entrei na sala dos professores, cruzei com uma das professoras de ciências, que me lançou um olhar preocupado:

– Tudo bem com você? – indagou ela.

– Tudo ótimo – respondi. – Só estou correndo, para variar.

Grace tinha razão. Eu *havia* considerado Mattie perfeita.

Eu estava no meio da minha aula de improvisação quando o policial surgiu à porta da sala. Meu primeiro pensamento foi de que alguma coisa acontecera com Grace e meu coração disparou.

“É o seu marido”, explicou o policial, enquanto caminhava comigo até a diretoria, apenas a algumas portas de distância da minha sala de aula. “Ele sofreu um acidente muito grave.”

“Está vivo?”, indaguei. Era só o que importava. Que ele estivesse vivo.

“Vamos conversar aqui dentro”, disse o policial, abrindo a porta da sala do diretor. Duas assistentes administrativas me fitaram, lívidas e inexpressivas, e logo vi que sabiam de algo que eu ainda desconhecia.

Uma delas deu um passo à frente, agarrando meu braço.

“Devo tirar Grace da aula?”, indagou.

Assenti e deixei que o policial me guiasse até a sala de um dos orientadores, que estava vazia.

“Ele está vivo?”, tornei a perguntar. Meu corpo tremia.

O policial puxou uma cadeira para mim e quase precisou me sentar nela à força, tão congelado meu corpo parecia.

“Os médicos não acham que ele vá sobreviver”, disse. “Sinto muito. Assim que a sua filha chegar, eu posso...”

Fiquei novamente de pé.

“Não!”, gritei. “Não. *Por favor!*” Imaginei os funcionários olhando na direção da porta. Sem dúvida podiam me ouvir, mas não me importei. “Preciso ver meu marido!”

“Assim que a sua filha chegar, iremos até lá”, prometeu o policial.

A porta se abriu e lá estava Grace, os olhos cheios de medo.

“Mãe, o que houve?”

Puxei-a para meus braços.

“É o papai, amor”, expliquei, tentando manter a calma, mas minha voz falhou. Eu a apertava tanto que nenhuma de nós conseguia respirar. Eu sabia que estava assustando minha filha. Estava assustando a mim mesma.

No banco traseiro da viatura, segurei a mão de Grace com uma força desmesurada, enquanto o policial nos dava os detalhes. Sam estava atravessando o cruzamento de Monkey Junction quando seu Prius novo foi abalroado por uma jovem motorista que digitava uma mensagem de texto. Ele não nos disse que a garota era Mattie. Não fazia a mínima ideia do que sua identidade significaria para nós duas.

Há cerca de um mês, eu estava dando uma olhada nos jornais on-line da escola, procurando uma crítica específica de uma peça encenada no ano anterior, quando esbarrei numa foto que aparecera em uma das edições. Lá estávamos nós: Mattie Cafferty e eu. A legenda dizia “A Sra. Vincent dirige Mattie Cafferty em *Pacífico*”

Sul”. Grace vira essa foto, naturalmente. Ela trabalhava no jornal. Podia até ter escrito a legenda. Na foto, eu aparecia ao lado de Mattie, com a mão em seu ombro, o cabelo escuro dela cobrindo meu pulso. Lembrei como eu me sentira trabalhando com ela na peça. Era como se tivesse descoberto a próxima Meryl Streep. Imaginei como Grace deveria se sentir agora, ao esbarrar numa foto de Mattie enquanto trabalhava no jornal. Desejei poder apagar todas as fotos de Mattie dos arquivos escolares – ou ao menos apagar o momento retratado naquela, em que minha ligação com Mattie ficava tão evidente, até mesmo para mim.

Os pais de Mattie a tiraram da Hunter High logo após o acidente. Mudaram-se para a Flórida e, um mês depois, recebi uma carta muito sincera dela, cheia de dor e arrependimento. “Não posso pedir que me perdoe”, escrevera Mattie. “Só quero lhe dizer que penso na senhora, no Sr. Vincent e em Grace todos os dias.”

Eu a perdoara, *sim*. Ela havia sido irresponsável e burra, mas poderia ter sido Grace ao volante. Poderia ter sido *eu* na idade dela. Grace jamais a perdoaria, e eu tinha a sensação de que jamais perdoaria a mim por ter gostado de Mattie, por ter com aquela aluna uma ligação que aparentemente eu não conseguia ter com ela.

Achei um canto tranquilo na sala dos professores e peguei o celular na bolsa.

– Tara! – exclamou Emerson quando atendeu.

– O que houve? – perguntei.

– Preciso falar com você – respondeu ela. – Pode jantar comigo hoje?

– Você encontrou alguma coisa sobre Noelle? Alguma coisa sobre o bebê dela?

– Não quero falar disso pelo telefone. Eu só... Ai, meu Deus, Tara.

– *O que foi?*

– No Henry’s, às 18h, está bem? Eu realmente... Isso vai ter que ficar entre nós.

Ela parecia completamente fora do seu estado normal e estava começando a me assustar.

– Você está doente? – perguntei, em pânico diante da ideia de perder mais alguém que eu amasse.

– Não, estou ótima – respondeu Emerson. – Às 18h está bom?

– Está – falei.

Encerrei a ligação preocupada. *Ela não está doente e ninguém morreu*, disse a mim mesma, enquanto fechava o flip do celular e o devolvia à bolsa. Então eu poderia lidar com o que quer que fosse.

E m e r s o n

O Henry's era tão familiar para mim quanto a sala de estar da minha casa. Encontrei lá dentro o mesmo brilho âmbar de sempre, algo que tinha a ver com os lambris, a iluminação e os sofás de couro cor de café nos reservados. O ambiente em geral me serenava, mas seria preciso bem mais que isso para me acalmar essa noite.

Vi Tara sentada perto da janela no reservado que considerávamos nosso. “Ele devia ter uma placa dizendo *Garotas do Galloway*”, comentara certa vez Tara, na época em que conseguíamos nos reunir semanalmente. Antes que a vida nos impedisse.

Tara se levantou para me abraçar sem sorrir. Ela sabia que algo sério estava acontecendo.

A garçonete anotou nossas bebidas e, como sabíamos de cor o cardápio, aproveitamos para pedir a comida. Tara quis filé e batata assada e eu pedi a salada da casa. Não conseguia comer direito desde a descoberta da carta e desconfiei que também não conseguiria dar conta da salada toda. Tinha certeza, porém, que seria capaz de virar uma taça de vinho branco.

– Você só vai comer isso? – indagou Tara.

– Não estou com muita fome – respondi. – Mas fico feliz de ver que o seu apetite voltou ao normal.

Tentei sorrir. Tara sempre foi uma dessas mulheres que podem comer o que quiserem sem engordar um grama. Depois da morte de Sam, porém, ela havia ficado praticamente esquelética, o que preocupava Noelle e a mim.

– “Normal” é algo que não *existe* mais para mim – disse Tara, e pensei na bomba que eu levava na bolsa.

Em poucos minutos não haveria normalidade para nenhuma de nós. Senti meus olhos começarem a marejar e, mesmo sob a suave iluminação âmbar, Tara notou.

– Querida – disse ela, estendendo o braço para apertar minha mão. – O que houve? É o seu avô?

– Não – falei, antes de respirar fundo. *Bom, pensei, já chega.* – Encontrei uma coisa na casa de Noelle.

A garçonete pôs uma taça de vinho branco diante de mim e outra, de vinho tinto, diante de Tara. Tomei um gole generoso enquanto Tara esperava que eu continuasse. Minha cabeça já estava meio zozua.

– Havia uma caixa com cartas... a maioria são cartões de agradecimento de pacientes e esse tipo de coisa... Uma mistura disso tudo.

Tamborilei no tampo da mesa com os dedos. Minha mão tremia.

– Li todas elas – continuei. – Tinha de ler. Eu queria me sentir próxima dela, entende?

– Entendo – disse Tara.

Claro que entendia. Ela me dissera que, depois da morte de Sam, lera alguns pareceres jurídicos enfadonhos apenas para se sentir ligada a ele.

– Bom, encontrei duas cartas.

Minhas mãos estavam úmidas quando remexi na bolsa. Eu dobrara as duas folhas ao meio. Desdobrei o papel de carta cor de pêssego com a curta mensagem escrita à mão no alto.

– São de Noelle, não para ela. Esta tem apenas uma linha – falei, alisando o papel com os dedos, antes de me aproximar um pouco mais de Tara para ler: – “Cara Anna, já comecei esta carta várias vezes e aqui estou, começando-a novamente, sem fazer a mínima ideia de como lhe dizer.”

– Quem é Anna? – perguntou Tara.

Ambas estávamos tão inclinadas sobre a mesa que nossas cabeças quase se tocavam.

– Não sei – respondi, tomando mais um gole de vinho. – Mas sei o que Noelle estava tentando dizer a ela, embora ainda não consiga acreditar.

Passei a folha de papel de carta cor de pêssego para baixo da folha branca.

– Esta é a segunda carta, que ela obviamente fez no computador de casa e imprimiu, mas está inacabada e simplesmente não faço ideia...

– Leia – interrompeu Tara.

– Está datada de 8 de julho de 2003 – falei. Então comecei a ler, minha voz quase um sussurro:

Cara Anna,

Li um artigo de jornal que mencionava você e vi que precisava lhe escrever. É difícil passar para o papel o que tenho a contar, mas sei que será muito mais difícil para você ler essas palavras, e sinto muito.

Sou parteira, ou, pelo menos, já fui.

Anos atrás, passei um bom tempo tomando analgésicos por causa de um problema nas costas, e eles devem ter afetado meu equilíbrio, bem como meu juízo. Acidentalmente deixei cair um recém-nascido, que morreu na hora. Entrei em pânico e não consegui raciocinar direito. Peguei um bebê parecido no hospital onde eu desfrutava de privilégios para substituir o que eu havia matado. Odeio usar essa palavra. Foi um terrível acidente.

Descobri agora que o bebê que peguei era o seu. Lamento muitíssimo o que fiz você passar. Porém gostaria que soubesse que sua filha tem pais

extraordinários, é muito amada e

Ergui os olhos para Tara e encontrei os dela arregalados.

– É isso – falei. – Ela só escreveu isso.

P A R T E I I

A N N A

A n n a

Alexandria, Virgínia

Eu me despedia da minha filha com um beijo toda manhã pensando que podia ser o último beijo que eu viesse a lhe dar. Por isso, sempre que eu ia trabalhar, sempre que ela saía com amigos, eu abraçava Haley como se fosse minha última chance. Ela nunca evitava, embora eu soubesse que esse dia estava próximo. Haley tinha 12 anos, quase 13, e logo iria dizer “Mãe, vá logo”. Não fazia mal. Eu queria que Haley vivesse o bastante para se rebelar e dizer “*Eu odeio você!*” na dança de guerra saudável e normal que todas as mães e filhas do planeta executam. Por isso, quando ela saiu de casa com Bryan, enfiou o capacete e se esqueceu de dar tchau para mim ao tirarem as bicicletas da garagem, refreei meu impulso de chamá-la de volta para um abraço. Para um “Cuide-se!”. Simplesmente mordi o lábio e a deixei ir.

Embora Bryan estivesse de volta às nossas vidas fazia quase dois meses, eu não ficava exatamente tranquila quando via Haley sair porta afora com ele. Hoje os dois iriam andar de bicicleta à beira do rio Potomac. Eu sabia que esse fato merecia comemoração. Primeiro, Haley se sentia suficientemente bem para sair de bicicleta. Essa era a oitava semana de seu tratamento. Uma semana de folga do hospital e da quimioterapia, durante a qual ela podia agir e se sentir como uma adolescente normal. Só isso já valia a comemoração. Afora o rosto inchado devido aos esteroides e os eventuais ataques de malcriação (que secretamente eu aplaudia, porque adorava aquele seu jeito obstinado e irritadiço), minha filha parecia a Haley de sempre essa semana. Em segundo lugar, Bryan estava bancando o Bom Pai com ela. Eu ainda não me acostumara a isso. Dois meses no papel de pai não compensavam dez anos de ausência, e uma parte do meu coração continuava endurecida de raiva por ele. Ah, desde o dia em que nos virou as costas, ele enviava todos os meses o cheque da pensão alimentícia, emitido pelo seu banco na ensolarada Califórnia. Mandava presentes nos aniversários de Haley – que mostravam claramente que ele não tinha ideia de quais eram os interesses da filha. Barbies e joias? Nem de longe. *Controle-se, falei para mim mesma, ao observar os dois pedalarem em direção à ciclovia. Ele está aqui agora. Está se esforçando muito e Haley está adorando. Adorando o pai.*

Subi a escada e fui até a minha escrivaninha – meu escritório fora do escritório. Minha escrivaninha dava para o rio e, mesmo morando há sete anos naquela casa, eu

ainda precisava de alguns minutos para desviar o olhar da água e dos arvoredos distantes que a margeavam. Mas eu andava atrasada com o trabalho, então por fim comecei a responder ao monte de e-mails que se acumulara nas últimas horas. Tinha sido assim que eu havia comunicado a Bryan a volta do câncer de Haley: por e-mail. Escrevi para ele três dias depois de receber a notícia, quando finalmente consegui parar de chorar por tempo suficiente para enxergar a tela. Até então eu acreditava que estávamos livres disso, droga! Dez anos de saúde deviam significar alguma coisa. Ela era minha filha maravilhosa, ativa e inteligente e tão divertida que eu preferia a sua companhia à das minhas amigas a hora que fosse. Ninguém diria que Haley havia sido tão doente na infância e ela própria não tinha senão uma vaga lembrança dos 18 meses de pesadelo. Mas os novos hematomas, as febres e o mal-estar incomum me deixaram apavorada. Resisti em levá-la ao médico, com medo do que ele diria. Quando finalmente fiz isso e ele me confirmou que a leucemia voltara, não posso dizer que fiquei surpresa. Devastada, sim. Surpresa, não.

Fiquei surpresa, porém, com a reação de Bryan ao meu e-mail. Havia sido o primeiro episódio de leucemia de Haley o que o levara a fazer as malas. Na verdade, tinha sido mais que isso, porém a leucemia fora a gota d'água. Ele se mudou da Virgínia para a Califórnia, o mais distante possível da filha doente e da esposa aterrorizada. Por isso imaginei que a notícia da recidiva de Haley o faria sumir por completo das nossas vidas. Em vez disso, ele me ligou. Acabara de ser demitido, falou. Eu não me lembrava exatamente de qual era o trabalho dele. Algo a ver com software para uma empresa no Vale do Silício? De todo jeito, Bryan me comunicou que voltaria para a Virgínia. Que queria ajudar.

Durante dias, depois daquele telefonema, meu humor não se mostrou dos melhores. Haley começara a tomar doses maciças de esteroides, e era difícil dizer qual de nós duas agia de modo mais insano. Eu sentia raiva por Bryan ter demorado tanto a ajudar. Ele teria sido útil ao longo dos últimos dez anos. Agora, porém, Haley e eu tínhamos nos tornado uma equipe. Nosso lema predileto quando ela me ajudava a consertar os canos na casa ou a varrer folhas no pátio era: “Não precisamos de porcaria de homem nenhum!” Por isso me preocupei com a ideia de como ele se encaixaria. Será que, de repente, iria querer dar palpites no tratamento dela? Nem pensar! E como seria a reação de Haley ao pai? Ela não se lembrava de Bryan e jamais pareceu dar muita bola para os cartões e presentes que ele mandava. Morando na parte antiga de Alexandria, Haley tinha amigos cujas famílias eram formadas por um único genitor, famílias multirraciais, gays, negras, hispânicas, muçulmanas. De todo tipo possível. Por esse motivo eu achava que ela jamais se sentira diferente por não ter pai.

Acho que me convenci de que ela não ligava para Bryan, mas minha filha me surpreendeu. Quando lhe perguntei se queria que ele viesse, Haley respondeu: “Claro que sim! Já estava na hora.”

Eu ri. Para uma adolescente de 12 anos, ela não tinha papas na língua. Eu sabia de

quem ela herdara esse traço, então falar o quê?

Bryan apareceu duas semanas depois do nosso telefonema, e fiquei chocada com a facilidade de Haley para recebê-lo em sua vida. Fiquei orgulhosa de mim mesma: eu me saíra melhor do que imaginava na tarefa de não virá-la contra ele, o que fora um desafio. Eu dizia a ela que seu talento para computação vinha do pai. Decerto não de mim. Ela criara praticamente sozinha um site para irmãos de crianças desaparecidas. Eu inventara desculpas para a completa ausência de Bryan das nossas vidas. “Ele ama tanto você que não conseguiu vê-la sofrer”, eu dissera, para justificar a separação. “Depois ele arrumou um emprego na Califórnia e ficou difícil viajar para o outro lado do país.” Eu tinha certeza de que ela sabia que era tudo papo furado, mas isso não parecia fazer diferença. Ela queria o pai.

Haley não se lembrava de nada sobre ele. Foi um estranho que surgiu em seu quarto de hospital na terceira semana de químio. Ele segurava a bacia quando ela vomitava. Sentava-se de cenho franzido ao lado da cama, com as mãos cruzadas sob o queixo enquanto ela dormia pesadamente depois de uma punção na medula. Levava bala de limão quando ela se queixava do gosto ruim na boca por causa do tratamento. Comprou para ela lenços de todas as cores do arco-íris porque a filha odiava estar careca. Mas não reconheceu Fred, o velho urso de pelúcia que era o grande companheiro de Haley e que Bryan lhe dera de presente no aniversário de 5 anos.

Haley pareceu à vontade com o pai desde o início. Mais confortável que eu, com certeza. Minha filha não tinha nenhum traço de Bryan. Nossa semelhança sempre fora grande, desde o dia em que ela nasceu. Tinha o meu cabelo castanho-claro e os meus olhos verdes. O cabelo de Bryan era muito escuro – ou ao menos havia sido. Agora estava grisalho como o de George Clooney. Mas os olhos castanhos continuavam a ostentar os mesmos cílios longos por trás dos óculos de lentes retangulares e o nariz ainda parecia saído do Império Romano, ainda que a ascendência de Bryan fosse anglo-alemã. Na última vez que nos vimos, Bryan tinha 35 anos e era um sujeito bonito. Agora, aos 45, estava meio flácido e adquirira rugas em volta dos olhos – como as minhas. Tive de admitir para mim mesma, ainda que para mais ninguém, que a raiva que eu sentia dele nada fizera para matar a atração que um dia ele despertara em mim.

Bryan alugou um apartamento não muito distante de nosso bairro e tinha começado a procurar emprego, mas ainda não encontrara nada – uma situação que parecia agradar a nós três. A verdade era que ele ajudava. Muito. Eu estava prestes a ser nomeada diretora do Departamento de Crianças Desaparecidas quando a doença de Haley voltou e eu queria muito esse cargo. Trabalhava no departamento havia anos e vivia frustrada com sua estrutura organizacional, carente de mudanças. Eu queria pegar o leme. Quando Haley adoeceu, achei que teria de deixar que outra pessoa assumisse o cargo, mas com a ajuda de Bryan pude aceitá-lo. Haley passava a

maior parte da semana no hospital infantil, em Washington, e geralmente ficava em casa nos fins de semana. Eu podia levar trabalho para fazer no hospital, mas, quando precisava comparecer a uma reunião ou algo do gênero, Bryan assumia meu posto ao lado da cama da filha. Ele a levava ao médico duas vezes naquela semana, ambas para exames de sangue de rotina. Levá-la para fazer um programa divertido, como hoje, por exemplo, era a maior ajuda de todas. Ele tratava Haley como uma adolescente normal e saudável. Como filha. Ainda assim, eu não confiava integralmente nele, ficava sempre à espera de que sua paciência se esgotasse. De que ele fizesse as malas e fugisse para a Costa Oeste de novo. Eu o mataria se ele magoasse Haley assim. Acabaria com a raça dele.

Obviamente, Haley perdoara o pai pela forma como ele a tratara no passado. Talvez jamais tivesse chegado a sentir raiva dele. Ele chegara a tempo. Ela ainda não havia adotado aquela atitude adolescente intolerante em relação aos pais, embora os esteroides pudessem às vezes causar esse efeito. Eu era o alvo dos surtos de irritação. Bryan, não. Ela era um doce na companhia do pai, e eu sabia que minha filha tinha medo de perdê-lo outra vez.

Eu já estava trabalhando on-line fazia mais de uma hora quando ouvi Haley e Bryan entrarem na cozinha, vindos da garagem. Desci e os encontrei rindo. Haley estava amarrando o lenço azul de volta na cabeça. Perdera o cabelo todo de uma vez e chorara o dia inteiro. Pelo que eu sabia, não havia chorado mais desde então.

– Divertiram-se? – perguntei.

– Ela parece uma máquina quando pedala – comentou Bryan tocando, orgulhoso, o ombro da filha, como se tivesse alguma coisa a ver com o desenvolvimento dela.

Honestamente, também não sabia quanto eu mesma tinha a ver com a pessoa em que Haley se transformara. Ela nascera inteligente, segura e independente. A independência era um problema, já que eu queria mantê-la agarrada a mim. Já perdera uma filha e não pretendia perder essa também.

– O papai não anda de bicicleta há muito tempo – disse Haley –, mas só caiu três vezes.

– Duas – corrigiu Bryan, rindo.

Eu podia ver como Haley gostava de falar esta palavra, *papai*. Ela a usava um bocado, como se tentasse compensar todos os anos durante os quais não pudera dizê-la.

– Você vai ficar para jantar? – convidei, mas Bryan balançou a cabeça.

– Vou dar a vocês duas um tempo a sós – disse ele, puxando Haley para um abraço. – Quer repetir a dose amanhã? – perguntou.

– Claro – respondeu ela.

– Tem dever de casa? – indaguei.

– Não muitos.

Haley continuava fazendo as tarefas da escola mesmo durante as semanas de tratamento no hospital. No lugar dela, acho que ficaria desmotivada. Mas ela não

queria ficar atrasada em relação às amigas.

– Então vá fazer enquanto termino o meu trabalho. Depois a gente janta.

– Está bem – concordou ela, dirigindo-se à escada e olhando para nós por sobre o ombro. – Tchau, pai.

– A gente se vê amanhã – retribuiu Bryan com um aceno.

Ouvimos seus passos ruidosos na escada.

– Obrigada pela sua ajuda hoje – agradeci.

– O prazer foi meu, acredite.

– Ela está adorando conhecer você.

– Nem a metade de quanto *eu* estou adorando conhecê-la.

Senti uma raiva repentina e lhe virei as costas para pegar dois pratos no armário sobre a lavadora de louças. Havíamos tido longas conversas sobre a doença de Haley e o tratamento. Longas conversas sobre *Haley*. Eu lhe mostrara vídeos das aulas de beisebol e de balé, de Haley dando uma lavada nos adversários com seu nado de peito. Mas não tínhamos falado da maneira como ele fora embora. Da sua covardia. Da *mesquinhez* absoluta daquilo. “Não consigo lidar com a possibilidade de perder outro filho”, dissera Bryan antes de nos deixar, na primeira vez que Haley adoeceu. Nem eu, ora, mas isso não me dava o direito de sair porta afora.

Nem um nem outro disse uma palavra sobre Lily. Quando lhe contei que havia sido nomeada diretora do Departamento de Crianças Desaparecidas, fitei seu rosto em busca de alguma pista de que ele registrara o significado daquilo, mas Bryan agiu como se eu dissesse que ia ser diretora de uma creche ou uma editora, algo sem qualquer relação com as nossas vidas.

Eu teria que conversar sobre isso com ele em algum momento, porque explodiria se não o fizesse, e já estava ficando de saco cheio de vê-lo agir como se pudesse voltar às nossas vidas sem mais nem menos. Naquele exato momento, porém, não ousei dizer nada, por medo de prejudicar o relacionamento que ele vinha construindo com Haley.

Pus os pratos na bancada e fui caminhando até a porta da garagem.

– Então, a gente se vê amanhã? – perguntei, puxando a maçaneta.

– Com certeza – respondeu ele, dirigindo-se até a porta e depois se virando para me encarar com um sorriso. – Ela vai ser igualzinha a você quando crescer – falou. – Já me faz lembrar você agora.

– Como assim?

– Você sabe... – disse Bryan, dando de ombros. – Simplesmente... alguém incrível. Seu sorriso foi meio penitente. Pude ver arrependimento em seus olhos.

– A gente se vê amanhã – falou.

Bryan passou por mim e eu o vi deixar a garagem e se dirigir até o carro estacionado na rua. *Não se deixe amolecer por ele você também*, ordenei a mim mesma. Não deixaria. Muita água já rolara por baixo daquela velha ponte.

Eu estava com o salmão no forno quando o telefone tocou, uma hora mais tarde. Peguei o fone do gancho junto à geladeira. Eu *sempre* atendo o telefone, sem me dar o trabalho de verificar antes quem está ligando, uma consequência de anos de desejo de ouvir o telefone tocar. De desejo de respostas. Sempre atendi o telefone com a voz cheia de esperança.

– Alô – falei, diminuindo o fogo do arroz.

– É Jeff Jackson.

Merda. O oncologista de Haley, ligando às seis da tarde. Não era um bom sinal. Fiquei tensa.

– O que houve? – perguntei. *Ela está indo bem*, tive vontade de dizer. *Por favor, por favor, deixe que ela fique em paz esta semana.*

– São os resultados dos exames – respondeu o médico. – O exame de sangue não está bom.

– Droga! – Passei uma das mãos pelo cabelo. – Jeff, ela parece ótima. Fez um longo passeio de bicicleta hoje e...

– Ela precisa de uma transfusão.

Fechei os olhos.

– Agora?

– Infelizmente.

– Droga!

– Vou ligar para o hospital e pedir que aprontem um quarto para ela – avisou o médico, acrescentando baixinho depois: – Lamento.

Levei alguns minutos para me recompor antes de subir a escada. Fiquei calada diante da porta aberta do quarto de Haley. Ela nem desconfiava de que eu estivesse ali e estava conversando pelo Skype com uma das primas. Pude ver uma das gêmeas – Madison ou Mandy, eu nunca conseguia saber qual era qual – no monitor. Madison ou Mandy ria e falava. Segurava um pequenino terrier parrudo nos braços e mexia a pata dele, obrigando o cachorro a acenar para a câmera. A irmã de Bryan, Marilyn Collier, morava a uma hora de distância, em Fredericksburg. Ela e as quatro filhas continuaram a fazer parte das nossas vidas, apesar da ausência de Bryan. Haley amava as primas e elas a amavam também. Senti meus olhos arderem quando a ouvi falar pelos cotovelos com Madison/Mandy. Odiei estragar o momento.

Dei uma batidinha leve na porta aberta.

– Oops! – exclamou Haley, desligando o monitor. Girou a cadeira para me encarar com seus olhos verdes totalmente inocentes. – Já terminei o dever de matemática, mãe. Só estava um minutinho no Skype com a Mandy.

Pouco me importava que ela estivesse mentindo. Por que não deixá-la ficar no Skype? Por que não deixá-la fazer tudo o que quisesse?

– Tudo bem – falei e depois dei um suspiro. – O Dr. Jackson acabou de ligar, meu

bem. Disse que seu exame de sangue não está bom.

– *Merda.*

– Não diga *merda*.

– Você diz o tempo todo.

– É, mas eu não deveria dizer.

– Não quero ser internada, mãe.

Ela suplicou com os olhos que a deixasse ficar em casa, e meu coração se partiu em dois.

– Você precisa, meu bem. Sinto muito.

Ela se pôs de pé de má vontade.

– Isso é um saco.

– Concordo em gênero, número e grau.

– Isso significa que não vou poder fazer químio na semana que vem?

Não entendi se ela esperava não ter que fazer a químio ou se temia que o tratamento se prolongasse mais ainda com um adiamento.

– Tudo depende de como seu exame de sangue vai estar até lá – falei. – Pegue o que for preciso e vamos nessa.

Ela franziu a testa, a mão apertando o braço da cadeira.

– Mãe, não conte ao papai, está bem?

Talvez outra mãe não a compreendesse, mas eu compreendi. Ela estava apavorada. Sua doença fizera Bryan ir embora anos antes. Agora os dois estavam passando um período saudável e feliz juntos, e ela tinha medo de lhe parecer doente de novo.

– Ele não vai embora, meu bem – falei e saí do quarto, torcendo com todas as minhas forças para não ter dito uma mentira.

E m e r s o n

Wilmington, Carolina do Norte

– Meu Deus – exclamou Tara, baixinho.

Ela agarrou a carta e a leu em silêncio. Senti o coração latejar nos ouvidos. Toquei o papel em suas mãos.

– Não sei o que fazer com isto – falei.

Tara ergueu os olhos da carta e me fitou.

– Não acredito que Noelle fosse capaz de uma coisa dessas.

Balancei a cabeça.

– Nem eu. Parece impossível.

– Prontinho! – disse a garçonete ao surgir novamente, dessa vez com minha salada e o filé de Tara. – Eu não sabia se a senhora queria o molho à parte ou na salada – completou ela enquanto colocava o prato diante de mim.

– Está bem assim – falei, olhando para o potinho com molho.

Eu não iria comer a salada, de qualquer jeito, por isso não fazia diferença. Só queria que ela deixasse a comida e fosse embora.

– Desejam mais alguma coisa? – indagou a moça.

– Não – respondeu Tara. – Obrigada. É só.

A garçonete se foi e Tara empurrou o prato, aparentemente também sem apetite agora.

– Talvez tenha sido por isso que ela deixou de ser parteira – observou.

Claro. Nem acreditei que não havia pensado nisso.

– Tenho a impressão de que não a conhecia – falei. – Sei que ando dizendo isso bastante nos últimos tempos, mas agora realmente, *realmente*, estou me sentindo assim. Não sei se a odeio por isso ou se sinto pena dela por ter guardado esse segredo pavoroso todos esses anos.

– Existe uma chance de que isso seja... de que isso não seja verdade? – indagou Tara. – Quero dizer, talvez ela estivesse escrevendo um romance ou... um conto ou coisa assim e isso fosse apenas uma experiência literária.

– Adorei a ideia, Tara, mas você acredita mesmo nisso?

Tara balançou de leve a cabeça.

– Ela matou um bebê – falou devagar, lentamente, como se testasse o peso das

palavras. – Alguma pobre mulher nem sequer soube que a filha morreu.

– E que estava criando a filha de outra.

– E que o bebê *dess*a mulher foi sequestrado! – exclamou Tara, erguendo a carta.

– Você acha que ela pode ter escrito *outra* carta ou um e-mail para Anna? – perguntou. – Que Anna tenha recebido?

– Também já me fiz essa pergunta – confessei. – Mas aí nós não saberíamos? A coisa toda não teria vindo à tona? Não teria havido um estrondoso processo judicial?

Estendi a mão para pegar minha taça de vinho, mas tudo já estava começando a rodar e acabei pousando a mão no colo.

– Você achou algum documento na casa dela que pudesse estar relacionado com uma ação judicial? – indagou Tara.

– Não, nada desse tipo – respondi.

– Talvez ela tenha chegado a enviar uma carta, mas anonimamente, e Anna não tenha podido descobrir de quem se tratava.

Assenti.

– Dá a impressão de que ela planejava mandar *esta* carta anonimamente – observei. – Ela só fala dos “pais extraordinários” para assegurar a Anna que a filha está bem cuidada, não para revelar quem eles são. Por isso não acho que ela fosse revelar quem *ela* é... quem ela *era*...

– O que ela quis dizer quando falou no artigo de jornal? – perguntou Tara.

– Não faço a mínima ideia.

– O que Ted acha?

– Não contei a ele.

Talvez jamais contasse. Chegara a pensar em não contar a ninguém, numa tentativa de esquecer o que sabia, mas não poderia viver com esse segredo. Não poderia viver *sozinha* com ele.

– O que vamos fazer com isso, Tara? Ignorar?

– Acho que não podemos – disse Tara.

– Ah, Tara, isso é horrível! Ted nem queria que eu levasse para casa a caixa de cartas, agora me arrependo de não ter dado ouvidos a ele. Se eu tivesse jogado tudo fora, não teria descoberto nada disso.

– Mas descobriu. Nós descobrimos.

– Odeio isso – falei. – Se formos à polícia... Não quero a mídia toda em cima disso. E Noelle... Seu legado. Todo o bem que ela fez. O nome dela vai ser jogado na lama.

– Olhe aqui – disse Tara, recostando-se no sofá. – Temos uma prova muito, muito, tênue aqui. E talvez ela *estivesse* escrevendo um conto, por que não? Acho que a primeira coisa a fazer é tentar descobrir quem é essa Anna. Se descobrirmos que existe realmente uma Anna e tudo isso parecer ter acontecido de verdade, então pensamos no próximo passo.

Senti ao mesmo tempo alívio e culpa por ter arrastado Tara para essa história.

– Desculpe por ter lhe contado, Tara. Sei que é a última coisa de que você precisa agora, mas eu não queria ficar sozinha com isso.

– Você não está sozinha, querida.

– Então... – falei, virando novamente a carta para mim e enxergando meio borradas as palavras. – O que vamos fazer para tentar descobrir quem é Anna? Noelle diz aqui que leu um artigo no jornal que a mencionava, então podíamos... sei lá... verificar jornais antigos, talvez?

– Talvez o bebê que ela matou... – Tara estremeceu ao pronunciar essa palavra. – Talvez ele tenha sido o último bebê que Noelle trouxe ao mundo.

Senti um arrepio.

– Tenho os registros dela lá em casa – falei.

Eu estaria assim tão perto de saber de quem era o bebê que Noelle deixara cair?

A garçonete se aproximou da nossa mesa e pude vê-la checar nossa comida intocada.

– Está tudo bem por aqui? – perguntou.

– Tudo ótimo – falei, e Tara fez um pequeno gesto com a mão que disse *Por favor, nos deixe sozinhas* tão bem quanto se houvesse pronunciado as palavras.

– Posso ver o último registro que ela fez – sugeri, assim que a garçonete se foi. – Se for de uma menina, bom...

Olhei para Tara e dei de ombros.

– Se for uma menina – emendou Tara –, a gente pensa no que fazer em seguida.

Noelle

Universidade da Carolina do Norte, Wilmington
1988

Noelle nunca fora tão feliz na vida. Suas aulas e estágios iam bem e ela adorava o trabalho de monitora. As moças no seu andar recorriam a ela naturalmente com seus problemas, e não era raro encontrá-la sentada no chão com um grupo delas em torno de si no fim do corredor, conversando sobre namorados, professores ou falando de seus relacionamentos umas com as outras. Era como um minigrupo de apoio, um encontro informal altamente prazeroso. Contudo Noelle se assegurava de que qualquer pessoa se sentisse bem-vinda. Não tinha a intenção de ver seu grupo do fim do corredor virar um grupinho fechado.

As outras monitoras achavam que ela se envolvia demais com as alunas. “Você só precisa estar disponível para o caso de elas precisarem de alguma ajuda”, diziam, mas Noelle tinha um jeito protetor em relação às moças de seu andar. Queria ser um porto seguro para elas. Na noite em que uma delas quase morreu por intoxicação alcoólica, Noelle chorou, porque deveria ter previsto o problema. Mas conseguiu reconhecer a bulimia de outra, intervindo antes que fosse tarde demais, e aconselhou uma terceira enquanto ela decidia o que fazer quanto a uma gravidez indesejada – mesmo tendo ficado arrasada quando a garota optou por um aborto.

Trocando em miúdos, ela adorava aquelas meninas. O fato de amar uma delas mais que as outras era algo que Noelle estava aprendendo a esconder.

Conseguira adquirir ao menos certo controle sobre as próprias emoções no tocante a Emerson McGarrity, esforçando-se ao máximo para tratá-la da mesma maneira como tratava as demais alunas do seu andar. Se alguém notou que ela dava um pouco mais de atenção a Emerson, que seu rosto se iluminava toda vez que a via, que fazia mais perguntas à nova aluna do que às outras quanto à sua adaptação à vida no campus, às aulas e à família, não fez qualquer comentário, ao menos não com Noelle. Para ela, já deixara de ser importante que Emerson soubesse do vínculo entre as duas. O fato de estar perto dela, de fazer parte de sua vida, lhe bastava. Era óbvio que Emerson nada sabia sobre a mãe ter engravidado na adolescência e também era óbvio que a existência de Noelle havia sido varrida para debaixo do tapete. Noelle decidira deixar para sempre as coisas como estavam. Não magoaria Emerson ou a

família dela, mas, de um jeito ou de outro, faria parte da vida da irmã. Não a perderia, agora que a encontrara.

Noelle começara também a gostar de Tara. Sua exuberância contrabalançava muito bem a natureza calma e delicada de Emerson e ela era muito mais centrada do que Noelle imaginara a princípio. Durante a maior parte da vida, Tara vira a mãe entrar e sair de hospitais psiquiátricos. Não era com facilidade que Tara falava disso, e Noelle se emocionou quando ela lhe revelou essa faceta de si mesma. Noelle passou a ver no amor de Tara pelo teatro sua forma de fugir de uma infância e uma adolescência difíceis de enfrentar.

Havia, porém, um pequeno problema na vida de Noelle: Sam Vincent.

Muitos rapazes no campus se sentiam intrigados com relação a Noelle, mas ela só se sentira atraída – *seriamente* atraída – por dois homens na vida. Sam era o terceiro.

Ela o conheceu na segunda semana de aulas, ao passar pelo quarto de Tara e Emerson para lhes oferecer barrinhas de cereais. Sam estava lá sozinho. Tara e Emerson se encontravam na cozinha do dormitório assando biscoitos. Da cama impecavelmente arrumada de Tara, onde estava esparramado escrevendo num caderno, ele ergueu os olhos para Noelle e abriu um sorriso fácil e instantâneo. Não foi preciso mais nada. O sorriso acabou com Noelle, que se sentiu derreter por dentro, com o coração batendo tão rápido quanto na primeira vez que entrara no mesmo quarto e pusera os olhos em Emerson.

– Você é o Sam – disse ela, lançando um olhar para o rapaz de cabelo comprido na foto sobre a cômoda de Tara.

Esse Sam parecia diferente. O Sam da foto era um garoto. O sujeito de cabelo curto deitado na cama era um homem. Esbelto. Não excessivamente másculo; os machões nunca lhe agradaram. Cílios grossos e negros emolduravam seus olhos azuis e os lábios eram carnudos e levemente arrogantes. Não fosse pelo queixo tão quadrado, ele seria absurdamente bonito.

– Sou – confirmou o rapaz. – Estou esperando Tara. Você mora aqui, no dormitório?

– Sou a monitora. Noelle.

– Ah, bom.

Ele se sentou na cama e encostou na parede. Pousou o caderno a seu lado e cruzou os braços sobre o peito.

– Tara me falou muito bem de você.

Noelle sorriu e se sentou na cadeira da escrivaninha de Emerson.

– Que bom. Também gosto dela – falou Noelle, antes de apontar com o queixo o caderno. – O que você está escrevendo?

– Um diário – respondeu ele, com uma pontinha de vergonha, enquanto pegava o caderno na cama para pô-lo no colo.

Os braços eram bastante bronzeados e com uma penugem escura.

– Achei que valia a tentativa. Sabe, anotar meus pensamentos mais profundos e

sombrios.

Noelle adorou a resposta. Que rapaz escrevia um diário? Se já não o tivesse rotulado de raridade, rotularia agora.

Os dois conversaram um pouco sobre a universidade e os planos dele para o curso de direito. Ele lhe contou que conhecia Tara desde que os dois eram pequenos, embora Noelle já soubesse disso. Na verdade, nada do que ele lhe disse foi novidade. Tara falava do namorado o tempo todo. Os dois trocaram algumas palavras, mas elas não tiveram a menor importância. Podiam estar falando do tempo ou do que haviam jantado na véspera. A comunicação entre ambos não se deu por meio de palavras. Algo mais profundo aconteceu. Noelle sentiu isso e soube, no próprio derretimento, na voracidade, que o mesmo aconteceu com ele. A maneira como Sam retribuiu seus olhares. A maneira como não conseguia parar de sorrir para ela, independentemente do que ela dissesse.

Noelle ofereceu a Sam uma das barrinhas de cereias e observou seus dedos perfeitos e bronzeados rasgarem a embalagem. Ele deu uma mordida e depois lambeu uma migalha que ficara nos lábios, os olhos azuis fixos nela. Ela o imaginou a seu lado na cama, ambos nus. Imaginou-o entre suas pernas, deslizando para dentro dela. Nem sequer tentou apagar essa imagem da cabeça. Se não fosse por Tara, teria lhe perguntado sem hesitar “Quer fazer amor comigo?”, porque esse era o seu estilo. Por que dourar a pílula? E se não fosse de Tara, ele teria dito sim.

Mas ele *era* de Tara e, no fundo do seu coração, Noelle soube que seria para sempre.

A n n a

Washington
2010

Havia poucas coisas que eu detestasse tanto quanto ver Haley sob anestesia geral. Durante uma hora, duas ou três, era como se ela não mais existisse. Eu sempre tentava me tranquilizar pensando que ao menos ela não sentia dor enquanto estava apagada. Ainda assim, o fato de ela estar tão distante, tão inacessível, me apavorava.

Ela recebera a transfusão alguns dias antes e a contagem de glóbulos vermelhos tornara a subir como se esperava, mas agora o cirurgião estava transferindo para o outro lado o cateter venoso que implantara em seu peito dolorido e faria também uma punção na medula. Era incessante a tortura que a faziam sofrer. Haley se mostrara resignada quando o cirurgião lhe contou o que pretendia fazer hoje, mas tive a sensação de que ela o teria espinado caso Bryan não estivesse presente. Sempre se comportava muito bem na companhia do pai. Na verdade, eu preferia seu lado briguento. Gostava quando usava palavras com os médicos. Não era bom que represasse a raiva e a frustração. Só que Haley queria que o pai a visse como uma garota meiga – algo que na maior parte do tempo ela era mesmo, quando não estava entupida de esteroides e lutando pela vida.

Achei que Haley não tivesse entendido todas as implicações dessa punção na medula. Seria feita uma avaliação de DRM. Doença residual mínima. Se estivesse alta, era sinal de que a química não vinha cumprindo sua missão e seria necessário um transplante de medula. Seguir essa trilha me apavorava. Significaria mais quimioterapia agressiva, além de radioterapia no corpo todo para destruir o sistema imunológico, tudo isso apenas a fim de prepará-la para o transplante. E, é claro, teriam de encontrar um doador. Portanto, se eu fosse do tipo de pessoa que reza, eu estaria rezando por níveis de DRM muito baixos. Muito, muito baixos. Embora tivessem sido necessários quase dois anos inteiros de tratamento, a química sozinha dera conta do câncer quando Haley era pequena. Eu tinha esperança de que acontecesse o mesmo dessa vez.

Assegurei-me de que o pessoal do centro cirúrgico tinha o número do meu celular e desci até a cantina para tomar um café e ligar para o escritório. Bryan estava numa entrevista de emprego em Bethesda. Ele se oferecera para cancelar o compromisso

quando lhe contei da cirurgia, mas insisti que não o perdesse. *Estou acostumada a lidar com isso sozinha*, quase falei, mas me refreei a tempo. Não era hora de fazê-lo sentir-se culpado.

Não fui direto para a Ala Leste, porém. Em vez disso, caminhei até a UTI neonatal. Não era a primeira vez desde a volta do câncer de Haley que eu me pegava vagando pelos corredores dessa UTI, ainda que soubesse que agora os bebês eram mantidos em total segurança em quartos privados e não fosse mais possível vê-los, como acontecia anos antes. Na verdade, isso me deixava feliz. Não queria que os bebês ficassem expostos.

De vez em quando meu trabalho me levava a hospitais, e eu sempre acabava tentando ver os bebês. Os bebezinhos mínimos me deixavam emocionada, com todos aqueles fios e tubos, aqueles peitinhos ossudos inspirando e expirando, como se cada fôlego fosse um esforço. Eram tão vulneráveis. O fato de dependerem da proteção de outras pessoas sempre me cortava o coração.

Por que eu fazia isso comigo? Por que olhar? Por que estudar as feições dos bebês, procurando um que se parecesse com Lily? Às vezes era como se eu não conseguisse ir embora. Precisava montar guarda. As enfermeiras não eram capazes de vigiar os bebês o tempo todo. Mesmo aqui, na UTI neonatal reformada do hospital infantil, eu começava a procurar más intenções nos rostos de cada pessoa que passava por mim. E então percebia que estava na hora de ir embora. Eu me tornei diretora do Departamento de Crianças Desaparecidas em parte por causa do meu próprio sofrimento e da minha dedicação, mas também porque consegui manter a sanidade. Foi ela que permitiu que eu me distanciasse da tragédia pessoal e fizesse o departamento funcionar racionalmente. Por isso tinha de bater em retirada quando começava a imaginar alguém – uma das enfermeiras? um estranho? – entrando no berçário, retirando os tubos e fios de um daqueles bebês frágeis e impotentes e saindo com ele porta afora.

Quis que Haley nascesse em casa apenas por esse motivo. Jamais fui do tipo de defender partos em casa. Não era dessas mulheres que desconfiam do sistema médico ou que temem passar por uma cesariana desnecessária porque o obstetra não pode perder o jogo de golfe. Mas quis dar Haley à luz cercada de pessoas em que eu confiava, com uma parteira cujas referências eu passara horas levantando e uma doula que já conhecia de longa data.

Meu celular tocou quando eu me dirigia para a unidade de oncologia. Conferi o identificador de chamadas: era o cirurgião de Haley. Parei de andar e atendi.

– Como ela está? – indaguei.

– Em recuperação – respondeu o médico. – Ela se saiu muito bem.

– Estou chegando – disse.

Liguei para Bryan, recomeçando a andar.

– Ela está em recuperação – falei.

Pude ouvir uma voz de mulher ao fundo. Risos. Afinal, ele estava ou não numa

entrevista de emprego? Por um instante, senti uma pontada de desconfiança. Depois disse a mim mesma mais uma vez que ele voltara por causa de Haley, e não por mim. Eu precisava me lembrar disso.

– Como ela se saiu? – perguntou Bryan.

– Disseram que muito bem.

– Estou chegando daqui a umas duas horas – acrescentou. – Está bem assim?

– Está ótimo – falei, percebendo a frieza na minha voz.

– Quer que eu leve alguma coisa para você?

– Não. Não preciso de nada – agradei, caminhando mais rápido ao me aproximar da sala de recuperação. – Eu só quero vê-la.



Na sala de recuperação, deslizei minha mão para dentro da de Haley. Seu rostinho inchado estava em paz, por ora. Sentei ao lado da cama e aguardei que suas pálpebras estremecessem ou seus lábios ressecados se entreabrissem, qualquer sinal de que ela estivesse voltando para mim. Ela tomara anestesia geral três vezes nos últimos dois ou três meses, e eu sempre me angustiara, temendo que ela não voltasse a mesma, que, de alguma forma, a anestesia a transformasse. Mas Haley abriu os olhos e pude ver minha filha corajosa em seu sorriso cansado.

– Ta-dááá! – exclamou Haley.

Toquei seu rosto.

– Saiu tudo perfeito – falei. – Uma beleza.

Uma enfermeira puxou a camisola hospitalar alguns centímetros para examinar a pele rósea em torno do novo cateter no peito de Haley.

– Como está a dor, numa escala de um a...

– Três – respondeu Haley antes que a enfermeira terminasse a pergunta.

– Três na escala de Haley é mais ou menos seis na de uma pessoa comum – informou a enfermeira.

Ela conhecia minha filha. Todos no hospital a conheciam. Chamavam-na de “hóspede frequente”, uma daquelas crianças que viviam voltando ali para tratamento.

– Que seja – disse Haley. Depois ergueu os olhos para mim: – Cadê o papai?

– Está a caminho.

– Ótimo – aprovou ela, e os cantos de sua boca se ergueram levemente antes que ela adormecesse de novo.



Uma hora depois, já no quarto verde-limão de Haley no hospital, eu continuava sentada a seu lado. Ela acordara e adormecera várias vezes na sala de recuperação, mas agora se encontrava num sono pesado e eu não queria incomodá-la. Sentei-me no sofá-cama e comecei a trabalhar um pouco no laptop. Eram tarefas

administrativas chatas, porém necessárias. De vez em quando eu parava para observar o rosto de Haley, suas bochechas excessivamente pálidas, excessivamente redondas, bem como os resquícios de brotoeja no pescoço, efeito colateral de um dos medicamentos. Eu colocara Fred em seus braços, e os grandes olhos marrons de plástico do ursinho fitavam o espaço. Passado um tempo, um enfermeiro entrou no quarto. Era um negro de óculos, magro como um varapau. Eu o reconheci na mesma hora.

– Tom!

– Oi, Sra. Knightly – respondeu ele. – Lembrou-se de mim?

– Claro que sim!

Levantei-me e lhe dei um abraço. Dez anos antes, Tom havia sido um dos enfermeiros de Haley, um dos nossos favoritos. Ele não mudara nada.

– Não acredito que você continue aqui!

– E eu iria aonde? – disse ele, rindo. – Na verdade, passei os últimos meses longe cuidando de uns assuntos de família – prosseguiu, revirando os olhos. – Quando cheguei hoje de manhã e vi o nome Haley Hope Knightly no quadro... – falou, balançando a cabeça. – Sinto muito que ela precise passar por tudo isso outra vez.

– Eu também.

Lembrei-me de uma vez, tempos antes, em que Tom, sem querer, deixara escapar como era frequente ver as crianças voltarem para a unidade de oncologia anos depois. Estranho o tipo de coisas de que a gente se lembra. As coisas que podem nos assombrar. Ele percebera o erro, também me lembrei disso. Voltara atrás e dissera que a maioria das crianças ficava bem e que tinha certeza de que aconteceria o mesmo com Haley.

Observei-o conferir os sinais vitais de minha filha e ajustar uma das bolsas que pendiam do suporte de soro. Então seu olhar pousou no porta-retratos sobre a mesinha de cabeceira, que tinha uma foto de Haley e minhas sobrinhas. Tom deixou escapar uma exclamação antes de pegá-la para examinar mais de perto.

– As primas! – disse ele. – Como cresceram!

– Você se lembra delas? – indaguei, surpresa.

– Como poderia esquecer? Elas entravam a mil por hora no quarto, como um bando de gansos grasnando, fazendo a maior algazarra. Não pareciam só irmãs, mas quíntuplas.

– Quádruplas – corrigi. – Eram quatro. Embora dessem a impressão de mais. Eram as gêmeas e mais duas meninas com poucos anos de diferença.

– Preciso confessar que eu detestava quando elas vinham visitar Haley – disse o enfermeiro, rindo. – Entravam aqui trazendo o caos e seus germes de garotinhas.

– Mas Haley adorava – intervim.

Tom apontou para a menina no centro da foto:

– E essa aqui no meio é a nossa Srta. Haley.

A foto tinha sido tirada no último verão, na praia. O farol de tijolos vermelhos se

destacava a distância atrás das meninas, que posavam como mulheres fatais em seus trajes de banho. Madison e Mandy à esquerda; Megan e Melanie à direita. Cada uma delas usava o cabelo escuro preso num rabo de cavalo jogado sobre o ombro. Haley se destacava entre as primas, com seu cabelo castanho mais claro. Com seus olhos mais claros. Ela estava rindo tanto que havia sido um desafio conseguir que parasse por tempo suficiente para que eu batesse a foto. Haley parecia tão incrivelmente sadia ali, sem qualquer sinal da doença que vinha plantando suas sementes em seu corpinho naquele exato momento. Ela insistia em levar a foto para o hospital todas as vezes que se internava. Eu não aprovava. Qual seria sua sensação ao ver, dia após dia, aquela versão antiga e vibrante de si mesma?

– Soube que o pai dela está acompanhando a senhora desta vez – disse Tom.

Ele tornou a pôr a foto sobre a mesinha para poder escrever alguma coisa no prontuário de Haley.

Todo tipo de resposta brotou em minha mente, mas resolvi ser caridosa.

– Está, sim. Ele morava na Califórnia, mas se mudou de volta para cá assim que contei da recaída de Haley.

– Lembro que da última vez eram só a senhora e ela – observou o rapaz, que terminara de escrever e agora me olhava por sobre a cama de Haley. – Não me recordo de todos os pacientes, mas não me esqueci da senhora e de Haley, porque, mesmo sendo tão pequena, ela dava a impressão de ser adulta. Cuidava da senhora tanto quanto a senhora cuidava dela.

Essa constatação poderia soar estranha, mas era a mais absoluta verdade. Haley aparentemente sentia que faltava algo dentro de mim, mesmo quando eu escondia isso do restante do mundo. Ela sabia. Quando ficou mais velha e eu lhe contei sobre Lily, Haley finalmente entendeu e pareceu também sentir aquela perda.

– A senhora era representante de um laboratório farmacêutico na época, não? – indagou Tom.

– A-hã – confirmei, fechando o laptop. – Larguei o emprego quando Haley adoeceu.

Eu já corria o risco de perdê-lo, porque me recusava a viajar desde o nascimento de Haley, o que era essencial no meu cargo. Todas aquelas viagens até Wilmington. Um dia eu gostara daquela cidade. Agora tinha horror.

– Bryan tinha acabado de dar baixa no Exército e estava trabalhando na IBM.

– Não me lembro dele – disse Tom.

– É, ele foi embora logo depois que Haley ficou mal. Não conseguiu lidar com a doença da filha.

Além de todo o resto, quase acrescentei.

– Quanto tempo vocês dois ficaram casados? – indagou Tom.

Vi a aliança no dedo dele. Não consegui me lembrar se ele já era casado na última vez em que nos vimos.

– Seis anos.

Mentalmente eu dividia esses anos em três segmentos. Primeiro, dois anos maravilhosos quando éramos só nós dois. Morávamos na base em Fort Belvoir e eu adorava o emprego de representante de laboratório farmacêutico. Éramos jovens, tão mais jovens. Nosso relacionamento tinha uma energia e uma paixão das quais eu mal me recordava agora.

Então, tudo desandou. Bryan foi enviado à Somália, onde quase acabou morto, Lily nasceu e eu tive um derrame que por pouco não me matou. Um pesadelo total e absoluto. Bryan e eu nos acomodamos em um casamento tenso e repentinamente sem amor, e ele foi para o exterior de novo. Feliz por isso, imaginei. Engravidei de Haley sem querer e contra as ordens médicas durante uma das licenças de Bryan, prova de que pílulas anticoncepcionais não são cem por cento eficazes. Prova de que ainda é possível fazer amor quando nos sentimos mortos por dentro. Minha gravidez deixou todos os meus médicos aflitos, mas a pressão ficou controlada e me senti bem e cheia de esperança. Ao longo do primeiro ano de vida de Haley, houve uma felicidade cautelosa em nossa casa. Bryan saiu do Exército e foi trabalhar na IBM para poder ficar perto. Lembro-me de ter pensado que ele estava cuidando de nós, compensando o fato de não ter nos protegido o suficiente na primeira vez. Nossa felicidade era frágil e estávamos só começando a acreditar nela quando surgiram as febres de Haley. Bryan bateu em retirada tão rápido que nem pude prever. Num minuto ele estava lá conosco e, no minuto seguinte, tinha sumido. Para mim era tão inacreditável quanto imperdoável que ele tivesse nos deixado, que se afastasse totalmente da filha.

– Mas agora ele voltou – disse Tom. – Justo quando ela mais precisa dele.

Assenti.

– Isso mesmo – concordei, engolindo a raiva.

Eu teria de achar um modo de deixar o passado para trás.



Vinte minutos depois, eu estava novamente trabalhando no laptop quando Bryan entrou no quarto. Mal olhou para mim antes de ir direto até a cama de Haley.

– Como ela está? – indagou, tocando de leve o braço da filha enquanto examinava o rosto dela.

– Perguntou por você assim que acordou da anestesia – contei.

– Sério?

Os óculos dele refletiram a luz do sol que entrava pela janela próxima à cama. Não consegui deixar de ser tocada pela emoção em sua voz quando ele pronunciou essa única palavra.

– Sério – falei. – Como foi a entrevista?

Ele deu de ombros.

– Bem, eu acho. O tempo dirá.

Lembrei a risada que ouvira pelo celular. Não soube definir por que isso me incomodava tanto. Eu estava acompanhando uma filha inconsciente, enquanto ele ria com outra mulher. E daí? Eu não sabia o que queria dele.

– Quando vai sair o resultado dos níveis de DRM? – perguntou Bryan.

– Provavelmente só daqui a um ou dois dias.

– Quer tirar uma folga? Posso ficar com ela um pouco.

Olhei para minha filha adormecida. Se estivesse acordada, eu talvez aceitasse a oferta, mas não podia deixá-la assim, tão exausta e fraca. Eu já saíra de perto de outra filha indefesa um dia. Nunca mais faria isso.



Na noite seguinte, Jeff Jackson ligou para passar os resultados da punção na medula de Haley.

– A química não está resolvendo – disse ele. – Sinto muito.

– *Merda!*

Eu estava na cantina do hospital infantil, respondendo e-mails atrasados, enquanto Bryan fazia companhia a Haley no quarto lá em cima. Eu os deixara jogando na internet quando saí. Não me passava pela cabeça que a notícia pudesse vir tão rápido, e era uma que eu não queria ouvir.

– Então vamos partir para um transplante agora? – perguntei.

– Vamos passá-la para uma química que a manterá estável enquanto procuramos um doador. Os níveis de DRM estão mais altos do que eu gostaria e vamos ter que correr em busca de alguém compatível. Vou marcar uma hora para vocês com Doug Davis amanhã. Ele é o chefe da equipe de transplante e vai colocá-los a par do que os espera.

– Bryan e eu faremos testes para ver se somos compatíveis? – indaguei. – Podemos fazer logo?

– Vou deixar que Doug explique tudo isso a vocês.

– Então... – falei, olhando para a tela do meu laptop sem vê-la de verdade. – Afinal, essa notícia é boa ou ruim?

– Nem uma coisa nem outra – respondeu o médico. – É uma notícia, só isso.

Detestei essa resposta. Imaginei-me dizendo o mesmo à família de uma criança desaparecida. *Bom, é uma notícia, só isso.*

– Quero uma resposta melhor que isso – exigi.

Ele hesitou.

– Eu gostaria que a notícia fosse melhor – respondeu Jeff Jackson, afinal.

Era o melhor que ele podia fazer. O máximo que eu podia exigir dele.

– Está bem – concordei, deixando-o em paz.

Eu estava sozinha nisso. Foi então que pensei em Bryan na unidade de oncologia, sentado ao lado de Haley. Pensei na afeição nova de Haley pelo pai. No afeto em sua voz quando falava dele. Em como gostava de usar a palavra *papai*. Lembrei-me de

Bryan na véspera, quando ele apareceu no quarto de Haley após a cirurgia. Ele indo direto até a cama da filha. Ele tocando o braço dela. E pensei que talvez, apenas talvez, eu não estivesse sozinha, afinal.

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte

Achei que estivesse gritando. Acordei abruptamente e levantei de um salto da cama. Só então me dei conta de que não era a minha voz que ouvira, mas a de Grace. Saí em disparada pelo corredor até o quarto dela, imaginando que alguém a estivesse machucando, preparada para arrancar os olhos do intruso com minhas próprias mãos.

Mas Grace estava sozinha. Sentada na cama e com o corpo inclinado para a frente, à luz tênue da lua, tapava os ouvidos com as mãos. Quando me aproximei, sua voz já soava tão débil e sufocada que mal consegui ouvi-la.

– *Socorro, socorro* – gemeu ela.

– Grace! – chamei, envolvendo-a nos braços. – Está tudo bem, querida – falei, embalando-a e sentindo-a apoiar-se em mim. – Foi um pesadelo, só um pesadelo.

Lembrei que ela me deixava segurá-la assim quando era pequena e, embora odiasse vê-la assustada, adorei a sensação de abraçá-la sem ser repelida.

– O que foi, amor? Quer me contar o que aconteceu?

Ela sempre contava seus sonhos a Sam. Costumava despejar todos sobre ele, que ouvia atentamente, como se fosse guardar com carinho cada detalhe para sempre.

Senti que ela balançou a cabeça sob o meu queixo. Agarrou e soltou meu braço mais de uma vez, o que me fez pensar na mãozinha dela abrindo-se e fechando em meu seio enquanto eu a amamentava.

– Você sonhou com seu pai? – perguntei, mas depois mordi o lábio. Ela odiava minhas intrusões.

– Noelle morreu por culpa minha – disse ela tão baixinho que achei ter ouvido mal.

– Culpa sua? Não, Gracie! Como poderia ser culpa sua?

Ela balançou a cabeça outra vez.

– Me conte – insisti. – Por que você acha isso?

Grace se afastou, mas apenas um pouco, de modo que nossos corpos continuaram se tocando. Quando estendi o braço para afagar suas costas, ela não se esquivou.

– No dia em que morreu, ela me mandou um e-mail – respondeu Grace. – Era o tipo de e-mail que ela sempre mandava, tentando fazer com que eu me sentisse culpada e me oferecesse como voluntária.

– A-hã – murmurei.

– E Cleve também mandou um e-mail. Eu estava respondendo a ele, contando como Noelle às vezes era chata, falando um monte de coisas negativas sobre ela, tipo ela ser maluca e tudo mais. E, assim que mandei, percebi que tinha enviado para ela, não para Cleve.

– Não!

Fiquei feliz por estar escuro e ela não poder ver o meu sorriso. Eu já fizera a mesma coisa mais de uma vez. Quem não fez? Mas senti pena de Grace e senti pena por Noelle receber um e-mail como esse de uma garota que ela adorava.

– Todo mundo comete esse erro um d...

– Aí ela se matou – interveio Grace. – Tipo, poucas horas, talvez poucos *minutos* depois de receber meu e-mail. Ela leu aquelas coisas horríveis que eu falei dela e então se matou.

– Não, Grace. Você não pode se culpar pelo suicídio dela. Talvez Noelle nunca tenha chegado a ler o seu e-mail e, mesmo que tenha lido, isso não seria suficiente para fazer alguém pirar. O que quer que estivesse incomodando Noelle era mais sério e já vinha acontecendo há muito, muito tempo.

Eu mesma vinha tendo dificuldades para dormir nesses dois dias desde que Emy me mostrara a carta que encontrara. Eu não conseguia pensar em outra coisa. Não parava de imaginar um bebê escorregando das mãos de Noelle. Quando? Onde? Como ela devia ter se sentido péssima! Tentei em vão apagar a imagem da minha cabeça. Eu gostaria de poder contar isso tudo a Grace para tranquilizá-la, mas o segredo precisava ficar entre mim e Emerson por enquanto. Talvez para sempre.

Como de hábito, porém, não consegui suportar o silêncio e a distância que começavam a surgir entre nós outra vez conforme Grace se recuperava do pesadelo.

– Eu sei de algumas coisas sobre Noelle – comecei, sentindo necessidade de preencher o silêncio e mantê-la conectada a mim. – Existem alguns motivos para a depressão de Noelle que explicam o suicídio, amor, e acredite que eles não têm nada a ver com você. Isso teria acontecido independentemente de você mandar ou não o e-mail.

– Que tipo de coisas? – indagou Grace, olhando para mim quase desconfiada, os olhos cintilando ao luar.

– Não posso falar disso ainda. Emerson e eu estamos tentando descobrir por que Noelle estava tão deprimida. Achamos que aconteceu alguma coisa com... com Noelle, há muito tempo...

– Tipo ela ter sido molestada?

– Não, nada disso.

Eu não devia ter dito nada. A possibilidade era grande de que eu jamais fosse capaz de revelar a Grace o que sabia sobre Noelle.

– Nem *eu* conheço os detalhes, mas estou contando isso a você para tirar esse peso da sua consciência. Você só precisa saber que não tem absolutamente nada a ver com

o que aconteceu com Noelle, certo?

Ela assentiu de leve, enquanto voltava a se deitar.

– Acha que vai conseguir dormir de novo?

– Estou bem – disse Grace, acomodando-se sob as cobertas e virando de lado, de frente para a parede.

O lugar em meu corpo onde ela se aconchegara pareceu ficar gelado. Eu não queria ir embora. Toquei seu ombro. Afaguei-o.

– Você não trabalha hoje à tarde, não é? – indaguei.

– Não, só amanhã.

– Posso lhe dar uma carona para casa, então.

– Jenny vai me dar.

Hesitei.

– Dá para ver que você ainda está nervosa – comentei. – Como você parece com seu pai, amor. Fica ruminando as coisas, e isso não é bom. Talvez hoje à noite a gente possa...

– Mãe! – exclamou Grace, rolando para ficar de barriga para cima e, embora eu não pudesse ver direito o rosto dela, tive certeza de que me fuzilava com os olhos. – Eu quero *dormir*!

– Está bem – concordei, sorrindo, conformada, para mim mesma.

Ela havia me dado o mindinho e eu tentara pegar o braço todo. Inclinei-me e beijei seu rosto.

– Eu te amo. Durma bem.



Precisei conter o impulso de ir ver como estava Grace no dia seguinte, para ter certeza de que se sentia bem depois da noite agitada. Isso era, ao mesmo tempo, a vantagem e a desvantagem de ser professora na escola da filha: o acesso a ela era fácil demais. Mas ela não gostaria da minha interferência, então fiz um esforço extra para não encontrá-la ao longo do dia.

Quando entrei em casa depois da aula naquela tarde, a luz da secretária eletrônica estava piscando no telefone da cozinha. Digitei a senha e levei o fone ao ouvido.

“Oi, Tara”, disse a voz de Ian. Então ele deu uma risadinha. “Devo confessar que levo um susto toda vez que ouço a gravação de Sam na secretária eletrônica. Mas é bom. É bom ouvir a voz dele. Só estou querendo notícias suas. Espero que esteja tudo certo com você e Grace.”

Pus o telefone no gancho.

Bem...

Honestamente, eu me esquecera por completo de que Sam havia feito a gravação da secretária eletrônica. Emy mencionara o fato nas primeiras semanas após a morte dele, mas se na época alguém dissesse que minha casa era roxa, eu não teria registrado a informação. Imaginei que ninguém havia tido coragem de tocar de novo

no assunto desde então. Salvo Ian, que falou disso de uma forma delicada.

Puxei o celular da bolsa e liguei para nosso número fixo. O aparelho na bancada tocou quatro vezes, enquanto eu mordida meu lábio, à espera. Então a secretária atendeu.

“Oi!”

Sam parecia estar ali ao lado.

“Aqui é a casa de Sam, Tara e Grace, e esperamos que você nos deixe um recado. Tchau!”

Olhei para o celular na minha mão e depois comecei a chorar, apertando o aparelho de encontro ao peito. Sentei no banquinho junto à bancada e soluzei tanto que minhas lágrimas formaram uma poça sobre o granito. Eu já dera por encerrada essa etapa do luto – esse sofrimento depressivo, de cortar a alma –, mas, aparentemente, não era bem assim.

Levei vinte minutos para me recompor. Então tornei a olhar para o telefone, dessa vez com determinação. Eu precisava trocar a gravação. A questão era que não sabia como fazer isso.

Imaginei, também, o que Grace diria. Lembrei-me da reação dela ao entrar no nosso quarto e ver que eu empacotara todas as roupas de Sam em grandes sacos de lixo pretos para doação. Ele havia morrido duas semanas antes, e eu sentia uma necessidade enorme de me livrar das roupas que ele jamais poderia usar de novo. Ouvira falar que algumas mulheres deixavam as roupas dos maridos falecidos penduradas no armário durante anos, mas o que restava do meu coração se partia quando eu via aqueles ternos, camisas, calças de brim e moletoms toda manhã no closet.

“Você está apagando o papai!”, gritara Grace comigo ao ver os sacos de lixo.

Tentei abraçá-la – queria que chorássemos *juntas* –, mas ela me empurrou e correu para o próprio quarto. Então pensei *Amanhã ela vai conversar comigo*, mas agora, duzentos amanhã depois, ela continuava tão distante de mim quanto antes. Por que eu *tinha* me livrado das coisas de Sam tão rapidamente? Seria normal isso? Pensei que o fato de não ver suas roupas todo dia no closet fosse me ajudar. Não imaginei como seria difícil deparar o vazio naquele espaço.

Peguei o telefone e digitei algumas teclas, tentando descobrir como trocar a gravação. Grace provavelmente nem notaria, de todo jeito. Ela nunca usava o telefone fixo.

Eu estava ouvindo as instruções, quando Grace entrou na cozinha. Levei um susto. Não me dera conta de que ela chegara antes de mim da escola e torci para que não tivesse ouvido minha crise. Desde o início eu sentira a necessidade de ser forte diante dela. Desliguei rapidamente o telefone, sem querer alterar a gravação na sua frente.

– O que você está fazendo? – perguntou Grace, de pé do lado oposto da bancada, olhando o telefone com desconfiança.

– Acho que está na hora de mudar a gravação na secretária – admiti –, mas não sei como fazer isso.

– Apagar a voz do papai, você quer dizer, não?

Tentei determinar se havia acusação em seu tom.

– É – respondi. – Acho que já é hora.

Em vez de olhar para mim, ela fitou o telefone, que eu segurava.

– Acho que sim – concordou, estendendo a mão para pegar o fone. – Posso fazer isso, se você quiser.

– Eu agradeceria.

Com habilidade, Grace apertou algumas teclas, antes de falar:

– Oi, aqui é a Grace.

Depois estendeu o fone de volta para mim e fiquei olhando o aparelho, sem saber ao certo o que ela queria que eu fizesse. Ela me lançou um olhar de *Você é uma idiota* e apertou outra tecla.

– Vou dizer “Aqui é a Grace”, aí você só acrescenta “E a Tara”. Depois eu concluo, certo?

– Está bem – assenti, me aproximando dela.

Nossas cabeças quase se tocavam e o aroma do seu xampu chegou até mim. Eu estava tão carente de sentir aquele perfume que um nó se formou na minha garganta.

– Oi, aqui é a Grace.

– E a Tara.

– Deixe um recado para nós – disse ela, desligando o aparelho. – Pronto.

– Obrigada – agradei com um sorriso.

– De nada.

Pegando uma maçã da tigela no centro da bancada, ela se virou na direção do corredor. Tive vontade de agarrá-la. De mantê-la na cozinha comigo. *Você conseguiu dormir de novo depois do pesadelo de ontem à noite?*, eu queria perguntar. *Me conte do seu dia! Quem é seu professor favorito ultimamente? Tem falado com Cleve?* Porém me obriguei a ficar de boca fechada, porque o que acabava de acontecer entre nós, por mais insignificante que pudesse parecer, havia sido mágico para mim e eu não queria estragar tudo.

A n n a

Washington

Bryan e eu estávamos sentados do outro lado da mesa de Doug Davis, o especialista em transplantes do hospital infantil, enquanto ele folheava a grossa pasta de Haley. Puxou uma das folhas, pousou-a sobre a mesa e tamborilou nela com o dedo.

– Já estou com o relatório sobre a medula de Haley – disse o médico – e infelizmente ela tem um tipo de célula um pouco mais difícil de compatibilizar, mas não impossível. Assim, não há motivo para sermos pessimistas.

Ele olhava diretamente para mim. Será que eu parecia pessimista? Estava, sim, apavorada. Seria a mesma coisa?

Parecia estranho estar naquele hospital sem Haley, que passava o fim de semana prolongado com Marilyn e as meninas, e eu mal podia esperar para saber de tudo à noite. Ficava feliz com o fato de ela ter um descanso, mas ficar três dias sem ela me fazia entrar em crise de abstinência. Eu sentia falta da minha filha. Odiava ter que levá-la de volta ao hospital no dia seguinte para mais uma sessão da químio.

Ela havia ligado de manhã e percebi que estava se divertindo à beça com as primas. Tinham patinado na pista coberta, animado a torcida no jogo de futebol de Megan, acampado no quintal, ido ao cinema e passado horas no shopping. Não me agradava muito a ideia de elas ficarem horas no shopping, mas, no momento, tudo o que eu queria era encher a vida de Haley com o máximo de diversão. Se ela quisesse ficar no shopping, desde que segura na companhia do bando de primas, que ficasse, ora essa.

– Podemos fazer nossos testes hoje? – indagou Bryan. – Não entendo por que não apressamos os procedimentos. Por que ninguém vem aqui neste segundo e colhe o material para os exames?

O Dr. Davis sorriu. Era tão jovem. Acordei um dia e todos os médicos com que eu lidava de repente eram mais novos que eu.

– Veremos se vocês são compatíveis – disse ele –, mas os pais costumam ser o último recurso. Raramente são compatíveis. Muito melhor, claro, é um irmão ou irmã. Haley tem irmãos?

Abri a boca para falar, mas Bryan foi mais rápido.

– Tivemos outra filha – começou, pigarreando depois e arrumando os óculos no

nariz. – Ela desapareceu logo depois do nascimento. Nem sabemos se está viva.

Suas palavras me abalaram. Elas eram as *minhas* palavras. As que *eu* costumava usar. As que faziam a minha garganta se apertar todas as vezes que eu as pronunciava. Ele não mencionara Lily uma única vez desde sua repentina aparição no quarto de hospital de Haley dois meses antes. Será que cheguei a pensar que ele se esquecera da nossa filha perdida? Havia uma dor genuína em sua voz. Havia agonia. Eu tinha pensado que estava sozinha com esse sofrimento todos aqueles anos.

– Que tragédia – exclamou o Dr. Davis, tirando os óculos. – Tanto para a bebezinha quanto para Haley. A chance é de uma em quatro de um irmão ou irmã ser compatível. Quando se trata da população em geral, ela fica perto de uma em 25 mil.

A raiva súbita que senti de Bryan – do *mundo* – me surpreendeu, e tive de me esforçar para controlá-la. Se não tivéssemos perdido Lily, teríamos uma chance em quatro de salvar Haley, simples assim.

– Ela tem primas – falei, perguntando-me como os primos se encaixavam nesse contexto confuso de quem seria ou não um doador compatível. – Quatro meninas. São filhas da irmã de Bryan.

– Vamos testar todas elas – disse o médico. – Mas o mais provável é que tenhamos de recorrer ao banco de dados dos doadores globais. Se alguém parecer compatível, pediremos uma amostra de sangue. Quase sempre encontramos doadores – acrescentou o Dr. Davis, movendo a cabeça de forma a nos encorajar. – A questão é saber com que rapidez.

Pensei em todas as histórias de pacientes que morriam enquanto aguardavam um transplante. Lembrei-me de um garotinho que estava sendo tratado no hospital infantil quando Haley era pequena e que não havia encontrado doador a tempo. Comecei a tremer como se estivesse congelando.

– Vamos manter Haley no tratamento de manutenção até encontrarmos o doador – prosseguiu o Dr. Davis. – A boa notícia é que o cabelo dela provavelmente vai crescer – concluiu sorrindo. – Ao menos durante algum tempo.

– Por que só durante algum tempo? – indagou Bryan.

Foi quando me dei conta de que ele não via o cabelo da filha desde que ela tinha 1 ano. Na época, ele era macio e quase louro. Aos 12 anos, ela o usava preso num rabo de cavalo frouxo, com longas mechas que se soltavam e caíam em volta do rosto. Haley não era vaidosa. Eu queria que ela atingisse a idade de ser vaidosa. Eu nunca chegara lá, de verdade, ou seja, continuava a ser uma mulher que não se importava muito com a aparência e só usava maquiagem quando era preciso falar em público. Não me incomodava se ela fosse ou não como eu. Só queria que tivesse a oportunidade de descobrir que tipo de mulher desejava ser.

– Quando encontrarmos um doador, teremos que começar a prepará-la para o transplante. Ela vai passar por algumas semanas de quimioterapia e radioterapia intensivas e voltará a perder o cabelo. Feito o transplante, ela terá de passar pelo

menos um mês no hospital e depois precisará de cerca de quatro meses de recuperação em casa.

Ele, então, nos falou da área de isolamento e das medidas radicais de higiene que precisaríamos adotar durante o tratamento de Haley.

– Uau! – exclamou Bryan, parecendo tão estupefato quanto eu.

Nada que o médico tinha dito era surpresa para mim. Eu fizera pesquisas. Vira outras crianças e suas famílias passarem por essa provação. Mas só agora eu percebia a realidade da situação. Agora era *Haley* que eu via enfrentando a provação que nos aguardava.



Bryan e eu fizemos praticamente calados o caminho de volta a Alexandria. Paramos no centro histórico da cidade para comprar um café e levamos nossos copinhos até um banco à beira da água. O dia estava deslumbrante. À nossa esquerda uma das barcas brancas estava ancorada, cintilando à luz do sol, e o rio Potomac era um lençol de prata diante dos nossos olhos. Tudo o que eu estava vivenciando naquele momento eu queria para Haley. Queria que ela pudesse ver essa barca, que desse uma volta nela. Que se sentasse no mesmo banco e se deslumbrasse com a água prateada. Que provasse um *caramel latte*. Aparentemente, eu não conseguia ver, cheirar ou tocar no que quer que fosse sem desejar ardentemente que ela pudesse fazer o mesmo.

Bryan e eu ficamos calados durante alguns minutos, apreciando a vista enquanto tentávamos digerir tudo o que tínhamos ouvido do Dr. Davis.

– Estou apavorada – admiti, afinal. – Mesmo que encontrem um doador compatível, parece que tantas coisas podem dar errado.

Bryan não disse nada, apenas bebericou o café e continuou a contemplar a água. Eu já ia insistir, quando ele falou:

– Olha, quero que você saiba que não vou a lugar nenhum. Não vou embora de novo.

Supus que ele estivesse querendo me tranquilizar, mas, ao contrário, suas palavras me aborreceram.

– É melhor mesmo – falei. – Não depois de ter deixado Haley se apegar novamente a você.

– Não vou.

Olhei para a água, reunindo coragem para o que diria em seguida.

– Fiquei surpresa quando você mencionou Lily.

– Por quê? Você achou que eu pudesse esquecê-la?

– Francamente, pensei nisso.

– Ah, Anna. Sério?

Virei-me no banco para encará-lo.

– Você fugiu, Bryan. Começou uma vida nova. Jamais falou dela, isto é, falou

com a polícia e as autoridades na época, mas durante todos esses anos você jamais falou *comigo* sobre ela.

– Foi um período muito difícil.

– “Difícil” não chega nem perto.

Ele tirou os óculos escuros e esfregou o nariz.

– Tenho meus arrependimentos – disse ele.

E devia mesmo, pensei.

– Então me fale dos seus arrependimentos.

Eu queria uma prestação de contas, queria ter certeza de que ele não deixaria nada de fora.

Bryan me olhou como se estivesse decidindo se mordida ou não a isca.

– Primeiro e sobretudo, me arrependo de não ter sido um pai para Haley. Não existe desculpa para isso senão covardia. Não fui um bom pai para ela desde o início. Nunca me aproximei dela. Tinha medo de me apegar e depois ela sumir, como aconteceu com Lily. Sei que é irracional, mas era assim que eu me sentia.

Lembrei-me de quão pouco ele participou da vida de Haley durante o primeiro ano dela. Na época, achei que fosse normal. Mães e bebês são tão ligados que imaginei que os pais não soubessem direito como se encaixar nesse contexto. Nunca percebi que era o medo que o impedia de se aproximar dela.

– Quando ela adoeceu... – disse ele, balançando a cabeça – foi a gota d’água. Precisei fugir. Covardia, sei disso.

– Você está assumindo o risco de perdê-la agora – falei. – O que houve?

– Acho que é meu jeito de lidar com a crise da meia-idade – respondeu Bryan, sorrindo. – Tem homens que veem a vida passar, passar depressa demais, e preenchem a lacuna com um carro espetacular ou uma namorada espetacular. Eu vi a vida passar e senti o vazio, mas sabia que não era de um carro ou de uma mulher que eu precisava. Eu sabia o que me fazia falta. Minha filha.

Ele deslizou novamente os óculos para o rosto.

– Eu estava tentando descobrir como voltar aos poucos à vida dela quando você ligou. Então soube que não seria aos poucos, mas eu precisava fazer isso. Estar aqui para ela. Para você também, Anna. Embora isso me deixasse em pânico – acrescentou, olhando para mim. – Ainda deixa. Mas se alguma coisa acontecesse a ela e eu não fizesse o esforço de tentar conhecê-la, eu jamais me perdoaria. Já havia coisas de mais pelas quais eu não conseguia me perdoar. Ganhei uma medalha por bravura no Exército, mas fui um covarde quando precisei lidar com minha família. Queria poder devolver aquela medalha.

Comecei a amolecer. Acreditei nele.

– Fico feliz por você me contar tudo isso – confessei. – É meio tarde, mas mesmo assim fico feliz.

– Mais uma coisa. Tenho um amigo aqui. Ele e a mulher têm uma concessionária de automóveis em Maryland. Fui falar com eles na semana passada, quando eu disse

a você que ia a uma entrevista de emprego.

Lembrei-me do telefonema que eu lhe dera durante a entrevista. Do riso de mulher ao fundo. Franzi o cenho, aguardando, imaginando aonde isso iria chegar.

– Eles tiveram um filho que morreu de leucemina há muitos anos. Falei sobre Haley com eles antes de vir para cá e eles me disseram que se ela viesse a precisar de um transplante, estariam dispostos a patrocinar uma campanha para encontrar um doador de medula. Esse era o assunto que eu queria conversar com eles. Para o caso de ela precisar. E agora ela precisa. Então...

– Nossa! – exclamei, sentindo-me culpada por ter desconfiado dele. – Nossa!

– Pelo que entendi, a possibilidade de encontrar um doador por meio da campanha é pequena – prosseguiu Bryan –, mas o fato é que ela acaba reunindo mais gente. Os dois me disseram que se você e Haley estiverem dispostas a tornar pública a... a história de Haley, isso ajudaria a juntar mais pessoas. Mas vocês não precisam fazer isso.

Eu teria de refletir sobre isso. Nós – nós três – tínhamos uma história um bocado tocante, considerando-se o desaparecimento de Lily e o primeiro embate de Haley com a leucemia. Mas eu não tinha certeza de que queria expor minha filha.

– Vou conversar com ela – falei. – Nós podemos conversar com ela. Seja como for, obrigada por ter tido essa ideia. Por fazer isso.

Observei um grupo de turistas fazer fila para entrar na barca. Eu continuava abismada pelo fato de Bryan ter essa campanha de doação na manga. Com o fato de ele estar um passo adiante.

– Sabe, toda essa coisa da Lily... Levei um tempão para conseguir que a ficha caísse. Eu ainda... Ainda é duro para mim falar dela. Sei que ficou furiosa comigo por eu não ter ido até Wilmington ver como ela estava. Acredite, eu me arrependo de não ter ido, mas não podia deixar você sozinha. Achei que Lily estivesse segura, mas que poderia perder você a qualquer minuto. Você ficou entre a vida e a morte.

– Eu sei – falei. – Sei que o que você fez parecia ser o certo naquele momento.

Mas eu ainda me ressentia por ele não ter tentado com mais afinco. Ligado para o hospital em Wilmington mais cedo. Pressionado mais o pessoal de lá em busca de informações. *Alguma coisa*. Ainda assim, ele não tinha como saber que Lily sumira. Como alguém poderia saber?

– Achei que o desaparecimento dela tivesse sido culpa minha – disse Bryan.

– Eu fiz com que você se sentisse assim.

Eu queria que ele se desculpasse comigo por tudo, mas de repente vi minha própria culpa. Eu o culpara porque não sabia a quem mais culpar. Eu estava em coma no hospital universitário da Duke quando o chamaram de volta da Somália e, é claro, me tornei sua principal preocupação. Ainda assim, quando voltei do coma e descobrimos que Lily, sabe-se lá como, desaparecera do hospital de Wilmington, fiquei furiosa por ele não ter ido lá verificar. Dei um gelo nele.

– Estávamos os dois ferrados – falei. – Devíamos ter procurado um bom terapeuta de casais.

– Na mesma hora – concordou Bryan, sorrindo. – Devíamos ter contratado um para morar conosco.

Depois de tomar um gole de café, acrescentou:

– Você já... Você chegou a ter alguma pista sobre o que aconteceu com ela?

Balancei a cabeça.

– Os investigadores suspeitaram que ela tivesse morrido, como você sabe. Talvez um erro médico que alguém estivesse tentando encobrir, mas nunca aceitei essa teoria.

Eu não *queria* aceitar essa teoria.

– E houve todo tipo de pistas falsas. Me ligaram uma vez, quando Haley tinha uns 3 anos. Uma mulher da Carolina do Sul entrara em contato com eles para dizer que achava que a filhinha da prima era, na verdade, Lily. A mulher contou que a prima simplesmente aparecera um dia com o bebê, por volta da época em Lily foi levada, e que isso lhe pareceu muito estranho. Os investigadores perguntaram por que ela esperara tantos anos para ligar, e ela disse que havia sido por medo de criar problemas para a prima, mas que naquele momento suspeitava que a prima estivesse maltratando a menina e resolvera ligar. No fim das contas a prima *tinha* sequestrado o bebê de alguém, só que não o meu. Não o nosso.

Eu ainda podia sentir a decepção que me apunhalou quando o investigador me telefonou com o resultado dos testes de DNA.

– Eu realmente tive esperança, Bryan. Depois que Haley ficou boa, quando estava com quase 4 anos e eu pude finalmente pensar em outra coisa além de tratar dela, nós duas fomos passar uma semana em Wilmington. Simplesmente andamos pelas ruas, enquanto eu procurava uma garotinha de 7 anos que talvez fosse Lily. Eu vagava próximo a escolas. Foi meio maluquice minha, sobretudo porque o hospital onde ela nasceu atende uma área enorme. Lily podia estar em qualquer lugar. Sempre me agarrei à esperança de que alguém que desejava desesperadamente um filho tivesse visto o bebê mais bonito do hospital e a levado. Ao menos assim, ela teria sido desejada e bem cuidada.

– Nunca chegei a vê-la – disse Bryan, com o rosto contorcido de tristeza.

– Sei disso – falei. – Eu pelo menos a segurei durante algumas horas.

– Haley sabe sobre ela?

– Claro.

Bryan não estava habituado a franqueza. A verdades difíceis. Levava dois meses para ter coragem de mencionar Lily.

– Conteí a ela logo – expliquei. – Ela não tinha mais que 5 ou 6 anos. Bryan, Haley é uma menina incomum.

– Eu sei – assentiu ele com um sorriso. – Ela é fantástica.

– Talvez seja porque tenha tido de enfrentar toda essa questão médica quando era

tão pequena, sei lá, mas ela sempre foi diferente das crianças da sua idade. Ela até me ajuda a procurar por Lily.

Bryan ficou espantado.

– Como assim?

– Ela conhece o tipo de trabalho que fazemos no Departamento de Crianças Desaparecidas. Haley verifica as pistas que recebemos, buscando algo que possa se relacionar a Lily. Às vezes vai ao escritório comigo. Nós voltamos a Wilmington duas vezes para procurar Lily. Nós partilhamos esse buraco gigante em nossos corações. Ela tem até um site que criou sozinha, chama-se “Irmãos dos Desaparecidos”.

– Você está brincando. Ela criou sozinha?

Assenti.

– É um gênio da computação, igual ao pai.

Bryan apoiou a cabeça no encosto do banco, contemplando o céu.

– Amo minha filha – disse ele. – Durante todos esses anos, mandei dinheiro e presentes de Natal e tudo o mais, mas não a amava. Não sentia nada, exceto culpa por ser uma merda de pai. Agora eu a amo... E não posso, honestamente, dizer que já senti isso antes. Esse tipo de emoção. Na hora em que a vi no quarto do hospital, careca e vomitando...

Ele me olhou com um sorriso ao mesmo tempo confuso e terno.

–... eu quis trocar de lugar com ela. Dar minha saúde a Haley. Ser o doente ali, naquela cama.

– Ah, sim. Conheço essa sensação.

– Estou tão furioso comigo mesmo...

Eu não queria mais ouvir falar de arrependimentos. Eu cultivara por anos a necessidade de ouvi-los, mas agora ela evaporara.

– Vamos virar a página do passado. Você está aqui agora. Agora você merece aquela medalha por bravura.

Emerson

Wilmington, Carolina do Norte

A cozinha do Hot! era bem mais limpa do que a da minha casa. Isso porque a vigilância sanitária jamais aparecia na minha casa, mas os fiscais podiam adentrar o café a qualquer momento. Tínhamos uma avaliação de 9,9 e minha meta era obter 10, motivo pelo qual eu obrigara Jenny a limpar a máquina de gelo e esfregar cada milímetro do balcão antes de liberá-la para ir para casa.

– Daqui vou direto à biblioteca, Jenny – falei, checando a geladeira para me assegurar de que tínhamos leite suficiente para o café da manhã. – Tem um pote da abobrinha com chili que sobrou aqui. Você pode levar para casa e esquentar para você e seu pai jantarem?

Jenny ergueu os olhos do balcão:

– Você não vai jantar em casa?

Seu tom soou como se eu pretendesse voar até a lua, mas não pude culpá-la. Exceto por uma eventual saída à noite com Tara, eu sempre jantava em casa. Hoje, porém, meus planos eram outros. Infelizmente, precisava mentir a respeito.

– Tenho que procurar receitas tradicionais para acrescentar ao cardápio do almoço – expliquei. – Não consigo encontrar as que quero pelo Google, mas posso fazer a pesquisa na biblioteca.

Minha imprecisão funcionou. Os olhos de Jenny se esbugalharam à menção do verbo *pesquisar*. Funcionara com Ted, também, quando lhe vendi a mesma história. Ted ficou fixado em receitas *tradicionais*. Tive a sensação de que essa não seria a última mentira que eu contaria a eles durante algum tempo. Não até eu conseguir entender a situação.

– Combinado, então? – conferi, tirando o avental e pendurando-o no gancho perto da porta dos fundos. – Você cuida do jantar?

– Acho que sim – respondeu Jenny, desenhando um arco no balcão com a água do borrifador, antes de começar a esfregar. – Mas quero falar com você sobre meu emprego. Gostaria de trabalhar menos horas.

Eu ri.

– Todos nós gostaríamos – falei.

Ela não olhou para mim e me perguntei se esperava que eu reclamasse.

Honestamente, eu não precisava tanto dela naquele exato momento. Minha gerente, Sandra, e a outra garçonete, junto com a cozinheira, podiam dar conta de tudo a maior parte do tempo. Mas Jenny precisava do dinheiro e era de grande ajuda nos dias em que trabalhava.

– Falei sério – insistiu minha filha, afastando a torradeira para limpar a parte de trás.

Tentei me lembrar da última vez que eu afastara nossa torradeira em casa.

– Estou trabalhando mais tempo com as coisas dos bebês porque Noelle... Você sabe.

– E querendo passar mais tempo com Devon.

Jenny sorriu para o balcão, corou e desconversou.

– Não tenho muito tempo livre no momento – justificou.

Estava apaixonada pelo garoto. Minha própria vida vinha me absorvendo de tal forma que eu mal havia notado o que acontecia na dela.

– Menos horas significa menos dinheiro no seu bolso – esclareci, guardando as tigelas que estavam emborcadas no secador de pratos.

– Eu sei.

– Combine um novo horário com a Sandra e depois a gente vê se funciona – falei.

Jenny era uma boa garota. Parecia-se muito comigo. Fácil de lidar e cheia de amigos. Talvez não fosse a pessoa mais ambiciosa do mundo, mas, francamente, sempre achei mais importante ser querida do que ser bem-sucedida. Sabia que alguns especialistas discordariam, mas não me importava com isso. Eu queria ser querida. E daí? Jenny parecia ser querida por todos – crianças e adultos – que a conheciam. Eu preferia criar um filho assim a vê-lo tornar-se alguém que esfaquearia qualquer um pelas costas para progredir.

Os poucos rapazes que ela namorara eram bons meninos também. Nenhum desses namoros havia sido sério – ao menos que eu soubesse –, e estava bem assim. Talvez Devon fosse diferente. Eu ficava mais contente quando eles saíam com Grace e Cleve no verão. Achava que ela estaria mais segura do que sozinha com o rapaz, embora eu pudesse estar me iludindo com isso.

– Como Grace está segurando a barra? – perguntei, fechando a porta do armário.

– Com Cleve?

– Deve ser duro para ela, já que você continua com Devon.

– Ela... – Jenny deu de ombros. – Ela está arrasada. E Cleve tem sido um cretino.

– Bom, acho que entendo o lado dele.

Tirei o chili da geladeira, com medo de que ela o esquecesse.

– Provavelmente quer ter essa experiência de estar na faculdade morando sozinho sem ter compromissos.

– Não é isso – disse Jenny. – Isso eu entendo. É a forma como ele anda agindo. Vive mandando mensagens de texto e e-mails para ela, e ela fica toda esperançosa de que ele reate o namoro.

– Ah – exclamei.

Isso não era nada bom.

– Quer dizer, é ela quem começa, manda mensagens e tudo o mais – explicou Jenny. – Mas ele sempre responde, e ela fica achando que ele ainda se importa.

– Tenho certeza de ele ainda se importa, *sim*.

– Não como ela gostaria – discordou Jenny, guardando o borrifador no armário debaixo da pia e jogando as toalhas de papel no lixo. – Acho que ele está sendo cruel.

– São duas barras pesadas para ela – comentei, enfiando o pote de chili dentro de um saco plástico. – Primeiro o pai, depois Cleve.

Pobre Grace. Ela havia sido tão próxima de Sam. Eu invejava isso. Ted e Jenny não eram tão ligados assim.

– Tenho pena dela.

– Eu também – disse Jenny, lavando as mãos na pia e depois recostando no balcão enquanto as enxugava com uma toalha de papel. – Não consigo imaginar o papai morrendo, mãe. Já basta ter perdido Noelle e o vovô estar no hospital.

– Eu sei, amor.

Uma enfermeira do hospital me ligara de manhã para avisar que meu avô queria falar a sós comigo na próxima visita, sem a presença de Jenny ou Ted. Eu não sabia por que, mas naturalmente satisfaria seu desejo. Eu faria qualquer coisa por ele.

Aproximei-me de Jenny, afastei o cabelo que quase lhe cobria o olho esquerdo e dei um beijo em sua testa.

– Te amo – falei.

– Também te amo – disse ela, balançando a cabeça para deixar que a cortina de cabelo lhe caísse novamente sobre a testa. Depois, olhando para o saco plástico sobre o balcão, acrescentou: – Pronta para fechar tudo?

– A-hã.

Passei o braço em volta dos seus ombros enquanto nos dirigíamos para a porta dos fundos. Eu sentiria falta de passar esse tempo todo com minha filha, caso ela reduzisse mesmo sua jornada de trabalho no café.

– Está ficando sério esse seu namoro com Devon?

– Não – respondeu Jenny.

Senti o muro invisível se interpor entre nós e percebi que nosso momento íntimo de mãe e filha passara. Não seria possível recuperá-lo nessa noite. Tudo bem. Eu me lembraria desses minutos com ela enquanto estivesse tentando rastrear Anna, a mulher que jamais havia tido a chance de conhecer a filha por causa do que Noelle fizera.



Sentei-me diante de um dos computadores, entrei no site de busca da rede de bibliotecas da Carolina do Norte e digitei a senha que tinham me dado na recepção.

Em casa, eu procurara no Google os termos *Anna, bebê, Wilmington e hospital*, mas só conseguira um punhado de links inúteis. Minha esperança era de que essa nova pesquisa me desse algo mais para prosseguir a investigação.

Segundo os registros de Noelle, o último bebê que ela trouxera à luz havia sido um menino, por isso nossa impressão de que ela desistira do ofício depois do “acidente” estava errada. A menos, é claro, que ela não tivesse escrito coisa alguma sobre aquele malfadado parto. Eu queria encontrar o artigo de jornal mencionado na carta que ela começara a escrever em 8 de julho de 2003. Talvez fosse uma tarefa impossível, mas eu precisava tentar.

Levei algum tempo e precisei da ajuda dos bibliotecários, mas finalmente achei onde pesquisar no *Wilmington Star*. A carta de Noelle não falava de *quando* exatamente ela vira o artigo sobre Anna. O site da rede de bibliotecas só tinha os exemplares do *Star* a partir de abril de 2003, então torci para que o artigo fosse posterior a essa data. Talvez tivesse sido publicado no próprio dia 8 e motivara Noelle a escrever a carta.

Fui otimista e resolvi pesquisar os meses de junho e julho de 2003, em busca de todos os artigos do *Wilmington Star* que contivessem o nome *Anna*. Quantos poderia haver? Cinquenta e sete, na verdade. Fiquei afogada em Annas. Comecei a examinar os artigos – obituários, resultados de equipes de atletismo, uma xerife corrupta, alguns nascimentos. Enxuguei os resultados, restringindo a busca a mulheres que tivessem idade suficiente para serem mães na época em que Noelle fora parteira. Havia uma Anna que ganhara o prêmio Jardim do Mês, uma atleta de 27 anos dos Jogos Olímpicos Especiais e outra que furtara cerveja num supermercado. Anotei o sobrenome da ganhadora do Jardim do Mês – Fischelle –, aparentemente a única possibilidade real. Ela morava no centro da cidade. Imaginei-a direcionando toda a sua energia ao jardim, na tentativa de preencher o vazio deixado pela filha desaparecida.

Pesquisei-a on-line. Havia apenas uma Anna Fischelle, que efetivamente morava em Wilmington, mas, pelo que pude apurar, ela beirava os 70 anos.

Fiz outra busca no jornal de Wilmington, usando as palavras *hospital, bebê e desaparecido*, mas não obtive nenhum resultado promissor. Recostei na cadeira e franzi o cenho, de olho na tela do computador.

Estava na hora de ir mais fundo. Noelle era fanática por jornais. Houve uma época em que o *The New York Times* era entregue diariamente em sua porta em Wilmington, mas isso fazia muito tempo, antes que ela começasse a lê-lo on-line. Eu sabia que ela também lia o *Washington Post* on-line, porque vivia reclamando de quanto ele se tornara conservador. Mesmo assim, ela o lia. Adorava qualquer desculpa para protestar contra as “autoridades” que a aborreciam.

Tentei primeiro o *Post*, buscando *Anna* entre 1º de junho e 8 de julho de 2003. Logo surgiram dez páginas, com 202 resultados. Encarei o teto da biblioteca. Essa

era uma batalha sem chance de vitória. Parecia tolice olhar o *Post* e mais tolo ainda seria olhar o *The New York Times*. O bebê desaparecera de um hospital em *Wilmington*. O artigo quase certamente aparecera no jornal de *Wilmington*. Eu já estava prestes a voltar ao *Star* quando uma manchete na parte inferior da primeira página de resultados chamou minha atenção: “Polícia Defende Ações no Caso da Menina de 3 Anos Desaparecida”. Olhei fixamente a manchete, atraída pela palavra *desaparecida*. Mas não podia ser esse o artigo que eu procurava. A criança que Noelle sequestrara era recém-nascida. Talvez porque me sentia perdida naquele mar de resultados e não sabia o que mais fazer, cliquei na manchete e comecei a ler o artigo em busca do nome *Anna*.

No dia 3 de junho de 2003, uma garotinha de Maryland havia desaparecido de um camping no vale de Shenandoah, onde passava férias com a família. Aparentemente, houvera alguma controvérsia em relação à forma como a polícia lidara com seu desaparecimento, e era aí que entrava Anna. Achei-a no último parágrafo.

Anna Knightly, porta-voz do Departamento de Crianças Desaparecidas, defendeu a forma como a polícia lidou com o caso. “Emitir um alerta em rede nacional tendo apenas uma descrição física da criança teria sido inapropriado”, declarou a Sra. Knightly.

Essa não podia ser a nossa Anna, mas, mesmo assim, procurei seu nome no Google. Ele era mais comum do que seria de imaginar. Annas Knightlys criavam cães, tinham blogs sobre ponto de cruz e eram professoras. Acrescentei a palavra *desaparecida* à minha pesquisa e um artigo que eu nem supunha estar procurando pipocou na tela. Fora publicado no *Washington Post* no dia 14 de setembro de 2010 – o dia em que Noelle se suicidara – e a manchete dizia: “Nova Diretora é Nomeada para o Departamento de Crianças Desaparecidas”. O artigo era curto e objetivo.

Anna Knightly foi nomeada diretora do Departamento de Crianças Desaparecidas. A Sra. Knightly trabalha no departamento desde 2001, tendo ocupado vários cargos, motivada pelo desaparecimento da própria filha, ainda bebê, de um hospital na Carolina do Norte. Desde então, ela se dedica a promover o reencontro de pais e seus filhos desaparecidos.

Recostei-me na cadeira, com um suor gelado brotando por todo o meu corpo. Até aquele instante, eu não acreditara de fato na carta inacabada de Noelle. Não conseguia imaginá-la roubando nem um chiclete, muito menos um bebê. Não conseguia imaginá-la levando uma vida de mentiras. No entanto, ali estava. Ali estava a prova.

E agora? O que fazer com aquilo?

Noelle

Wrightsville Beach, Carolina do Norte
1989

– Ei, Garotas do Galloway – gritou Sam, da porta dos fundos da pequena cabana à beira da praia –, eu trouxe uma contribuição para o jantar de hoje.

Ladeada por Emerson e Tara, Noelle atravessou a sala com cheiro de mofo e deu uma olhada dentro do balde que Sam segurava. Quatro peixes tristonhos com escamas prateadas jaziam, um em cima do outro, no fundo do balde.

– Uau, maravilha! – exclamou Tara.

– Eles são o quê? – perguntou Emerson.

– Peixes – respondeu Sam, com um sorriso orgulhoso.

Emerson deu um tapinha em seu braço:

– Perguntei que tipo de peixes.

– Tanto faz – disse ele rindo.

Os quatro estavam na praia fazia dois dias e a pele dele já adquirira um tom caramelo. Os olhos eram da cor do céu lá fora.

Noelle viu que ao menos um dos peixes estava vivo e se esforçava para respirar. Ela estremeceu e ergueu os olhos para Sam.

– Você é um monstro, Sam – censurou Noelle.

Sam, por sua vez, olhou para dentro do balde.

– Acho que eles não sofreram muito – falou, mas agora parecendo meio preocupado, o que a tocou. Sam era um molenga.

Ele se inclinou para beijar Tara no rosto.

– Vou limpá-los aqui fora – explicou. – Só queria mostrá-los primeiro.

A casa à beira-mar era pequena, charmosa e perfeita. Tara e Sam ocupavam o quarto maior, enquanto Emy ficara com o mais charmoso dos menores. Sugerira que ela e Noelle tirassem a sorte no palitinho para ver quem ficaria nele, mas Noelle lhe dissera que ficasse ali. Faria qualquer coisa por Emy. E não se importava com o quarto, de verdade. Estava feliz simplesmente por passar aquela temporada na praia com amigos que aprendera a amar ao longo dos últimos dez meses. Jamais teria com Emy e Tara o mesmo vínculo forte que as unia, aquela ligação entre colegas de faculdade que dividem o mesmo quarto, já que era três anos mais velha e fora

monitora de ambas, mas as duas jovens tinham se transformado nas amigas mais íntimas que já tivera na vida. No início, Noelle ficou com medo de que ambas pensassem que ela pretendia se meter em suas vidas, mas aos poucos sentira a afeição genuína que despertara nas outras. Elas a aceitavam, com todas as suas peculiaridades, como poucos haviam feito.

Sob certos aspectos, porém, ela era ainda mais próxima de Sam.

Ele acabou sendo assistente do professor da disciplina medicina e direito, que Noelle cursara no início do semestre, e ela sabia agora que Sam era bem mais que apenas um rostinho bonito. Enquanto o professor de Noelle se concentrara em explicar como a equipe médica podia se proteger de processos judiciais, Sam parecia mais preocupado com os pacientes, e Noelle apreciou essa qualidade. Ele se tornou uma parte do mundo dela tanto dentro quanto fora da sala de aula. Os dois se encontravam com frequência no restaurante do grêmio estudantil nos intervalos após as aulas, e ela lhe contava sobre os pacientes de que estava cuidando em seus estágios. Sam sempre ficava fascinado. Sempre ficava interessado. Noelle imaginava os advogados como negociadores calculistas que distorciam a verdade para adequá-la à conveniência dos clientes, mas Sam jamais seria esse tipo de profissional. Ela esperava que a faculdade de direito não o corrompesse. Ele começaria o curso no outono e Noelle o alertava no mínimo uma vez por semana de que não abrisse mão de seus valores, assim como ela não o fizera no curso de enfermagem.

As conversas que os dois tinham no grêmio estudantil vez por outra se desviavam da área profissional para a pessoal, e ela partilhava com ele coisas que em geral guardava para si mesma. A partida do pai. O ofício de parteira da mãe. Ela mencionara o punhado de homens com quem dormira e os que desejavam dormir com ela, mas haviam sido rejeitados por falta de interesse da sua parte.

“Você gosta dos excêntricos”, dissera Sam.

“Como assim?”

“Os caras com quem você dormiu”, respondeu ele, indicando com o queixo um deles, sentado numa mesa próxima e inclinado sobre um livro, a trança que lhe chegava à cintura jogada por cima do ombro. “Eles fogem à norma.”

Sem dúvida. Mas, a seu jeito, o mesmo valia para Sam e se ele já não tivesse dona, ela nutriria esperanças de ter algo mais com ele. Sabia que o atraía, mas o compromisso dele com Tara era tão forte quanto se os dois houvessem sido prometidos um ao outro ao nascerem.

Tudo mudaria quando chegasse o outono, e era isso que tornava esse verão e a temporada com os amigos tão preciosos. No outono, Sam iria para a faculdade em Wake Forest e ela, para a escola de parteiras em Greenville. Embora o fato de estar tão próxima de sua meta a animasse, Noelle sentia uma profunda tristeza diante da perspectiva de ficar longe de Emerson, Tara e Sam.

Sobretudo, é claro, de Emerson.

A mãe sabia que ela se tornara amiga de Emy, mas achava que Noelle estava em

paz com a situação e conseguiria deixar as coisas como estavam. E ela deixaria, sim. Não desejava magoar ninguém. Mas estar em paz? Isso era impossível.

Durante o ano todo, esperara que os pais de Emy viessem da Califórnia visitá-la e, dessa forma, Noelle finalmente pudesse conhecer sua mãe biológica. Isso nunca aconteceu. Uma vez os avós de Emerson vieram de surpresa de Jacksonville, mas Noelle chegou ao dormitório alguns minutos após eles terem partido. Ironicamente, ela sentiu alívio. Tinha medo de que um encontro surpresa com os avós acabasse por fazê-la dizer algo de que se arrependesse mais tarde. Queria conhecê-los, mas precisava se preparar para isso.



Na quarta noite na cabana em Wrightsville Beach, Noelle acordou sobressaltada. Ficou deitada no escuro, tentando descobrir o que a despertara. Vozes? O telefone? Tudo estava em silêncio.

De repente, porém, a porta do quarto se abriu ruidosamente.

– Noelle, acorde! – disse Sam, aproximando-se da cama e sacudindo-a pelos ombros.

Ela se sentou na cama, afastando com as mãos o cabelo do rosto.

– O que houve? – indagou.

– A mãe de Emerson morreu! – respondeu Sam. – Ela...

– *O quê?*

– O pai acabou de ligar. Os dois estavam andando de bicicleta e ela foi atropelada por um carro. Emy está...

– Não!

Noelle pôs as pernas para fora da cama e vestiu o short com as mãos trêmulas. Isso não podia estar acontecendo.

– Cadê a Emy?

– Saiu correndo para a praia – respondeu Sam, dirigindo-se para a sala. – Está histérica. Tara foi atrás dela e eu estou indo para lá.

– Também vou – disse Noelle.

Os dois atravessaram correndo a sala e chegaram à varanda. Sam empurrou a porta de tela e Noelle o seguiu até a praia. Ela não conseguia absorver o acontecido. Sua mãe estava morta? *Não, não, não.*

O ar parecia breu, denso e negro, e o mar estava tão calmo que os dois puderam ouvir Emerson antes de vê-la. O choro sentido cortou o coração de Noelle. Encontraram a amiga sentada como um saco vazio na areia, Tara embalando-a nos braços como a uma criança.

– Não acredito! – gemia Emy. – Não acredito!

Noelle e Sam se deixaram cair na areia junto às duas, envolvendo ambas num abraço. Sam e Tara murmuraram palavras de consolo, mas Noelle não encontrou a própria voz, que ficou presa na garganta. Ficou grata pela escuridão, que lhe

permitia derramar as próprias lágrimas pela mãe que jamais teria a chance de conhecer.



Nenhum dos quatro dormiu naquela noite. Houve mais uma dezena de telefonemas, preparativos, reserva de voos. Tara resolveu ir de avião para a Califórnia com Emy. Noelle por algum motivo não captou a informação de que os avós de Emerson iriam levá-las ao aeroporto, e foi ela quem abriu a porta da cabana e se viu cara a cara com um homem cujos olhos azuis vívidos se pareciam muito com os dela. Noelle soube imediatamente quem ele era e ficou congelada na sala, a mão colada à maçaneta.

– Sou o avô de Emerson – apresentou-se o homem. – Elas estão prontas?

Ele tinha rugas nos cantos dos olhos, como se risse com frequência e entusiasmo. Não estava rindo, porém.

A boca de Noelle ficou seca. Ela sabia que devia dizer alguma coisa – *Sinto muito pela sua perda* –, mas as palavras não saíram.

– Vou chamá-la – conseguiu dizer, afinal.

Quando ela se virou, viu Sam, que se aproximava da porta.

– Diga a Emy que o avô dela chegou – pediu, dirigindo-se ao banheiro. – Não estou me sentindo bem.

Ela queria dar um abraço de despedida em Emerson e Tara. Em vez disso permaneceu imóvel no pequeno banheiro, sentada de roupas na privada, esperando que eles fossem embora. Ouviu vozes abafadas do outro lado da porta. Vozes que pertenciam à irmã. Ao avô. Ficou sentada ali sozinha enquanto o ruído das portas do carro se fechando penetravam pela tela da janela do banheiro.

Ainda assim, não conseguiu sair dali. Demorou-se tanto no banheiro que Sam acabou indo bater à porta.

– Noelle, tudo bem com você?

Depois de jogar água no rosto, ela saiu para o corredor.

– Estou bem.

Não olhou para ele. Não tinha certeza do que estaria estampado no próprio rosto, mas não queria que ele visse.

– Tara e Emerson queriam se despedir.

– Eu só... Tive um pequeno enjoo.

Sam consultou o relógio.

– Não acredito que são só duas horas – falou. – Parece que se passaram dias desde aquele telefonema de manhã.

– Eu sei – concordou Noelle, sentindo que ele a fitava. – Vou ler um pouco no meu quarto.

– Tem certeza de que está bem? – indagou ele.

– Algum de nós está, por acaso?

Sam balançou a cabeça.

– Acho que não – respondeu, mas olhava para ela com um misto de preocupação e curiosidade que a obrigou a lhe dar as costas.



Ela queria ligar para a mãe e contar o que acontecera, mas ainda não estava pronta. Iria chorar muito e a mãe ficaria preocupada, mas Noelle sabia que ela não conseguiria se solidarizar. Não do jeito que Noelle precisava. A mãe sempre tivera sentimentos conflitantes a respeito da proximidade secreta que a filha mantinha com a família biológica.

Pegou o telefone algumas vezes e começou a discar o número da casa da Srta. Wilson, mas todas as vezes acabou desistindo. Por fim, saiu da cabana e foi até a praia, onde Sam estava sentado numa cadeira, com um livro aberto apoiado nas coxas. Ajoelhou-se na areia ao lado da cadeira do rapaz, como se estivesse prestes a rezar. Envolveu com as mãos o braço dele, quente de sol.

– Posso falar com você? – perguntou.

Ele largou o livro e, embora Noelle não pudesse ver seus olhos atrás dos óculos escuros, percebeu a preocupação em seu rosto.

– Claro que você pode falar comigo – respondeu Sam.

Ela estendeu o braço para levantar os óculos dele para a testa.

– Assim não vejo seus olhos – disse Noelle. – Preciso vê-los.

Sam franziu o cenho, analisando-a durante um minuto.

– Você está bem?

Noelle fez que não com a cabeça.

– Vamos entrar – disse ele.

Sam entregou o livro a ela e ficou de pé para fechar a cadeira de praia. Depois, com a cadeira em uma das mãos, passou o outro braço em volta dos ombros de Noelle e os dois voltaram para a cabana.

A garganta de Noelle estava apertada e dolorida. Será que conseguiria fazer isso? Conseguiria contar a alguém? Seria capaz de pronunciar as palavras em voz alta? Será que *devia* fazer isso?

Sam indicou as cadeiras de balanço na varanda e os dois se sentaram.

– Pode falar – disse ele.

Noelle abriu a boca, mas a garganta se fechou silenciando sua voz, e ela levou as mãos ao rosto. Sam puxou a cadeira de modo a ficar cara a cara com ela. Noelle sentiu as mãos dele segurando seu rosto, os lábios roçando-lhe a têmpora. Era disso que precisava. O conforto de um amigo. O conforto de um amigo que ela sabia que a amava.

Ergueu a cabeça, enxugando as lágrimas com os dedos, e Sam se recostou na cadeira, com o rosto sério. Pousou a mão sobre o joelho de Noelle enquanto esperava que ela controlasse as próprias emoções.

– O que eu vou dizer agora... – começou. Balançou a cabeça, voltou a tentar. – Se eu lhe contar uma coisa, Sam, você promete que jamais dirá nada a ninguém? Nem mesmo a Tara? Nunca.

Ele hesitou, uma ruga de preocupação vincando-lhe a testa.

– Prometo.

Noelle umedeceu os lábios.

– Noelle é minha meia-irmã.

A ruga na testa de Sam se acentuou.

– Ela... – falou Sam e inclinou a cabeça para o lado, confuso, como se a tivesse entendido mal. – Do que você está falando?

– A mãe dela era minha mãe.

– Mas eu conheci a sua mãe – refutou ele.

– Você conheceu minha mãe adotiva.

Aos poucos o significado das palavras dela começou a ser registrado. Ele se balançou na cadeira.

– Caramba.

– Ninguém sabe. Só minha mãe adotiva e eu. E agora você.

Noelle explicou tudo. A pasta que descobrira. Como havia se sentido ao ver o nome de Emerson na lista das alunas do Galloway. Como a mãe a fizera jurar que jamais contaria nada a ninguém.

– Sua adoção foi dentro da lei? – indagou Sam.

– Foi, embora possa ter havido... Acho que meus pais receberam tratamento preferencial porque a minha mãe participou do meu nascimento. Não sei. A esta altura, realmente não faz diferença.

– Então você... *Merda!* – falou ele, e seus olhos se arregalaram. – Você perdeu sua mãe biológica hoje e não pode contar a ninguém.

Ela sentiu o lábio inferior estremecer.

– Só a você.

– O seu pai... Você sabe quem...?

Ela baixou o olhar para os próprios joelhos, onde os dedos bronzeados dele ainda descansavam de encontro à sua pele clara, e balançou a cabeça.

– Algum rapaz que ela conheceu numa festa. Nem sei o nome dele – disse ela, batendo com o punho no outro joelho. – Foi meu avô que apareceu aqui hoje cedo! *Meu avô.* E eu fiquei simplesmente lá, olhando para ele.

– Lamento, Noelle – disse Sam.

– Eu não existo para essa família. Não podia dizer nada.

– Talvez... – falou Sam e desviou o olhar para a praia. – Você sabe que às vezes as mulheres que entregam os filhos para adoção mais tarde mandam abrir os registros, para o caso de uma das partes querer...

– Ela não fez isso – disse Noelle. – Eu chequei. Não passo de um lembrete gigante e horrível de um erro que ela cometeu. Tudo bem. Minha mãe é maravilhosa,

portanto dei sorte. Mas achei que... – Sua voz falhou, mas ela lutou para prosseguir. – Achei que um dia iria conhecer minha mãe biológica. Achei que haveria tempo.

Sam se pôs de pé e lhe estendeu a mão.

– Venha cá – falou.

Quando Noelle se levantou, ele a envolveu nos braços, segurando-a com firmeza enquanto ela chorava. Alguns homens teriam medo do que ela acabara de contar, pensou Noelle. Homens que temiam aquele grau de intimidade ou que se sentiriam esmagar sob o peso de tamanho segredo. Mas Sam parecia um pilar a sustentá-la. Alguém em quem se apoiar. Alguém com quem ela podia falar sobre qualquer coisa. Sobre seus maiores desejos. Sobre os piores segredos. Alguém com quem ela poderia conversar. Sempre.



Os dois passaram os três dias seguintes juntos na cabana. Tara voltaria na noite do terceiro dia, embora Emerson fosse passar mais uma semana com a família na Califórnia. Noelle iria para sempre relembrar com saudade aqueles dias com Sam – dias em que a amizade de ambos se intensificara a cada hora que passava. A única coisa difícil era saber que havia apenas um Sam e ele não lhe pertencia. Sempre achara que podia viver sem um homem, facilmente. Sem esse homem, contudo, já não tinha certeza.

Na manhã do terceiro dia, Noelle reencontrou seu sorriso. Ela e Sam haviam cozinhado juntos, saído para jantar uma noite, passado protetor solar nas costas um do outro, nadado no mar e conversado, conversado, conversado mais e mais. As palavras pareciam afrodisíacas para Noelle, mas ela lutou para refrear o desejo. Ele não era dela. *Jamais machuque uma mulher como Doreen me machucou*, dissera a mãe. *Jamais*, pensou Noelle, deitada na cama à noite, ansiosa para ter Sam a seu lado. *Jamais*.

– Quero que você saiba de uma coisa – disse ele na noite anterior à volta de Tara.

Os dois haviam feito uma fogueira proibida na praia e assavam marshmallows em espetos de madeira que tinham encontrado na casa.

– O quê? – indagou Noelle, mordiscando o doce grudento preso ao espeto.

– Eu te amo – confessou Sam, de olho no espeto de bambu, sem encará-la. – Mas Tara é o meu par. Acho que você sabe disso – disse ele, olhando para ela.

Noelle sentiu-se zozza, tanto por causa do calor da noite quanto por conta daquela confissão.

– Também te amo – disse a ele.

Sam assentiu. Não ficou surpreso.

– Você entende como são as coisas entre mim e Tara, não é? A nossa história. E que sempre soubemos que ficaríamos juntos.

Noelle assentiu.

– Também amo Tara – disse, com sinceridade. – Se não é para você ficar comigo,

é com ela que eu gostaria que ficasse.

– Sei que, com ela, posso ter a vida que sempre quis – justificou Sam, parecendo perdido nos próprios pensamentos. – Uma vida normal, serena.

Noelle sentiu uma ínfima pontada de mágoa.

– Eu sou o quê? – indagou sorrindo. – Uma anormal?

Ele riu.

– Você é diferente, Noelle. Maravilhosamente diferente. Jamais vai querer a casa grande, a cerca branca de treliça, dois filhos e um cachorro.

Ela se perguntou se seria realmente isso que *ele* queria. Havia uma boa parte de Sam Vincent que não era do tipo que quisesse uma cerca branca de treliça. Mas ela não queria magoá-lo nem magoar Tara, e discutir os méritos de uma vida pacata com Sam não levaria a nada além disso.

– Mas continue sendo meu amigo para sempre, certo? – pediu.

Ele estendeu o espeto para ela, oferecendo um marshmallow dourado perfeito.

– Fechado.

Ela tirou o marshmallow do espeto com as pontas dos dedos e o pôs na boca, orgulhosa de si mesma por não pedir mais de Sam, orgulhosa de si mesma por não magoar Tara, sem ousar pensar que para sempre era muito, muito tempo.

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte
2010

A casa de Noelle me pareceu triste quando estacionei na entrada de automóveis. Os pintores haviam raspado boa parte do azul da fachada e a parede estava manchada e feia. O sol acabava de nascer, colorindo de rosa as janelas. Era sábado e eu não sabia se os pintores estariam trabalhando. Torci para que não estivessem. Eu estava ali para cuidar do jardim e queria algum tempo para pensar.

Emerson encontrara Anna. Ela era a diretora de uma organização que buscava crianças desaparecidas, o que a tornava um ser humano real para mim, uma mulher que passara por um horror inimaginável e saíra disso forte e decidida. Meu estômago ficara embrulhado quando Emerson me ligou para contar o que descobrira. A cada nova informação, a história dessa mulher ia ficando mais real, e a nossa necessidade de fazer alguma coisa, mais impossível de ignorar. Emerson iria à minha casa à tarde e conversaríamos sobre as providências que tomaríamos a seguir. Eu sabia que ela se arrependia de ter aberto aquela caixa de cartas.

Saí da minha van e examinei o gramado em frente à casa de Noelle. Estava um horror, cheio de mato e com a grama alta. Noelle nunca demonstrara o menor interesse em cuidar do terreno, com exceção do jardim. Embora eu estivesse encarregada dele até que a casa fosse alugada, só tivera tempo para regá-lo e arrancar algumas ervas daninhas. Agora, passadas quase três semanas desde a morte de Noelle, ele precisava de mais atenção. Imaginei a impressão que a casa decrépita devia causar em quem a visse de passagem: *alguma coisa terrível deve ter acontecido aqui*. E eles não saberiam da missa a metade.

Emerson deixara as ferramentas de jardinagem de Noelle dentro de um balde grande na escada da entrada dos fundos, mas eu levava as minhas. Sentei num degrau, vestindo minhas joelheiras e luvas enquanto contemplava o quintal. Era pequeno, a grama parecia cansada, e a única árvore, raquítica e malcuidada. Alguém podara a grama recentemente, dava para ver o rastro deixado pelo cortador. Os quintais dos vizinhos de ambos os lados emendavam com o de Noelle. Era uma visão desanimadora. Salvo pelo jardim. O sol nascente deu a impressão de se assentar naquele canto, iluminando-o como se fosse uma joia.

Atrás de mim, a casa parecia tão assombrada que estremeci e me pus de pé, afastando-me dela e aproximando-me do jardim. Quando se tem uma amiga, ponderei, uma boa amiga, uma pessoa que você ama, e se descobre que ela fez algo abominável, por acaso esse amor acaba? A despeito de tudo o que vínhamos descobrindo sobre Noelle, eu me recusava a esquecer o que ela significara para nós. Para *mim*. Eu me sentia perseguida pelo bilhete que ela deixara, no qual seu único pedido era que cuidássemos de seu jardim. Eu faria isso pela Noelle que eu conhecia e amava. A Noelle que mentiu e iludiu não estava em seu juízo perfeito, e eu culpava todos nós por não termos reconhecido isso e cuidado melhor dela.

O jardim ocupava um triângulo, cada um dos lados com uma cerca de dois metros, e esbanjava cor, apesar de ser outono. Jardineiras de todos os tamanhos e formatos estavam cheias de crisântemos que ela devia ter plantado pouco antes de morrer. Comecei a trabalhar, podando as margaridas lilases, as amarelas e as brancas. Arranquei as ervas daninhas em volta dos beijos-pintados. Havia levado comigo mudas de amor-perfeito, que tirei da van para plantar em torno da banheira de pássaros. Era como se eu não estivesse sozinha – a garotinha de bronze na ponta dos pés era tão real que comecei a conversar com ela.

– Veja só essas ervas – falei, ao arrancar o mato em volta da salsa.

Noelle tinha alecrim e mais de um tipo de sálvia, além de um maravilhoso manjerição. Cortei um pouquinho de cada para dar a Emerson à tarde.

Eu podava os crisântemos quando me lembrei de uma conversa com Sam pouco antes da sua morte.

“Que história é essa do jardim de Noelle?”, perguntou ele uma noite na cama.

“Como assim?”

A pergunta me parecera totalmente fora de propósito.

“Ela me contou a respeito.”

Raramente Sam tinha motivos para ir à casa de Noelle. Talvez nunca tivesse chegado a ver o jardim.

“Ora, é pequenininho, mas lindo”, falei. “Ela tem paixão por ele e tem um dedo verde, embora ninguém fosse imaginar isso vendo o gramado da frente.”

“Ela disse que tem uma banheira de pássaros especial.”

Descrevi para ele a banheira de pássaros e contei dos repórteres que queriam escrever sobre o jardim e que Noelle não permitia. Na ocasião, não me pareceu estranho que Sam me perguntasse sobre o assunto. Imaginei que Noelle o tivesse encurralado em alguma festa e alugado seu ouvido. Agora, porém, me perguntei se essa conversa podia fazer parte do almoço em Wrightsville Beach. Alguma coisa sobre o fato de os dois estarem juntos assim ainda me incomodava. Não que eu achasse que tinham um caso – de forma alguma eu conseguia imaginar uma coisa dessas –, mas me aborrecia saber que nenhum dos dois mencionara o encontro a mim. Ian provavelmente tinha razão ao dizer que aquilo devia ter a ver com o testamento de Noelle, e nesse caso faria sentido Sam não ter comentado nada

comigo. De todo jeito, eu jamais saberia a resposta. Talvez fosse isso o que mais me incomodava.



Algumas horas mais tarde, eu fazia café na cozinha da minha casa enquanto esperava por Emy. Tinha preparado uma salada de frutas na véspera e tentara fazer com que Grace comesse um pouco antes de deixá-la no Animal House de manhã, mas ela só quisera biscoito recheado.

Emerson traria de casa um pouco de sua quiche de abobrinha e queijo gruyère, além de bolo caseiro de café. Eu não entendia como ela conseguia cozinhar em meio a tudo o que vinha acontecendo, mas cozinhar e comer sempre havia sido seu jeito de lidar com o estresse. Eu lidava com o estresse fazendo faxina, motivo pelo qual limpava todas as janelas da cozinha antes de sair para cuidar do jardim de Noelle. Abri o armário em cima da máquina de café para pegar minhas xícaras estampadas com flores. Escondida atrás delas, destacando-se como um dedo machucado, estava a caneca roxa listrada que Sam usava diariamente. Meu coração parava toda vez que eu a via e eu não sabia por que não me livrara dela quando doeie suas roupas e esvaziei sua escrivaninha. Peguei as xícaras azuis e brancas e as pus sobre a bancada. Então, com cuidado, estiquei a mão para pegar a caneca, que levei até o quatinho que ligava a casa à garagem e joguei na caixa de doações que entregaria em algum momento naquela semana. A caixa estava agora cheia, pronta para ser despachada. Por algum motivo, dar cabo da caneca me pareceu ainda mais decisivo do que apagar a gravação de Sam da secretária eletrônica e me senti triste quando fechei as abas de papelão. De volta à cozinha, imaginei Sam com aquela caneca, saindo porta afora toda manhã – menos naquela última. Se a campanha não tivesse soado naquele exato momento, eu provavelmente teria pegado a caneca de volta.



Emerson e eu levamos os pratos com a quiche e as xícaras com café para a sala e nos sentamos no sofá. Na mesinha de centro, Emerson empilhara os livros de registro de Noelle, juntamente com uma cópia do artigo de jornal sobre Anna Knightly que encontrara. Eu já o lera – várias vezes –, mas tornei a lê-lo. Aquelas poucas linhas me faziam estremecer.

– Bem, acho que nitidamente essa é a mulher que procuramos – falei. – A nossa Anna.

Eu não sabia por que começara a pensar nela como “nossa Anna”. Era como se ela tivesse se tornado responsabilidade nossa.

– Agora precisamos descobrir quem está com o bebê dela – disse Emerson.

– Teremos que contatar as autoridades se chegarmos a isso – falei.

Emerson deu um suspiro.

– Eu sei. Só que... tudo é tão complicado. Não consegui encontrar nada que

definisse exatamente a data em que o bebê desapareceu. O artigo dá a entender que foi por volta de 2000, mas Noelle fala em “anos atrás” na carta, o que leva a crer que tinha sido muito tempo antes.

– Embora Noelle tenha escrito a carta em 2003 – lembrei a Emerson.

– É verdade. Ainda assim “anos atrás” parece muito tempo.

– Qual é o último livro de registros? – indaguei, e Emerson me entregou o primeiro volume da pilha.

– Sabemos que a teoria do “último bebê” não se sustenta, já que foi um menino – falei –, mas devo dizer que os últimos seis meses dos registros não são tão... Sei lá, não são tão completos e ordenados como de hábito.

Olhei para o último registro.

– É 1998 – falei, balançando a cabeça. – Ainda é difícil acreditar que foi nessa época que ela deixou de ser parteira e que nós nunca soubemos disso.

– E se você prestar atenção, vai ver que ela já havia desacelerado bastante antes disso. Há intervalos de semanas entre os partos, já próximo ao final. A única outra possibilidade é haver registros que ela mantivesse num lugar diferente. Mas eu examinei cada folha de papel na casa dela. Ted e eu já esvaziamos a casa toda. Não encontrei mais nada.

– Talvez ela tenha destruído alguns registros antes de morrer – sugeri, enquanto folheava o livro. – Ela jamais haveria de querer que soubéssemos disso.

Cheguei a uma folha em que o texto fora completamente oculto por um marcador preto.

– Deve ser este, você não acha? – perguntei. – Por que outro motivo ela riscaria tudo?

– Concordo – disse Emy. – E olhe aqui – prosseguiu, estendendo o braço para pegar o livro, enquanto eu me levantava para entregá-lo.

Emerson o abriu sobre a mesa em frente ao sofá, separando as páginas. Inclinando-me para ver melhor, percebi que uma página havia sido arrancada.

– É a página vizinha à que foi riscada de preto? – perguntei.

– A-hã.

– Então devia estar aí.

Corri o dedo pelo que restava da página arrancada.

– Você tentou ler o que está por baixo do preto?

– É impossível decifrar – respondeu Emerson.

– De que ano é? – indaguei.

– Os bebês nascidos antes e depois desse registro são ambos de 1997 – disse Emy.

– Por que ela simplesmente não arrancou essa página também?

– Acho que foi porque há anotações sobre outro parto no verso.

– Talvez aquele menino *não* tenha sido, na verdade, o último parto que ela fez – conjecturei. – Talvez ela tenha arrancado as páginas do último também.

– Não arrancou – falou Emerson. – Nenhuma página foi arrancada depois do

nascimento desse bebê.

– Posso arrancar esta página? – indaguei, apontando para a que havia sido obliterada pelo marcador preto. – Podemos colocá-la contra a luz e talvez seja possível ler o que está por baixo.

– Está bem.

– Vou pegar uma faca.

Fiquei de pé num salto. Na cozinha, peguei no cepo uma faca de descascar e a levei até a sala. Emerson a pegou da minha mão. Passou a lâmina cuidadosamente ao longo da extremidade interna da folha e depois a arrancou com destreza como se fizesse esse tipo de operação todo dia.

– Deixe-me ver – pedi, estendendo a mão para o papel, visto que já estava de pé.

Levei-o até a janela e o pus contra o vidro. Era difícil ver as letras atrás do marcador preto e elas se fundiam ao que estava escrito no verso.

– Acho que é R-a-b-a-e-e-a... ah, os dois primeiros “a” são “e”. Rebecca?

Emerson estava atrás de mim, tão próxima que eu podia sentir seu hálito em meu pescoço.

– Dá para ver o sobrenome? – perguntou.

Meus olhos já começavam a lacrimejar do esforço de tentar decifrar as letras.

– A primeira letra é um B? – indaguei, dando um passo para o lado de modo que Emerson pudesse ocupar meu lugar na janela.

– Baker? – disse ela. – Rebecca Baker.

– Parabéns! – exclamei. – Bem, agora precisamos descobrir o que *fazer* com o nome.

– Não consigo decifrar o endereço – constatou Emy, que continuava analisando atentamente a folha de encontro à janela.

– Podemos procurar por ela na internet – sugeri.

Eu voltara a olhar para o livro de registros.

– Ainda acho que Noelle teria parado depois do que aconteceu – falei. – Você não acha, Emy? Quero dizer, há muitos bebês nascidos depois desse. Depois do de Rebecca. Você leu o registro da última menina?

– Li – respondeu Emerson. – O último bebê foi menino, mas o bebê anterior a ele foi uma menina. E os registros parecem normais, só um pouco... um pouco descuidados.

Li o nome da penúltima paciente de Noelle.

– Denise Abernathy. Essa é a mãe da menina – falei. – Acho que devemos procurá-la também, além de Rebecca.

Emerson sentou-se novamente no sofá com a folha riscada de preto na mão. Levou os dedos aos lábios, pensativa.

– Como exatamente faremos isso? – perguntou. – Vamos tentar nos encontrar com essas mulheres para ver se as filhas se parecem com elas?

Mordi o lábio. *O que* faríamos com aqueles nomes?

– Bem – falei. – Acho que precisamos inventar um motivo para conversar com elas. Sei que é... é repulsivo, mas de que outro jeito poderíamos fazer isso?

Ela assentiu.

– Vou tentar achar a tal Denise e você fica com a Rebecca, certo?

Ela me pareceu bastante insegura, mas, apesar da natureza sombria do que estávamos fazendo, senti a euforia costumeira de embarcar num novo projeto. Então me lembrei das palavras de Grace: *Você só se ocupa tanto para não ter que pensar em nada. Para poder esquecer que sua vida virou de cabeça para baixo.*

Ora, pensei, que mal havia nisso?

A n n a

Alexandria, Virgínia

Haley estava sentada à mesa da cozinha fazendo o dever de casa no domingo de manhã, enquanto Bryan e eu arrumávamos tudo depois de um café tardio. Ela estava usando hoje seu lenço favorito, o azul de bolinhas amarelas. Passara o fim de semana em casa, andando de bicicleta com Bryan, ajudando-me a pôr meu trabalho em dia e vendo filmes com uma amiga no quartinho do porão. Hoje, as primas vinham visitá-la, como faziam todos os anos na época do festival de outono de Alexandria, e Haley estava animada. As ruas do centro histórico da cidade seriam fechadas com cordas e haveria quiosques de venda de comida, arte e artesanato. Minha casa fica a apenas alguns quarteirões do coração do centro histórico, e as meninas podiam facilmente chegar lá a pé, enquanto eu, Marilyn e Bryan ficaríamos em casa. Nos anos anteriores, tínhamos sido só Marilyn e eu, e me perguntei como Bryan se encaixaria nisso. Marilyn também era divorciada, e nós sempre nos demos bem, conversando sobretudo sobre as crianças. Nos primeiros anos, reclamávamos de Bryan e de quanto ele havia sido cretino ao abandonar Haley e a mim, mas, passado um tempo, ele parou de fazer parte tanto de nossas conversas como de nossas vidas. Ela ficara tão surpresa quanto eu com o reaparecimento repentino dele havia dois meses. Ainda sentia um pouco de raiva do irmão, mas eu lhe disse que a minha já havia acabado. “A vida é curta demais”, eu escrevera num e-mail para ela na semana anterior. “Ele está de volta agora e vem sendo maravilhoso com Haley. É isso que importa.”

A primeira semana de busca por um doador não dera em nada, mas o Dr. Davis nos assegurou que isso não era incomum e que não deveríamos entrar em pânico. Eu só entrara em pânico – pânico genuíno – uma vez na vida, e fora ao me dar conta de que Lily desaparecera como se ela jamais houvesse nascido. Não entrei em pânico da primeira vez que Haley foi diagnosticada com leucemia, assim como não entrei na segunda. Era como se eu tivesse exaurido minha capacidade de chegar a esse nível de ansiedade quando Lily desapareceu. Agora eu tinha medo, sim, mas precisávamos viver um dia de cada vez, e o fato de Haley estar passando bem tornava isso mais fácil.

Seus exames de sangue pareciam bons. *Ela* parecia bem. Às vezes eu me

perguntava se o diagnóstico não estaria errado. Sabia que era loucura, mas era difícil acreditar que ela estivesse, na verdade, tão doente quando aparentava esbanjar saúde e agia como se fosse saudável.

– Olhem só os cardeais – disse Bryan de onde estava de pé, junto à pia da cozinha.

Haley e eu olhamos pelas portas de correr de vidro e vimos um casal de pássaros pousado no comedouro.

– Legal – falou Haley, levantando-se da mesa para se aproximar do vidro. – Os cardeais nunca se aproximam do comedouro. São as novas sementes que compramos, mãe.

– Pode ser – concordei, sem prestar atenção nas aves.

Eu observava Bryan, perto da janela, concentrado nos passarinhos. Desde a sua volta, eu mal notara sua aparência, salvo para registrar que ganhara algumas rugas no rosto e que o cabelo começava, aos poucos, a ficar grisalho. Mas o sol encheu seus olhos ali junto à pia, e pela primeira vez desde antes do nascimento de Lily e do meu mundo ruir, senti desejo por um homem. Por *ele*. Fazia tanto tempo que eu não experimentava qualquer coisa semelhante a desejo que mal reconheci a sensação.

Minha vida depois de Bryan sempre girou em torno de crianças – tomar conta de Haley e procurar crianças desaparecidas como forma de lidar com a perda da minha própria filha. Não havia espaço para homens. Eu tinha amigas, tanto casadas quanto solteiras, e elas não paravam de falar de homem. Balançavam a cabeça ante o meu total desinteresse. Tudo o que eu queria era ver Haley criada e tornar o Departamento de Crianças Desaparecidas mais eficiente em fazer milagres para famílias assustadas.

Eu não murchara totalmente como mulher, porém. Algumas celebridades ainda eram capazes de me deixar de perna bamba. Simplesmente não estava a fim de namorar sujeitos de carne e osso, complicados e – quase sempre – não confiáveis.

De repente, porém, Bryan estava de volta. Nessas últimas semanas desde que me sentira amolecer com relação a ele, eu percebera que gostava dele como pessoa. Bryan deixara de ser o jovem bonito pelo qual eu me apaixonei aos 21 anos e também deixara de ser o homem que me abandonara quando Haley adoeceu. Era alguém diferente. Mais velho, mais sábio, mais corajoso, contrito. Gostava intensamente de Haley, e ela se sentia cada vez mais segura em sua companhia. Agora eu me perguntava se poderia haver algo mais entre nós. Não o que um dia houvera, mas algo diferente. Algo melhor.

Ele falara sério ao garantir que não iria embora. Fizera uma entrevista de emprego poucos dias antes e agora a empresa lhe pedira para ir a São Francisco para uma entrevista na matriz. Ele concordara, desde que o emprego fosse em Washington. Não se mudaria de novo.

– Que horas são? – perguntou Haley, voltando para seu lugar à mesa.

– Quase onze – respondi. – Elas devem estar chegando.

– Queria que andassem logo!

Haley fechou o livro de história e se levantou. Estava irritadiça. Teria que voltar no dia seguinte ao hospital infantil para mais uma rodada de químio, e eu sabia que isso a perturbava.

– Deve ser difícil pensar em voltar para o hospital amanhã – falei, enquanto enchia a cafeteira de água.

Ela fez uma careta para mim.

– É por isso que eu *não* penso no assunto, mãe. Por que você tem sempre que tocar nele?

– Desculpe – falei.

Bryan me lançou um sorriso solidário. A irritabilidade de Haley, induzida pelos esteroides, estava a todo o vapor, mas eu não a culpava por descontar em mim. Ela era melhor do que eu em aproveitar o momento presente. Hoje ela não precisava aguentar que injetassem veneno em suas veias, e eu tinha de deixá-la saborear cada segundo dessa liberdade.

Eu estava ligando a cafeteira quando ouvimos uma porta de carro bater na entrada.

– Elas chegaram! – gritou Haley, saindo a toda em direção à sala.

Eu a segui e a vi escancarar a porta, antes de congelar.

– Puta merda! – gritou ela alto o bastante para os moradores do outro extremo de Alexandria ouvirem. – Olha, mãe!

Eu me aproximei de minha filha e vi Marilyn descer do carro, enquanto quatro meninas carecas subiam correndo o caminho até a porta.

– Minha nossa!

Então ri, estupefata e emocionada. Haley saiu correndo porta afora e observei as quatro cabeças carecas acompanhadas de outra coberta por um lenço azul de bolinhas amarelas balançarem para lá e para cá enquanto as meninas abraçavam umas às outras.

– Bryan! – gritei na direção da cozinha. – Traga a sua câmera.

Ele veio até a porta.

– Vejam só! – exclamou com um sorriso, enquanto batia uma foto.

Depois me envolveu com o braço e a sensação foi boa. Deu um apertãozinho no meu ombro antes de me soltar.

Marilyn driblou o grupo de meninas paradas na entrada e sorriu para mim enquanto subia a escada da frente.

– A ideia foi delas – explicou, dando-me um forte abraço e depois outro, mais curto e anêmico, no irmão.

– Que coisa mais doce – falei, apontando para as meninas.

Observei uma das gêmeas, sem saber qual das duas, entregar bonés de beisebol turquesa a cada uma das irmãs e a Haley. As primas haviam passado por exames de DNA na semana anterior. Todo mundo que eu conhecia havia feito a mesma coisa, e ninguém se revelara um doador compatível para Haley. Ninguém sequer chegara

perto.

Haley arrancou o lenço e as cinco puseram seus bonés, rindo e apontando umas para as outras enquanto se dirigiam até onde estávamos.

– Garotas – falei para minhas sobrinhas –, vocês me surpreenderam.

– Que coisa linda vocês fizeram – disse Bryan.

Já era bastante difícil distinguir minhas quatro sobrinhas umas das outras quando elas tinham cabelo. Agora, a missão se tornara impossível. Melanie, aos 12 anos, era a única que eu podia identificar com certeza. Era mais magra e tinha seios menores que as irmãs, mas mesmo assim partilhava com elas os olhos castanhos redondos, o queixo pequeno e o punhado de sardas a salpicar o nariz.

– Tivemos de dar uma volta de uns dez quarteirões para chegar aqui, por causa das ruas interditadas para o festival – disse uma das meninas.

– A gente pode levar dinheiro, mãe? – pediu Melanie a Marilyn. – Sei que eu vou querer comprar uma tonelada de coisas.

Marilyn entregou uma nota de vinte a cada uma das filhas e eu estendi o braço para pegar minha bolsa onde a pendurara, mas Bryan chegou primeiro, colocando uma nota na mão de Haley.

– Obrigada, pai – agradeceu Haley com um enorme sorriso.

Depois as meninas se foram, tão rapidamente quanto haviam chegado, como um redemoinho girando calçada abaixo, dessa vez com Haley no centro.

– Nossa, como ela está bem! – exclamou Marilyn enquanto seguíamos Bryan até a cozinha. – Se não fosse pelo rostinho redondo e pelo cabelo, isto é, pela *falta* de cabelo, eu não diria que tem algo errado com ela.

– Eu sei – concordei. – Ela é forte como um touro.

– E você? Como está enfrentando tudo isso?

Parando de andar e virando-se para mim, ela me segurou pelos ombros para estudar meu rosto. Inclinou-se, então, e sussurrou no meu ouvido:

– A presença de Bryan tem ajudado ou atrapalhado?

Tem sido maravilhoso, pensei.

– Ele tem ajudado muito – respondi. – A campanha para a doação está marcada para começar na semana que vem, e ele tomou as providências pessoalmente.

– Fico muito feliz por ele estar dando uma força a você – disse Marilyn.

– Do que vocês duas estão falando? – indagou Bryan quando chegamos à cozinha.

– De você – respondeu Marilyn enlaçando o irmão num abraço. – Conte-me tudo sobre a campanha. Como posso ajudar?

– Que tal um café primeiro? – ofereci, e ela assentiu, sentando-se numa das banquetas do balcão central.

– Bem – começou Bryan, puxando outra banqueta e sentando-se frente a frente com a irmã –, vamos convocar gente da imprensa. O *Post* vai mandar alguém esta semana ao hospital para entrevistar Haley e Anna. Depois, quando o evento estiver mais próximo, uma das emissoras de tevê vai fazer um programa sobre elas também.

– Sério? – falou Marilyn, preocupada. Então se virou para mim e perguntou: – Haley concordou?

Assenti.

– Ela sabe por que estamos fazendo isso. Talvez não encontremos um doador para ela por meio da campanha, mas se conseguirmos mais algumas centenas de registros no banco de dados global, talvez ajudemos outras pessoas.

Eu tinha dúvidas quanto à exposição pública. Jamais ficara calada sobre minha própria história – como o caso de Lily me motivara a encontrar crianças desaparecidas. Mas não me sentia totalmente confortável com a ideia de exibir a história de Haley para todo mundo. Ainda assim, achava que Bryan tinha razão. Pelo que ele ouvira, individualizar a necessidade de um doador de medula era a melhor maneira de estimular as pessoas a se apresentarem para fazer os testes.

Tomamos café e conversamos mais um pouco. Então, Marilyn olhou pela janela.

– Que dia lindo! Que tal irmos ao festival também? Vai ser divertido.

Foi o que fizemos. Passeamos em meio à multidão de visitantes e vendedores ao longo da King Street, como aparentemente fazia a metade dos cidadãos do norte da Virgínia. De vez em quando, tínhamos um vislumbre de cinco bonés de beisebol turquesa na multidão e tomávamos a direção oposta, para deixar que as meninas desfrutassem sua independência. Eu ficava meio sem fôlego cada vez que as via, sabendo que levaria algum tempo até que Haley tivesse outro dia assim, sentindo-se tão bem. Era um dos seus últimos dias como uma garota normal. Hoje, porém, ela era uma das cinco garotas carecas e risonhas que usavam bonés de beisebol turquesa.

Tentei adotar a filosofia de minha filha de aproveitar o momento presente, enquanto caminhava em meio à multidão. Tentei não pensar sobre nosso retorno ao hospital no dia seguinte. Em vez disso, inspirei o aroma de cachorros-quentes, de pipoca e do rio. Aproveitei a amizade da minha cunhada e a nova e inesperada amizade do meu ex-marido e, naquele momento, o mundo me pareceu justo e cheio de esperança.

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte

Agora que eu estava sentada na minha van em frente à casa de Rebecca Baker, começava a duvidar do plano que havíamos bolado. Emerson e eu trocamos provavelmente uma dezena de e-mails na tentativa de descobrir o que dizer às duas mulheres que decidimos contatar.

Achei que devíamos chegar o mais perto possível da verdade sem revelar o que sabíamos. Diríamos às duas que éramos as amigas mais chegadas de Noelle e que estávamos desoladas com seu suicídio. Sabíamos que ela tivera alguns problemas pessoais por volta da época do nascimento das filhas delas e, como ambas haviam estabelecido um contato íntimo com Noelle, talvez pudessem nos ajudar a descobrir o que a afligia. Diríamos que apenas desejávamos entender Noelle melhor. Sem dúvida isso era verdade. Quem sabe déssemos sorte e conseguíssemos ver fotos das filhas das duas e, num passe de mágica, alguma falta absoluta de semelhança nos desse a pista.

O que não acontecera, porém, no caso de Denise Abernathy.

Emerson contou que teve de reunir toda a sua coragem para bater à porta dos Abernathys, mas quando disse a Denise por que estava ali, a mulher a convidou para entrar e falou pelos cotovelos, cheia de elogios a Noelle.

Depois da visita, Emerson me mandou um e-mail explicando por que não achava que seria aquela a pessoa que buscávamos:

“São quatro filhos, e todos têm olhos verdes e cabelo louro, como a mãe. Denise disse que Noelle foi maravilhosa e transformou o parto numa experiência fantástica. Noelle também fez o parto da menina mais velha, e Denise ficou chateada ao descobrir, quando teve os dois filhos menores, que ela havia largado o ofício de parteira. Aposto que sua Rebecca é a nossa mulher.”

Minha Rebecca.

A consultoria jurídica de Sam teria sido útil. Será que o que estávamos fazendo era legal? Com certeza não era ético, mas que alternativa tínhamos? Mesmo que Sam fosse vivo, eu não conseguiria abordar esse assunto com ele e obviamente não podia perguntar a Ian. Emy e eu não contávamos com ninguém para dividir esse peso.

Por isso agora ali estava eu, em frente à casa de Rebecca Baker, dizendo a mim mesma que era uma *atriz*. Eu ia conseguir.

Eu adiará essa tarefa o máximo possível depois de sair da escola algumas horas antes. Faltavam apenas três dias para a festa de aniversário de Suzanne e fui me encontrar com a responsável pelo bufê para acertar alguns detalhes de última hora, antes de passar pela loja de festas para encomendar várias dúzias de balões de gás. Aí, não me restaram mais desculpas para protelar o encontro com a mulher. Desci da van e comecei a subir pela entrada de automóveis, torcendo para não encontrar ninguém em casa.

Tive mais dificuldade para achar Rebecca Baker do que Emerson para localizar Denise, que continuava morando no endereço anotado por Noelle no livro de registros. O endereço de Rebecca fora riscado juntamente com seu nome. Emerson finalmente a encontrou para mim pelo LinkedIn. Rebecca Baker era contadora. Não havia menção a marido ou filhos em seu perfil, mas a idade e local de moradia eram compatíveis com a mulher que procurávamos.

Na varanda da frente, apertei a campainha e a ouvi soar lá dentro. Havia alguém em casa. Ouvi um cachorro latir. Passos. Logo depois, uma menina alguns anos mais nova que Grace abriu a porta.

– Oi – disse ela.

Era magrinha, atlética, morena. As sobrancelhas se ergueram indagadoras. *Você é quem mesmo?*, pareciam perguntar.

– Oi – retribuí. – Meu nome é Tara Vincent. Estou procurando Rebecca Baker.

– Um instante – pediu ela, dando meia-volta e atravessando o corredor central em direção a uma cozinha.

Pude ouvir o ruído de frigideiras e panelas.

– Mãe! – gritou a menina. – É para você.

Uma mulher veio até a porta usando um conjunto de moletom. Ergueu as sobrancelhas conforme fizera a filha, mas não se parecia com a menina. O cabelo era louro platinado, os olhos intensamente azuis. Não tinha nada da filha.

– Lamento atrapalhar sua noite – falei. – E sei que vai parecer estranho e invasivo o que tenho a dizer, mas meu nome é Tara Vincent e fui muito amiga de Noelle Downie.

A mulher franziu a testa, como se tentasse acompanhar o que eu dizia. Não pude culpá-la.

– Ouvi dizer que Noelle se matou – disse ela.

– Foi. E eu... eu gostaria de falar com você, se tiver uns minutinhos. Posso voltar outro dia se...

– E é sobre o quê?

– Você está com tempo agora?

Ela olhou por cima do ombro:

– Bom, você vai me tirar da limpeza da cozinha, e esse tipo de interrupção não me

incomoda – disse ela, apontando para as cadeiras de balanço na varanda. – Vamos sentar.

– Obrigada.

Fomos até as cadeiras, que estavam empoeiradas e um pouco encardidas. Meu cardigã era branco e tive de resistir bravamente ao impulso de limpar a cadeira com um lenço antes de me sentar.

– Devo confessar que não fiquei surpresa quando soube que Noelle tinha se matado – disse Rebecca, sentando-se numa das cadeiras. – Quero dizer, você era amiga dela e lamento a sua perda, mas não fiquei surpresa.

As palavras dela me deixaram pasma. Quem era próximo de Noelle, como nós, havia ficado surpreso. O que essa estranha sabia que nós não?

– Sério? – indaguei. – Por quê?

– Ela estava num estado deplorável na última vez que a vi.

– Quando foi isso?

– Ah, já faz muito tempo. Ela foi a parteira dos meus dois filhos mais velhos. Um menino e Petra, a menina que recebeu você. Embora na verdade ela não tenha de fato feito o parto de Petra. É uma longa história. Então, sobre o que você queria falar?

Minha cabeça girava. Noelle não fizera o parto de Petra? Como isso se encaixava no quebra-cabeça que vínhamos tentando montar?

– Meus amigos e eu *ficamos* chocados com o suicídio de Noelle – falei. – Parece que você a conhecia melhor que nós, de certa forma. Estamos tentando entender por que Noelle fez isso. Ela deixou de ser parteira há mais de dez anos e ficamos imaginando se alguma coisa aconteceu nessa época para dar início a essa queda. – *A queda que não percebemos*. – Por isso decidimos conversar com algumas das últimas pacientes dela para ver se conseguimos entender o porquê de tamanha depressão.

A explicação me soou ridiculamente absurda, mas Rebecca assentia de uma forma que dava a entender que para ela fazia todo sentido.

– Bem, primeiro preciso lhe dizer que ela foi ótima no parto do meu filho. Adorei. Não me passou pela cabeça que pudesse ser diferente com Petra, mas quando ela apareceu durante o meu trabalho de parto, seu estado era deplorável, como eu disse. Eu também estava uma lástima – acrescentou Rebecca, sorrindo. – Estava tendo dores de parto fazia dias e não me sentia nada bem. Por isso, acho que não notaria se ela aparecesse com duas cabeças, mas meu marido percebeu.

– Como assim, o estado dela era deplorável?

– Fora do ar.

– Fora do ar? – repeti.

Minha cabeça parecia incapaz de entender.

– Ela tinha tomado alguma coisa e dava a impressão de estar lerda. Com o meu filho, ela estava totalmente no controle e calma, e eu sabia que daria tudo certo.

Assenti.

– Bem, não foi essa a mulher que apareceu quando entrei em trabalho parto com Petra – disse ela. – Ela tropeçava nos próprios pés. Os olhos estavam vidrados. Se eu não estivesse tão preocupada comigo mesma, teria me preocupado com ela. Honestamente, eu não sabia direito o que fazer. Eram mais ou menos três horas da manhã, e achei que talvez ela ainda estivesse grogue de sono, por ter acordado de repente, por isso eu não disse nada durante uma hora mais ou menos, mas ela não melhorou. No fim, meu marido a mandou embora. Eu sabia que ele estava certo, mas fiquei apavorada. Achei que teria de ir para o hospital e ter o bebê com um médico desconhecido. Ouvi meu marido falando com Noelle no corredor, do lado de fora do quarto. Ele foi totalmente franco, disse que ela parecia estar drogada e que ele não se sentia seguro de deixá-la cuidar de mim, que preferia me levar para o hospital.

– E o que Noelle respondeu? – indaguei.

– Ela falou muito baixinho e não pude ouvir, mas meu marido disse que não houve discussão. Foi quase como se ela concordasse. Desculpou-se e explicou que sofria de dores nas costas e provavelmente exagerara na dose de comprimidos. Estava de fato nervosa e culpada e meu marido acabou *consolando-a*. Noelle chamou outra parteira, Jane Rogers, e pediu que ela assumisse porque estava se sentindo mal. Jane chegou em seguida e foi formidável.

– Ela às vezes precisava mesmo dos analgésicos – confirmei. – Lamento que isso tenha afetado tanto você.

– Meu marido achou que ela talvez fosse viciada.

– Acho que não – discordei, embora sem autoridade para afirmar qualquer coisa.

Nossa teoria a respeito de o nome riscado pertencer à mulher cujo bebê Noelle substituíra estava indo por terra. Ela fora riscada porque Noelle não fizera seu parto. Ainda assim, Petra não parecia ter saído do corpo dessa loura esbelta. Talvez algo tivesse acontecido quando *Jane* trouxe ao mundo a criança e Noelle a houvesse ajudado a encobrir a coisa toda, quem sabe? Eu quis perguntar o que Rebecca se lembrava do parto. Perdera de vista o bebê durante algum tempo? Noelle poderia ter voltado? Mas as perguntas não fariam sentido à luz do que eu dera como desculpa para a visita.

– Ao menos Noelle teve o bom senso de chamar outra pessoa – falei.

– É verdade – concordou Rebecca. – Fiquei furiosa na época. Meu marido achou que devíamos dar queixa contra ela, mas Noelle agiu certo chamando outra pessoa e nós ganhamos uma linda garotinha saudável e foi nisso que nos concentramos.

– Ela é adorável – elogiei. – Também tenho uma filha adolescente.

Rebecca sorriu:

– Então sabe o desafio que é.

Senti um grande consolo ao ouvir essas palavras. Eu não era a única mãe tentando lidar com uma adolescente. Emy tinha tão poucos problemas com Jenny que não dava realmente para nos solidarizarmos.

– Com certeza – falei, levantando-me. – Muito obrigada por perder seu tempo falando comigo.

– Ajudei? – indagou ela.

– Sim, acho que ajudou. Todos nós deixamos de notar alguma coisa que estava acontecendo com ela, algo que você percebeu. Isso me dá uma sensação ruim.

– Eu sei – disse Rebecca. – Uma das amigas de Petra se matou ano passado e ela tem se sentido culpada a esse respeito desde então, mas todos deixaram de notar os sinais. Não se pode ajudar alguém que não quer ser ajudado.



Enquanto me afastava da casa, já não era em Noelle que eu pensava, mas no comentário de Rebecca acerca da amiga de Petra. Adolescentes cometem suicídio. Pensei nas alterações de humor de Grace. Em seus pesadelos. Durante todo esse tempo eu vinha tentando descobrir o que havia de errado com Noelle, enquanto o mistério maior e mais urgente era minha filha. De repente, tive medo. Será que estava deixando de perceber alguma coisa errada com ela, bem debaixo do meu nariz? Como eu poderia saber?

Deixe-me fazer parte da sua vida, Gracie, pensei enquanto dirigia. Por favor, querida, me deixe fazer parte da sua vida.

Emerson

Jacksonville, Carolina do Norte

Vovô me pareceu melhor quando entrei em seu quarto na clínica. Ou isso ou eu simplesmente estava me habituando ao seu rosto macilento e encovado.

– Oi, querida.

Ele sorriu ao me ver e, quando me inclinei sobre a cama, me estendeu um braço frágil para me puxar num abraço.

– O senhor parece bem – comentei, puxando uma cadeira.

– Deixei que fizessem minha barba – explicou ele, passando a mão trêmula no queixo. – Em sua homenagem.

– Eu trouxe pão de abóbora – falei. – Deixei com a enfermeira, e ela vai trazer na hora do jantar.

– Sempre adorei seu pão de abóbora – elogiou vovô.

– Porque foi você que me ensinou a fazer.

– Que bobagem – retrucou ele, balançando a cabeça e sorrindo. – Você me superou no departamento culinário aos 10 anos.

Olhou, então, diretamente em meus olhos e ambos ficamos sérios. A enfermeira dissera que ele queria se encontrar comigo a sós, sem a presença de Jenny ou de Ted, e eu sabia que vovô devia estar encarando essa visita como uma espécie de despedida. Só pensar nisso já me encheu os olhos de lágrimas.

– Ora, não chore – disse ele. – Eu ainda nem disse nada.

– O senhor queria conversar comigo a sós – falei, estendendo o braço por cima da grade da cama para pegar sua mão.

Ele assentiu.

– Precisamos conversar, e tenho medo de que o que eu tenho a dizer abale você, minha querida.

Apertei os lábios, incapaz de imaginar aonde isso iria chegar. Ele pareceu ficar preocupado comigo.

– Estou bem – garanti. – Pode me dizer o que quer.

– Você tem uma grande amiga – começou ele. – Noelle Downie.

Ele estivera com Noelle algumas vezes ao longo dos anos, mas não entendi por que resolvera falar a respeito dela agora. Eu não mencionara sua morte.

Aparentemente não havia motivo para isso, e algo em sua voz me disse para não trazê-la à tona agora.

– Tenho.

– Noelle é sua meia-irmã.

Inclinei-me mais sobre a cama, franzindo a testa. Algumas vezes nos últimos tempos, ele andara dizendo coisas sem sentido. *O banheiro está cheio de borboletas* ou *Eles sempre me servem espaguete no café da manhã*. A enfermagem me explicara que eram os remédios que ele tomava. Estaria acontecendo o mesmo agora?

– Como assim, vovô?

– Você ouviu o que eu disse. Ela é sua meia-irmã e minha neta. Não era para você saber.

– Eu... O senhor poderia explicar...

– É claro – falou ele e, virando-se de costas para mim, olhou pela janela para o gramado impecável. – Não posso morrer sem lhe contar a verdade sobre Noelle.

Uma lágrima escorreu de seus olhos azuis e peguei um lenço de papel para enxugar seu rosto. Minha mente se esforçava para registrar o que eu estava ouvindo.

– Sua mãe teve um bebê aos 15 anos – prosseguiu meu avô.

Prendi a respiração e me recostei na cadeira.

– Não...

Tentei imaginar minha mãe na adolescência. Descobrimo-la grávida. Lutando para tomar uma decisão.

– O senhor está dizendo... está dizendo que o bebê era Noelle?

Ele umedeceu os lábios ressequidos.

– Susan namorava Frank na época, mas foi outro garoto que a engravidou. Só viemos a descobrir quando a gravidez já estava adiantada. Frank nunca soube. Ninguém soube. Susan quis assim. Nós a mandamos para a casa da sua tia-avó Leta, no condado de Robeson. Ela disse a Frank... Bem, não lembro exatamente o que ela disse a Frank. Que Leta estava doente, acho, e que ela iria ajudá-la. Leta encontrou uma parteira para cuidar de sua mãe e se livrar do problema, por assim dizer.

Uma parteira? Noelle? De repente, me senti totalmente confusa. Esfreguei a testa.

– Não entendo como...

– A parteira queria um filho – disse vovô. – Ela e o marido adotaram o bebê.

– Mas... Como o senhor sabe que o bebê é Noelle? – perguntei.

Senti uma dor esmagadora brotar no meu peito quando a perda de uma das minhas maiores amigas começou a se transformar numa perda maior do que jamais poderia imaginar.

– Por volta da época em que seus pais se mudaram para a Califórnia, sua mãe começou a pensar em encontrar a filha. Mas ela se conteve. Tinha medo de contar a verdade a seu pai, mesmo depois de tanto tempo. Tinha medo de que ele ficasse com raiva por ela ter mentido. De todo jeito, sua mãe sabia que o sobrenome da parteira era Downie e sabia onde ela morava, por isso acho que não foi tão difícil descobrir o

nome de Noelle. Essa descoberta aconteceu exatamente na época em que ela morreu, mas jamais nos demos conta de que vocês duas eram amigas... Até um pouco depois da morte da sua mãe. Ficamos chocados, sua avó e eu, na primeira vez que você nos mencionou o nome dela. Não chegava a ser grande coincidência o fato de vocês cursarem a mesma faculdade, mas acabarem amigas...

Vovô balançou a cabeça e depois me lançou um olhar demorado.

– Você acha que ela sabia? – indagou.

Pensei no testamento de Noelle. No fato de me nomear testamenteira. Pensei na forma surpreendente como ela dividira o dinheiro, deixando 75 por cento para Jenny. Lembrei de quando Tara e eu a conhecemos no nosso quarto do dormitório da faculdade. Mesmo muitos anos depois, fazíamos piada sobre o jeito estranho de Noelle naquele dia, perguntando tanta coisa sobre a minha família, meu sobrenome, meus avós.

– Ela sabia – respondi num fio de voz. – Não sei como descobriu, mas ela sabia.

– Sua avó e eu decidimos que era melhor mantermos o segredo, já que seu pai nunca soube da existência dela. Não queríamos macular a lembrança que ele tinha de Susan. Mas agora seu pai morreu e eu mesmo estou prestes a deixar este mundo, por isso chegou a hora.

Ele me observou com os olhos azuis cheios de esperança. Sempre amei aqueles olhos e de repente vi Noelle neles.

– Quero lhe pedir um grande favor, Emy. Mas só se você achar que tudo bem, certo? Sei que é muito para se pedir.

Assenti.

– Pode pedir o que quiser – falei.

– Gostaria que ela soubesse a verdade. Quero passar algum tempo com ela, com minha neta – pediu ele, com os lábios trêmulos.

Mal pude aguentar vê-lo assim.

– Você se importaria?

– Ai, vovô!

Peguei novamente sua mão, segurando-a entre as minhas, e lhe contei a parte da história de Noelle que *eu* sabia. O fim.

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte

Emy e eu estávamos sentadas lado a lado na escada dos fundos da casa de Noelle, com os braços envolvendo os ombros uma da outra, enquanto contemplávamos o jardim. Aguardávamos a visita de Suzanne, na esperança de que ela se tornasse a nova inquilina. Seu contrato de aluguel atual não venceria antes da primavera, mas Emerson e Ted não se importavam com a espera, pois assim teriam tempo para a reforma.

Suzanne estivera várias vezes naquela casa ao longo dos anos, mas a confusão era tamanha que quando Emerson lhe perguntou se estaria interessada em alugar, ela fez uma careta e disse: “Talvez.” Ela teria de ignorar o assoalho arranhado, as paredes sujas e os espaços vazios onde seriam instalados a geladeira e o fogão. Com sorte, Suzanne seria capaz de enxergar o potencial, porque queríamos que a casa ficasse com alguém que tivesse amado Noelle.

Também queríamos sondar Suzanne o suficiente para ver se ela sabia mais que nós a respeito dos últimos anos de Noelle como parteira. Tínhamos dúvidas, pois a própria Suzanne ficara espantada ao saber que Noelle largara a profissão. Ainda assim, valia a pena fazer algumas perguntas.

Acima de tudo, porém, Emerson e eu vivenciávamos outra vez o nosso luto, agora pela Noelle que havíamos descoberto ser irmã de Emy. Já estávamos ali sentadas fazia mais de meia hora, relembando os tempos no dormitório Galloway, quando Noelle se tornara nossa amiga. Tínhamos ficado um bocado convencidas na época por uma aluna mais velha – uma *mulher*, na verdade – escolher a *nós*, entre todas as garotas do andar, como amigas. Por que ela jamais contou a Emerson o que sabia? Que pena. Ao menos assim as duas poderiam ter aproveitado abertamente o fato de serem irmãs. A verdade explicava tanta coisa! Não era de espantar que eu sempre tivesse me considerado um tantinho menos íntima que as duas. Não era de espantar que Noelle parecesse amar Emerson um tantinho mais do que a mim. Como eu gostaria que Sam fosse vivo para poder contar a ele. Ele ficaria de queixo caído.

Havíamos decidido não contar ainda a Jenny ou a Grace. A vida andava caótica demais e, além disso, a própria Emy precisava de tempo para absorver a notícia. Ela contara a Ted, claro, e me autorizara a contar a Ian, que havia jantado na minha casa

na véspera, enquanto Grace e Jenny estavam no cinema. Ultimamente eu tinha a sensação de que só podia me encontrar com Ian às escondidas. Nada existia entre nós além de uma boa e crescente amizade, mas Grace mostrava tanta desaprovação que eu ficava constrangida até de mencionar o nome dele na sua presença.

A reação de Ian foi de absoluto espanto quando lhe contei sobre Noelle e Emerson. De pé, no meio da cozinha, ele só fazia balançar a cabeça, descrente. “Fui noivo de uma mulher que eu não conhecia”, disse, antes de passar a mão pelo cabelo louro que rareava e acrescentar: “E me pergunto se *alguém* a conheceu. Noelle deve ter tido uma vida muito solitária.”

Pela primeira vez percebi que ele ainda a amava. Talvez só um pouquinho, mas o amor continuava ali, em seus olhos e na tristeza em sua voz.

– Olá!

Emy e eu ouvimos a voz de Suzanne vindo de dentro de casa. Havíamos deixado a porta da frente aberta para ela.

– Estamos aqui fora, Suzanne! – gritou Emy, pondo-se de pé. Então ela olhou para mim e, indicando o jardim, falou: – Seria bom mostrarmos primeiro o que há de melhor.

Suzanne empurrou a porta de tela e se juntou a nós na varanda, os olhos azuis se arregalaram de admiração, como sempre.

– Oi! – disse ela, dando um abraço em cada uma de nós e depois fazendo uma expressão de censura. – Olhem só, vocês duas vão ter de me deixar fazer *alguma coisa* para ajudar na festa.

– Está tudo sob controle – garanti.

Era quase verdade.

– Só queremos que você se divirta – emendou Emerson.

Seus olhos estavam um pouco injetados e torci para que Suzanne não notasse.

– A casa parece tão diferente sem as coisas de Noelle... Posso ajudar a escolher as tintas?

– Claro – concordou Emerson. – E o tom do verniz e os azulejos.

– Olhe só o jardim dela! – exclamou Suzanne, começando a descer a escada da varanda.

Nós a seguimos.

– Eu me lembro de como ele fica sensacional na primavera – comentou ela.

– Era o orgulho dela – acrescentou Emy.

– A banheira dos pássaros... – disse Suzanne, apontando para a garotinha na ponta dos pés. – Não é a coisa mais linda? E os temperos! – exclamou, abaixando-se para tocar o manjerição. – Ela sempre me dava alguns. Agora vou poder distribuir aos outros.

Às suas costas, Emy fez com o polegar o sinal de positivo.

– Tínhamos esperança de que você gostasse de jardinagem – disse ela.

– Gosto, mas no meu jardimzinho de agora não tem espaço para nada – garantiu

Suzanne antes de desviar o olhar do jardim e acrescentar: – Vocês têm certeza de que podem esperar até março para alugar? É bastante tempo, sei disso.

– Não tem problema – assegurou Emerson.

– Cleve vai ficar com você durante o verão? – perguntei.

A casa serviria muito bem para uma pessoa. Com um adolescente de quebra, eu já não tinha tanta certeza.

– Ele vai ser voluntário naquela Habitat para a Humanidade, e sei que planeja passar um tempo com o pai na Pensilvânia e só Deus sabe mais o quê – respondeu Suzanne. – Posso pôr um sofá-cama no quarto menor para ele e provavelmente minha mesa de trabalho vai para a sala. Além disso, Cleve não vai morar comigo o resto da vida, eu espero.

Suzanne fez uma pausa e olhou para mim.

– Como anda a Grace? – indagou num tom sincero.

– Vai bem – respondi.

Era meu instinto protetor em relação a minha filha. Jamais deixaria que Suzanne soubesse o tamanho da falta que ela sentia de Cleve.

– Ela é uma menina linda com uma ótima educação – comentou Suzanne.

– Obrigada – agradei, sorrindo.

Grace sem dúvida era linda e gostei de saber que sua educação merecia elogios, ao menos fora de casa.

– Suzanne, eu gostaria de lhe perguntar se você conheceu Jane Rogers – disse Emy. – Ela era parteira e trabalhou com...

– Claro – respondeu Suzanne. – Jane costumava trabalhar na Maternidade. Aposentou-se há alguns anos e se mudou para a Austrália.

– Austrália! – exclamou Emy.

– Quer avisar a ela o que aconteceu com Noelle? – indagou Suzanne.

Lancei um olhar para Emerson, imaginando quanto revelar.

– Na verdade, andamos falando com uma antiga paciente de Noelle, que contou que quando entrou em trabalho de parto, Noelle não estava bem e chamou Jane para substituí-la. Ficamos curiosas, imaginando quem seria ela.

Suzanne assentiu.

– Faz sentido. Uma cobria a outra. Mas naquela época eu já não trabalhava. Depois do nascimento de Cleve, eu quis brincar de ser mãe durante algum tempo – disse ela, abaixando-se para arrancar uma folhinha de sálvia e levá-la ao nariz. – Mas há uma coisa sobre a qual tenho pensado: se Noelle já não fazia partos havia tanto tempo, por que continuava com aquele trabalho rural quase todos os anos? Havia anos em que ela passava meses fora.

Ela olhou para mim e depois para Emerson. Os olhos de Emy estavam tão arregalados quanto os meus. Vi que estávamos pensando o mesmo: as pacientes que Noelle atendia nesses meses fora estariam registradas em seus livros?

– Não sei, Suzanne – falei devagar. – São tantas as perguntas... Acho que jamais vamos ter essas respostas.

– Você sabe exatamente aonde ela ia? – perguntou Emy.

– Sempre achei que ela fosse para a cidade onde cresceu. Dizia que era uma região pobre, com muitos descendentes de índios.

– É verdade – falei. – Ela cresceu no condado de Robeson.

Seria para lá que ela ia? Teria algum dia nos dito isso ou simplesmente presumíamos? Ela sempre se mantinha em contato por e-mail ou celular, mas eu não me lembrava de algum dia termos recebido um endereço de onde estivesse.

– Ouçam – interveio Suzanne, levando a folha de sálvia novamente ao nariz. – Vou dar uma voltinha pela casa e pensar como minha mobília vai caber nela, certo?

– Claro – concordou Emy. – Se tiver alguma pergunta, é só gritar.

Nós a observamos voltar para dentro da casa e depois nos encaramos.

– Somos duas idiotas – falei. – Os meses em que ela ficava fora estão registrados nos livros?

– Acho que não. Acho que eu teria reparado em endereços fora da nossa região. Aposto que foi isso que aconteceu.

– Tem razão.

Mas então me lembrei do artigo sobre Anna Knightly e balancei a cabeça.

– Ou talvez não. O bebê de Anna Knightly foi levado de um hospital em Wilmington – recordei a Emerson. – O condado de Robeson fica a, o quê, uma hora e meia daqui?

Emy levou as mãos às têmporas e achei que ela fosse gritar:

– Vou descobrir tudo isso ainda que seja a última coisa que eu faça na vida – falou.

Meu celular tocou, enchendo o quintal de Noelle com os acordes de “All That Jazz”. Pesquei-o na bolsa em meu ombro e verifiquei quem ligava.

– Oi, Ian – atendi.

– Onde você está?

Ele falou de um jeito seco que me fez enrugam a testa.

– Emerson e eu estamos na casa de Noelle. Suzanne veio ver...

– Vocês duas podem vir agora mesmo ao meu escritório?

– Agora? – repeti e olhei para Emy. – Precisamos providenciar umas coisas para a festa de amanhã.

– É importante – enfatizou Ian. – Descobri quando Noelle teve um bebê.

Noelle

Wrightsville Beach, Carolina do Norte
Setembro de 1992

Esta é a coisa mais abominável, mais insana que você já fez, disse ela a si mesma, enquanto atravessava o corredor silencioso e mal iluminado do hotel Blockade Runner. Eram duas horas da manhã e Wrightsville Beach já dormia quando ela entrou no estacionamento do enorme resort à beira-mar. Ela queria privacidade. Queria que o mundo inteiro estivesse adormecido. Só havia uma pessoa além dela mesma que queria encontrar acordada.

Entrou no saguão vazio. Um enorme cartaz a saudou. *Bem-vindos, LSAS!* Ela não fazia ideia do que aquelas iniciais significavam. Não importava. O congresso não lhe dizia respeito. Virou à esquerda e começou a caminhar pelo corredor.

Sua vida andava agitada ultimamente, e ela era grata por isso. Finalmente vinha fazendo o que desejara desde os 12 anos: trabalhar como parteira. Morava a dez minutos de distância de Emerson e seu marido, Ted, alugando a casinha de Sunset Park em que Ted havia morado antes de se casar com Emerson. Sunset Park era exatamente o tipo de lugar que Noelle adorava: eclético, totalmente despretensioso, em que as pessoas começavam a sentir que pertenciam a uma comunidade. Emerson engravidara e estava muito feliz – e, quando Emerson estava feliz, Noelle também ficava.

Parecia irônico que Ted e Emerson, que se conheciam fazia menos de um ano, já tivessem se casado, e Tara e Sam ainda não – embora isso logo fosse mudar. O casamento estava marcado para dali a duas semanas. Tara teria adorado se casar no dia seguinte à formatura na Universidade da Carolina do Norte, ou antes, mas Sam levava as coisas com mais calma. Dizia achar melhor pôr tudo em seu devido lugar antes do casamento. Queria passar no exame para validação do diploma e conseguir um emprego antes de ter esposa e família para sustentar. Agora as coisas estavam em seus devidos lugares. Tara já vinha dando aulas havia um ano e Sam passara no exame com louvor e se associara a um advogado já experiente, Ian Cutler. Não dava mais para fugir. Era assim que Noelle passara a ver a relutância de Sam em falar em casamento. Ele estava em dúvida e, embora jamais houvesse verbalizado isso, Noelle tinha certeza de que ela o motivo. Como ele poderia se casar com uma

mulher quando gostava de outra? Noelle não podia deixá-lo fazer isso. Não sem lutar por ele. Por mais movimentada que fosse a sua vida, faltava alguma coisa: Sam. A data do casamento se destacava em seu calendário como se fosse a de uma morte.

Ela achou o quarto dele com facilidade. Primeiro andar, de frente para o mar. Poderiam deixar as portas de vidro abertas e ouvir o som das ondas. Ela conseguira o número do quarto com Tara, alegando que precisava conversar com ele a respeito de um parto. Odiava mentir para Tara sobre seus motivos. De alguma forma, a mentira parecia ainda pior do que o que estava fazendo agora. Tara, porém, sempre confiante, acreditara na desculpa. Não seria a primeira consulta de Noelle a Sam sobre uma de suas pacientes. Sam vinha se concentrando em processos judiciais relacionados a questões de saúde, o que agradava a Noelle, assim como lhe agradava pensar que havia, de alguma forma, influenciado essa escolha, já que vivia lhe enchendo os ouvidos com suas preocupações sobre crianças e saúde materna. Quando os cinco se reuniam, ela e Sam quase sempre acabavam falando de trabalho, enquanto os demais discutiam preparativos de casamento ou o mercado imobiliário. Ela se sentia mais próxima dele que nunca. Sam era a única pessoa que sabia que ela e Emerson eram irmãs, a única pessoa com quem ela sempre podia falar de quanto essa relação a enchia de alegria e de dor.

Bateu à porta do quarto e esperou em silêncio. Nada. Bateu de novo, com mais força.

Sam atendeu e ela viu que o tinha acordado. O cabelo escuro revoltado, o jeans desabotoado e o peito nu lhe disseram isso. Os olhos dele se arregalaram ao vê-la, os cílios tão compridos que lançavam sombras sobre as bochechas, à luz do corredor.

– O que houve? – perguntou ele. – Aconteceu alguma coisa com Tara?

– Está todo mundo bem – assegurou Noelle. – Eu só queria ver você.

Ele hesitou um instante e ela percebeu que Sam tentava compreender o que ouvira, o que ela estaria fazendo ali às duas da manhã, a duas semanas do casamento dele.

Pegando-a pelo pulso, ele a puxou para dentro do quarto, onde Noelle se dirigiu diretamente para o lado desfeito da cama e se sentou. Sentiu a luz do abajur da mesinha iluminá-la e se perguntou o que ele estaria vendo em seu rosto.

Ele a encarou, com as mãos na cintura, e durante um ínfimo instante, nenhum dos dois disse coisa alguma.

– Ah, Noelle – exclamou Sam, por fim, e as palavras saíram cansadas, quase como uma rendição. – O que você está fazendo?

– Tentando impedir você de cometer um erro – respondeu ela. – De errar com você e com Tara. E comigo.

Engoliu em seco. Pela primeira vez depois de tomar a decisão de ir até lá, sentiu-se nervosa.

Ele olhou na direção das portas de vidro.

– Não quero ter esta conversa aqui – falou, acenando na direção da cama, como se

ela pudesse ouvi-los.

Apagou o abajur e depois começou a puxar as cortinas. Do outro lado do vidro, Noelle viu a espuma branca das ondas que quebravam na areia. Sam abotoou o jeans e depois abriu as portas de correr.

– Vamos dar uma volta.

Ela descalçou as sandálias e, com elas penduradas nos dedos, foi seguindo Sam até o terraço. Passaram por cima do corrimão de metal e atravessaram o gramado até a praia, onde estava escuro e sereno, a atmosfera impregnada de sal e do barulho das ondas. A luz da lua crescente dividia o mar em dois. Sam pegou a mão de Noelle. *Sim*, ela precisava disso. Precisava saber que ele não estava zangado por ela ter vindo.

– Não houve bebês esta noite? – indagou Sam.

– Nenhum. Ontem fiz o primeiro parto da minha doula.

Havia sido um parto tranquilo no pequeno quarto à luz de velas que Suzanne dividia com o marido, Zeke, que permaneceu o tempo todo a seu lado. O bebê de nome comprido, Cleveland Ezekiel Johnson, deslizara para as mãos de Noelle com espantosa facilidade para um primeiro filho.

– Correu tudo às mil maravilhas.

Agora Emerson vinha falando em parto em casa. Ser parteira de alguém da família não era visto com bons olhos, mas a ideia de trazer ao mundo o próprio sobrinho ou sobrinha fazia Noelle sorrir. Ninguém, exceto Sam, entenderia isso.

– Você vai estar ao meu lado e de Tara quando estivermos prontos – disse Sam, como se a testasse. – Certo?

Ela se concentrou na maneira como sentia a mão dele na sua.

– Sam, você pode mudar de ideia. As pessoas fazem isso. As pessoas se dão conta de estarem cometendo erros que irão causar impacto em muita gente pelo resto da vida. Você pode...

– Psiuu – sussurrou ele, apertando com força a mão dela. – Por favor... Não confunda a minha cabeça, está bem? Já pensei nisso de trás para a frente e de frente para trás nos dois últimos anos, Noelle. Você sabe disso. Você sabe que tenho relutado e que fiz uma escolha. Por favor, respeite-a.

– Você me ama – disse ela.

Ele não negou.

– Existe mais que amor a considerar.

– Discordo – insistiu Noelle.

– Eu amo Tara também, e somos mais compatíveis do que você e eu. Você sabe disso. Eu *quero* uma casa num bairro legal. Eu quero...

– A cerca de treliça branca. O cachorro. Os filhos. Sei que você diz isso, mas...

– Você é uma das melhores pessoas que conheço – disse ele, interrompendo o que Noelle dizia. – Na escala de mulheres incríveis, você está no topo, ao lado de Tara.

Sob certos aspectos, até acima dela. Mas ela quer a mesma vida que eu, Noelle. Admita. Você não quer ter de fazer sala para um bando de advogados, quer? Você não quer frequentar a sociedade de Wilmington, fazer o que eu vou precisar fazer, o que a minha *esposa* vai precisar fazer, pela minha carreira.

Noelle não respondeu. Era verdade. Não queria nada disso, mas acreditava, de todo o coração, que, no fundo, Sam também não quisesse.

Ele parou de caminhar e se virou para encará-la. Ela viu a lua – dois pequenos crescentes de prata – refletida em seus olhos.

– Você é uma fantasia – disse Sam – e Tara é a minha realidade. Com você... com você eu sempre sinto que se tocá-la, minha mão vai passar através do seu corpo, como se você fosse uma aparição.

Ela ergueu a mão dele, deslizou-a por dentro da blusa até encostá-la em seu seio.

– Isso parece irreal? – indagou.

Ela largou a mão, mas ele não a baixou. Ela sentiu o polegar roçar seu mamilo e entendeu que ele estava tomando uma decisão. Porém, em seu coração, também entendeu que ela não apagaria o casamento marcado para dali a duas semanas. Era algo válido para aquela noite, para aquele momento.

Sam se inclinou e colou seus lábios nos de Noelle. Ela sentiu sua ereção através da calça jeans, através da própria saia. Não era *aquela* *momento* o que ela fora buscar. Ela o queria para sempre. Ainda assim, enquanto seu mamilo se enrijecia ao toque de Sam e as batidas de seu coração ecoavam entre as coxas, Noelle se esqueceu do para sempre. Aceitaria o que quer que ele lhe desse naquela noite. Teria de durar por toda a vida de ambos – no mundo dele, de cercas de treliça e cortes caros de cabelo e ternos de bom caimento, e no dela, de mobília de segunda mão e partos no meio da noite. Se aquela noite era tudo o que Noelle podia ter dele, ela faria com que valesse a pena guardá-la na lembrança.



Os dois estavam deitados de costas na areia depois, olhando para o céu estrelado lá em cima. Haviam enrolado a saia dela para servir de travesseiro para Noelle e Sam descansava a cabeça sobre a calça jeans. Ela sentiu gotículas de água salgada lhe salpicar a pele quando rolou para perto dele e acariciou seu peito.

– Você está bem? – perguntou.

Ele não respondeu, mas mergulhou os dedos suavemente no cabelo dela.

– Devia estar me sentindo pior – falou, afinal.

– Está sentindo culpa por não se sentir culpado? – indagou ela, sorrindo.

– Acho que a ficha ainda não caiu. Sabe, eu nunca traí Tara. Nos sete anos em que estamos juntos, eu nunca a traí.

– Não use essa palavra. *Trair*. Por favor.

– Isso... Você entende que isso não muda nada, não é? – disse ele, seu queixo roçando a têmpora dela.

– Para mim, muda – disse Noelle. – Me dá uma lembrança à qual me apegar.
Ele enroscou uma mecha do cabelo dela no dedo.

– Você podia ter o homem que quisesse. Ian, por exemplo.

Noelle ignorou o comentário. Sabia que o sócio de Sam tinha uma queda por ela, mas a recíproca não era verdadeira. Ian era boa pessoa, bonito de um jeito sóbrio, além de muito inteligente. Noelle já pensara em dormir com ele, mas achara que podia ser um erro. Ian era do tipo que havia de querer mais e, se fosse para ela ter alguma coisa mais duradoura com um homem, ele precisaria ser um clone de Sam, o que Ian não era.

– Não quero que você se preocupe com isto – disse ela. – Com esta noite. Jamais pedirei algo assim novamente a você. Se você tem certeza de estar fazendo a coisa certa casando-se com Tara, darei meu apoio incondicional, porque amo os dois – acrescentou Noelle, sentindo a voz falhar de forma inesperada.

Sam afagou seu ombro.

– Vou sair com Ian algumas vezes e lhe dar uma chance, certo? – prometeu ela.

– Ótimo – disse Sam. – Você vai fazer dele um homem feliz.

Ela se sentou com um suspiro e estendeu a mão para pegar as roupas.

– Tenho de ir – falou, vestindo a blusa.

Ficou de pé e limpou a areia das coxas, enquanto Sam começava a se vestir. Era bom que tivesse isso, pensou. Sim, traíra uma das suas melhores amigas e sabia que isso a assombraria para sempre, mas precisava disso para tirar Sam da cabeça. Do contrário, passaria anos, décadas, sonhando com ele – o que, a longo prazo, acabaria sendo pior ainda para sua amizade com Tara. Agora estava acabado, disse a si mesma enquanto fechava a saia. O capítulo sobre a longa espera chegara ao fim.

Apontou para o estacionamento atrás do hotel.

– Meu carro está daquele lado – falou.

Ele a envolveu com o braço enquanto atravessavam a areia. Seu silêncio a preocupou, mas quando chegaram ao carro, Sam a abraçou durante um bom tempo e ela espalmou as mãos de encontro às costas nuas dele.

– Sem arrependimentos, Sam, por favor.

Ele se afastou dela devagar, deslizando a palma da mão pela extensão do seu braço antes de lhe abrir a porta.

– Cuide-se – despediu-se Sam.

– Você também – disse ela, sentando-se ao volante. Então, sem olhar para trás, deu a partida no carro.

As lágrimas a surpreenderam pela rapidez com que brotaram. O corpo foi sacudido por soluços e ela mal conseguia ver a estrada à frente. A noite estava escura como breu quando ela atravessou a ponte para o continente e, quando parou num sinal fechado, não viu nenhum outro carro na estrada. Levou as mãos ao rosto desejando poder escapar do próprio corpo.

De repente, uma freada ruidosa lhe encheu a cabeça e ela abriu os olhos a tempo

de ver os faróis que vinham em sua direção. Deixando escapar um grito, girou o volante para a esquerda e pisou no acelerador. O outro veículo atingiu o dela no lado direito do para-choque, fazendo o carro rodar. Noelle estava sem o cinto e foi arremessada de encontro ao painel. Ela pisou fundo no freio e, quando o carro parou de supetão, sentiu como se todos os músculos de suas costas se rasgassem.

Um homem desceu do outro veículo e começou a correr em sua direção, gritando e agitando os braços como um louco. Ela trancou as portas do carro. Será que ele era louco? Estaria furioso? Demorou um segundo para entender o que ele dizia.

– Você está com os faróis apagados, imbecil! – berrou o sujeito. – Cadê a porra dos seus faróis?

Faróis apagados? Deus do céu! O que havia de errado com ela? As mãos tremiam quando ela girou a palhete para acender os faróis. Viu o homem puxar um celular do bolso. *Polícia*. Pensamentos confusos perpassaram sua cabeça, um deles se sobrepondo aos demais: ela não queria ter de explicar a alguém o que estava fazendo em Wrightsville Beach no meio da noite.

Pisou no acelerador e atravessou o cruzamento, afastando-se a toda a velocidade do homem e de seus gritos, torcendo para sumir na escuridão tão rápido que ele nem conseguisse memorizar sua placa. Quando já estava a alguns quarteirões de distância, entrou num estacionamento deserto, desligou o motor e ficou sentada imóvel, esperando que o coração voltasse ao ritmo normal. Mas enquanto as batidas iam ficando mais lentas e se normalizando, os músculos em suas costas formaram um nó apertado, doloroso e feroz, e ela compreendeu que a traição a Tara não seria tudo o que iria assombrá-la a partir daquela noite.

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte
2010

Eu não ia ao escritório de Sam desde antes da morte dele. Ian levava duas caixas de objetos pessoais para minha casa algumas semanas depois, mas eu preferia que ele nem tivesse se dado o trabalho. Os óculos escuros extras, dois ou três prêmios profissionais, porta-retratos com fotos minhas e de Grace e outras tralhas – teria sido muito melhor não ver nada disso tão cedo. Agora Emy e eu estávamos sentadas no sofá de frente para as janelas no antigo escritório de Sam esperando por Ian. Sobre a mesa de Sam ainda havia um monitor e um teclado, porém nada mais. As únicas outras coisas na sala, além da mobília, eram as estantes cheias de livros de direito do chão ao teto e três arquivos de madeira elegantes e lustrosos. Esses eram os arquivos que Ian aos poucos vinha examinando, na tentativa de determinar quais os casos de Sam que precisavam de sua atenção.

– Querem beber alguma coisa? – perguntou Ian ao entrar no escritório. – Água? Refrigerante?

Ele tinha nas mãos uma pasta de arquivo, que não era grossa nem fina. As beiradas estavam gastas, como se desgastadas pelo manuseio ao longo do tempo.

– Não precisa – respondi.

Eu sabia que só queríamos que ele fosse direto ao assunto.

Ian se sentou numa das cadeiras de couro em frente à mesa de Sam.

– Bem... – começou ele e olhou para mim. Como se pedisse desculpas, achei. – Noelle continua a nos surpreender.

– Ian – disse Emy com impaciência. – O que você descobriu?

Ele ergueu a pasta.

– Isto estava nos arquivos de Sam. O nome na pasta é Sharon Byerton. É um nome inventado, tenho certeza.

– Por que um nome inventado? – indaguei.

– Eu mesmo já fiz isso – respondeu Ian. – Quando estou trabalhando com um cliente cuja identidade desejo proteger de quem possa ver o arquivo ao acaso, coloco um nome falso. Quando abri a pasta, porém... – disse ele, balançando a cabeça.

Sua expressão era de descrença, como se não pudesse entender o que encontrara.

Abriu a pasta e pude ver um maço do papel grosso, cor de creme, que Sam usava para os documentos jurídicos.

– Vocês se lembram do tal “trabalho rural” de Noelle?

Assentimos.

– Ela não trabalhava como parteira na época – prosseguiu Ian –, salvo talvez para si mesma.

– Do que você está falando? – perguntou Emerson.

– Estes documentos são contratos – respondeu ele, segurando os papéis no ar. – Ela era uma barriga de aluguel.

– Uma...?

As palavras se recusaram a sair da minha boca.

– Cinco vezes. Quando viajava para fazer seu trabalho rural, na verdade ela ia para Asheville, Raleigh ou Charlotte passar os últimos meses da gravidez e entregar o bebê a seus pais biológicos.

Não consegui dizer nada e Emy também parecia ter perdido a voz. Era muita informação para processarmos. Mais que o possível.

– Mas como?! – exclamou Emy e olhou para mim. – Como isso é *possível*? Por que ela faria isso?

– Ai, meu Deus! Tem certeza? – indaguei.

Ian se inclinou para entregar um contrato a cada uma de nós. Baixei a cabeça para as páginas cobertas de palavreado jurídico. Ali estavam os nomes de estranhos nos espaços marcados *pai genético* e *mãe genética*, o nome de Noelle no espaço para *gestante do embrião*. Olhei para Ian:

– Quem são essas pessoas?

Ele balançou a cabeça.

– Não tenho mais nenhuma informação além das que estão nos contratos. Eles foram bem elaborados, mas não são típicos desse tipo de acerto, não que eu tenha visto muitos deles. Em geral, as mães substitutas são casadas e têm filhos e o marido também assina o contrato. Claro que não é o caso aqui. Ela assinou cada contrato antes da fertilização in vitro, o que me deixa mais tranquilo. Tomou todas as precauções. Ou, acho eu, Sam tomou. Em cada caso, os pais pagaram todas as despesas, é claro, mais 15 mil dólares, o que é pouco para esse tipo de coisa, mas posso bem ver Noelle achando que estava ótimo. Ela não tinha um grande volume de despesas pessoais.

– Não cobrávamos um aluguel alto dela – acrescentou Emerson numa voz rouca.

– Aqui estão as restrições habituais sobre a substituta não interferir na educação da criança e jamais tentar fazer valer seus direitos de mãe. E há...

– Quando foi que ela começou a fazer isso? – indagou Emy.

– O primeiro contrato foi assinado em abril de 1998.

Ian pigarreou e baixou os olhos para os contratos em seu colo. Quando tornou a falar, sua voz estava grave.

– Em geral, num contrato desse tipo existe uma cláusula sobre avaliação psiquiátrica da mãe de aluguel, mas nestes aqui não há uma cláusula assim, e eu...

A voz de Ian falhou e ele baixou a cabeça e começou a massagear o queixo, seus olhos úmidos atrás das lentes. Senti pena dele. Levantei-me e cruzei a sala para abraçá-lo.

– Ela não estava bem, Ian – falei. – Tinha alguma coisa errada com ela e nenhum de nós percebeu.

– Quero falar com alguns desses pais – disse Emy. – Pelo menos com o último casal. Posso?

Ian ergueu a cabeça e apertou meu braço num gesto de agradecimento, enquanto se recompunha.

– Vou entrar em contato e ver se eles estão dispostos – respondeu.

Permaneci ao lado dele e não retirei a mão do seu ombro. Meus próprios olhos estavam embaçados, não por Noelle, mas por ele, e me dei conta de que me importava mais com Ian do que imaginara.

– Não percebemos as gestações – interveio Emy. – Cinco vezes!

– Do jeito como ela se vestia, dava para disfarçar bastante – argumentei.

– Será que foi por isso que ela e Sam se encontraram no restaurante em Wrightsville Beach? – perguntou Emy.

– É possível – respondeu Ian. – Embora o último contrato seja de 2007 e ela tivesse 44 anos quando morreu, o que me leva a pensar que... que tinha parado. Seria muito improvável alguém contratar uma mãe substituta dessa idade.

– Bom, eles a contrataram sem ser casada e sem ter filhos – retruquei, voltando a me sentar ao lado de Emy. – Como é que Sam foi capaz de fazer isso?

Eu estava pasma com o envolvimento de Sam e, sobretudo, com o fato de ele saber algo assim sobre Noelle que o restante de nós desconhecia.

– Não foi antiético da parte dele? Ele não deveria ter tentado fazê-la mudar de ideia?

– Provavelmente ele tentou – disse Ian. – Imagino que Sam tenha visto os contratos como a única coisa que podia fazer por ela. Tenho a impressão de que há pingos em todos os is.

Mais uma vez ele acenou com a pasta.

– O que me incomoda é que ela tivesse problemas psicológicos que todos nós desconhecíamos, mas se estava decidida a ser mãe de aluguel e se recusava a fazer terapia, acredito que Sam estivesse protegendo seus interesses da melhor maneira possível. Com os contratos...

Ian tornou a abrir a pasta.

– Não existem anotações na pasta sobre quaisquer encontros que ele tenha tido com ela, mas isso não é incomum – disse ele. – Eu mesmo às vezes jogo fora essas notas, principalmente quando o tema é delicado. A única coisa aqui além dos

contratos é isto – concluiu Ian, abrindo a pasta para chegar à última página.

De onde eu estava sentada, pude ver alguma coisa escrita a lápis, mas não decifrei o que era.

– O que está escrito? – indaguei.

– Apenas uma palavra com um ponto de interrogação – respondeu Ian. – “Penitência?”

Noelle

Wilmington, Carolina do Norte
1993

Sentada no saguão da unidade de parturientes e recém-nascidos do hospital, ela esperava Tara. Estava de coração partido, mas tentava não desmoronar na sala repleta de famílias angustiadas e crianças. Não queria chorar na frente de toda essa gente.

Deixara Emerson e Ted na sala de recuperação, onde Emy, felizmente, continuava grogue após o procedimento de curetagem. A primeira gravidez dela terminara pouco antes dos três meses, mas dessa vez ela chegara à décima oitava semana e tudo parecia estar indo bem. Noelle não concordaria em ser sua parteira quando ela engravidasse de novo. Já era difícil passar por uma gravidez interrompida com qualquer uma de suas pacientes. Com Emy, a tristeza era grande demais.

Tara praticamente irrompeu saguão adentro, cheia de energia e preocupação.

– Avancei um sinal vermelho – disse a Noelle depois de lhe dar um abraço. – Onde ela está?

– Na recuperação. Ted está com ela.

Tara desabou na cadeira a seu lado. O cabelo louro-escuro estava preso num rabo de cavalo desalinhado e ela não usava maquiagem, um sinal evidente de que saíra de casa às pressas.

– Não acredito que ela tenha de passar por tudo isso de novo – falou. – Foi tão horrível da outra vez, Noelle. Agora vai ser muito pior. Estou preocupada com ela.

Tara tinha razão. Depois do primeiro aborto, Emy mergulhara numa depressão sombria que havia durado semanas. Ficara incapaz de trabalhar na corretora de imóveis de Ted, como vinha fazendo desde antes do casamento. Tornara-se incapaz de comprar mantimentos ou arrumar a casa. Havia dias em que nem sequer conseguia se levantar da cama de manhã.

– São os hormônios – disse Noelle. – Depressão pós-parto. Talvez ela precise de remédios para superar desta vez. Perguntei a Ted se eu podia me mudar para lá durante um tempo, e ele achou uma ideia ótima.

– Fantástico! – exclamou Tara, segurando-lhe a mão. – Vai ser um alívio saber que você está lá. Posso levar comida todo dia.

– Ótimo – concordou Noelle. – Vamos tomar conta dela juntas.

Noelle trocou de posição na cadeira. As costas a estavam matando, como acontecia com frequência depois do acidente. Às vezes era impossível encontrar uma posição que não provocasse dor.

Tara olhou em volta.

– Você acha que posso ir vê-la?

Noelle assentiu e se pôs de pé.

– Venha. Vou pedir para que deixem você entrar.

As duas atravessaram o saguão a caminho da sala de recuperação.

– Os abortos de Emerson estão me apavorando – comentou Tara. – Ela se cuida tanto, faz tudo certo e... Acho que eu não conseguiria lidar com isso.

– Claro que conseguiria – afirmou Noelle, pousando a mão nas costas da amiga. – Você é forte. Mas esperemos que jamais seja necessário.

Ela sabia que Tara e Sam já vinham tentando engravidar e desejava que tivessem sucesso. O dia do casamento dos dois, quase oito meses antes, havia sido um dos mais difíceis da vida de Noelle. Ela se sentira nauseada naquela manhã e não tivera certeza de conseguir comparecer e, menos ainda, de participar como dama de honra. O mal-estar, porém, não era físico, mas repulsa a si mesma. Por que as pessoas se tornam tão idiotas quando se trata de sexo? Por que era tão difícil simplesmente dizer não? Quando ela se dera conta, naquela noite em Wrightsville Beach, de que Sam não abriria mão de Tara, por que não tinha dito “Eu entendo” e ido embora? Se tivesse agido assim, não lhe restaria agora aquela incessante dor nas costas e aquele sentimento de culpa permanente.

Mais que tudo, ela não teria destruído uma das amizades mais ricas que já tivera. Agora Sam se mantinha afastado. Fazia de tudo para não ficar a sós com ela. Até Tara já notara que alguma coisa havia mudado.

“Você e Sam brigaram?”, indagara ela algumas semanas após o casamento. Parecia preocupada, sem querer que houvesse rugas entre duas pessoas de quem gostava. Tara era tão ingênua. Tão confiante com relação a Sam. Noelle rira, descartando a pergunta, e dissera “Claro que não”. Depois abraçara Tara com força, pensando: *Sinto muito, sinto muito mesmo.*

Noelle levou Tara até a sala de recuperação, mas não entrou. As enfermeiras não iriam gostar de uma multidão em volta da maca de Emerson. Em vez disso, foi até o toalete e engoliu alguns comprimidos que enfiara no bolso. Recostou-se na parede fria e fechou os olhos, ansiosa pelo alívio que viria a seguir.

Dissera a todo mundo que um motorista bêbado avançara um sinal vermelho e batera em seu carro quando ela voltava para casa depois de um parto no meio da noite em Wilmington. Ian, com quem vinha saindo desde o casamento de Sam e Tara, queria que ela processasse o sujeito, mas Noelle lhe disse que o incidente tinha parecido tão banal na ocasião que ela não se dera o trabalho de pedir o nome do motorista, depois insistiu que Ian não tocasse mais no assunto. Queria esquecer

aquela noite.

Uma mulher entrou no toalete e Noelle se afastou da parede. Lavou as mãos e saiu, atravessando o corredor e o saguão e dirigindo-se direto ao estacionamento. Precisava ir para casa e jogar algumas roupas numa mala para poder se mudar para a casa da irmã.

No carro, sentiu o diazepam e a oxicodona começarem a fazer efeito. *Graças a Deus*. Vinha tomando mais remédios ultimamente, arriscando-se com o coquetel de medicamentos. Tinha cuidado, porém. Tentava encontrar um ponto de equilíbrio entre manter a dor suportável e a lucidez suficiente. Não queria prejudicar sua prática médica ou pôr as pacientes em risco. Conhecia médicos e enfermeiras que usavam drogas e jurara jamais ser um deles. Contudo, depois do acidente, passara a compreender melhor quem agia assim. Já tentara acupuntura, Reiki, repouso, calor, gelo, mas nada funcionava tão bem quanto uma boa e saudável dose de narcóticos. Procurava usá-los quando sabia que não seria chamada para um parto ou para atender uma paciente. Nessas ocasiões, ela suportava a dor. Era um sofrimento que ela achava que merecia.



Noelle se alojou no quarto de hóspedes na casa de Ted e Emy, para onde levou algumas roupas, seus apetrechos profissionais, bolsa de água quente e comprimidos, bem como seus livros de registro. Pela primeira vez desde que saíra de casa oito anos antes, sentia-se parte de uma família. Cozinhas, limpava, fazia compras e, aos poucos, cuidava da irmã para que ela se recuperasse. Ouvia Emerson falar sobre o bebê que perdera, sobre os planos e as esperanças que tivera para ele – um menino –, sobre como se permitira imaginá-lo começando a estudar, formando-se, casando e tendo filhos. Na imaginação de Emy, o filho tinha pendor para música e artes, algo que ela e Ted, honestamente, não tinham. O menino teria sido gentil e carinhoso, contudo, algo de que nem Emy nem Noelle duvidavam. Ela ouvia tudo isso pensando *meu sobrinho* e sentia a perda como se fosse sua.

Era a única parteira sem filhos que conhecia, e seu sonho de ter um filho, de constituir família, crescia a cada bebê que trazia ao mundo. Esse desejo a fizera encarar Ian com novos olhos.

– Admiro você – ele lhe disse no quarto de hóspedes de Emerson uma noite.

Haviam acabado de fazer amor na cama de casal, em silêncio, pois não queriam ser ouvidos.

– Sua disponibilidade em vir para cá e se encarregar de ajudar Emerson e Ted.

Ian não apenas a admirava, ele a *venerava*, do mesmo jeito como um punhado de outros homens a venerara ao longo dos anos. Veneração jamais havia sido algo excitante para ela. Será que o amava? Sim, da maneira como amava todos os amigos, e isso teria de bastar. Não havia clones de Sam dando sopa e Ian seria um bom pai e um marido mais fiel do que ela merecia.

– É fácil ajudar Emerson – disse ela, descansando a cabeça no ombro dele. – Eu a amo. Tudo o que quero é vê-la feliz.

– Ela e Ted parecem se dar bem.

– É. Acho que sim.

Ted era um desses sujeitos que jamais falava dos próprios sentimentos, mas de vez em quando Noelle o pegava fazendo algo que a emocionava. O jeito como ele afagava com ternura o rosto de Emy enquanto os dois assistiam tevê, ou seu olhar triste enquanto embalava a cadeirinha de bebê desnecessária para guardá-la no sótão. Em momentos como esses, ela sentia um desejo por algo mais do que havia em sua vida.

– Então, será que viver dentro dessa harmonia doméstica não faz você ter ideias? – provocou Ian.

Em geral, Noelle encerrava esse assunto com uma gargalhada. Ele já a pedira em casamento algumas vezes, mas ela dissera que era ridiculamente cedo para falar disso. Nessa noite, porém, pensando em Ted e Emy e como os dois pareciam se entender apesar da grande diferença de personalidades, Noelle hesitou.

– Na verdade, é legal – respondeu.

– Uau! – exclamou Ian. – Por essa eu não esperava. Então vai se casar comigo?

Ela riu, mas se apoiou num cotovelo para encará-lo.

– Você me faz um favor, Ian?

Ele afastou uma mecha do cabelo dela por sobre o ombro.

– O quê?

– Continue insistindo, certo? Um dia desses posso surpreender você.

E m e r s o n

Wilmington, Carolina do Norte
2010

Depois de ouvir de Ian que Noelle era mãe de aluguel, fiquei acordada à noite, exausta, porém incapaz de dormir. Do escritório de Ian, dirigi até Jacksonville para uma visita rapidíssima ao meu avô, que dormiu todo o tempo que passei lá. Tudo bem. Eu sabia que ele ficara angustiado por jamais ter podido estar com Noelle e me doía ver sua tristeza e arrependimento.

Quando cheguei em casa, Ian havia deixado o número do telefone da última mãe para quem Noelle servira de barriga de aluguel. Fiquei feliz por Ted e Jenny ainda não terem chegado e me sentei à mesa da cozinha para dar o telefonema. O nome da mulher era Angela e ela me pareceu chorosa quando expliquei quem eu era e por que estava ligando.

– O advogado me disse que ela se matou – falou Angela. – Estou chocada. Nós a amávamos muito. Não teríamos nossos dois filhos se não fosse por ela.

– Ian por acaso lhe explicou que não sabíamos que Noelle era barriga de aluguel? – indaguei.

– Explicou. Acho que não foi grande surpresa para mim, porque ela era uma pessoa muito reservada. Rob e eu também não sabíamos muita coisa sobre sua vida. No início ficamos incertos de escolhê-la porque não tinha filhos. Sempre ouvimos dizer que a mãe de aluguel deve ter família. Mas conversamos com outro casal que a contratara e eles a recomendaram tanto que ficamos confiantes para ir em frente.

– Então...

Eu estava com dificuldade para formular minhas perguntas seguintes, mesmo tendo refletido a respeito antes de pegar o telefone.

– Onde ela morava enquanto aguardava o parto?

– Na gravidez do nosso filho, nós a pusemos num hotel, mas quando chegou a vez da nossa filha, já estávamos muito mais confortáveis com o arranjo todo e ela ficou hospedada conosco durante os três últimos meses. Na verdade, foi de enorme ajuda.

– Por acaso ela contou por que fazia isso?

– Ela chamava de vocação. Era essa a palavra que ela usava: vocação.

– Algum dia ela lhe pareceu drogada?

Eu não pretendia fazer essa pergunta, mas escapou da minha boca assim, do nada, e Angela não respondeu de imediato.

– Por que você está perguntando isso? – indagou finalmente. – O contrato dizia especificamente que ela não usaria nenhuma substância química sem a aprovação do médico e nossa.

– Ela tinha um problema nas costas e precisou de analgésicos durante um tempo. Fico imaginando como ela se virava sem eles.

– Eu sabia do problema nas costas – disse Angela. – Sabia que ela sentia dor às vezes, mas simplesmente aguentava. Além disso, ela ficava conosco dia e noite naqueles últimos três meses. Saberíamos se ela estivesse tomando alguma coisa. Eu confiava totalmente nela.

– Você a achava mentalmente estável?

Angela riu.

– Eu diria que Noelle era doida de um jeito estável, se é que me entende. Quero dizer, ela era maluquinha. Não um caso patológico, só... – Angela soltou um suspiro sonoro. – Ela adorava o que fazia. Isso a deixava feliz. Tenho certeza absoluta. Lamento a sua perda. É difícil para mim imaginá-la cometendo suicídio.

– Ela falava sobre a família? – perguntei. – Sei que estou enchendo você de perguntas, mas eu...

– Não, tudo bem. Eu me sentiria do mesmo jeito se de repente descobrisse que alguém na minha família levava uma vida secreta. E sim, ela falava sobre a irmã, sobre você, um bocado. Vivía elogiando a sua comida.

– Ela me chamava de irmã?

– Sim, você é irmã dela, não é?

– Sou, mas só descobri isso recentemente.

– Nossa! Ela sempre chamou você de irmã. A menos que tivesse *outra* irmã.

– Não, só eu – falei, mas no fundo pensei *Quem sabe o que mais ela escondia?* – Tenho mais uma pergunta: por acaso ela algum dia mencionou uma mulher chamada Anna Knightly?

– Anna Knightly... – Angela conferia o nome em sua memória. – Acho que não. É alguma mãe que ela também ajudou?

Fechei os olhos. *Imagine*, pensei.

– Não – respondi. – É só alguém que estou tentando encontrar.



Agora, deitada na cama, tudo o que me vinha à cabeça era Noelle e seus segredos. Contemplei a lua refletida no teto. Ted finalmente adormecera ao meu lado, mas demorara um bocado para conseguir. Por mais bizarra que me parecesse a ideia de Noelle como mãe de aluguel, para Ted era cem vezes pior. Ele mal se recuperara da notícia de que Noelle e eu éramos irmãs quando larguei a bomba da finalidade *real* do “trabalho rural” que ela fazia. Ficamos acordados até tarde, falando disso, mas

acho que nenhum de nós aceitara totalmente a verdade quando fomos dormir. Ele não sabia a metade da história e eu queria muito poder lhe contar sobre Anna Knightly. Ao mesmo tempo, queria proteger Noelle. Ted já vinha começando a torcer o nariz toda vez que dizia o nome dela. Dava bem para imaginar sua reação se eu lhe contasse tudo o mais que sabia.

Tara e eu achávamos ter entendido a motivação de Noelle: ela havia roubado um bebê. Depois encontrara um jeito de devolvê-lo simbolicamente, alugando a própria barriga. Era sua penitência. Ainda assim, devolver uma criança não havia sido suficiente para que se sentisse perdoada. Ela precisara fazer isso de novo e de novo. O bebê que matara por acidente e o que havia roubado para substituí-lo – os dois deviam tê-la assombrado todos os dias de sua vida até que ela descobrisse uma forma de ficar em paz. Como isso me deixava triste. Eu sabia que ela desejara ter tido filhos. Adorava crianças. Deve ter achado que não merecia tê-los. Se ao menos tivesse me contado que éramos irmãs. Se ao menos tivesse confiado em mim. Talvez eu pudesse ajudá-la.

Ficava pensando naqueles contratos e imaginando Sam como parte da coisa toda. Ele sabia que ela era mãe de aluguel. O que mais saberia?

Pensei nos livros de registro de Noelle, imaginando se a identidade da mulher cujo bebê morrera estaria realmente em algum lugar daquelas páginas ou se estávamos totalmente desnorteadas em nossa busca. Eu começava a pensar que a página arrancada continha a resposta que procurávamos, só que aquela página não existia mais. Não havia como saber quem era aquela paciente. A Maternidade não nos daria a informação – isso se a tivesse. Apenas se optássemos pela via jurídica o hospital seria obrigado a entregar seus registros antigos, mas Tara e eu não estávamos prontas para trilhar esse caminho. Parte de mim já começava a se entregar à negação. Precisei me recordar da carta escrita por Noelle para Anna Knightly a fim de me lembrar que o problema todo era real.

Eu não parava de pensar nos filhos louros de olhos verdes de Denise Abernathy. A filha havia sido a última menina que Noelle trouxera ao mundo. Deitada ao lado de Ted, totalmente desperta, imaginei Noelle, procurando desesperadamente um bebê recém-nascido cujos olhos pudessem se tornar verdes como os da mãe e da irmã mais velha. Noelle tinha um sexto sentido com relação à cor dos olhos. Sempre era capaz de dizer o que aparentemente ninguém mais sabia: de que cor acabariam ficando os olhos de um bebê. Imaginei-a vagando pelo hospital na calada da noite, erguendo as pálpebras dos bebês e conferindo a cor de seus olhos. A ideia toda era insana e muito, muito bizarra. Cinco vezes mais bizarra do que ser mãe de aluguel em segredo.

Se ao menos soubéssemos a data do nascimento do bebê de Anna Knightly, já seria um começo, certo? Saberíamos se a criança que buscávamos era a filha loura de olhos verdes de Denise Abernathy. No mínimo, conseguiríamos descobrir se Noelle registrara o parto que tinha saído tão errado. Sentei-me na cama de um salto.

Será que os registros de nascimento estariam on-line?

Levantei da cama. Eu ia descobrir e era agora.

Lá embaixo, roubei da geladeira um dos cogumelos recheados que preparava para a festa de Suzanne e o levei para o escritório num guardanapo. Belisquei o cogumelo enquanto o computador iniciava. Então, depois de alguma busca, descobri o site de registros de nascimento da Carolina do Norte, mas não conseguiria informação nenhuma se não digitasse sobrenome e nome.

Olhei para a tela, pensando em Anna Knightly. Ela era a diretora do Departamento de Crianças Desaparecidas. Transformara a própria perda numa forma de ajudar outras pessoas. Eu gostava do pouco que conhecia dela e tinha enorme simpatia por essa mulher. Como teria se sentido ao descobrir que a filha simplesmente sumira? Como teria continuado a viver? E como Noelle pudera fazer isso com ela?

Eu não pretendia saber demais sobre sua personalidade, só me interessava a data do desaparecimento do seu bebê. Eu queria que Anna permanecesse um nome sem rosto. Quando soubéssemos quem estava com sua filha, as autoridades lidariam com o caso. Eu esperava jamais ter que conhecê-la.

Ainda assim, sem a ajuda dos registros de nascimento, aparentemente o único jeito de achar a data do sumiço do bebê seria encontrar *Anna*. Naveguei pela página do Departamento de Crianças Desaparecidas. Eu já a procurara rapidamente nesse mesmo site antes, achando que haveria um perfil detalhado seu em algum lugar, mas me enganara. Era um site lotado, tão cheio de informações, que eu não sabia por onde começar. Havia recursos para famílias e formulários que poderiam ser usados por quem achasse ter visto uma criança desaparecida, além de informação sobre alertas em rede nacional. Naveguei durante algum tempo e descobri algumas matérias de jornal em que Anna Knightly fazia declarações referentes a casos específicos, mas nada sobre ela mesma.

Então, finalmente, entendi.

Até quanto tempo atrás era possível rastrear no site uma criança desaparecida? Abri o formulário de busca e digitei o pouco de informação de que dispunha: *Carolina do Norte. Sexo feminino. Knightly*. Há quantos anos desaparecera? Optei por *treze*, já que Noelle parara de fazer partos doze anos antes, e esse também era o ano em que se tornara mãe de aluguel. Então cliquei em “Ir” e rapidamente recebi uma resposta: *0 resultados encontrados*. Talvez o bebê tivesse outro sobrenome.

Recostei-me na cadeira e olhei novamente para a tela. Foi quando reparei nas letrinhas verdes no pé da página: *Busca no site*. Cliquei ali e a caixa de texto apareceu. Finalmente! Digitei *Anna Knightly* e, de repente, lá estava ela – sua foto e um breve perfil. Eu queria desviar os olhos daquela imagem, mas já era tarde demais. Encarei-a. Tinha um rosto arredondado. Não era gorda, mas suave e meiga. O cabelo castanho-claro lhe chegava ao queixo e era ondulado. Os olhos eram grandes e muito verdes. Verdes, como os dos filhos de Denise Abernathy. Foi o

sorriso que chamou minha atenção, porém. Não era um sorriso largo, mas o tipo que se usa para uma foto de divulgação. Caloroso, confiante, porém sóbrio. *Sou uma profissional séria*, dizia ele. *Minha função primordial é encontrar seus filhos*.

Li algumas linhas do texto sob a foto:

A diretora Anna Chester Knightly, 44 anos, trabalha há dez no Departamento de Crianças Desaparecidas. Sua filha recém-nascida, Lily, desapareceu de um hospital em Wilmington, na Carolina do Norte, em 1994. Anna Knightly tem outra filha, Haley.

Ah! Ela tinha outra filha. Que bom.

Mas 1994? Há tanto tempo assim? Tínhamos realmente nos equivocado com as datas. Voltei ao formulário de busca por crianças desaparecidas e substituí os treze anos que digitara por dezessete. Pronto: Lily Ann Knightly.

Não havia foto, mas uma única linha de texto:

Lily Ann Knightly nasceu em 29 de agosto de 1994 e desapareceu de um hospital em Wilmington, na Carolina do Norte, poucos dias depois.

Meu coração de repente esmurrou o peito: *29 de agosto de 1994*. Afastei minha cadeira de rodinhas do computador e fui até a bancada comprida sob a janela, onde empilhara os livros de registro de Noelle. Peguei o que estava marcado “Março 1994 – Novembro 1994”. Abri devagar, prendendo a respiração enquanto virava as páginas.

– Não! – exclamei em voz alta ao chegar à página que procurava, embora soubesse perfeitamente bem o que estaria escrito ali.

No topo da página li o nome da paciente: Tara Vincent. A data era 31 de agosto de 1994 – o dia em que Jenny nasceu de cesariana e Tara entrou em trabalho de parto para ter Grace. Pela primeira vez na vida, agradei a Deus por não ter podido fazer o parto em casa e por Noelle não ter chegado perto da minha filha. Reli as anotações de Noelle sobre o trabalho de parto longo e terrível de Tara, que culminou com o nascimento arriscado ao raiar do dia 1º de setembro. Folheei rapidamente as páginas, torcendo para que Noelle tivesse atendido outra parturiente em data próxima, mas o registro seguinte era de uma criança nascida em 15 de setembro e se tratava de um menino. Voltei ao parto de Tara e às páginas e mais páginas de anotações de Noelle. Li as últimas linhas, procurando o momento em que a caligrafia de Noelle deixava de ser aquela da mão cuidadosa e segura de uma parteira para se tornar a de uma mulher assustada que acidentalmente deixara cair o filho da amiga. Uma mulher prestes a correr para o hospital a fim de achar um bebê substituto. Estudei as anotações, mas ela não deixara nenhum rastro do que fizera. Li mais uma vez sua observação final – “É linda! Vão chamá-la de Grace” – e me perguntei se àquela altura Noelle estaria se referindo à Grace parida por Tara ou à Grace que eu conhecia e amava fazia tantos anos.

A Grace que não pertencia a nenhum de nós.

P A R T E I I I

G R A C E

G r a c e

Acordei às seis da manhã e não me dei o trabalho de tentar voltar a dormir. Cleve chegaria para o aniversário da mãe em poucas horas! Em seu e-mail da véspera, ele tinha dito que um amigo lhe daria carona e que achava que estaria em casa na hora do almoço, embora não tivesse me convidado para almoçar com ele. Mas ele vinha me mandando e-mails e mensagens de texto com mais frequência nos últimos dias, como se pensasse em mim bem mais agora que ia voltar para casa. Ele tinha dito “A gente se vê logo!” no texto da véspera, e eu vinha dissecando essas cinco palavras desde então. O ponto de exclamação era a minha parte predileta.

Eu já planejara todo o nosso dia. Se fizesse tempo bom, podíamos caminhar à margem do rio, no centro da cidade, e conversar. Conversar *de verdade*, para variar, como costumávamos fazer. Eu esperava, claro, que a gente voltasse a namorar. Era um fim de semana de três dias, e se hoje ainda eu não o convencesse de que éramos almas gêmeas, teria mais 48 horas para defender minha causa.

Eu estava no Facebook por volta das oito, quando minha mãe enfiou a cabeça pela fresta da porta.

- Está acordada? – indagou, parecendo surpresa.
- Suponho que seja uma pergunta retórica – falei.
- Engraçadinha – disse ela, sorrindo.

Ela andava estranha ultimamente, e o sorriso não foi verdadeiro.

– Quer me ajudar com as últimas providências? – pediu. – Tenho um milhão de coisas para aprontar para a festa de hoje à noite.

– Não posso, desculpe. Preciso fazer um trabalho. E Cleve deve estar chegando daqui a pouco.

Por que fui acrescentar isso? Não consegui evitar. Só que agora ela iria me fazer todo tipo de pergunta.

- Vai se encontrar com ele?

Minha mãe não achava que fosse uma boa ideia, dava para notar.

- Antes da festa, quero dizer – acrescentou.

Dei de ombros como se não me importasse.

- Acho que sim – respondi.

– Você pode perguntar a ele sobre as aulas e do que ele gosta em Chapel Hill.

Olhei-a como se ela tivesse acabado de cair na Terra vinda do espaço sideral.

- Eu sei o que conversar com ele, mãe.
- Bem, o que você vai vestir hoje à noite?

Lá ia ela entrar no modo dez perguntas por minuto. Eu geralmente dava um jeito de cortá-la, mas estava tão louca pelo meu vestido que resolvi mostrá-lo. Jenny e eu tínhamos saído para fazer compras na segunda-feira e eu estava apaixonada pelo vestido que tinha escolhido. Puxei o cabide do armário e levantei o plástico branco que o protegia. Minha mãe abriu a boca encantada, exatamente como eu havia feito quando o vi na loja.

- Ah, Grace, é tão lindo!

Lindo não era o adjetivo que eu procurava. Eu queria sexy e sofisticado, mas entendi o que ela quis dizer. O vestido era vermelho, curto e tomara que caia, feito de um material acetinado e com um cintinho prata. No cabide podia parecer lindo, mas em mim ficava provocante. Jenny jurou isso de pé junto.

- Obrigada – agradei.
- Vai usar com que sapato?

Tirei do armário a sandália vermelha de tirinhas que praticamente secou minha poupança.

– Perfeito – disse ela. – Não é alto demais. Você é esperta. Eu nem pensei ainda no que vou vestir – acrescentou, consultando o relógio. – Você já comeu?

- Ainda não.
- Quer que eu faça...
- Não, obrigada. Estou bem assim – falei, voltando ao computador.
- Tem certeza de que não quer vir comigo? Trago você de volta antes do meio-dia.
- Eu tenho mesmo de fazer esse trabalho, mãe.

Ainda bem que, de onde estava, ela não podia ver a página do Facebook aberta na tela.

- Está bem. Bom dia para você.



Não fiz o trabalho, claro. Nem tentei. Fiz um exercício de matemática, comi uma banana, lavei o cabelo, chequei o celular um milhão de vezes para ter certeza de que estava ligado e troquei comentários com uns amigos do Facebook que nunca vi pessoalmente. Ao meio-dia, não consegui me conter e mandei uma mensagem de texto para ele:

Já chegou?

Em menos de um minuto, ele respondeu.

Faz uma hora. A gente se vê na festa?

Meu coração parou. Fala sério. “A gente se vê na festa?” Por que não agora? Tínhamos a tarde toda para ficar juntos. Podíamos ir até o centro. Conversar. Rir.

Digitei no celular com os dois polegares:

A gente pode se ver agora? Tô de folga.

Tô ajudando minha mãe. Mais tarde.

Sentei na cama e comecei a chorar. Não dava para *entender*. Eu me senti quase tão mal quanto na hora em que ele terminou comigo. Tentei ligar para Jenny, mas ela não atendeu. Twitter começou a choramingar e eu deixei que subisse na cama. Ele sabia que eu estava nervosa e tentou acomodar o corpo todo no meu colo. Enterrei meu rosto em seu pescoço e soluzei.

Quase uma hora depois, me levantei e olhei para o meu reflexo no espelho do banheiro. Tudo era vermelho – meu nariz, meus olhos, minhas bochechas. Eu precisava dar um jeito no rosto ou ele ficaria da mesma cor do vestido da festa. Tentei me recompor, umedeci uma toalha e a apertei contra os olhos.

Eu não tinha um pinga de fome, mas estava seca por um café. Fui até a cozinha e vi que ainda havia café na jarra, mas, claro, estava frio. Era só aquecer. Abri o armário para pegar uma caneca. Tinha algo diferente ali. Vi minha caneca preta favorita e a peguei, mas percebi que faltava alguma coisa. Mamãe vivia rearrumando tudo, o que era meio irritante. Então percebi. A caneca roxa que eu tinha dado de presente para meu pai! Eu amava aquela caneca. Amava ver aquela lembrança dele todos os dias. Abri os outros armários, um por um, procurando por ela, mas não a encontrei.

Eu não ia chorar. Não mesmo. Tinha acabado de dar um jeito no rosto. Em vez disso, passei a mão no telefone e liguei para o celular da minha mãe.

T a r a

Minha van estava cheia de balões de gás. A jovem coberta de piercings que me atendeu na loja perguntou que cores eu queria e eu lhe disse para me surpreender. Em geral, eu escolheria, mas minha cabeça estava a mil por hora processando ao mesmo tempo os preparativos para a festa de Suzanne e a descoberta de que Noelle havia sido barriga de aluguel e que Sam estivera a par disso o tempo todo. Era demais. Durante todos esses anos, ele sabia! Meu Deus. Claro que devia morrer de vontade de me contar. Admirei sua ética. Não sei se conseguiria manter segredo, caso estivesse em seu lugar. Ainda bem que Noelle procurara Sam para ajudá-la. Fiquei feliz em saber que ela confiava tanto assim no meu marido.

Tudo o que eu via no retrovisor era um mar de balões, então dirigi devagar até a padaria onde pegaria o bolo do aniversário. Dirigir com uma van cheia de balões não era menos perigoso do que dirigir e digitar mensagens de texto, pensei comigo mesmo, enquanto encontrava um lugar para estacionar a meio quarteirão da padaria. Engatei a marcha a ré e fui entrando devagarinho na vaga, contando apenas com os espelhos laterais para me orientar.

O celular tocou assim que desliguei o motor e achei que devia ser Emerson pedindo para levar alguma coisa de última hora. Nem sequer olhei para checar quem era.

– Oi, Emy – atendi.

– Como você teve coragem? – gritou Grace tão alto que afastei o telefone do ouvido, ensurdecida.

Eu não sabia o que tinha feito, mas senti uma culpa instantânea mesmo assim.

– Do que você está falando? – perguntei.

– Você não podia deixar uma única coisa do papai em casa?

Havia tanta raiva naquela voz que ela parecia pertencer a alguém desconhecido. O que eu tinha feito dessa vez? Pensei no lado do armário que era de Sam, ainda tão vazio que chegava a fazer eco. A gaveta da sua mesinha de cabeceira, que um dia guardara livros, canetas e uma luminária para leitura, continha hoje apenas uma lanterna comum e algumas pilhas sobressalentes. Eu doara seus arquivos. As gavetas da escrivaninha guardavam agora o meu material de escritório e coisas da escola.

– Como assim? – indaguei.

– A caneca – disse ela. – A caneca roxa que eu dei a ele de presente.

Visualizei a caneca. Vi a mim mesma estendendo o braço para pegá-la, um objeto feioso e já sem utilidade que ocupava espaço no armário. Por que guardar algo que jamais usaríamos? Vi a mim mesma enfiando-a na caixa de coisas para doação.

– Ah! – exclamei. – Ah, não. Eu não pensei direito, meu bem. Vi a caneca e... Você sabe como não suporto cacarecos. Esqueci que...

– Tudo tem sempre a ver com você, não é? – gritou Grace. – *Você não suporta cacarecos, por isso precisou se livrar da caneca. Você nem quis saber o que eu pensava. Se tinha tanto horror a ela, podia ter dado para mim e eu ficaria com ela no meu quarto, porque cacarecos não me incomodam, mãe! Não me incomodo porra nenhuma com cacarecos!*

Ela desligou e fiquei ali agarrada ao telefone. Ela nunca tinha falado comigo assim, com essa fúria, e muito menos com esse linguajar. Eu nem sequer sabia que ela era capaz de falar desse jeito. Tentei descontar a agressividade dos termos e vi que ela tinha razão. Eu havia sido egoísta. E idiota. Ela comprara a caneca para Sam. Eu via uma lembrança dolorosa dele toda vez que olhava para o objeto, mas ela via uma conexão preciosa com alguém que tinha amado. Senti minha garganta se apertar enquanto ligava de volta, mas ela não atendeu. Já dissera tudo o que tinha a me dizer.

Saí do estacionamento. O bolo que esperasse. Fui até o lugar onde eu deixara as doações, desci da minha van cheia de balões e corri até a entrada principal. Na pequena sala de entrega, uma mulher estava passando um banco de cozinha ao rapaz magro e carrancudo responsável pelos recibos.

– Com licença – falei. – Eu trouxe uma coisa para cá outro dia e preciso pegá-la de volta. É possível?

– Não, senhora – disse o rapaz, pegando o banco das mãos da mulher e deitando-o de lado sobre uma pilha de caixas de papelão. – De jeito nenhum.

Olhei pela porta aberta atrás dele para o enorme salão onde mulheres com luvas de borracha remexiam em sacolas, caixas e todo tipo de quinquilharias. Tentei enxergar minha pequena caixa solitária, mas vi logo que se tratava de uma causa perdida. De uma agulha num palheiro.

Voltei para a van e dirigi lenta e cuidadosamente de volta à padaria, pensando o tempo todo como deveria ter sido para Grace abrir aquele armário e ver que o último vínculo material com o pai sumira. Senti-me na pele da minha filha. Mal pude aguentar tanta dor.



Praticamente flutuei até a casa de Emy quando saí da van carregando uma nuvem de balões acima da minha cabeça. A porta estava destrancada e entrei sem bater, liberando os balões em sua sala de estar.

– Emy? – chamei.

– Aqui, na cozinha.

– Cheguei. Só preciso pegar mais umas coisas no carro.

Fiz outra viagem até a van para apanhar o bolo, que levei para a porta lateral que dava na cozinha. Shadow e Blue farejaram o ar à minha volta quando deposei a caixa sobre a bancada de granito. Emy lavava uma tigela na pia.

– Oi – disse ela, distraída. – Abri espaço para o bolo na geladeira. Obrigada por buscá-lo.

Guardei o bolo na última prateleira da geladeira. As outras estavam abarrotadas com Deus sabe o quê. A geladeira de Emerson nunca era uma bela imagem.

– Deixei os balões na sala – falei. – Vou espalhá-los pela casa daqui a pouco.

– Temos um pequeno problema – disse Emy, que parecia querer arrancar o alumínio da tigela, o que eu sabia que era para desestressar. – A irmã de Suzanne mandou um monte de fotos e Jenny estava tentando fazer uma colagem com elas, só que não está se sentindo bem e foi deitar. Você tem tempo para terminar isso? Ela estava trabalhando no escritório.

– Claro – concordei. – Qualquer coisa para distrair minha cabeça de... de tudo.

Sorri para Emy, mas ela estava exausta demais para retribuir o sorriso.

– O que a Jenny tem?

– Ela acha que é um começo de gripe – respondeu Emerson, enxaguando pela última vez a tigela e deixando-a para secar. – Disse que acordou com dor de garganta. Me ajudou a pôr os pratos e as coisas na mesa da sala de jantar e depois foi deitar. Acho que não estava a fim de ajudar. Provavelmente vai ficar boa para a festa.

Vi que ainda havia um pouco de café na jarra e estendi a mão para pegar.

– Posso me servir? – perguntei.

– Se não se importar de aquecer – disse Emerson, secando as mãos num pano de prato e depois passando por mim para chegar à despensa sem um único olhar na minha direção.

– Você está bem? – perguntei, enquanto abria o armário para pegar uma xícara.

Não pude evitar pensar no meu próprio armário, lindo e arrumado agora, sem a caneca roxa mais alta que as outras.

– Estou ótima – respondeu Emerson, pegando um pacote de guardanapos. – É só... – começou, balançando a cabeça. – Você sabe.

– Eu sei.

Passei o braço em torno dos ombros dela. Eu sabia da conversa com a mulher cujo bebê Noelle carregara na barriga. Por mais estranhas que aquelas revelações fossem para mim, para Emerson elas tinham sido ainda piores. Havíamos tido pouco tempo para processar tudo e isso vinha incomodando a ambas. Depois da festa, poderíamos retomar o fôlego. Era quase como se precisássemos providenciar outro funeral para Noelle. O primeiro tinha sido para uma mulher que não conhecíamos de fato.

– Bem – comentei, enquanto me servia de café. – Acho que acabei de me ferrar legal.

Ela abriu uma gaveta para apanhar uma tesoura e parou com ela no ar acima da embalagem de plástico dos guardanapos.

– Como assim?

Pela primeira vez desde a minha chegada, Emerson olhou para mim.

– Eu me desfiz da caneca roxa de Sam – respondi, colocando a xícara no micro-ondas e ligando o *timer*. – Esqueci que Grace tinha dado de presente a ele. Ou melhor, não pensei nisso. Ela me ligou enquanto eu estava pegando o bolo e acabou comigo sem dó nem piedade. Nunca a vi tão zangada.

Emerson cortou o plástico e depois tornou a pôr a tesoura na gaveta.

– Vai passar – assegurou ela. – Ela vai ficar bem.

– Você está bem? – indaguei. – Está parecendo tão nervosa...

– Eu só...

Ela tirou os guardanapos da embalagem e começou a contá-los.

– São 24, acho – falei.

Estava escrito na embalagem, mas não tive coragem de acrescentar.

– Só quero que tudo dê certo hoje à noite – disse ela.

– Vai dar, querida.

O micro-ondas apitou, e tirei minha xícara lá de dentro.

– Mas estou um pouco preocupada com Grace e Cleve – acrescentei.

– Acha que você dá conta de terminar a colagem? – perguntou Emy, como se eu não tivesse falado nada.

– Já estou indo.

Emerson estava agindo mais como eu do que como ela mesma, preocupando-se com detalhes, querendo perfeição. Resolvi fazer logo a colagem para depois poder ver em que mais poderia ajudar.

Encontrei a enorme colagem pela metade, numa das mesas no escritório que Emy e Ted dividiam. Equilibrei o estoque de fotos e o bastão de cola em cima da cartolina e carreguei tudo para a cozinha, de modo que Emy e eu pudéssemos conversar enquanto eu trabalhava.

Quando entrei na cozinha, Emy estava tirando as taças de vinho do armário e pareceu surpresa ao me ver.

– Resolvi trazer para cá – falei.

– Tem muito mais espaço para fazer isso no escritório.

– Lá é muito solitário – justifiquei, enquanto pousava a cartolina na mesa e me sentava.

Comecei a examinar as fotos. Havia algumas de Suzanne com Noelle ao longo dos anos, e tive dificuldade de olhá-las. *Será que Noelle está grávida nesta foto?*, imaginei. *E nesta outra?*

Havia toneladas de fotografias de Cleve em diferentes idades. Pele morena. O cabelo negro do pai e os olhos azuis da mãe. Uma criança bonita e um rapaz mais

bonito ainda.

– Cleve foi um menino lindo – comentei com Emy.

Ela estava removendo manchas de água das taças com um pano de prato e aparentemente não me ouviu. Grace uma vez me disse que eu não precisava de outra pessoa para ter uma conversa – que eu era capaz de conversar sozinha –, mas não era esse o caso. Levantei da cadeira e levei uma foto de Cleve até a pia, onde Emerson estava, e a segurei diante dos olhos dela, de modo que ela não precisasse largar o copo que tinha nas mãos.

– Ele devia ter uns 3 anos aqui, não acha? Não é uma graça?

Emerson mal olhou para a foto. Em vez disso, de repente pôs o copo e o pano de prato na bancada e me surpreendeu, puxando-me para um abraço. Ela me apertou forte, quase demais.

– Ei! – falei, com uma palmadinha em suas costas. – O que houve?

– Eu amo você – disse ela. – Desculpe por estar tão preocupada.

Afastei-me dela. Havia lágrimas em seus olhos e segurei sua mão.

– Emy, o que houve? – perguntei, depois baixei a voz, caso Jenny ou Ted estivessem por perto. – É essa coisa toda com Noelle? – sussurrei. Então me dei conta. – Seu avô! Ele está...

– Ele está bem – disse ela. – Acho que é só TPM.

– Certo – concordei devagar, sem saber se acreditava nela. Jamais a ouvira reclamar de TPM. – Por que não se deita um pouco? Eu posso aprontar o que falta.

– Não se importa? – indagou, parecendo aliviada. – Não dormi bem esta noite e...

– Vá logo – falei, empurrando-a delicadamente na direção do corredor. – Está tudo sob controle. Não se preocupe.

– Está bem, eu vou.

Observei-a atravessar o corredor. Ela precisava de um belo cochilo, pensei, e provavelmente não conseguiria tirá-lo até o dia seguinte, depois de encerrada a festa. Eram muitas coisas acontecendo. Todas as revelações sobre Noelle. O avô no hospital. A festa de Suzanne. Não era de espantar que estivesse um caco.

Sentei-me novamente diante das fotos. Eu teria que terminar a colagem e depois me assegurar de que tudo estivesse em ordem para o pessoal do bufê. Então iria para casa e trocaria de roupa. Queria tirar uma foto de Grace com o vestido vermelho novo, mas algo me dizia que ela não iria concordar. Pude imaginar nós duas na van juntas voltando para a casa de Emy. Eu tagarelando tolices. Ela muda e ainda zangada. Precisávamos terminar nossa discussão antes da festa, pensei enquanto colava uma foto de Suzanne e Noelle no canto inferior da cartolina. Tínhamos de pôr um ponto final naquilo.

Estendi a mão para a minha bolsa e peguei o celular. Apertei o botão de rediscagem, mas ela não atendeu. Era óbvio que não ia facilitar as coisas.

Noelle

Wilmington, Carolina do Norte
1994

– Só quero que seja simples – disse Noelle.

Ela e Ian estavam sentados na sala da casa de Sunset Park com Tara e Emy, convocadas por ela para ajudarem a planejar o casamento, que aconteceria em novembro. Noelle não tinha experiência nem, definitivamente, talento nessa área.

– Pode ser simples em termos de *estilo* – interveio Ian –, mas eu gostaria que todos os nossos amigos fossem.

Noelle sabia que deixava Ian maluco com seu desejo de simplicidade. Ela já havia limado a ideia de um casamento na igreja – algo de que ele gostaria –, bem como a de alugar um salão para a recepção. O anel de diamante que ganhara no noivado parecera pesar em sua mão e ela insistira para que o trocassem por algo menos chamativo. Ele queria se casar em agosto, mas ela adiara para novembro, de modo que Tara e Emerson pudessem se recuperar totalmente dos partos. Tara seria mãe no fim de agosto, dali a praticamente um mês, enquanto o bebê de Emy estava previsto para meados de setembro. As duas seriam damas de honra. Noelle sempre tomava cuidado para não fazer diferença entre as duas amigas.

– Talvez a gente precise definir o que significa “simples” para cada um de vocês – disse Tara.

Ela estava sentada numa ponta do velho sofá de Noelle, com um bloco de notas no colo e empolgação no olhar, eufórica por estar planejando um casamento. Emerson estava na outra extremidade e, aos olhos de Noelle, as duas pareciam contrapesos: duas mulheres extremamente grávidas prendendo o sofá ao chão.

Emy iria conseguir dessa vez. A gravidez testara os nervos de todos, com um problema seguido de outro e, embora ela desejasse que o bebê nascesse em casa, de jeito nenhum Noelle assumiria tal risco com ela. Ajudaria no parto no hospital, mas um dos obstetras era quem ficaria à frente de tudo, e era assim que ela queria. Com Tara, por outro lado, desde que tudo continuasse a correr bem, a criança nasceria em casa.

– Simples para mim significa casar vestindo algo confortável – disse Noelle. – Exatamente o que costumo usar todo dia.

Ian deixou escapar um pequeno gemido. Olhou para Tara e Emerson.

– Estão vendo o que preciso aguentar?

Sua voz esbanjava amor de tal forma que Noelle se inclinou para beijar seu rosto. Ele era um homem meigo. Os dois teriam um bom casamento. Ela estava decidida a fazer isso acontecer.

– Então vamos falar sério – interveio Tara, batendo com a caneta no bloco em seu colo. – Novembro é frio demais para um casamento ao ar livre e, como você não quer partir para a opção da igreja, Noelle, que tal fazermos lá em casa? Temos espaço. Talvez não seja possível pôr todo mundo sentado para a cerimônia, mas há muito espaço.

– E eu posso fazer parte da comida – acrescentou Emerson. – E...

– Não quero que vocês duas tenham trabalho – disse Noelle.

Casar na casa de Sam depois de tudo o que houvera entre ambos a deixava nauseada.

– Vocês duas vão estar com bebês pequenos e, acreditem, qualquer minutinho que sobrar, vão querer usar para dormir.

– Ah, nos deixe fazer isso – insistiu Tara, descartando o protesto. – Você sabe que vamos adorar cada segundo.

Ian olhou para Noelle.

– Gosto da ideia de fazer o casamento na casa de Tara e Sam. Podemos pagar para alguém rearrumar os móveis e limpar tudo antes e depois. E você pode usar o que quiser.

– Não, não pode – discordou Tara. – Emy e eu vamos levá-la para fazer compras. Se eu a vir caminhando para o altar com uma de suas saias velhas, eu...

– Vai haver um altar? – interrompeu Noelle. – Não quero caminhar até um altar.

Noelle não queria toda essa atenção sobre si mesma.

– É modo de dizer – emendou Tara. – Vocês podem se casar diante da nossa lareira.

Era uma imagem bonita, a de Ian e ela diante da lareira, de mãos dadas, com os amigos a cercá-los. Noelle se surpreendeu quando seus olhos se embaçaram ao contemplar essa ideia.

– Muito bem – disse ela a Tara –, por que você não pergunta a Sam o que ele acha de fazer o casamento na casa de vocês? Veja se ele aprova a ideia.

– Ah, Sam vai aprovar, com certeza – garantiu Tara.

Noelle não tinha tanta certeza. Seu relacionamento com Tara se intensificara durante os meses de cuidados pré-natais, e ela descobrira que a intimidade de que sempre desfrutara com suas pacientes era ainda maior quando se tratava de uma amiga próxima. Mas as coisas pareciam meio tensas entre ela e Sam. Vinham melhorando conforme ele se envolvia mais e mais na gravidez, mas Noelle sabia que ele tinha suas reservas quanto a ela ser a parteira. Não que não confiasse em sua competência – confiava, sim –, mas parecia pouco à vontade em sua companhia em

situações emotivas. Jamais falava sobre isso, é claro; já não tinham tanta intimidade em suas conversas. Era esse “não falar” que dava a ela a dimensão do desconforto dele. Noelle sentia falta de Sam e se culpava pela distância entre os dois.

Via-se forçada a relembrar aquela noite na praia cada vez que fazia algum movimento mais brusco com as costas e nas noites insones em que os músculos enrijeciam e se recusavam a relaxar. Precisava tomar mais remédios durante o dia – desde que não houvesse qualquer possibilidade de fazer um parto – e mais ainda à noite, para dormir. A dependência crescente de medicamentos a assustava. Naquele exato momento, ali sentada na sala planejando o casamento, sentia uma bem-vinda sensação de euforia induzida pela oxicodona e não sabia como seria capaz de ficar sem isso. Perguntava-se quanto da sua dor era física e quanto era emocional, nascida de uma culpa e de um anseio que não a abandonavam.

Estava na hora de *fazer* com que a abandonassem.

– Quer saber? – falou a Ian. – Não me importo com o jeito como vamos fazer. O que você quiser, eu aprovo. Só quero ser sua esposa.

– Viva! – exclamou Emy, batendo palmas.

– Esse é o espírito da coisa! – ecoou Tara, anotando alguma coisa em seu bloquinho.

Ian sorriu para ela, as bochechas coradas de surpresa.

– Você aceitaria a igreja, então? – indagou, pressionando.

– Sim – respondeu Noelle, balançando a cabeça com um gesto enfático de assentimento. – Você quer casar na igreja? Casamos na igreja.

Que importância fazia? Ela queria se casar com Ian. Gostava dele tanto quanto sabia gostar e faria tudo o que estivesse a seu alcance para torná-lo feliz. Se tivessem sorte, dali a um ou dois anos, os dois começariam a criar uma família. Por enquanto, porém, sentada ali ao lado de um homem que a adorava, das duas melhores amigas e com remédio suficiente na corrente sanguínea para aliviar a dor nas costas, ela sentia algo próximo ao contentamento, o que era mais do que poderia desejar.

E m e r s o n

Wilmington, Carolina do Norte
2010

O que é que eu iria fazer?

Eu queria que a festa de Suzanne fosse especial, mas estava tão concentrada no que agora sabia a respeito de Tara e Grace que, enquanto as pessoas chegavam e começavam a comer e beber, rir e conversar, eu me sentia como se vivenciasse tudo debaixo d'água. Via os rostos, mas desfocados. Ouvia as palavras, mas não entendia os significados. Queria que a noite acabasse e, mais que tudo, não queria continuar guardando só para mim o que eu sabia. Eu entrava e saía dos cômodos, indecisa e com o coração partido. O que fazer?

Os convidados pareciam se divertir. Todos cercavam Suzanne, fazendo brindes e contando piadas, comemorando os 50 anos de muito esforço, mas, ainda que a minha cabeça não estivesse cheia de Grace e Tara, eu me sentiria mal. A festa, com tantas voluntárias do projeto social para bebês necessitados, me fez lembrar da reunião após o funeral de Noelle, fazia apenas três semanas. Três semanas que mais pareciam uma vida inteira. As coisas estavam indo rápido demais para mim. A sensação era de que tudo me escapava ao controle.

Ted se aproximou de mim, de pé entre a sala de estar e a de jantar, com um drinque na mão, e me afagou o ombro.

– Bela festa, Emy – elogiou. – Você está bem? Sei que não dormiu direito esta noite.

– Estou ótima – respondi, sorrindo.

Ou, pelo menos, torci para estar sorrindo. Na verdade, eu não tinha ideia do *que* estava fazendo, me sentia entorpecida de tanto cansaço e ansiedade. Não pregara o olho a noite toda e, quando dissera a Tara à tarde que queria tirar um cochilo, menti. Meu desejo era apenas me afastar dela. Não podia encará-la. Era como saber que a melhor amiga da gente vai morrer muito em breve e não poder fazer nada para impedir nem para alertá-la.

Eu me arrependia mortalmente de ter vasculhado o passado de Noelle. De não ter jogado fora aquela caixa de cartões e cartas, como Ted sugerira. Ainda havia tempo para isso. Para jogar fora a carta, os artigos de jornal, os livros de registro. Eu podia

me livrar daquele pesadelo. Bastava manter a boca fechada. Mas eu sabia que jamais conseguiria passar o resto da vida guardando esse segredo.

Grace e Tara chegaram cedo para que Tara pudesse me ajudar a dar os toques finais em tudo. Havia uma parede de gelo entre as duas e senti a frustração de Tara por não ser capaz de quebrá-la. Obviamente, Grace não a perdoara por... O que Tara tinha feito? Jogado fora a caneca de Sam? Ai, isso parecia uma besteira, uma coisa mínima, desimportante. Mesmo assim, Grace continuava zangada. Ela mal me disse oi antes de subir correndo para o quarto de Jenny, enquanto Tara foi falar com a responsável pelo bufê e com o barman e eu perambulava como um robô pela casa, fingindo estar ocupada.

Agora as crianças – Cleve, Jenny e Grace – se encontravam lá em cima. Havia passado apenas tempo suficiente com os adultos para não parecerem mal-educadas antes de sumirem. Jenny fungava, com sintomas de resfriado, mas, afora isso, parecia bem, embora eu soubesse que a incomodava o fato de Devon não ter aparecido. Devon viajara com a família para passar o fim de semana prolongado fora. Cleve ficara ainda mais bonito ao longo do mês e meio longe de casa, se é que isso era possível. Mas meu olhar estava em Grace, claro, enquanto examinava seus traços, em busca de uma semelhança com Tara ou Sam. Ela estava tão bonita. Jamais me ocorrera esse adjetivo com relação a Grace antes. Adorável, sim. Mas bonita? No entanto, o vestido vermelho tomara que caia se ajustava com perfeição ao seu corpo. Não era provocante, mas expunha a suave curva dos seios pequenos, que vira e mexe atraía o olhar de Cleve. O cabelo era espesso, uma cortina de seda que lhe chegava ao meio das costas, e ela usava uma maquiagem esfumada nos olhos. Não em exagero, mas o suficiente para modificar sua expressão. Os olhos sempre haviam sido incomuns, castanhos como os de Tara, mas quando vistos mais de perto, era possível perceber laivos verde-jade. Qualquer que fosse o truque que ela fizera com a maquiagem esta noite, deixara seus olhos mais verdes que nunca.

De repente, ela não se parecia em nada com Grace e fiquei nervosa ao tentar descobrir a menina que eu adorava naquela jovem mulher. Eu costumava achar que via Sam na filha, mais em seus trejeitos do que em seus traços. Grace tinha o mesmo sorriso tímido que em Sam soava afável e caloroso, mas nela traduzia insegurança. Observar essa insegurança enquanto ela procurava conversar com os adultos na festa, aqueles que ela não conhecia bem, fez meu coração doer. Essa menina era parte de nós e todos a amávamos. Tínhamos participado da criação dela, todos nós. De forma nenhuma admitiríamos perdê-la. De jeito nenhum eu permitiria que Tara perdesse a filha logo depois de perder o marido. Ela *não iria* perdê-la, iria? Não fisicamente, com certeza. Grace não poderia ser tirada da mãe aos 16 anos. Ainda assim, o que eu sabia a respeito dos aspectos legais de uma situação tão bizarra? Eu *não* sabia, e isso me apavorava. Para piorar, pensei em como Tara se sentiria quando se desse conta de que o bebê que dera à luz havia morrido. O que Noelle teria feito com esse bebê? Eu nem queria pensar naquela bebezinha, esquecida e por quem não

havíamos chorado.

Eu podia guardar tudo para mim mesma, pensei de novo. Não revelar nada. Prantear sozinha o bebê de Tara. Manter o segredo sobre Grace. Mas, mesmo enquanto ponderava essa escolha, eu não parava de procurar por Ian na festa. Precisava dividir esse fardo com alguém que gostasse de Tara – e Ian se encaixava nessa descrição. Alguém que entendesse as implicações jurídicas.

Avistei-o conversando com Tara e alguns outros convidados na sala de jantar e fiquei de olho nele até a hora em que foi ao bar improvisado, onde consegui abordá-lo a sós.

– Tem uma coisa que preciso conversar com você – falei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Diz respeito à sua conversa com Angela? – indagou ele.

– Quem? – falei, por um instante incapaz de me lembrar de quem era Angela. – Ah, não. É outra coisa, mas não posso ter essa conversa aqui. Você pode passar aqui em casa amanhã no início da tarde?

Ted iria mostrar algumas casas a clientes naquele horário e Jenny sem dúvida estaria na rua com Devon ou Grace.

– Não dá para esperar, Emy? Vou viajar amanhã à noite e estou meio atolado.

Balancei a cabeça, e ele deve ter visto as lágrimas brotarem em meus olhos, porque tocou no meu braço.

– Está bem – concordou. – Eu venho.

– Por favor, não comente com Tara.

Lancei um olhar nervoso por cima do ombro para os convidados na sala, torcendo para não estar sendo ouvida.

Ian franziu a testa:

– O que está havendo?

– Eu conto a você amanhã.

Então me afastei dele e me misturei de novo aos convidados.

Pronto, pensei. Uma decisão. Finalmente.

Mas não senti nem um pingão de alívio.

G r a c e

Cleve estava diferente. Como era possível alguém mudar tanto em um mês e meio? Sério. Até na aparência. Quando entrou na festa com Suzanne, senti como se não o conhecesse. Podia jurar que estava mais alto e seu rosto havia mudado. Porém ele veio direto até mim e me deu um abraço.

– Você está sensacional – elogiou, e a única coisa que não mudara era o seu cheiro. Tive vontade de me agarrar a ele e simplesmente inspirar.

Depois de ficar na festa algum tempo, Jenny, Cleve e eu subimos para o quartinho em cima da garagem para conversar. Era quase como costumava ser quando não passávamos de amigos, exceto por eu estar tendo problemas em encontrar o que dizer. Jenny e eu mostramos a ele as coisas para o projeto social dos bebês, inclusive os saquinhos de enxoval que eu aprendera a fazer. Ele elogiou a nossa iniciativa, mas deu para perceber que estava de saco cheio. Falou bastante da faculdade e de quanto mergulhara de cabeça no basquete.

– Quero ir para a Universidade da Carolina do Norte – disse Jenny. – Chapel Hill deve ser um barato.

Ela e eu estávamos sentadas no futon, descalças. Meu vestido era ótimo para ficar em pé, mas, definitivamente, não para sentar e eu precisava ficar puxando a saia para baixo e o corpete para cima. O vestido de Jenny era solto e realmente bonito, mas ela estava com uma aparência péssima, gripada, rouca e com um punhado de lenços de papel na mão.

– Não dá para entrar para Chapel Hill se você não tiver noção do que quer fazer na vida, Jen – disse Cleve, esparramado no pufe.

Ele pegara uma das chupetas que estavam no meio das coisas dos bebês e brincava com ela, jogando de uma para outra mão.

– Você é a Miss Popularidade, mas suas notas são péssimas, estou certo? – indagou ele.

– Vá para o inferno – disse Jenny, rindo. – Se você conseguiu, eu posso muito bem entrar.

– Minha média teve percentual acima de 85 – falou Cleve.

– Você é afrodescendente – falou Jenny. – Foi por isso que entrou.

Chutei a perna dela com o pé descalço.

– Não seja grosseira – falei.

Eram praticamente as primeiras palavras que eu dizia desde que subimos. Por que essa timidez idiota na companhia de Cleve, de repente?

Cleve abriu um sorriso de orelha a orelha:

– Provavelmente, mal não me fez – admitiu.

– Tenho tempo para me decidir – falou Jenny. – Só sei que quero uma profissão que ajude as pessoas.

– Como o quê? – perguntou Cleve. – Tipo enfermeira?

– Ou médica, seu machista idiota – respondeu Jenny, tornando a rir.

Os dois sempre falavam assim um com o outro.

– Ou professora ou advogada. Algo que ajude as pessoas, ao contrário de arquitetura, que só ajuda a construir prédios.

– Meu Deus, como você é ignorante – comentou Cleve. – Quem você acha que mora e trabalha nos prédios?

Eu observava suas mãos enquanto ele jogava a chupeta de uma para a outra. Conhecia a sensação de ter aquelas mãos subindo pelas minhas coxas e entrando debaixo da minha saia. Honestamente, se Jenny não estivesse presente, eu teria ficado em pé e aberto o zíper do vestido, depois me atirado em cima dele. Ou talvez não. Mas era isso que eu queria.

– Grace ao menos tem alguma aspiração – disse Cleve, pegando-me totalmente desprevenida ao mencionar meu nome. – Quantas pessoas você conhece que escrevem tão bem quanto ela?

– É, mas é difícil ganhar dinheiro escrevendo – argumentou Jenny.

– Difícil, mas não impossível. E ela faz uma coisa que adora e é isso que importa.

Os dois falavam de mim como se eu não estivesse presente, mas tudo bem. Ele sorria para mim. Um sorriso realmente gostoso. *Ele ainda gosta de mim*, pensei. Eu queria que Jenny sumisse. Daria para conversar com ele de forma muito mais fácil se ficássemos a sós.

Cleve jogou a chupeta para o ar com uma das mãos e a aparou com a outra.

– Vamos até o parque – disse ele, ficando de pé.

Isso, o parque! Tínhamos passado tantas noites lá. Foi onde transamos pela primeira vez, na véspera do dia em que ele terminou comigo. Sempre fiquei em dúvida se haveria ligação entre as duas coisas: a transa e o rompimento.

– Legal – topou Jenny, levantando-se também.

– Já alcanço vocês – disse ele, tomando a direção do corredor, provavelmente para ir ao banheiro antes.

Agarrei o braço de Jenny antes de descermos a escada.

– Será que você pode ficar, Jen? – pedi. – Por favor? Desculpe. É que eu preciso falar com ele a sós.

Ela pareceu surpresa, mas apenas por um instante.

– Sem problemas – falou. – Estou péssima, de todo jeito. Diga a ele que minha mãe pediu que eu ajudasse com alguma coisa.

- Você é ótima – falei, abraçando-a com força.
 - Olha só – disse Jenny, torcendo o nariz –, vê se não se magoa, hein?
- Eu já estava no meio da escada.
- Pode deixar – falei.
- A ideia de me magoar nem passava pela minha cabeça.



Esperei por Cleve no gramado da frente e o vi descendo a entrada de automóveis. Ele tinha saído pela porta dos fundos, provavelmente para evitar os convidados na sala.

– Jenny precisou dar uma ajudinha a Emerson – falei, quando ele chegou perto o bastante para ouvir.

– Legal – disse ele, mas pela maneira como falou, percebi que quis dizer “tudo bem”, e não “maravilha”.

Seguimos para o parque, entrando e saindo das poças de luz que os postes de rua lançavam.

– Mas talvez fosse melhor Jenny estar com a gente – disse Cleve, passado um minuto.

– Por quê?

– É que... Não chega a ser uma boa ideia você e eu ficarmos a sós.

– Você acha que precisamos de um vigia? – falei, rindo.

– Na verdade, sim. Principalmente esta noite, com você tão sexy.

Ai, meu Deus.

– Obrigada – agradei.

– Sério. Eu estava olhando para você ainda há pouco e pensando que fui um idiota por ter terminado o namoro.

Será que ele queria que a gente voltasse? Quase perguntei, mas tive medo de forçar a barra.

– É, foi sim.

– Mas era a decisão certa, Grace. Quero dizer, você está linda hoje, mas eu só magoaria você se voltássemos. Moro a três horas de distância e quero poder conhecer gente nova sem me sentir culpado por isso.

– Você quer dizer outras garotas.

Já havíamos tido essa conversa.

– Garotas, rapazes. Gente nova – explicou ele. Então enfiou as mãos nos bolsos e concluiu: – Preciso me sentir livre por enquanto.

– Eu sei de tudo isso – falei. – Não vamos falar desse assunto.

Falar desse assunto agora só serviria para me lembrar quanto doera na primeira vez que o abordamos.

– Já entendi. Não precisamos repetir aquela conversa.

– Ótimo – disse Cleve.

Nenhum de nós abriu a boca durante alguns minutos. Havíamos chegado à entrada do parque e nos dirigimos para o playground como se estivéssemos no piloto automático. Francamente, eu estava tendo problemas para encontrar o que dizer a ele sem fazer menção a rearmos o namoro. Antes que tudo desmoronasse, eu conversava com ele com a maior facilidade, agora não conseguia pensar numa única palavra que não fosse me fazer chorar.

Ele se sentou num dos balanços e eu tirei os sapatos e me sentei no outro mais próximo.

– Eu não me importaria se tivéssemos que ficar separados por uma grande distância – falei sem poder me conter.

– Grace, não comece.

– Você poderia até mesmo sair com outras garotas, desde que não... você sabe. Sei que você precisa fazer amigos e tudo.

– Olhe só – disse Cleve –, quem sabe o que vai acontecer no futuro? Só que agora nós realmente precisamos conhecer o resto do mundo. Você e eu. Até que a gente conheça muitas outras pessoas, como vamos saber quem é a certa para nós?

Eu estava fazendo leitura dinâmica nas entrelinhas. Ouvi-o dizer: *É você quem eu quero, mas preciso sair com outras garotas para ter certeza disso quando a gente voltar.*

Nenhum de nós estava se balançando, mas apenas segurando as correntes e fazendo um movimento suave, arrastando os pés na areia. De repente, não consegui mais aguentar a distância entre nós. Fiquei de pé e me aproximei do balanço dele. Eu sabia como fazer isso. Sabia como mudar tudo em menos de um minuto. Agarrei as correntes logo acima das mãos dele e me inclinei para beijá-lo. Ele não esboçou a menor resistência. Eu sabia que não esboçaria e, quando finalmente afastei meus lábios dos seus, foi só para baixar a mão e tocar em seu pênis duro, que pude sentir através da calça. Ele pegou minha mão, mais para mantê-la ali do que para afastá-la. Mas dei um passo atrás, suspendi meu vestido e escorreguei os polegares para dentro do elástico da minha calcinha.

– Ah, Gracie, não – falou Cleve, mas sem convicção.

E, quando montei no balanço, quando montei *nele*, Cleve estava tão perdido quanto eu.

G r a c e

– Não quero ir à igreja hoje – avisei à minha mãe.

Era a manhã seguinte à festa e estávamos tomando o café. Ou, ao menos, *ela* estava. Cereais com banana. Meu nervosismo me impedia de comer a torrada no meu prato.

– Ah, vá comigo, meu bem – insistiu ela. – Tenho um solo hoje.

Ela já estava vestida com a roupa da igreja, ou seja, calça bege, blusa branca e blazer azul-marinho, com uma echarpe de xadrez branco e azul enrolada no pescoço. Eu continuava de camiseta e calça de pijama.

– Estou cansada de verdade – falei. – Só sinto vontade de ficar em casa, está bem?

Ela pareceu desapontada – talvez até magoada –, mas eu nunca gostei de ir à igreja. Odiava o que vinha depois, quando se esperava que todos ficassem do lado de fora conversando. Claro que essa era a parte favorita de mamãe. A única coisa positiva era que Jenny quase sempre estava lá. Mas eu tinha certeza que ela hoje ficaria em casa, porque estava doente. Além do mais, eu precisava esperar o telefonema de Cleve. Queria que nos encontrássemos antes de ele ir embora. Mesmo sendo um fim de semana prolongado, o amigo com quem pegara carona precisava voltar naquela noite.

Eu ligara para Jenny bem tarde na véspera para contar como tudo tinha sido maravilhoso com ele. “Vocês voltaram?”, perguntara ela numa voz tão rouca que mal consegui ouvi-la. “Não entramos especificamente nesse assunto”, respondi. A noite girara em torno de ação, não de conversa.

Sorri agora, enquanto mordiscava a beirada da torrada, lembrando-me das palavras da minha mãe algumas semanas atrás: *aja*. Bom, mãe, eu agi, e você tinha razão.

Minha nossa! Como tinha sido bom! Cleve não parava de dizer “puta merda”, depois que tudo acabou. Ele me prendeu em seus braços, beijando meu cabelo, e foi a noite mais incrível de todas.

– Como foi com Cleve ontem? – perguntou minha mãe, dando-me um enorme susto.

Era como se fosse capaz de ler meus pensamentos. O que ela sabia?

– Como assim?

– Bem... Como foi encontrar com ele? – disse ela, bebericando café. – Fiquei

pensando que podia ser difícil para você.

– Não foi nada de mais – respondi. – A gente está bem.

Ela me olhava como se não tivesse certeza se acreditava em mim, e me levantei para levar meu prato até a bancada e evitar seu olhar.

– Nossa, fico feliz de saber – disse ela. – O que você achou da festa?

– Bacana – falei, jogando minha torrada na lixeira debaixo da pia.

– Ainda estou mal com aquela história da caneca, Gracie.

– Não quero falar disso.

Eu ainda não estava disposta a lhe dar uma trégua.

Mamãe ficou de pé e consultou o relógio. Eu mal podia esperar que ela saísse. Estava preocupada com a possibilidade de Cleve ligar antes disso. Meu telefone estava na bancada e eu não conseguia parar de olhar para a tela, esperando que se acendesse.

– Tenho uma reunião com a comissão do coro hoje no fim da tarde – disse Tara. – Vamos nos encontrar no Port City Java para planejar os recitais do restante do ano. Quer ir? Você podia fazer o trabalho da escola por lá mesmo e depois a gente comia alguma coisa.

Não entendia como ela podia sequer *olhar* para o Port City Java, o último lugar em que meu pai havia estado.

– Não, obrigada – agradei. – Provavelmente vou dar uma volta com Jenny.

Lavei as mãos e estendi o braço para pegar uma toalha de papel. Eu não podia dizer a ela que havia ficado com Cleve. Isso daria início a toda uma ladainha de perguntas.

– Será que você pode limpar seu banheiro, por favor? – pediu ela a caminho da porta. – Ele está imundo.

– Tudo bem. – Eu só queria que ela fosse embora.



Às dez e meia, levei meu celular para a sala e me deitei no sofá. Cleve já devia estar acordado. Mandeí uma mensagem de texto: *Já acordou?*

Alguns instantes depois, ele respondeu: *Indo para Chapel Hill.*

O quê? Sentei no sofá, os olhos fixos naquelas palavras.

Vc falou que ia à noite!, digitei e aguardei, os dedos agarrados ao telefone.

Meu amigo precisou voltar mais cedo, desculpe.

Olhei para a tela. Fodam-se as mensagens de texto. Digitei o número do telefone dele.

– Oi – disse ele, atendendo a chamada.

– Não acredito que você simplesmente foi embora sem me avisar! – falei.

– Olha, Grace, sinto muito sobre ontem à noite.

– Como assim, “sinto muito”?

– Eu não devia... Eu me aproveitei de você.

– Não, não se aproveitou, não! Eu quis fazer aquilo.
– Eu sei, e me aproveitei desse fato.
– Cleve! Eu...
– Você quis fazer porque queria que a gente voltasse, mas não é isso que eu quero.
– Quer, sim – insisti.
– Nada mudou, certo, Grace? O que eu falei sobre a gente precisar conhecer outras pessoas... sobre liberdade... Tudo continua valendo.
– Cleve!
– Olha só, você sabe que eu gosto muito de você, certo?
– Sei.
– Sempre vou gostar. Aconteça o que acontecer, viu? Mas eu errei mandando e-mails e mensagens para você depois que terminamos o namoro.
– Como assim?
– Achei que ficaria tudo bem. Eu não queria dar uma cortada do tipo radical, mas acho que todo esse contato fez você achar que a gente não tinha realmente terminado. Precisamos dar um tempo, ficar sem nos falarmos, ao menos durante alguns meses.

Alguns meses? A ideia de não poder falar com ele pareceu mais uma morte a enfrentar. Comecei a chorar. Tentei disfarçar no início, mas, como não conseguia falar, ele percebeu. Minha vida estava totalmente vazia. Sem meu pai. Jenny passando cada vez mais tempo com Devon. E agora sem Cleve. Ele havia sido minha tábua de salvação.

– Grace, não chore. Vamos lá. Eu sinto muito, mas isso é a coisa certa a fazer. Eu devia ter agido assim logo. Meu amigo diz que é como arrancar um band-aid. Eu devia ter feito isso rápido em vez de ir aos poucos. Vai doer pra caramba durante uns minutos, mas é melhor do que... Acho que passei a mensagem errada, mantendo contato com você.

– E trepando comigo ontem à noite!

– Não fale assim.

– Foi só o que representou para você, não é? É o que acabou de dizer.

Ouvi quando ele deixou escapar um suspiro de frustração.

– Isso não vai levar a lugar nenhum – disse Cleve. – Não sei como fazer você entender que acabou. Precisamos simplesmente *parar*. A partir de agora, assim que desligarmos, chega de mensagens ou qualquer outra coisa. É o melhor jeito de você começar a viver sem mim.

– Porque você quer viver sem mim – rebati.

– Sim, quero – respondeu ele. – Neste exato momento, eu preciso.

Desliguei e depois liguei novamente, mas ele não atendeu.

Mandeí uma mensagem de texto. *Desculpe por ter desligado*. Aguardei, de olho na tela escura do celular. Nada. Ele não iria responder.

Relembrei como havia sido incrível com ele na noite anterior. Quando ele estava

comigo, ele me queria. Assim que se afastava, porém, passava a sofrer a influência dos amigos idiotas.

Eu precisava vê-lo.

Precisava agir.

T a r a

Grace estava na cozinha quando cheguei da igreja. Sentada à mesa com uma caneca de café, olhava para o celular à sua frente.

– Como foi o seu solo? – perguntou.

Eu nem sequer achava que ela me ouvira quando falei do solo mais cedo.

– Correu bem – respondi.

Todos me disseram que eu me saíra divinamente, e eu havia esquecido como era a sensação de encher aquele espaço tão bonito com a minha voz. Mas me senti vazia por dentro e só quando já estava no carro voltando para casa me dei conta do motivo: a ausência de Sam. Ele sempre dizia que meu canto o emocionava. Não usava essas palavras, mas eu sabia disso pelo jeito como ele segurava minha mão quando eu voltava para o banco.

– Quando você vai sair? – perguntei a Grace.

Ela estava vestindo calça capri e uma camiseta listrada de manga comprida e seu cabelo estava úmido.

– Daqui a pouco – respondeu. – Limpei o banheiro.

– Maravilha! – exclamei, inclinando-me para abraçá-la.

O cabelo úmido grudou na minha bochecha. Era raro ter que pedir alguma coisa a ela apenas uma vez.

Grace cruzou as mãos sobre a mesa, apertando-as tanto que as juntas empalideceram.

– Mãe, ouça – começou e, erguendo os olhos para mim, prosseguiu: – Sei que você vai logo dizer que não, por isso escute tudo o que eu tenho a dizer antes de responder, certo?

Tive a impressão de que se tratava da frase mais longa que ela me dizia em vários meses.

– Está bem – concordei, encostando-me na bancada.

Aquilo era uma coisa boa. Eu não diria *não* logo de cara. Deixaria que ela falasse.

– Vou a Chapel Hill hoje à tarde. Dormir lá. Eu...

– Chapel Hill? Hoje? *Por quê?*

Ela me lançou um olhar frustrado.

– Tem uma garota que estuda lá e é conhecida de Jenny e ela, essa garota, quer encontrar alguns amigos em Chapel Hill, mas não tem carro, por isso ela vai comigo

e vai ser a responsável por mim e eu volto amanhã.

Pela primeira vez na vida, fiquei sem palavras. Grace tinha pavor de pegar o volante de um carro e meu pavor não era menor ao vê-la no banco do motorista.

– Bem, para começar, você não pode ir.

– Mãe, eu pedi para você não reagir de cara!

Ela apertou mais ainda as mãos e os olhos imploravam, arregalados.

– Ouça a explicação toda.

– Isso tem a ver com Cleve? – indaguei, embora não fizesse sentido.

Cleve estava passando o fim de semana em casa. Por que, então, ela haveria de querer ir até Chapel Hill?

– Tem – admitiu Grace. – Ele teve que voltar hoje e eu *preciso* realmente falar com ele. Além disso, quero ver a universidade também, porque provavelmente vou me candidatar a uma vaga lá.

Eu sabia que isso era conversa fiada. Ela podia até ter a intenção de se candidatar a uma vaga lá, mas essa necessidade repentina de ver a universidade era uma desculpa tão esfarrapada que até ela mesma sabia disso, o que a fez desviar os olhos, incapaz de me encarar.

– Você sabe que isso não faz sentido, Grace – insisti. – Se você quer se encontrar com Cleve, ao menos seja honesta comigo e não invente uma besteira qualquer sobre querer visitar a universidade de repente.

Ela espalmou as mãos sobre a mesa.

– Cleve não sabia que teria de voltar cedo hoje e nós não terminamos a conversa de ontem à noite. Por isso, me perguntou se eu podia ir até lá.

– Vocês dois voltaram?

Pude vê-la tentando decidir quanto revelar.

– Ele está confuso. Acha que devemos continuar terminados, mas precisamos conversar mais sobre isso e não tivemos chance – explicou ela e então, franzindo a testa, acrescentou: – Estou angustiada, mãe! Preciso conversar com ele *pessoalmente*.

– E onde exatamente você vai ficar? – indaguei.

– Com a amiga de Jenny.

– Qual é o nome dela?

– Elena.

– Como se explica o fato de Jenny ter uma amiga universitária?

– Ela foi... sei lá, vizinha ou algo no gênero. Você quer falar com ela? Posso...

– Não, porque você não vai.

– E se a Elena dirigir em vez de mim?

– Não, Grace. Lamento que você e Cleve ainda estejam com problemas, mas você terá de esclarecer tudo com ele por telefone. Se quiser ir até a universidade em algum momento no futuro, vamos planejar essa visita com antecedência. Primeiro, você terá de me mostrar que se sente à vontade dirigindo e...

– Elena pode dirigir.

– Esse plano é furado demais, certo? Você não pode ir. Sinto muito, mas o assunto não está aberto a discussões.

Ela se levantou de um pulo da cadeira:

– Você não entende! – gritou, e um instante depois as lágrimas brotaram em seus olhos.

– Então me ajude a entender.

Peguei-a pelos ombros e segurei firme, enquanto ela tentava escapar de mim.

– Por que você e Cleve não podem resolver esse assunto por telefone?

Ela tirou minhas mãos de seus ombros.

– Eu só queria ir até lá, só isso! – exclamou Grace, dando meia-volta e dirigindo-se para a escada.

– Grace! – chamei. – Não fuja desse jeito. Fale comigo!

Mas ouvi seus passos subindo a escada e me sentei numa cadeira. Eu estragara tudo de novo, mas não sabia o que podia ter dito ou feito diferente. *Isso é normal*, disse a mim mesma. *Mães e filhas brigam*.

Toquei no lugar em meu rosto onde o cabelo de Grace havia roçado. Queria sentir novamente aquele cabelo cheiroso e úmido na minha pele. Aquilo me lembrara de quando ela era pequena e eu a segurava e embalava e ela era feliz em meus braços.

Fazia muito, muito tempo.

E m e r s o n

Meu plano não estava indo muito bem até agora. Eu não previra que Jenny fosse se sentir tão mal que não pudesse sair naquela tarde, motivo pelo qual eu estava ansiosa diante da janela da sala aguardando a chegada de Ian. O céu se enchera de nuvens cinzentas. Logo desabaria um temporal. Eu segurava com força o livro de registros de Noelle e a pasta fina com a carta para Anna, bem como as informações que eu imprimira do site do Departamento de Crianças Desaparecidas.

Saí da janela durante não mais que um segundo para tirar do forno um tabuleiro de torta grega de espinafre que sobrara da festa e, quando voltei, vi o carro parado em frente à casa, porém sem sinal de Ian por perto. Concluí que ele estaria se dirigindo à porta lateral.

De maneira geral, as pessoas entram pela cozinha da minha casa sem bater à porta, por isso saí correndo para interceptá-lo, abrindo-a no momento exato em que ele se preparava para entrar.

– Jenny está em casa – sussurrei. – Imaginei que fosse sair, mas está doente, por isso... simplesmente concorde com qualquer coisa que eu diga.

– O que houve? – indagou Ian, franzindo a testa.

Levei um dedo aos lábios:

– Conto depois...

– Oi – disse Jenny.

Ela ainda estava usando o short do pijama e uma camiseta, com o cabelo todo embolado de um lado da cabeça.

– Oi, Jenny – retribuiu Ian. – Não está se sentindo bem hoje?

– A festa foi de arromba demais para mim – respondeu minha filha, com voz rouca e esfregando a garganta.

Ela me dirigiu um olhar que indagava *O que Ian está fazendo aqui?*

– Ian e eu temos alguns assuntos relativos ao espólio de Noelle para discutir – falei.

Achei que ela observou com certa desconfiança o livro e a pasta que eu segurava, mas isso podia não ser mais que paranoia minha.

– O que você quer comer, Jen? – perguntei. – Quer chá com limão e mel?

– Vou me deitar de novo – disse ela.

– Boa ideia. Quer levar um copo de suco para o quarto?

– Talvez – concordou Jenny indo até a geladeira.

Mas eu fui mais rápida. Pus o livro de registros e a pasta sobre a mesa da cozinha e rapidamente lhe servi um copo de suco de laranja. Ian se manteve calado junto à bancada, e vi logo que ele não sabia o que seria seguro ou não dizer. Entreguei o copo a Jenny.

– Obrigada – agradeceu ela. – A gente se vê mais tarde.

– Ela parece péssima – comentou Ian enquanto Jenny subia a escada.

– Pois é – concordei, tirando a torta do tabuleiro e passando-a para uma travessa. – A gente pode beliscar o que sobrou de ontem – falei, pondo a travessa na mesa da cozinha.

– Suas mãos estão tremendo – observou Ian, antes de baixar a voz. – Isso é mesmo sobre o testamento de Noelle ou... ou sobre as outras coisas que temos conversado a respeito dela?

– Nem uma coisa nem outra.

Pousei as mãos na bancada e inspirei e expirei algumas vezes.

– Já lhe digo – falei, afinal, lançando um olhar na direção do corredor e da escada.

Eu realmente preferia que a casa estivesse vazia para ter uma conversa como essa. Sobretudo sem uma filha doente que talvez precisasse de mim. Fiz um gesto indicando a mesa:

– Sente-se, Ian. Chá gelado? Café? Posso fazer um descafeinado se quiser. Quem sabe você realmente precise é de uma boa taça de vinho quando ouvir o que preciso lhe contar.

– Café está ótimo – aceitou Ian, sentando-se numa das cadeiras da cozinha, sem desviar os olhos de mim por um segundo que fosse.

Servi uma xícara de café para ele e depois me sentei à cabeceira da mesa, sempre de olho no corredor.

Ian olhou para o livro e a pasta em cima da mesa, mas não tocou em nada.

– O que é isso? – indagou.

Soltei um longo suspiro.

– Abri uma enorme caixa de Pandora e não sei como fechá-la agora – respondi baixinho. – Pensei em guardar tudo para mim mesma, mas não posso. E não sei a quem mais recorrer.

Esfreguei as têmporas.

– Preciso da sua ajuda para saber o que fazer – falei.

– É uma questão jurídica? – perguntou Ian.

– Sim e não.

Tirei a carta datilografada que Noelle escrevera para Anna e a pus diante de Ian. A cor sumiu do seu rosto enquanto ele a lia.

– Nossa... – começou Ian, erguendo os olhos para mim. Então, balançou a cabeça.

– O que vem agora? Falo sério. Qual será o próximo abacaxi que vamos ter que descascar para Noelle? E quem é Anna?

Expliquei que encontrara a carta por acidente e como Tara e eu havíamos descoberto a identidade de Anna.

– Mas, respondendo à sua pergunta sobre o que vem agora, posso dizer exatamente o que é.

Ele me olhou como se não soubesse ao certo se desejava mesmo saber.

Inclinei-me, então, e cochichei:

– Acredito que o bebê que Noelle deixou cair foi o de Tara.

Ian deu um pulo como se eu tivesse lhe dado uma ferroadada.

– O que... Por que você acha isso?

– Entrei no site do Departamento de Crianças Desaparecidas e descobri a data em que o bebê de Anna Knightly desapareceu – falei. – Ou, ao menos, a data em que nasceu. O único parto que Noelle fez nesse período foi o de Grace. Ou o bebê... a verdadeira Grace.

Puxei uma folha de papel da pasta sobre a mesa.

– Isto aqui é do site. Diz que Lily Ann Knightly nasceu em 29 de agosto de 1994 e desapareceu de um hospital em Wilmington poucos dias depois.

Ian continuava com a testa franzida quando ergueu os olhos do papel.

– Jenny não nasceu nessa mesma época?

– Jenny nasceu no dia 31 de agosto e Grace no dia 1º de setembro, mas tive Jenny no hospital e Noelle não teve participação. Tara estava em trabalho de parto enquanto eu me submetia a uma cesariana.

Ian olhou para o teto.

– Eu me lembro perfeitamente da noite em que Grace nasceu – disse ele. – Noelle e eu estávamos noivos, lembra?

Assenti.

– Ela me ligou algumas vezes da casa de Sam e Tara, contando as dificuldades. Estava realmente aflita. Chegou a falar em levar Tara para o hospital, mas no fim das contas tudo acabou dando certo.

Ian começou a balançar a cabeça do nada.

– Isso não faz sentido, Emy. Tara saberia se o seu bebê fosse substituído por outro.

– Não me lembro tão bem, já que eu mesma estava tendo um bebê, mas Tara já mencionou ter ficado tão zonda depois do parto que mal se recordava de ter pegado Grace no colo até a manhã seguinte.

– Mas Sam estava lá – insistiu Ian. – Acordado e atento. Ele saberia se a filha tivesse morrido de repente.

– Não diga uma coisa dessas – intervim, com um arrepio.

– Bom, é disso que estamos falando, não?

De repente Ian parecia zangado. Torci para que baixasse o tom.

– Noelle matou um bebê e de algum jeito se livrou dele. Depois bolou esse... –

interrompeu-se, acenando a carta no ar – esse plano estúpido, foi até o hospital, descobriu um substituto adequado e o levou até a casa de Sam e Tara. Quando que tudo isso poderia ter acontecido? Enquanto Sam e Tara dormiam, na noite mais importante da vida deles? É difícil de engolir.

– Mas, mesmo assim, sabemos que aconteceu – teimei. – Noelle disse isso com as próprias palavras.

– Talvez haja bebês que Noelle trouxe ao mundo e que não estejam registrados no livro – sugeriu Ian.

– Então acho que haveria páginas arrancadas e não há nenhuma do ano de 1994.

– Você e Tara deviam ter falado logo comigo sobre isso – disse Ian.

– Nós... Honestamente, Ian, não fazíamos ideia da gravidade do assunto. Acho que esperávamos descobrir que tudo havia sido um equívoco.

Ian tirou os óculos e esfregou os olhos.

– Quanto disso Tara sabe?

– Ela não faz ideia de que possa ser Grace – respondi. – Noelle largou a profissão em 1998, por isso naturalmente supusemos que a paciente cujo bebê... sofreu essa fatalidade seria dessa época.

Ian estendeu a mão para o livro de registros.

– Deixe-me ver o registro do nascimento de Grace – pediu.

Eu marcara as páginas e abri no lugar para ele. Observei enquanto ele examinava o relato de que Grace ficara agarrada durante o parto de Tara. “Parada em posição transversa”, anotara Noelle, seguida de horas de manipulação e dor lancinante, o que me encheu de admiração tanto por Noelle quanto por Tara. Lendo o relato, achei que Noelle havia operado um milagre simplesmente por realizar o parto.

– Isso soa macabro – observou Ian com uma careta. – Mas não diz nada aqui sobre um bebê que sofreu uma queda.

– Ela não escreveu sobre isso, obviamente – expliquei. – Ela adulterou o que houve. – Caso você ainda não tenha percebido a esta altura, minha *irmã* Noelle era uma exímia mentirosa.

– E onde está o bebê? – indagou Ian. – O bebê real... o bebê que Tara deu à luz?

– Não quero nem pensar nisso – falei.

Meus olhos começaram a arder. Tara era mais uma irmã que uma amiga para mim, e eu estava assombrada pelo que podia ter acontecido ao seu bebê. Será que havia acabado numa cova rasa? Num lixão em algum lugar? O que teria acontecido com o bebê que todos devíamos ter tido chance de amar e a quem deveríamos ter pranteado? Cobri o rosto com as mãos.

– O que eu *faço*, Ian? – indaguei.

– Bem, em primeiro lugar, Tara precisa saber.

– Ai, Deus! – exclamei, porque naturalmente era verdade. Eu sabia disso, mas precisara ouvir de outra pessoa. – Parece tão cruel – falei.

Achei ter ouvido um levíssimo ruído vindo da direção da escada e olhei para o

corredor, mas Ian aparentemente não notou.

– Digamos que Tara e eu soubéssemos que Jenny não é sua filha biológica – começou Ian. – Você não gostaria que lhe contássemos?

– Claro que sim, mas eu...

Fechei os olhos, tentando me imaginar recebendo essa notícia.

– Eu iria morrer se descobrisse que a minha filha morreu e que eu jamais soube. E que Jenny havia sido roubada de outra mulher – disse e balancei a cabeça. – Meu Deus, isso iria me matar.

– Não, não iria, porque Tara estaria aqui para lhe dar força – disse Ian. – Vocês duas já se ajudaram a enfrentar todo tipo de coisa, e você vai estar aqui para dar força a ela, certo? E eu também.

– Ela acabou de perder *Sam*, Ian – insisti, quase num gemido. – Como nós podemos tirar a filha dela agora?

Eu estava nervosa, mas me senti aliviada por agora poder usar o *nós*, em vez de só *eu*.

– Não estamos falando de tirar a filha de ninguém. Para ser franco, preciso pesquisar um pouco sobre o assunto para achar a melhor abordagem, mas vamos dar um passo de cada vez. Não deve ser tão difícil chegar às autoridades que investigaram o caso em 1994. Talvez eu até conheça algumas delas.

– Acho que temos de contar a Tara antes de falar com terceiros – intervim. – Tenho medo de que ela fique zangada por eu ter contado a *você* antes de contar a ela. E posso alegar que talvez eu esteja errada. Porque, na verdade, não temos nenhuma prova, não é mesmo? Posso contar a ela o que eu sei. Talvez, de alguma forma, eu esteja equivocada.

– Isso é a mais pura verdade – concordou Ian. – Serão necessários exames de DNA e investigações. Como eu disse, vamos dar um passo de cada vez.

– Você acha que devemos falar com ela hoje? – indaguei num tom inseguro.

Eu estava apavorada com o que me aguardava.

Ian cruzou os braços sobre o peito.

– Acha que poderia esperar mais uns dois dias? Vou viajar hoje à noite para Charlotte e passar o dia todo num torneio de golfe amanhã.

Pela primeira vez desde que chegara, Ian sorriu, antes de pousar a mão espalmada sobre o livro de registros.

– Não que eu ache que o golfe seja mais importante do que isso, mas amanhã é feriado e isso aconteceu há dezesseis anos. Não vou ligar para o investigador antes de falarmos com Tara, por isso se você conseguir esperar, podemos conversar com ela na terça à tarde depois das aulas.

Ouvi outro ruído vindo da escada e dessa vez tanto Ian quanto eu olhamos para o corredor.

– Jenny? – chamei, mas não houve resposta.

Virei-me de novo para Ian. Umedeci meus lábios secos.

– Está bem – falei numa voz muito baixa agora. – Eu posso esperar.

G r a c e

A dor era tanta que parecia que eu tinha um bolo de espinhos no peito. Era como se eu fosse ter um colapso nervoso ou algo do tipo. Eu me enchera de esperança de que Cleve e eu fôssemos reatar – uma esperança que *ainda* existia – e queria desesperadamente tentar ligar de novo para ele. Isso me fez perceber quanto eu vinha ligando e mandando mensagens para o celular dele. Será que isso o aborrecera? Eu podia ligar para me desculpar por ligar tanto. Não parava de pensar em pretextos para entrar em contato com ele, mas sabia que não podia fazer isso, ou o afastaria ainda mais de mim.

Por isso deitei na cama com os pés sobre a cabeceira e passei mensagens para Jenny a tarde toda, enquanto minha mãe estava fora. Conteí a ela do meu plano de dirigir até Chapel Hill e que minha mãe era uma bruxa. Conteí também que inventara a tal Elena, para o caso de um dia minha mãe lhe perguntar alguma coisa. Raramente eu mentia. Todas as outras pessoas que eu conhecia mentiam o tempo todo. Eu, não, mas tinha sido incrivelmente fácil. Minha mãe era muito ingênua. Eu tinha de admitir que a coisa toda havia sido uma ideia idiota, embora eu ainda quisesse fazer a viagem. Chovia forte agora, porém, e eu não conseguiria chegar a Chapel Hill antes de escurecer e não saberia aonde ir. Eu tinha o endereço do dormitório, mas... A ideia era mesmo idiota. Eu ia parecer a garota patética que ele achava que eu era.

Jenny me mandou uma mensagem dizendo que ia pegar um copo de suco, de modo que durante alguns minutos fiquei sozinha com o celular. Perigo. Digitei *Desculpe por encher tanto o seu saco* para Cleve, mas apaguei antes de enviar.

Jenny estava demorando uma eternidade para pegar o tal suco. *Tá aí ainda?*, digitei, mas ela não respondeu. Sei lá por quê, cáí no sono e, quando acordei, meu celular estava tocando e o número na tela era o de Jenny.

– Eu cochilei – expliquei, em vez de dizer alô.

– Estou indo até aí – disse ela, parecendo supermal e vi que devia doer quando ela falava.

– Está chovendo pra caramba e você está doente.

– Tem uma coisa que eu preciso lhe contar. Preciso mostrar. Sua mãe já chegou?

– Não. O que você...

– Estou indo agora mesmo, tudo bem?

Baixei os pés e me sentei na cama.

– Tem a ver com Cleve? – perguntei, mas Jenny já desligara.



Quando abri a porta da frente alguns minutos depois, Jenny estava tremendo e segurando um guarda-chuva para se cobrir. Agarrei-a pelo braço e a puxei para dentro.

– O que houve de tão importante? – perguntei.

– Sua mãe ainda não chegou, não é?

A voz de Jenny estava baixa e rouca e o nariz, vermelho. Ela segurava uma sacola plástica de supermercado onde havia um livro ou algo do gênero.

– Não. Isso tem a ver com Cleve, não tem?

E se ele tivesse sofrido um acidente? Ai, meu Deus! Eu morreria.

Ela me deu um pequeno empurrão em direção à escada.

– Não tem nada a ver com Cleve. Vamos para o seu quarto.

Jenny foi me empurrando pelo corredor.

– Você está me deixando louca – falei, enquanto subíamos a escada.

– Anda, sobe – insistiu ela.

No meu quarto, Jenny pegou a caixa de lenços de papel em cima de uma das mesinhas. Sentou-se na beirada da minha cama com os lenços de um lado e a sacola plástica do outro. Puxou um lenço da caixa e assoou o nariz, enquanto eu ficava ali, roendo as unhas, esperando que ela chegasse ao assunto.

– Olhe – disse Jenny, finalmente –, o momento é péssimo e sinto muito sobre isso, mas descobri uma coisa que você precisa saber. Tem a ver com você. Com quem você é.

– Como assim, com quem eu sou?

Estaria se referindo à minha personalidade? Será que eu tinha alguma característica tão horrível que Jenny havia precisado correr até ali doente e debaixo de chuva para me dizer disso? Talvez. Afinal, Cleve também não morria de amores por mim. Nem minha mãe. Nem *eu*.

– Escute o que eu tenho a dizer e lembre-se de que sou sua melhor amiga. Para sempre, certo? Sempre serei. Sempre, sempre, Gracie, aconteça o que acontecer.

Seus olhos pareciam vidrados e comecei a chorar sem nem saber por quê. O que quer que a deixara naquele estado, ia acabar comigo também.

– *Fala* – pedi.

– Ian esteve na minha casa faz mais ou menos uma hora.

– Ian? – repeti. O que isso tinha a ver com o que quer que fosse? – Ainda é sobre o testamento?

Eu não ficara magoada por Noelle deixar mais dinheiro para Jenny do que para mim. Jenny merecia, eu não.

– Não, não é sobre o testamento. Também achei que fosse, mas acabou que não

era. Eu estava lá em cima, trocando mensagens com você no celular e, quando desci a escada para pegar mais suco, ouvi os dois conversando e... Não me lembro do que minha mãe estava dizendo, mas era alguma coisa que me fez parar para ouvir. Eles estavam falando sobre...

Jenny hesitou.

– Eu sinto muito ter de contar isso a você! – falou ela.

– Me contar *o quê*?

– Eles disseram que você não é filha da sua mãe. Que você foi roubada de outra mulher.

– *O quê*?

O que ela estava dizendo?

– Tem certeza de que os dois estavam falando de *mim*? – indaguei.

– Tenho.

– Isso é... Por que eles diriam isso? É ridículo.

– Eu sei. Parece doideira, mas eles estavam, sim, e fiquei em choque.

Ela voltou a assoar o nariz.

– Fiquei ali ouvindo, tentando entender o significado daquilo. Sua mãe não sabe, mas eles vão contar a ela.

– Não sabe *o quê*? Como eles podem saber alguma coisa a meu respeito que a minha própria mãe não sabe? – Tentei rir. – Isso é a coisa mais bizarra que já ouvi na vida.

– Eu sei, mas...

– Você percebe como isso soa idiota? Você acabou de dizer que minha mãe me roubou, o que é absolutamente ridículo, de todo jeito, mas, se ela me roubou, como pode não saber que fui roubada?

Tive vontade de atirar alguma coisa em Jenny.

– Por que está confundindo a minha cabeça?

– Desculpe. Eu sei. Mas posso explicar tudo.

Jenny abriu a sacola de supermercado e tirou dela um livro grande e marrom, bem como uma pasta de arquivo. Suas mãos tremiam.

– Fiquei sentada na escada até Ian ir embora e depois fui até a cozinha fingindo que queria mais suco. Acho que mamãe desconfiou de que eu tivesse ouvido a conversa, mas agi como se tivesse acabado de descer e me servi de suco. Eu a vi pôr este livro e outras coisas na gaveta da cozinha, sabe, aquela ao lado da mesinha que ela usa.

– Que livro é esse? – perguntei, sentando-me ao lado dela na cama.

– Ele tem anotações da época em que Noelle fazia partos. Dei uma olhada nas notas do seu nascimento e não tem nada estranho, pelo que pude ver. Mas estas outras coisas estavam juntas – disse ela, abrindo a pasta e tirando uma folha de papel datilografada. – Esta carta, quer dizer, parte de uma carta foi escrita por Noelle – concluiu Jenny, entregando-me a folha.

Eu mal pude crer no que li.

– Isto é *repugnante*! – exclamei, horrorizada. – Não acredito que Noelle fosse capaz de fazer uma coisa dessas.

– Eu sei. Nem eu, mas...

– Por que você acha que sou *eu* o bebê que ela roubou?

– Não entendi direito como eles sabem que é você, mas eles sabem – disse Jenny.

– Acho que é por causa disto. Por causa desta data aqui – explicou ela, puxando da pasta duas folhas impressas e mostrando-me a de cima. – Está vendo a URL no rodapé? Isto veio do site do Departamento de Crianças Desaparecidas. É uma linha só.

Jenny virou para si o papel e leu alto com a voz rouca.

– “Lily Ann Knightly nasceu em 29 de agosto de 1994 e desapareceu de um hospital de Wilmington, na Carolina do Norte, poucos dias depois.”

Balancei lentamente a cabeça. Estava começando a sentir náuseas.

– Houve outros... Quer dizer, será que podia ter sido outro bebê que nasceu com Noelle? Por que eles têm tanta certeza de que sou eu? Seu aniversário é um dia mais próximo do dela do que o meu.

Lily. Seria esse o meu nome verdadeiro?

– Mas Noelle não teve nada a ver com o meu nascimento.

Jenny pôs o braço à minha volta. A verdade começava a ser registrada por nós duas. Sabíamos que eu não me parecia com meus pais. Eu tinha os olhos castanhos deles, mas metade das pessoas no país também tinha. Todo mundo sempre disse que eu era calada e inteligente como meu pai, mas muitas crianças eram caladas e inteligentes. E eu não tinha nada a ver com a minha mãe. Nada.

– Não consigo acreditar – falei baixinho.

– Sinto muito – disse Jenny. – Achei que você tinha o direito de saber. Não tinha certeza se um dia eles lhe contariam.

Toquei a folha impressa. *Lily Ann Knightly. Lily*.

– Quem sou eu? – perguntei.

Jenny colou o rosto em meu ombro e me apertou com mais força.

– Você é Grace. Minha melhor amiga. Nunca se esqueça disso.

Minha mente estava a quilômetros de distância.

– Eu sempre soube que não me encaixava aqui. Minha mãe... É como se ela quisesse que eu fosse outra pessoa – falei. – A criança que morreu. Era ela que minha mãe devia ter como filha.

Fiquei de pé e comecei a balançar as mãos.

– Ai, meu *Deus*, Jenny. Um bebê *morreu*. Odeio a Noelle. Como alguém pode ser capaz de uma coisa dessas?

– Mas se ela não tivesse roubado você, Grace, você não seria minha amiga, e não posso nem pensar nessa hipótese.

Era verdade. Eu não conseguia me imaginar sem Jenny. Mas, aparentemente, ela era a única coisa boa na minha vida nesse momento.

– Quando eles vão contar à minha mãe?

Esse seria o fim, pensei. Seria o momento em que minha mãe me tiraria de vez do seu coração. Até agora, ela era obrigada a me amar e me tolerar. *Não é de espantar que ela não se pareça nada comigo*, pensaria ela. E daria para evitar pensar assim? Daria para não imaginar como a filha verdadeira dela teria sido diferente, perfeita?

– Acho que na terça-feira – disse Jenny. – Não conte a ela que eu contei para você, tá? Minha mãe vai me matar por ter me intrometido. Preciso levar essas coisas de volta antes que ela descubra que peguei.

– O que tem no outro papel? – perguntei, apontando para as duas folhas impressas no colo dela.

– Nada de mais – respondeu Jenny enfiando as duas folhas na pasta.

– Quero ver – insisti.

Jenny era uma péssima mentirosa.

Ela hesitou, mas depois enfiou a mão na pasta e me entregou outra folha impressa com informações do site do Departamento de Crianças Desaparecidas.

A diretora Anna Chester Knightly, 44 anos, trabalha há dez no Departamento de Crianças Desaparecidas. Sua filha recém-nascida, Lily, desapareceu de um hospital em Wilmington, na Carolina do Norte, em 1994. Anna Knightly tem outra filha, Haley.

Fiquei sem palavras. Minha mãe? E uma *irmã*.

– Onde elas moram? – consegui indagar finalmente. – Estão em Wilmington?

– Não creio. Ela é diretora desse Departamento de Crianças Desaparecidas, que desconfio que não seja aqui.

– Ela continua me procurando – sussurrei. – Toda a minha vida, ela esteve procurando por mim.

Senti uma enorme empatia por ela. Empatia e um anseio tão grande que ia do meu coração às pontas dos dedos.

– Ela deve achar que estou morta.

Jenny arrancou o papel da minha mão e o guardou de volta na pasta.

– Olhe, preciso voltar para casa. Eu disse à minha mãe que só ia até a farmácia comprar xarope. Ela vai começar a me ligar daqui a dois segundos.

– Deixe os papéis comigo – pedi.

– Não posso. Ela vai notar que sumiram.

– Por favor, Jenny. Preciso deles.

– Não posso – repetiu ela, começando a guardar a pasta na sacola.

Mas eu a arranquei dela e a apertei contra o peito.

– Grace! Eu preciso levar de volta! – gritou Jenny.

– Vou ficar com eles. São meus. Dizem respeito *a mim*.

– Gracie, por favor. Ela vai me matar.

Jenny fez menção de me arrancar a pasta, mas me virei rapidamente, abri a gaveta da escrivaninha e fechei a pasta lá dentro.

– Grace! – repetiu Jenny e tentou alcançar a gaveta, mas eu a mantive afastada. – Você pode encontrar tudo isso na internet – argumentou. – No site do Departamento de Crianças Desaparecidas.

Abri os braços de modo a impedi-la de chegar até a gaveta. Ela tinha razão: eu podia encontrar as informações no site, mas queria aquelas folhas de papel. De repente, era como se eu não aguentasse que mais nada fosse tirado de mim.

– Me deixe ficar com isso, Jenny – implorei, sentindo as lágrimas começarem a rolar pelo meu rosto. – Deixe que seja meu.

Ela me encarou durante um minuto antes de me envolver num abraço.

– Tire cópias – murmurou dentro do meu cabelo. – E me devolva amanhã.

Não tive certeza de qual de nós duas estava chorando mais.



Fiquei sentada no meu quarto durante uma hora depois que Jenny foi embora, com as duas folhas de papel no colo. Olhei as palavras ali impressas durante um bom tempo antes que escurecesse demais para enxergá-las e foi como se eu não tivesse força suficiente para me levantar e acender a luz. Quando minha mãe chegou, foi até meu quarto para dizer que tinha trazido sanduíches para o jantar. Só então acendi a luz, porque queria ver se ela me parecia diferente agora, mas não encontrei diferença nenhuma. Não era ela quem havia mudado nas últimas horas.

Depois que minha mãe desceu, entrei na internet. Descobri o site do Departamento de Crianças Desaparecidas e segui a URL até a página que falava de Anna Knightly. Prendi a respiração. Uma foto! Ai, meu Deus, ela era incrível. Tinha um rosto bonito, sincero. Dá para dizer tanta coisa de uma pessoa só de olhar uma foto. Parecia gentil e amorosa. Tinha olhos verdes, o que provavelmente explicava o esverdeado dos meus. Mas não vi nenhuma semelhança entre nós. Minha mãe – ou, pelo menos, a mãe que me criara – se parecia mais comigo do que Anna Knightly. Peguei um espelho e o posicionei de modo a poder alternar o olhar entre o meu reflexo e a foto dela, numa tentativa de me descobrir em seu rosto. Meu pai de verdade, pensei. Devo me parecer mais com ele. Estremeci, apavorada pela ideia de ter outro pai que não era aquele com quem eu crescera. Aquele que eu amaria para sempre, independente de qualquer coisa.

Li aquela única frase várias vezes: “Sua filha recém-nascida, Lily, desapareceu.” Como teriam lhe contado que sua bebezinha havia sumido? Imaginei aquela mulher bonita, de aparência meiga, entrando no berçário do hospital para levar a filhinha para casa e todas as enfermeiras se virando para procurar o bebê, o pânico se instalando ao perceberem que ele havia sumido. Que *eu* havia sumido. Minha cabeça ainda não tinha computado que *Lily* era *eu*. Eu podia imaginar como Anna Knightly

se sentiu quando lhe contaram. Como deve ter chorado a perda da filha. De *mim*. Eu poderia ter tido uma vida totalmente diferente.

Crianças desaparecidas reaparecem mortas. Sempre é assim que se vê nos noticiários, e depois de todo esse tempo devia ser essa a expectativa de Anna Knightly. Ela só sabia que eu sumira. Não conhecia o restante da minha história.

– Estou viva – falei para a foto no monitor. – Estou bem aqui.

Onde será que ela morava? Eu conseguiria achar seu telefone? Poderia ligar para ela imediatamente? Neste segundo? Eu queria lhe dizer que estava viva. Ela podia morrer amanhã sem jamais nos conhecermos.

Havia um número de telefone no site do Departamento de Crianças Desaparecidas e eu o anotei. Havia um endereço, também, em Alexandria, na Virgínia, o estado vizinho. Minha mãe – minha mãe biológica – morava a apenas um mísero estado de distância.



Não consegui dormir. Não parava de imaginar um mapa. Alexandria ficava no norte da Virgínia, certo? Perto de Washington? Washington ficava apenas a cinco horas de viagem. Eu precisava conhecer Anna. Precisava descobrir quem eu era de verdade. Podia ligar para ela no departamento cedinho de manhã, mas seria muito melhor encontrá-la pessoalmente. Sentei na cama, totalmente ligada. Precisava me encontrar com ela *agora*, pensei, o mais rápido possível. A vida era curta. Amanhã Anna poderia morrer num acidente de carro a caminho do trabalho. Essas coisas acontecem.

Agarrei o celular e liguei para o número de Cleve e, quando ele atendeu – *ele atendeu!* –, desatei a chorar.

– Não desligue. Não desligue! – pedi. – Preciso falar com você. Não é sobre a gente, não se preocupe. Só preciso falar com você senão vou enlouquecer.

– Grace, já é quase meia-noite.

Ele parecia totalmente acordado. Ouvi vozes ao fundo. Uma moça rindo.

– A gente pode se falar amanhã, está bem? – sugeriu ele.

– Eu acabei de descobrir que fui roubada de outra mulher quando era bebê!

Ele emudeceu.

– De que é que você está falando?

Expliquei tudo: Jenny ter ouvido a conversa entre a mãe e Ian. A carta de Noelle para Anna Knightly. O bebê roubado. O Departamento de Crianças Desaparecidas.

– Não acredito nisso – disse ele. – Você inventou essa história?

– Não – respondi. – Ligue para Jenny amanhã se não acredita em mim. Vão contar à minha mãe na terça-feira. Ela já acha que eu... – Minha voz falhou, me pegando desprevenida. – Eu nunca fui realmente a filha que ela queria. O outro bebê, o que morreu, provavelmente seria igualzinho a ela.

– Espere aí – pediu Cleve.

Eu o ouvi fazer movimentos. Uma porta se abrindo, talvez.

– Precisei sair para o corredor – explicou, passado um minuto. – Meu colega de quarto está com visita. Olhe, não sei o que está acontecendo, mas sua mãe te ama. Todo mundo tem problemas com a própria mãe, Grace. Eu adoraria renegar a minha boa parte do tempo. Mas ela é minha mãe e me ama, e a sua também te ama.

– Essa é a diferença. Suzanne *é* sua mãe. A minha mãe *não é*. Quero conhecer minha mãe verdadeira e contar tudo a ela. Vou até lá.

– Vai aonde?

– À Virgínia. Vou me encontrar com ela.

– Quando? E como você pretende chegar lá?

– De carro. Amanhã.

Ele riu.

– Não aja como se tivesse 12 anos, Grace.

As palavras dele doeram.

– Você não sabe como estou me sentindo – falei.

– Olhe, amanhã você conta à sua mãe o que ouviu de Jenny e...

– Vou criar problemas para Jenny. Não era para ela saber nada disso.

– Jenny vai superar. Conte à sua mãe. Se o que você está dizendo é verdade, e duvido que seja, você e sua mãe vão precisar de um advogado. Ian é advogado, não é? Existe todo tipo de questões legais que precisam ser discutidas.

– Os advogados ferram tudo – falei.

Meu pai havia sido um grande advogado, mas sempre diminuía o ritmo das coisas quando se tratava dos casos de seus clientes. Ian provavelmente fazia o mesmo. Papai queria que todo mundo agisse devagar, em vez de sair apressando tudo. Se fosse vivo, eu não imaginava o que faria com toda essa confusão.

– Ai, Cleve, meu pai não é meu pai de verdade!

– Ele é seu pai e a sua mãe é sua mãe. Mesmo que essa outra mulher tenha tido você, seus pais continuam sendo seus pais.

– Estou pirando, Cleve – falei, mas minha mente já não estava mais concentrada na conversa.

Fui até o computador e cliquei no Google Maps.

Cleve deu outro suspiro.

– Olhe – falou –, prometa que vai contar à sua mãe amanhã e que não vai fazer nenhuma idiotice. Eu me importo com você, Grace. Isso nunca vai mudar. Você promete?

– Prometo – falei, mas já estava digitando o endereço do Departamento de Crianças Desaparecidas.

A n n a

Washington

– O que acha do visual, pai? – perguntou Haley a Bryan quando ele abriu a cortina em torno da cama de hospital.

Nós a tínhamos acomodado no quarto algumas horas antes e já era bem tarde, mas só agora ela parecia estar voltando de uma euforia induzida pelos esteroides. Levantara a mesinha-bandeja para examinar seu reflexo no fundo de aço e passava a mão sobre a penugem escura de cabelo que começara a crescer ao longo da última semana.

– Muito legal – respondeu Bryan, de pé ao lado da cama, correndo os dedos pelos fiozinhos curtos e sedosos.

Eu conhecia a sensação de tocar aqueles cabelos. As cócegas que eles faziam podiam me dar uma falsa noção de segurança. Eu precisava me forçar a recordar que aquela penugem não passava de uma trégua antes da tempestade.

Amanhã ela receberia mais uma dose da quimioterapia de manutenção e essa rotina prosseguiria até que se encontrasse um doador. Quando ele surgisse, a químio e a radiação que Haley receberia destruiriam bem mais que apenas o cabelo, nos preparativos para que seu corpo aceitasse o transplante. Eu me recusava a pensar que talvez jamais encontrássemos um doador antes que a doença a levasse. Nem sequer cogitava essa ideia. E essa noite eu queria simplesmente que ela curtisse o reflexo do cabelo novinho no espelho e as nossas últimas horas com Bryan. Eu passaria a noite com Haley, mas ele voltaria em breve para seu apartamento. Amanhã pegaria um voo para São Francisco, onde teria uma entrevista para o emprego na capital. Eu não estava feliz de vê-lo partir. Tinha cuidado sozinha de Haley durante a maior parte da vida dela, de modo que não era de sua ajuda que eu precisava, por mais maravilhosa que tivesse sido. A questão era que eu me apegara a ele, assim como Haley. Nós o queríamos por perto.

– Essa é a nossa garota! – exclamou Tom, o enfermeiro favorito de Haley, ao entrar no quarto. – Estou com o seu comprimido de boa-noite.

Haley pegou o copinho de plástico da sua mão.

– Eu sabia que você estaria aqui esta noite – disse Tom, enquanto ela engolia o comprimido – e recortei isto, caso você quisesse ter mais de reserva – completou,

entregando a Haley uma cópia do artigo sobre a campanha para a doação que fora publicado no *Washington Post* na sexta-feira.

Haley havia sido incrível com o jornalista do *Post* e melhor ainda com o repórter de tevê. Falara sobre o que se lembrava de seu primeiro embate com a leucemia. “Eu achava que todas as crianças pequenas dependiam de medicamentos fortíssimos o tempo todo”, declarara com simplicidade. “Eu não conhecia outra vida.” Mencionara Lily de um jeito que eu jamais seria capaz de mencionar. “Minha mãe perdeu minha irmã. Não quero que ela me perca também.” Eu me senti encolher de medo ao ouvi-la dizer isso, torcendo para que ninguém pensasse que ela estaria sendo maliciosa. Eu sabia que cada palavra sua era sincera e fiquei emocionada. Como aparentemente muita gente ficou. No dia seguinte, o showroom da loja de carros se encheu de voluntários dispostos a fornecer material para exame.

Quando Tom saiu do quarto, Haley baixou a cabeceira da cama até deixá-la quase reta.

– Muito bem – disse ela a Bryan. – Você volta na quarta-feira?

– Às quatro da tarde.

Ele apagou a luz do abajur na mesinha de cabeceira. Eu estava de pé na outra extremidade da cama e observei o movimento de seus músculos sob o tecido da camisa polo. Na última semana eu descobrira que não eram apenas certas celebridades que me deixavam de joelhos bambos. Se alguém me dissesse que o homem que durante tantos anos desprezei poderia provocar o mesmo efeito em mim, eu não acreditaria.

– O que você quer que eu traga de presente de São Francisco? – perguntou Bryan a Haley.

– Só você – respondeu ela, e vi a onda de emoção que varreu o rosto dele.

Haley andava expressando seus sentimentos de forma muito espontânea ultimamente. Jamais se escondia atrás de máscaras, como tantos de nós fazemos. Permitia-se ser vulnerável, como se percebesse que não havia tempo a perder com fingimentos. Não tínhamos nenhuma promessa de haver um amanhã. Ninguém tem. Eu estava aprendendo tanta coisa com minha filha.

– Você é um doce – falou Bryan. – Mas, sério, que tal um chocolate?

Haley fez uma careta.

– No momento parece uma ótima ideia, mas provavelmente não vou ter vontade de comer chocolate na quarta-feira.

– Podemos guardar para quando a vontade voltar, então – disse Bryan e consultou o relógio. – Preciso correr.

– Eu acompanho você – falei, antes de me virar para Haley, que se enroscara sob as cobertas com Fred aninhado em seus braços. – Você fica sozinha um instante?

Ela bocejou e assentiu. Bryan se curvou para beijá-la no rosto e ela passou o braço em torno de seu pescoço.

– Não se esqueça da gente – recomendou baixinho.

Ele segurou a mão dela entre as suas.

– Nunca.

Seguimos calados até o elevador e descemos para a garagem, praticamente vazia àquela hora da noite. Caminhei com ele até o carro. Não queria vê-lo ir embora. Talvez eu sentisse um pouco do medo de Haley. Um pouco do *Não se esqueça da gente*. Mas não achei que fosse isso. Eu queria passar todos os momentos possíveis com ele. Deixaria cair minha própria máscara.

Bryan destrancou a porta do carro e então se virou para mim.

– Volte depressa – falei.

Ele sorriu e depois me puxou para um longo abraço que me encheu de lembranças. Lembranças boas, de quando éramos jovens e o futuro eram só promessas.

– Espere um instante – disse ele, soltando-me.

Abriu a porta traseira, depois entrou e me puxou para dentro. Eu ri, praticamente desabando ao lado dele no banco de trás. Ele me beijou e transamos como os adolescentes que fomos um dia. Começamos rindo do absurdo que era um casal quarentão trocar amassos no banco traseiro de um carro na garagem. Depois, porém, nosso riso cessou e o carro se encheu com a respiração, a emoção e o doce recomeço de um amor complicado.

G r a c e

Wilmington, Carolina do Norte

Eu continuava acordada às três da manhã, deitada na cama, planejando meu próximo passo. Quanto mais pensava em ir até Alexandria, mais eu via que precisava fazer isso. Eu já imprimira o itinerário até o Departamento de Crianças Desaparecidas e parecia bem fácil chegar lá. Era praticamente uma linha reta de Wilmington a Alexandria, embora eu não conseguisse me imaginar *dirigindo* nessa linha reta, e o percurso era mais longo do que eu supunha. Segundo o Google Maps, eu levaria cinco horas e cinquenta minutos até lá. Cinco horas e cinquenta minutos para encontrar minha mãe biológica. Quando eu pensava dessa maneira, tinha a impressão de que esse tempo não era nada.

Eu teria que partir assim que raiasse o dia. Minha mãe não daria aula hoje por causa do feriado, mas ela nunca dormia até tarde. Levantar antes dela seria difícil. Botei o despertador do celular para as seis, mas depois mudei para cinco. Eu sairia enquanto ainda estivesse escuro. Se saísse às cinco e meia, estaria em Alexandria na hora do almoço. Meu coração acelerava só de pensar em entrar no Departamento de Crianças Desaparecidas e declarar minha identidade para a mulher que era minha mãe.

E se ela tiver saído para almoçar? Para um daqueles almoços de negócios demorados, como meu pai tinha o hábito de marcar? Peguei o celular na mesinha de novo e acendi a tela para checar as horas. Três e dez, e eu totalmente desperta. Nunca tinha me *sentido* tão desperta. Parecia ter tomado um balde de café. Se eu saísse agora, poderia chegar ao Departamento de Crianças Desaparecidas bem antes do almoço. Mas estava muito escuro lá fora e ainda dava para ouvir a chuva batendo na janela. Eu só dirigira algumas vezes debaixo de chuva antes de perder totalmente a coragem de pegar o carro.

– Ande logo – falei em voz alta.

Levantei rapidamente e vesti a mesma calça e a mesma blusa azul que usara durante o dia. Virei minha mochila em cima da cama e despejei ali os livros e cadernos, que substituí por uma calcinha limpa, escova e creme dental, além da pasta que Jenny deixara comigo. Eu me movia com pressa, como se estivesse numa corrida. De certa forma, estava mesmo, na tentativa de vencer aquela parte de mim

que considerava o plano não só idiota como também perigoso. Eu não dirigia desde a morte do meu pai, jamais dirigira sozinha e nunca além de umas duas horas de cada vez. Peguei o papel com o itinerário, botei a mochila no ombro e silenciosamente desci a escada. Peguei a chave do Honda do suporte de chaves ao lado da porta dos fundos e saí de casa antes que tivesse a chance de mudar de ideia.



Dirigi tranquila durante mais ou menos uma hora. Eu sabia que estava indo devagar demais, mas era difícil enxergar. A chuva tornava a estrada tão brilhante quanto um espelho e eu não parava de imaginar cervos saindo do escuro e surgindo à frente do carro. Eu praticamente tinha a estrada toda para mim, porém, o que era ao mesmo tempo bom e assustador. Então, de repente, a chuva apertou muito. *Apertar* nem mesmo era o verbo correto para descrever o que aconteceu. A chuva desabava em ondas sobre o carro, batendo tão forte no teto que eu não ouvia o rádio nem enxergava nada. Os limpadores de parabrisa estavam na velocidade máxima, mas era impossível ver além de uns poucos centímetros à frente. Reduzi a velocidade para 60 quilômetros por hora, depois 50, permanecendo bem junto ao acostamento. Havia mais carros na estrada a essa altura, mas nenhum dos outros motoristas parecia estar tendo problemas com a chuva, todos passavam a toda por mim. Um deles buzinou, provavelmente porque eu estava dirigindo devagar demais. Minhas mãos suavam, mas as mantive grudadas no volante, com o corpo inclinado sobre ele como se eu pudesse enxergar melhor com o rosto colado no vidro.

Eu acabara de decidir que era melhor parar no acostamento e esperar que a chuva diminuísse quando ela de repente diminuiu. Recostei-me um pouco e soltei a respiração. Agora eu já podia ouvir novamente a música no rádio. Apertei com força o acelerador e atingi os 90 quilômetros por hora, a velocidade máxima que estava disposta a adotar até amanhecer. Nem em sonho eu faria a viagem em cinco horas e cinquenta minutos.

Estava claro quando cruzei a divisa da Virgínia, mas continuava a chover um pouco. Mentalmente eu debatia se devia ou não ligar para Jenny e dizer onde estava, quando uma ideia horrível me tomou de assalto. Lembrei que havia programado o despertador do celular para as cinco. Visualizei o telefone na mesinha de cabeceira, mas não me lembrava de tê-lo apanhado e posto na mochila. *Ai, meu Deus*. Pisei no freio e joguei o carro no acostamento. Um caminhão buzinou e senti o carro balançar quando ele passou por mim, perto demais. Descobri o botão do pisca-alerta e o liguei, antes de começar a procurar meu celular na mochila, o tempo todo ciente de que ele não estava lá. Como eu podia ter sido tão burra? Eu estava a horas de distância de casa, na estrada, sem celular. Fiquei ali sentada, paralisada, durante alguns minutos, lançando de vez em quando um olhar para o chão do carro ou para o banco do carona como se um telefone pudesse magicamente se materializar ali. O que fazer? Já percorrera dois terços do caminho. Só precisa continuar em frente.

Engolindo em seco, desliguei o pisca-alerta e esperei até que surgisse um intervalo grande entre os carros. Então voltei para a estrada.

Umas duas horas depois, estava presa num baita engarrafamento, num lugar que eu não conhecia. O pessoal reclamava da hora do rush em Wilmington, mas não fazia ideia do que era aquilo ali. Eu ficava parada durante cinco minutos inteiros, depois andava 3 metros e parava de novo. De cada lado do meu carro havia um caminhão gigante, o que fazia eu me sentir presa e claustrofóbica. Os caminhões eram tão grandes que eu conseguia ver por baixo deles os carros nas outras pistas. Pelo menos, enquanto dirigia na chuva e no escuro, eu não havia tido tempo para pensar em nada além de continuar viva. Agora estava cansada, exaurida, e o plano que me parecera tão bom às três da madrugada começava a soar imbecil.

Eu devia ter deixado um bilhete para minha mãe, embora não soubesse ao certo o que teria escrito nele. Quando ela descobrisse meu sumiço, provavelmente pensaria que eu tinha ido para Chapel Hill. Não fazia diferença. De um jeito ou de outro, eu estava enrascada.

De repente me lembrei de algo que meu pai disse uma vez quando me zanguiei com minha mãe. “Sabe quando sua mãe corta a laranja em fatias e as arruma num prato para seu time de futebol e planeja as atividades das suas festas de aniversário com dois meses de antecedência?”, ele havia me perguntado. “Esse é o jeito dela de demonstrar amor, Gracie.”

Por que eu estava pensando nisso agora? Dava para ouvir a voz dele nitidamente, como se falasse comigo do banco traseiro do carro. *Esse é o jeito dela de demonstrar amor, Gracie.*

Ela me amava. Nunca duvidei disso. Ela sofreria muito quando soubesse que eu não era sua filha e que seu bebê morreria. Imaginei Emerson sentando-a no sofá para lhe contar a verdade e pude ver o rosto da minha mãe se contorcer de dor.

O tráfego começava a andar agora. Deixei que os caminhões se afastassem e pude ver prédios, chaminés e guindastes. Tudo era um borrão através das minhas lágrimas.

Agarrei com força o volante.

– O que você está fazendo? – sussurrei para mim mesma. – *O que você está fazendo?*

T a r a

Grace estava dormindo até tarde, o que achei bom. Ela havia ficado muito nervosa por causa de Cleve no dia anterior e eu sabia que não havia lidado bem com a situação. Eu precisava fincar o pé na decisão de vetar a viagem até Chapel Hill, é claro, mas será que não poderia ter feito isso de outra maneira? De uma forma que não bloqueasse nossa comunicação? *Que* comunicação? Ela não existia. Na semana seguinte eu ligaria para a terapeuta que nos atendeu algumas vezes depois da morte de Sam. Grace também não queria falar com ela, mas talvez a mulher pudesse me dar algumas dicas sobre como começar de novo com minha filha. Grace e eu precisávamos de um recomeço.

Sentei-me à mesa da cozinha e fiz uma lista de compras, tentando me concentrar em algo menos perturbador do que a relação em franca decadência entre mim e Grace. Deixei um bilhete para ela na mesa, avisando que ia ao mercado, depois passei pelo quartinho do lado de fora e segui para a garagem.

Quando cheguei lá, parei, petrificada. O Honda de Sam sumira. Levei um susto. Tive um laivo de esperança irracional de que ele estivesse vivo e a caminho do trabalho. Que os últimos sete meses houvessem sido um terrível pesadelo. Mas eu era realista demais para alimentar tal fantasia por muito tempo. Ou o carro tinha sido roubado ou Grace o pegara. Eu não sabia qual das duas possibilidades soava mais improvável.

Voltei para dentro de casa e bati à porta de Grace, abrindo-a quando não houve resposta. Como sempre, o quarto estava uma bagunça, a cama tão cheia de cacarecos que precisei tirar boa parte dos livros e das roupas para me certificar de que ela não estava realmente ali. Não senti raiva, só um medo puro e absoluto. Minha garotinha estava na estrada, dirigindo, sem dúvida a caminho de Chapel Hill. Chovia, e ela estava aflita e sem raciocinar direito e não dirigia havia sete meses. Viajava agora numa autoestrada com rampas de saída e de entrada, carros a toda a velocidade e motoristas de ressaca da noite anterior. Sam fora morto num cruzamento que ele conhecia bem, na nossa cidade. Qual seria a chance de Grace chegar a Chapel Hill viva?

Estendi a mão para o telefone fixo na escrivaninha de Grace, mas me deti antes de discar. Eu não queria que ela tentasse atender o celular enquanto dirigia. Então me lembrei de que a amiga mais velha de Jenny estava com ela e, provavelmente, ao

volante. Soltei um suspiro de alívio. Ao menos podia parar de imaginar Grace atrás do volante. Como eu queria conhecer a amiga de Jenny e saber se ela era confiável.

Liguei para o celular de Grace e dei um pulo quando ouvi seu toque a centímetros de mim, em cima da mesinha de cabeceira.

– Ah, não! – exclamei, agarrando o aparelho.

Nosso número piscava na tela. Ela saía sem o celular? Desliguei e desabei na cama, tentando entender o que estava havendo. Grace jamais ia a lugar nenhum sem o telefone.

Consultei os números na agenda do celular e digitei o de Jenny, que tocou algumas vezes antes que ela atendesse. Vi logo que a tinha acordado.

– Pensei em você a noite toda – disse ela, a voz grogue e rouca. – Tudo bem?

Obviamente ela estava a par dessa emocionante aventura.

– É Tara, Jenny – falei.

Houve um instante de silêncio.

– Ah! Desculpe. Por que está ligando do celular de Grace?

– Preciso do número do celular da sua amiga, a que está com Grace – expliquei resumidamente. – Não consigo me lembrar do nome dela.

Jenny emudeceu de novo.

– Não estou entendendo. Grace não está aí?

– Não. Ela saiu de casa antes que eu acordasse e imagino... – Será que eu estava errada? – Ela levou o Honda e esqueceu o celular. Imagino que tenha ido se encontrar com Cleve. Ela me disse ontem que pretendia ir e levaria junto uma amiga sua, uma moça mais velha, que iria dirigindo.

Jenny não abriu a boca e logo vi que ou estava escondendo alguma coisa ou sabia tanto quanto eu sobre o acontecido.

– Jenny? Você sabe aonde ela foi? – perguntei.

– Estou totalmente confusa.

– Quem é essa sua amiga mais velha? Helen ou... Elena! – lembrei-me de repente.

– O nome dela é Elena.

– Eu... Eu não sei direito o que está acontecendo.

Levantei-me da cama.

– Jenny! – exclamei, quase aos gritos agora, pois o pânico começava a crescer no meu peito. – O que você sabe? Isso é sério! Ela disse a você que ia a Chapel Hill?

– Não! Honestamente não sei onde ela está. Você tentou ligar para ela?

– Eu já disse que ela esqueceu o celular. Vou ligar para o Cleve. Se você tiver notícias dela ou de Elena... Você tem uma amiga chamada Elena?

Jenny não respondeu.

– Jenny!

– Não – admitiu ela.

Droga.

– Me ligue se souber de alguma coisa – falei e depois desliguei.

Descobri o número de Cleve na agenda do celular e digitei, mas a chamada caiu no correio de voz.

– Cleve, aqui é Tara. Me ligue assim que ouvir esta mensagem. É sério!

Deixei meu número para que ele não precisasse procurar.

Desliguei o telefone e consultei o relógio. Passava um pouco das dez. Ela devia ter saído antes que eu me levantasse, às sete. Era possível, mas não provável, que a essa altura estivesse em Chapel Hill.

Pela janela do quarto de Grace, eu via a chuva martelar as folhas da árvore em nosso pátio lateral. Balancei a cabeça. Não conseguia imaginá-la dirigindo pelo nosso quarteirão. Imaginá-la ao volante sob essa chuva era ao mesmo tempo impossível e aterrador.

Por favor, meu Deus, que ela esteja em segurança!

Tornei a pegar o celular e tentei novamente o número de Cleve.

G r a c e

Alexandria, Virgínia

Eu estava numa autoestrada chamada Beltway e jamais vira tantos carros andando tão rápido ao mesmo tempo. Era como ficar presa num estacionamento que se movia a 100 quilômetros por hora, e os músculos da minha perna tremiam quando eu pisava no acelerador tentando acompanhar o ritmo. Fiquei feliz de ver a saída para Alexandria. Meu GPS me orientou a fazer algumas curvas e de repente me descobri no meio de uma rua movimentada numa cidade pequena. Precisava de gasolina e, mais que isso, de café. Vi um posto e entrei. Botei 20 dólares de gasolina e comprei um pente. O único que eles tinham era masculino e com os dentes tão juntos que provavelmente eu jamais conseguiria passá-los direito pelo meu cabelo. Comprei uma xícara de café morno e com gosto de velho, mas não me importei e esvaziei a xícara ali mesmo, na loja nojenta do posto de gasolina.

Quando voltei para o tráfego, o GPS me informou que faltava apenas 1,5 quilômetro até meu destino. Depois, 800 metros. Depois 400, e comecei a pensar que ele me levava para o endereço errado. O Departamento de Crianças Desaparecidas não deveria ficar em um grande prédio de escritórios? Durante todo o tempo da viagem era num lugar assim que eu imaginava encontrar minha mãe. No quarto ou no quinto andar de um grande prédio de salas comerciais. Mas os prédios nessa rua eram pequenos e mais pareciam lojinhas e residências.

Estava parada num sinal vermelho quando notei uma faixa, mais ou menos a um quarteirão de distância. Pairava no ar, acima da rua. Desfile do Dia do Descobrimento. Ah, não! Ah, não! Eu me esquecera do feriado. Será que o Departamento de Crianças Desaparecidas estaria fechado?

O GPS decretou: “Você chegou ao seu destino.” Tive certeza de que ele se enganara, mas o tráfego não andava e aproveitei a chance para olhar o número do prédio: 237. Era uma casa amarela pequena no meio de uma sequência de outras casas pequenas. O GPS tinha que estar errado, mas pude ver uma espécie de placa retangular pendurada ao lado da porta, embora, de onde eu estava, não desse para ler o que continha. Teria que chegar mais perto.

Eu não podia entrar de ré numa vaga. Todas as vezes que tentara isso nas aulas de direção, tinha me saído mal. De jeito nenhum iria conseguir com todos aqueles

carros à minha volta. Entrei numa rua lateral e percorri uns poucos quarteirões até encontrar duas vagas juntas e conseguir entrar com o carro de frente e pará-lo junto ao meio-fio. Quando finalmente desliguei o motor, fiquei ali sentada durante um minuto enquanto minha cabeça registrava o que eu havia feito. *Acabei de dirigir de Wilmington até Alexandria*, pensei, e embora fosse a coisa mais louca que já tinha feito na vida, senti orgulho de mim mesma. O que quer que viesse em seguida, eu já realizara uma façanha incrível.

Agora, porém, vinha a parte realmente difícil.

Chequei meu rosto no espelho retrovisor. Horrível. Fiz o que pude para pentear o cabelo, mas era uma missão impossível com aquele pente.

Por favor, esteja aberto, pensei, enquanto descia do carro e caminhava pela calçada molhada em direção à rua principal. Eu andava depressa, a mochila pendurada no ombro, a pasta lá dentro pronta para contar a história.

A placa retangular ao lado da porta dizia “Departamento de Crianças Desaparecidas”, e vi luz lá dentro. A porta estava destrancada e eu a empurrei e entrei numa sala pequena cheia de cadeiras fora de moda e um sofá junto a uma janelona carregada de plantas. Havia uma escrivaninha bem no meio do cômodo, mas nem sinal de outro ser humano além de mim, e fiquei sem saber o que fazer.

Ouvi o som de passos vindo de algum lugar na sala ao lado e uma mulher surgiu de repente à porta. Tinha cabelo grisalho bem curto, usava óculos pequenos de aros pretos e segurava um talo de aipo na mão. As sobrancelhas se ergueram quando ela me viu.

– Você me assustou! – disse ela. Depois sorriu e acrescentou: – Posso ajudar?

– Estou à procura de Anna Knightly – respondi.

– Ah, a Sra. Knightly está com a filha no infantil – explicou ela, sentando-se atrás da escrivaninha.

Senti uma repentina tonteira ao ouvir outra pessoa falar de Anna Knightly, provando que ela era real, que efetivamente existia. Tudo já começava a soar como uma fantasia para mim. Precisei me equilibrar pousando a mão na beira da escrivaninha.

– Está se sentindo bem, querida? – indagou a mulher, e foi então que registrei suas palavras.

A filha. Minha *irmã*.

– O que é o “infantil”? – indaguei. – Quero dizer, aqui não é o Departamento de *Crianças Desaparecidas*?

– Sim – confirmou ela, parecendo confusa. – Ah, não. Ela está no *hospital* infantil. Você... – Ela me olhou de modo estranho, depois conferiu algo na tela do computador. – Você não marcou hora com ela, marcou? Achei que ela tivesse desmarcado com todo mundo.

– Não, mas preciso falar com ela.

Um hospital? Minha irmã estava doente?

– Tenho informações sobre uma criança desaparecida – falei. – Preciso falar com ela sobre isso.

Não queria dizer quem eu era à mulher. E se ela achasse que eu estava mentindo? E se chamasse a polícia?

– Bom, você pode me passar a informação. A Sra. Knightly em geral não lida diretamente com...

– Não, tudo bem. Eu realmente preciso falar com ela. Quando ela volta?

– Ela tirou uns dias para ficar com a filha. Aceita um café? Um refrigerante?

A mulher agora começava a ficar preocupada comigo. Visualizei minha aparência depois de uma noite insone, com o cabelo mal penteado e os dentes sem escovar. Havia me esquecido totalmente da escova de dentes na mochila.

– Não, obrigada. É que eu vim de muito longe para falar com ela – expliquei, sentindo minha voz falsear. – Como posso encontrá-la? Por favor. Preciso de verdade vê-la.

A mulher me olhou como se tentasse decidir o que fazer.

– Me dê o número do seu celular e eu...

– Não tenho celular. – Minha voz falhou outra vez e juntei as mãos na frente do peito para explicar: – Esqueci em casa quando saí. Só me diga onde fica o hospital, por favor.

Pude ver na mesma hora que cometera um erro.

A mulher balançou a cabeça.

– Agora, escute. A Sra. Knightly está cuidando de um assunto pessoal grave e você não pode simplesmente ir lá incomodá-la, está bem?

Eu sou um assunto pessoal grave, pensei.

– Ah, eu entendo. Não vou incomodá-la.

A mulher me entregou um bloquinho.

– Anote seu nome e como posso entrar em contato com você.

– *Não pode.* Esqueci meu celular.

Ela deu um suspiro.

– Então me adiante o assunto, meu bem, para que eu possa ajudá-la.

– É pessoal.

Ela me deu mais um daqueles sorrisos que indicavam que eu estava começando a aborrecê-la.

– Olhe só – disse ela, recostando-se na cadeira. – Vou ficar aqui até as cinco. Garanto que em algum momento vou falar com ela hoje. Então pergunto como você pode entrar em contato com ela, você passa aqui mais tarde e eu lhe dou o recado. Mas se pudesse me adiantar mais alguma informação, seria de grande ajuda.

Pensei naqueles celulares pré-pagos que se pode comprar em qualquer lugar. Jamais usara um assim, mas talvez pudesse arrumar um e dar o número à mulher para que ela o passasse a Anna.

– A senhora pode me dar seu telefone?

– Claro – disse ela, entregando-me um cartão que tirou de uma bandejinha em cima da escrivaninha.

Guardei-o no bolso.

– Obrigada – agradei, virando-me para sair.

– Você vai voltar mais tarde? – indagou a mulher, mas eu já passara da porta, tentando imaginar qual seria meu passo seguinte.

Passei por um banco a caminho do carro e usei o caixa eletrônico para pegar algum dinheiro. Eu tinha 40 dólares comigo, mas iria precisar de mais para gasolina e talvez um celular pré-pago, se conseguisse encontrar onde comprar. Minha mente, porém, já ia tomando outra direção. Quando cheguei ao carro, liguei o GPS e fiz uma busca por hospitais. Havia muitos, mas o único que tinha a ver com crianças se chamava Centro Médico Nacional Infantil. Seria esse? Gostei do termo *centro médico* bem mais do que da palavra *hospital*.

Ficava em Washington. Inseri o endereço no GPS. Ficava a 32 minutos dali. Na véspera, 32 minutos dirigindo um carro teria me parecido algo impossível. Agora era quase tão fácil quanto respirar. Mas... a mulher *usara* a palavra *hospital*. Eu não podia negar esse fato, e vi o rosto desfigurado do meu pai. Rapidamente passei a mão diante dos olhos como se pudesse apagar aquela visão. Eu iria. Eu entraria na recepção e pediria a alguém que levasse um bilhete até Anna Knightly. Eu acabara de dirigir 615 quilômetros sozinha depois de ter passado uma noite em claro. Podia muito bem aguentar uma recepção de hospital. Tinha de fazer isso.

E m e r s o n

Wilmington, Carolina do Norte

A cafeteria estava lotada. Embora fosse feriado, metade dos moradores de Wilmington parecia ter dado uma passadinha no Hot! essa manhã. Os croissants de framboesa com *cream cheese* tinham acabado. Estávamos ficando famosos por ele, e Sandra e as garçonetes vinham tendo trabalho para acompanhar o ritmo das vendas. Foi por isso que ignorei o celular quando ele tocou, sem nem ao menos me dar o trabalho de conferir quem ligava. Jenny não tinha aula e muito provavelmente estava à toa em casa. Eu ouviria as mensagens assim que tivesse uma folga. Então o telefone do Hot! tocou e esse eu não podia ignorar. O pessoal dos escritórios costuma fazer suas encomendas do almoço na parte da manhã para buscá-las mais tarde, mas eu não esperava muitos desses telefonemas no dia do descobrimento do país.

Peguei o telefone ao lado da caixa.

– Hot! – atendi.

– Mãe! – gritou Jenny no meu ouvido, numa voz rouca e assustada. – Preciso contar uma coisa a você.

– O quê? – indaguei, alarmada, levando o telefone comigo para a cozinha.

– Por favor, não me mate! – pediu ela, falando como se tivesse ateado fogo à casa.

– Acho que Grace está indo se encontrar com a tal Anna Knightly.

Franzi a testa, incrédula. Como Grace – como *Jenny* – poderia saber quem era Anna Knightly?

– Como assim?

– Tara ligou dizendo que Grace sumiu. Ela pegou o carro e Tara acha que ela foi até Chapel Hill, mas tenho medo...

– Grace nem dirige...

Eu estava confusa. Queria encontrar furos em qualquer que fosse a história que Jenny tentava me contar.

Sandra passou a toda por mim com uma bandeja de sanduíches e eu cheguei mais perto da porta dos fundos para liberar o caminho.

– Liguei para Cleve e ele falou que conversou com Grace ontem à noite e ela disse que queria ir até a Virgínia para encontrar a mãe.

– Espere aí! – reagi. Eu precisava freá-la. – Como ela podia, ou você, aliás, saber sobre... sobre Anna Knightly?

Jenny não respondeu de imediato.

– Eu ouvi vocês – disse ela com voz chorosa. – Não que eu quisesse xeretar, mas estava descendo a escada quando você e Ian conversavam ontem. E depois encontrei o bilhete que Noelle escreveu. Fui à casa de Grace e contei tudo.

Lembrei-me do ruído que ouvira vindo da escada. *Ai, meu Deus*. Tentei imaginar o desespero de Grace. Imaginei-a lendo a carta de Noelle para Anna Knightly.

– Você deveria ter falado *comigo* sobre isso, não com Grace!

– Desculpe, mãe – disse Jenny –, mas Grace tinha o direito de saber.

– Ela pode ter o direito de saber, mas, Jenny, nós nem sequer contamos a Tara ainda!

– Não achei que ela fosse... que ela fosse fugir assim. Cleve achou que tinha conseguido convencê-la a não ir, mas ela sumiu hoje de manhã e não está em Chapel Hill, ou pelo menos não estava quando falei com ele. Por isso acho que ela foi se encontrar com essa mulher! – explicou e mais uma vez sua voz alcançou um tom estridente.

– Preciso desligar o telefone – falei. – Vou à casa de Tara contar a ela o que está havendo.

– Grace dirige tão mal – emendou Jenny. – Se eu achasse que ela faria uma coisa dessas, eu jamais teria...

– Eu sei. Preciso desligar.

Desliguei o telefone e peguei Sandra pelo braço para dizer que sentia muito, mas ela teria que assumir tudo durante as próximas duas horas. Ela me lançou um olhar nervoso, mas viu logo pela minha cara que não adiantava discutir. No carro, tentei telefonar para Ian antes de ligar o motor, mas o correio de voz atendeu e imaginei que ele já estaria em pleno jogo de golfe àquela altura. Eu teria de dar conta desse assunto sozinha.

Mas quando parei em frente à casa de Tara, vi o carro de Jenny estacionado na rua. Minha filha me esperava na calçada, encolhida e tremendo debaixo da garoa, os braços cruzados com firmeza. No fim das contas, eu não teria de dar conta desse assunto sozinha.

T a r a

Ouvi a porta do carro bater e corri até a janela, esperando ardentemente ver Grace chegar. Mas eram Emerson e Jenny e, enquanto eu as via quase correr até a porta da frente, tudo em que pude pensar foi que as duas tinham uma notícia horrível para me dar. O cenário era totalmente diferente, mas, mesmo assim, tive a mesma sensação nauseante do dia em que o policial apareceu à porta da minha sala de aula para dizer que Sam tinha morrido. Eu soube, no instante em que vi aquele jovem de uniforme, que algo terrível havia acontecido. Sentia o mesmo agora.

Abri de supetão a porta da frente.

– *O que houve?* – gritei quando as duas alcançaram a varanda.

Senti o sangue se esvair do meu rosto e a imagem de ambas embaçou.

– Acho que sabemos onde Grace está – disse Emerson enquanto subia os degraus da varanda.

– Com Cleve? – indaguei.

Emy me virou de frente para a casa.

– Achamos que ela está bem, Tara. Vamos nos sentar em algum lugar, tá? Temos muita coisa para explicar a você.

– Do que você está falando? – perguntei, mas deixei que ela me levasse até a sala de tevê. – Jenny, você falou com ela? Como assim, vocês *acham* que ela está bem? Onde ela está?

– Temos *certeza* de que ela está bem – falou Emerson mais enfaticamente.

Sua mão estava pousada nas minhas costas e ela me conduziu até o sofá. Desabei no assento. Ela e Jenny se sentaram lado a lado no canapé.

– Ela está com Cleve? – repeti, olhando para Jenny, que balançou a cabeça e depois baixou os olhos para o colo como se não suportasse me encarar, o que em nada contribuiu para acalmar meus nervos.

– Me escute, Tara – começou Emerson. – Outro dia, eu descobri a identidade do bebê que Noelle roubou do hospital. Acho que foi Grace.

Encarei-a sem entender.

– Isso é impossível. Grace nunca esteve no hospital, você sabe disso.

Olhei para Jenny, que continuava a evitar meu olhar, mas aparentemente sabia a respeito de Noelle e do bebê.

Emerson se inclinou para a frente.

– Ouça, querida. Consegui mais informações sobre quando o bebê de Anna Knightly desapareceu. Foi por volta da época do nascimento de Grace. Exatamente no fim de agosto de 1994.

– Não – rebati, confusa. – Você quer dizer 1998, quando ela deixou de ser parteira.

– Foi em 1994, e Grace foi o parto que Noelle fez nessa época.

– Mas Grace nasceu no dia 1º de setembro.

Eu sabia que estava teimando em desviar do ponto essencial da conversa.

– Eu sei que é confuso – concordou Emerson. – Sei que é inacreditável, mas acho que Noelle fez o parto do seu bebê, não de Grace, e foi o seu bebê que ela acidentalmente deixou cair. Então ela foi até o hospital e pegou o bebê de Anna Knightly e levou para a sua casa e fingiu que ele... que ela era a sua filha. Essa era Grace.

– Isso é loucura – falei.

– Noelle não fez outros partos nesse período – disse Emy. – Não há páginas arrancadas do livro de registros. Eu realmente acho que é Grace, Tara. Sinto muito.

Passei a mão pelo cabelo, pensando, pensando. Pensei na noite do nascimento de Grace. Da sensação de que algo estava errado. Dos momentos em que Noelle se viu dividida entre chamar ou não uma ambulância antes que conseguisse virar Grace dentro de mim. Lembrei-me daquela noite longa e escura e do sono pesado que me nocauteou depois.

– Mas eu a segurei – insisti, franzindo a testa. – Eu a amamenteei assim que ela nasceu.

Ela parecera tão cálida, quase quente, de encontro à minha pele. Amei aquela quentura. Ainda me lembrava disso. Depois viera o sono sem sonhos. Mas Sam... Será que ele também adormecera? Teríamos dormido tempo suficiente para minha filha cair das mãos de Noelle? Teríamos dormido tempo suficiente para que ela corresse até o hospital e roubasse um bebê para substituí-la? Por mais inacreditável que eu achasse a ideia até então, agora ela parecia cem vezes mais impossível.

– Você está dizendo... está dizendo que o bebê que eu tive morreu?

Emerson se levantou do canapé e se sentou ao meu lado, envolvendo-me com o braço.

– Sinto muito – disse ela. – Eu...

– Como foi que Jenny ficou sabendo disso tudo? – perguntei.

Jenny continuava a não me olhar. Ela hoje me lembrava Grace, de tão calada.

Emerson hesitou.

– Conversei com Ian sobre isso ontem, quando... quando juntei os pontos, e Jenny escutou.

– Você contou a Ian? Antes de *me* contar? – vociferei, afastando-me dela, repentinamente zangada. – Sou a última pessoa a saber sobre minha própria filha? Há quanto tempo *você* sabe?

– Descobri na véspera da festa de Suzanne – confessou Emerson.

– E não me contou?

Tive vontade de estapeá-la, tamanha a minha fúria. Fiquei de pé.

– Como você pôde contar a Ian e não a mim? Como teve coragem de fazer isso?

– Eu não sabia como... – Emerson balançou a cabeça. – Fiquei com medo de magoar você.

Eu não conseguia absorver tudo. Simplesmente não conseguia.

– Onde está *Grace*? – perguntei.

Não havia espaço na minha cabeça naquele momento para o bebê que eu perdera. Uma criança que ainda não existia de fato para mim. Havia espaço apenas para a filha que eu amava de todo o coração.

– Onde ela está? Por que ela...

– Ela ligou para Cleve ontem à noite depois que lhe contei – disse Jenny numa voz rouca. – Estava muito nervosa e disse a ele que queria ir até a Virgínia para tentar encontrá-la... encontrar essa mulher. Ele tentou convencê-la a não ir.

– Você *nunca* devia ter falado sobre isso com Grace!

– Eu sei.

Seus olhos estavam vermelhos e ela afundou mais no canapé.

– Por favor, Tara – pediu Emerson. – Jenny sabe que estragou tudo.

– Como ela podia saber onde encontrar Anna Knightly? – indaguei, andando de um lado para o outro, entre o sofá e a janela.

– O Departamento de Crianças Desaparecidas, eu acho – respondeu Jenny. – Em Alexandria.

Alexandria! Visualizei Grace tentando fazer aquela viagem sozinha debaixo de chuva, perguntando-se quem seria ela. Só uma carência imensa faria minha filha sentar atrás de um volante para dirigir tamanha distância. Uma carência que eu não fora capaz de suprir.

– Coitada da minha filha! – exclamei e me lembrei do silêncio no seu quarto na noite anterior. Será que ela já sabia? – Ela deve estar confusa e morrendo de medo – falei.

Pensei em como devia ter se sentido quando se deu conta de ter deixado o celular em casa. Mal aguentei imaginar sua reação.

– Estou me sentindo péssima – disse Emerson.

– Não estou dando a mínima para o que *você* está sentindo neste momento, Emerson. Tudo o que me interessa é encontrar Grace. Você não tinha o direito de esconder isso de mim. Uma coisa que põe a segurança de Grace em risco. Você...

Desviei o olhar de ambas.

– Estou tão furiosa com vocês duas! Se alguma coisa acontecer a ela, jamais vou perdoá-las.

Comecei a me dirigir para a cozinha e para o telefone.

– Para quem ligamos? – perguntei a ninguém. – Como vamos encontrá-la?

G r a c e

Washington

Parei em outro posto de gasolina, comprei um celular pré-pago vagabundo e fiz um acordo comigo mesma. Se não conseguisse localizar Anna Knightly no Centro Médico Nacional Infantil dentro de uma hora, ligaria para a mulher no Departamento de Crianças Desaparecidas e lhe passaria meu número. De um jeito ou de outro, eu acharia minha mãe hoje.

Finalmente, vi uma placa indicando o Centro Médico Nacional Infantil. Entrei numa imensa garagem subterrânea e vi que era pior do que dirigir na autoestrada. Carros saindo de vagas à frente e outros buzinando atrás, mas no fim consegui estacionar.

Na entrada para a recepção, uma placa dizia que era preciso mostrar a identidade, então peguei minha carteira de motorista. O guarda a conferiu sem nem ao menos olhar para mim e indagou:

– Onde está o adulto que veio com você?

Minhas mãos tremiam e me perguntei se estaria com cara de culpada.

– Minha mãe e minha irmã estão aí dentro – respondi.

Ele começou a gritar “Ei, você!” para um sujeito em algum lugar atrás de mim, em quem aparentemente estava mais interessado, porque simplesmente assentiu na minha direção, indicando que eu entrasse. Caminhei a passos largos. Sabia que me safara por pouco.

O saguão era grande e aberto, e achei que se eu fosse uma criança à espera de uma consulta, me sentiria confortável. Era colorido e não dava a impressão de ser um hospital. Não tinha nada a ver com a emergência para onde haviam levado meu pai. Mas eu não era criança, nem estava ali para uma consulta. Não tinha cem por cento de certeza do *que* estava fazendo ali. Pais, filhos, médicos e enfermeiros lotavam o saguão, todos parecendo ter aonde ir, exceto eu.

Vi um balcão de informações de um lado do saguão e me aproximei da mulher atrás dele, uma negra de cabelo grisalho e óculos cinzentos, que sorriu para mim. Fiz o possível para aparentar 18 anos. Tive medo de ser posta para fora.

– Oi – falei. – Tenho que dar um recado importante a alguém. Ela é mãe de uma paciente internada aqui. Se eu escrever um bilhete, a senhora pode mandar entregar a

ela?

– O nome da paciente? – perguntou a mulher, que, mesmo sorrindo, pareceu meio aborrecida.

– Haley... – falei. Será que Haley tinha o mesmo sobrenome da mãe? – O nome da mãe é Anna Knightly. K-N-I...

– Sei como se escreve. A filha está na ala Leste. Quarto 416. Deixe o bilhete comigo, que eu peço a um voluntário para entregar a ela quando tiver tempo. Estamos com falta de pessoal. Pode demorar – explicou, estendendo a mão para pegar o bilhete que eu nem havia escrito.

– Preciso escrever ainda – falei. – Já volto.

Encontrei um panfleto anunciando uma corrida beneficente em prol do hospital e com o verso em branco e me sentei num dos bancos, tirando uma caneta da minha mochila.

E agora?

“Sra. Knightly”, escrevi. *“Meu nome é Grace Vincent. Por favor, venha até o saguão. Preciso falar com a senhora. É muito importante. Estarei perto do balcão de informações. Tenho 16 anos e cabelo bem comprido.”*

Dobrei o bilhete e o levei até a mulher, que me olhou como se nunca tivesse me visto.

– É o bilhete para a mulher do quarto 416 na ala Leste – expliquei.

Ela o pegou da minha mão.

– Vai demorar – repetiu.

Voltei para o banco. Passados cerca de vinte minutos, um voluntário – um senhor idoso – foi até o balcão de informações, pegou um vaso de flores e se dirigiu ao elevador. A mulher atrás do balcão nem entregou meu bilhete a ele.

Havia placas por todo lado e uma delas indicava Ala Leste, com uma seta que apontava para um corredor. *Não seja covarde*, eu disse a mim mesma. Levantei do banco e percorri o corredor até um conjunto de elevadores. Fiquei ali com uma enfermeira, dois médicos e uma mulher que tinha um garotinho sonolento encostado em sua perna. O elevador chegou e todos entramos. A enfermeira apertou o botão do quarto andar e me senti zozza quando começamos a subir. Fazia séculos que eu não comia.

A enfermeira e eu descemos no quarto andar. Ela pegou o corredor, mas eu fiquei parada ali, congelada. O carpete tinha grandes figuras geométricas, que só fizeram me deixar mais tonta. Uma placa apontava o caminho para os quartos. O 416 ficava à minha direita, mas eu não conseguia me mexer. Não notara o cheiro de hospital no saguão, mas nesse pavimento ele era indisfarçável.

Não pense no papai, não pense nele.

– Posso ajudar? – indagou uma mulher, provavelmente enfermeira.

Ela usava um estetoscópio em volta do pescoço e o tecido do seu jaleco era coberto de cãezinhos.

– Você parece perdida – falou.

– Não, tudo bem – consegui responder com um sorriso.

Comecei a andar, fingindo saber exatamente aonde ia e por quê.

Cheguei ao quarto 416 e fiquei junto à porta aberta. Meu coração batia tão rápido que achei que acabaria precisando ser atendida na Emergência. Havia pessoas caminhando no corredor e vindo na minha direção e eu sabia que não poderia ficar ali parada para sempre. Reuni coragem e espiei pela fresta como se precisasse ver bem devagar quem estava lá dentro.

Até então, elas não passavam de nomes. Não eram pessoas de verdade. De repente, porém, a realidade me acertou em cheio. Uma menina quase careca estava sentada numa cama enorme. Uma mulher ocupava uma cadeira ao lado da cama e as duas olhavam alguma coisa no colo da garota, um livro, uma revista ou algo do gênero. A mulher riu. A menina sorriu. Em apenas um segundo, pude sentir a ternura entre ambas. Elas eram uma panelinha que não me incluía. De imediato percebi que eu não pertencia àquele quarto. Não pertencia a lugar nenhum.

A mulher olhou na minha direção e nossos olhos se encontraram, por um segundo apenas. Afastei-me rapidamente da porta e me encostei à parede. Meu coração batia tão disparado que havia um zumbido nos meus ouvidos. Eu não sabia o que fazer.

Com o canto do olho, vi a mulher sair para o corredor.

– Oi – disse ela.

Desencostei-me da parede e me virei para ela. Seu sorriso era bonito.

– Oi – retribuí.

– Você é uma amiga de Haley daqui? – perguntou ela, confusa.

– Sou sua filha – respondi.

O sorriso da mulher desapareceu. Ela deu um passo atrás.

– Como é?

– Acabei de descobrir – expliquei. – Moro em Wilmington, na Carolina do Norte, e encontrei uma carta... Alguns amigos encontraram uma carta que a mulher que foi parteira da minha mãe escreveu para você, só que nunca enviou – fui falando e tirei a mochila do ombro e tentei pegar a pasta, mas minhas mãos tremiam tanto que não consegui e desisti. – Ela, a parteira, pedia desculpas por roubar o bebê do hospital na noite em que eu nasci.

A mulher não estava me entendendo e não a culpei. Ela nada disse e uma ruga funda se formou entre suas sobrancelhas. Então, seu peito começou a inflar e desinflar tão rápido que temi que ela fosse desmaiar. Umedeci meus lábios e prossegui:

– Ela deixou cair o bebê da minha mãe, bem, da mulher que sempre achei que fosse minha mãe, e ele morreu.

Senti um aperto no peito. Era demais, tudo era demais, e de repente senti uma falta desesperada da minha mãe. Eu queria que ela me abraçasse. A mãe que me

conhecia. Não a estranha na minha frente cujo sorriso desaparecera por completo, cujos olhos agora me diziam que ela não acreditava em mim. Ir até lá havia sido um erro. Um erro impulsivo e louco, e os cheiros do hospital me atingiram como uma onda no oceano e percebi que ia desmaiar. Encostei-me à parede para não cair. Estava tão longe de casa e da minha mãe! Parecia que seria preciso cruzar o Universo para voltar para ela.

– Isso é... Alguém mandou você aqui? – indagou a mulher. – Isso é uma piada de mau gosto?

Não consegui falar. Minha garganta estava seca e nunca me sentira tão sozinha e solitária. Balancei a cabeça, negando.

A mulher me pegou pelo braço.

– Venha comigo – disse ela.

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte

Estávamos de pé na cozinha, eu com o fone na mão, pronta para discar, enquanto Emerson caçava o telefone do Departamento de Crianças Desaparecidas no meu laptop. Jenny mordida o lábio, parada junto à bancada central. Eu queria gritar e enxotar as duas da minha casa, mas realmente precisava de ajuda para encontrar Grace. Não olhava para elas. Estava agarrada à minha raiva.

– Achei – disse Emerson. – Ai, é um número de emergência, não o do escritório.

Ela me passou o número e disquei. Expliquei ao homem que atendeu que eu estava tentando falar com o escritório de Alexandria do departamento. Fui escolhendo as palavras com cuidado, embora Emerson tentasse me ditar o que dizer.

– Cale a boca – acabei dizendo para ela, antes de me desculpar com o homem, que por sorte consegui convencer a me dar o telefone do escritório.

Quando liguei para lá, porém, a ligação caiu na secretária eletrônica.

– Preciso falar com Anna Knightly. Por favor, peçam a ela, peçam a *alguém*, para me ligar imediatamente. É urgente – concluí, deixando o número do telefone fixo e do celular.

Emerson tentava novamente falar com Ian, mas eu sabia que era impossível contactá-lo quando entrava num campo de golfe.

– Talvez a gente deva ligar para a polícia – sugeriu Emerson depois de deixar mais uma mensagem para Ian. – Eles podem tentar localizar o carro de Grace. Podem mandar alguém até o Departamento de Crianças Desaparecidas e esperar até que ela apareça.

– Eu vou até lá – falei.

– Mas você não sabe onde ela está – interveio Emerson. – É melhor ficar aqui.

– Eu vou.

Agarrei a bolsa e me dirigi para a garagem.

– Eu levo você – disse Emerson, correndo atrás de mim. – Você está nervosa demais para dirigir.

Dei meia-volta:

– Não quero você perto de mim!

– Você precisa de mim – insistiu Emerson. – E Grace vai precisar de Jenny. Nós

levamos você.



Era como se estivéssemos num avião, em vez de um carro. Eu estava sentada no banco do carona, agarrada ao celular e tremendo de tanto medo, fúria e ansiedade. Atrás de mim, no banco traseiro, Jenny não parava de se desculpar. Emerson, idem. Mas eu as ignorei e, durante umas duas horas, não disse uma palavra, exceto para deixar minha própria mensagem no correio de voz de Ian, informando nosso paradeiro e o que tinha acontecido. Emerson continuava tentando me fazer conversar com ela, mas eu só pensava em Grace, que devia estar sozinha, nervosa e assustada. Eu *sabia* que era assim que ela se sentia. Talvez fosse a primeira vez desde que ela era pequena em que eu sabia o que ela estava sentindo sem nem ao menos estar a seu lado. A primeira vez em tanto tempo que percebia aquela ligação invisível com minha filha. Meu sangue em seu sangue. Meu coração em seu coração. Não me importava o que um teste de DNA pudesse dizer. Ela era minha filha.

Eu não queria pensar em Anna Knightly. Antes, quando tentava descobrir quem teria ficado com a filha dela, eu me solidarizara com ela. Mas então Anna era uma estranha para mim, um nome numa carta. Cheguei a pensar sobre como devia ser tomar consciência do desaparecimento de um filho. Agora eu sabia, por experiência própria.

Eu queria que Grace estivesse no carro comigo naquele exato momento. Eu a abraçaria e diria que, por pior mãe que fosse, eu a amava. Faria qualquer coisa por ela. Mesmo que ela não quisesse, eu a abraçaria tão forte que ninguém seria capaz de arrancá-la dos meus braços. Às vezes é difícil expressar o amor que sentimos por alguém. A gente diz as palavras, mas não consegue expressar a profundidade. Não consegue abraçar forte o bastante. Eu queria ter essa chance com minha filha.

– Alguma de vocês precisa parar? – perguntou Emerson, quando o tráfego ficou mais moroso próximo a Richmond.

– Não – respondi por nós duas.

Não me importava que Jenny precisasse parar. Por mim, ela podia explodir.

– Continue dirigindo – ordenei.

Duas emoções contraditórias lutavam dentro de mim. Ódio por Noelle – que agora respingava em Emerson e Jenny, independentemente de quão irracional isso pudesse ser – e amor pela minha filha.

– Ah, Grace! – exclamei em voz alta, embora não fosse essa a minha intenção.

Emerson estendeu o braço e pousou a mão no meu.

– Vai dar tudo certo. Vai dar tudo certo.

Desviei meu rosto.

– A culpa foi minha – disse Jenny lá de trás.

Havia lágrimas em sua voz e me perguntei há quanto tempo ela estaria chorando.

Havia um bocado de culpa para jogar em muita gente. Em Ian e Emy por

esconderem a situação de mim, em Jenny por ter sido estúpida a ponto de contar a Grace o que sabia. Em mim, por não saber ser mãe da minha filha. Por não ser o tipo de mãe a quem ela pudesse recorrer ao ouvir essa verdade devastadora. Ela teria recorrido a Sam. Eu podia culpar Mattie Cafferty, que fez meu marido partir e me deixou sozinha para lidar com isso. E, é claro, podia culpar Noelle pelo seu ato criminoso, inconsequente. Ainda assim... Se Noelle não tivesse feito o que fez, eu não teria a minha Grace.

Minha Grace.

Meu celular tocou e eu o atendi.

– Tara Vincent – respondi, e as palavras se atropelaram.

– Aqui é Elaine Meyers do Departamento de Crianças Desaparecidas, retornando seu telefonema.

– Sim! Obrigada – falei, apertando o rosto com a mão. – Isto é bastante complicado, mas minha filha de 16 anos provavelmente vai aparecer por aí procurando Anna Knightly e preciso...

– Uma jovem bonita de cabelo comprido?

– *Sim.* Ela está aí?

– Esteve. Mas expliquei que a Sra. Knightly não veio trabalhar. Ela ficou bastante chateada. Disse que tinha informações sobre uma criança desaparecida.

– Aonde ela foi?

– Não faço ideia. Não quis deixar o nome e disse que não tinha celular. Fiquei preocupada com ela.

– Será que ela pode... Pode estar esperando por aí? Do lado de fora, talvez?

– Não. Eu disse que Anna estava no hospital infantil com a filha e que não voltaria até...

– Como assim, “com a filha”?

Senti Emerson me lançar um olhar rápido.

– A filha de Anna está muito doente e elas estão no hospital.

– Será que... Será que a minha filha... Ela sabe que Anna Knightly está no hospital infantil?

– Eu cheguei a mencionar, sim, mas não acho...

– Onde ele fica? Em Washington, não?

– Na Michigan Avenue, mas...

Jenny foi rápida. Esticou o braço entre o meu banco e o de Emerson para me mostrar o endereço do hospital infantil em seu iPhone.

– Já tenho aqui. Por favor, me ligue se tiver alguma notícia dela – pedi, então desliguei e me virei para Jenny: – Você pode descobrir o itinerário?

– Posso.

Encostei o celular nos lábios, refletindo.

– Mas ela não iria a um hospital – falei. – Vocês sabem como ela se sente quanto a hospitais. Não consigo imaginar...

– Ligamos para a polícia? – indagou Emerson.

Balancei a cabeça.

– Ainda não. Não até esgotarmos todas as outras possibilidades de encontrá-la.

Eu não queria a polícia se intrometendo entre mim e minha filha. Eu não queria *ninguém* se intrometendo entre mim e minha filha.

A n n a

Washington

Eu sonhara tantas e tantas vezes com esse momento, e agora que estava acontecendo não parecia em nada com meus sonhos. Nos meus sonhos, eu via uma menina. Algumas vezes, ainda sem saber andar. Em outras, com 9 ou 10 anos. Vez por outra com esta idade: 16 anos. Essa idade perfeita que se adequava à realidade. No entanto, havia uma coisa em cada um desses sonhos que estava faltando aqui e agora: o reconhecimento instantâneo de que essa era, de fato, a minha filha. Minha Lily. A filha que eu carreguei logo abaixo do coração. Sentada na pequena recepção com Grace – e ela se parecia mais com uma Grace do que com uma Lily para mim –, ouvindo-a falar numa voz tão baixa que eu precisava chegar perto para escutar, estudei aquele rosto bonito, em forma de coração. Ela me mostrou a carta, as mãos tremendo violentamente quando a tirou da mochila. Ela me contou do suicídio da parteira.

Li a carta e continuei cheia de descrença. Estavam armando para cima de mim. Tinha havido tanta publicidade em torno da campanha para doação de medula. Em nossa tentativa de atrair atenção e simpatia para a causa de Haley, Bryan e eu havíamos revelado demais sobre o desaparecimento de Lily. Permitíramos que escrevessem a respeito dela e do nosso sofrimento, que falassem disso a fundo. Agora alguém fabricara uma carta, uma menina, uma história, tudo isso para confundir minha cabeça. Mas por quê? Será que alguém achava que eu tinha dinheiro? Se achava, estava errado.

Onde estaria o vínculo maternal instintivo que eu sentira em meus sonhos? A garota não se parecia nada comigo. Não se parecia nada com Haley ou Bryan. Seus olhos eram grandes e castanhos, mas o formato deles era errado. *Como você ousa dissecar essa menina?*, repreendi a mim mesma. Eu a senti se afastar, se fechar, como se percebesse a minha dúvida.

- Quando você nasceu? – perguntei, decidida a pegá-la num tropeço.
- Em 1º de setembro de 1994.
- É mesmo?

Com as mãos apenas levemente menos trêmulas do que alguns minutos antes, ela tirou a carteira da mochila e puxou de lá a carteira de motorista, entregando-a a

mim. Conferi a data: *1º de setembro de 1994*. Batia. Combinava bem demais. Será que a carteira de motorista era falsa? Eu não saberia identificar.

Olhei-a de novo. Tive medo de me permitir alguma esperança. Muito medo. Eu já me decepcionara antes. Talvez a garota *fosse* Lily, mas não pensei *Vamos fazer um exame de DNA imediatamente*. Em vez disso, pensei em sua medula. Minha reação me horrorizou, mas não pude conter meus sentimentos. Eu não estava pronta para pensar nela como minha filha. Ao contrário, eu a via como uma conveniência. Uma forma de salvar a vida da filha que eu tinha certeza de ser minha.

– Seus pais sabem que você está aqui? – perguntei.

Se ela fosse genuína, alguém estaria preocupado com ela.

– Meu pai morreu – disse ela. – E não. Minha mãe, a mulher que acha que é minha mãe, não sabe que estou aqui. Na verdade ela não sabe ainda coisa alguma sobre isso. A amiga dela descobriu e não lhe contou.

A história dela ia se tornando tão intrincada que eu começava a pensar que podia ser verdadeira. Ninguém seria capaz de inventar tudo isso.

– Onde sua mãe pensa que você está?

– Eu... Provavelmente com meu namorado em Chapel Hill. Meu ex-namorado.

– Você precisa ligar para ela imediatamente e dizer onde está – falei.

– Mas ela nem *sabe* disso tudo – argumentou a menina, quase em pânico. – Ela não sabe que não sou filha dela.

– Mesmo assim, você precisa dizer onde está – insisti.

A menina umedeceu os lábios.

– Está bem – concordou, embora sem fazer movimento algum para pegar o telefone.

– Olhe aqui – falei. – Isto é extraordinariamente estranho sob vários aspectos. Não conheço você e você não me conhece e numa... Se as coisas fossem diferentes, nós nos conheceríamos aos poucos para descobrir se você é mesmo minha filha. Só que neste momento, a minha filha... – Eu quase disse a minha filha *de verdade*. – Minha filha Haley está muito doente. Ela tem leucemia. É uma menina maravilhosa e precisa de um transplante de medula para sobreviver. É a única chance dela. Apenas algumas pessoas podem ser doadoras e ainda não conseguimos encontrar alguém compatível.

Minha voz começava a falhar. Às vezes a emoção ainda me pegava de surpresa.

– É possível, apenas possível, que uma irmã possa ser compatível.

Eu me senti cruel. Quem quer que fosse essa garota na minha frente, ela não pedira isso. Ela não merecia isso. Mas eu pouco me importava. Eu queria que fosse testada. Precisava saber se por acaso, por algum incrível acaso, ela era compatível, fosse ou não irmã de Haley.

Grace engoliu em seco e pude ver quanto estava apavorada. Minha forma de agir me pareceu errada, mas não consegui me conter. Haley estava morrendo aos poucos.

– Eu gostaria que você conhecesse Haley, se vocês duas estiverem dispostas –

falei. – Então você vai poder decidir se deseja ser testada. É apenas um exame de saliva. Não dói nada. Só se você quiser. Sua mãe teria de dar permissão.

Recostei-me na cadeira com um longo suspiro. A menina juntara as mãos no colo, tensa.

– Não sei o que está acontecendo, Grace, mas às vezes as coisas acontecem por um motivo e elas são muito difíceis de explicar.

Ela ergueu o queixo ao ouvir tais palavras e vi que faziam sentido para ela.

– Você acredita nisso, não? – perguntei baixinho. – Que as coisas acontecem por um motivo?

Ela assentiu.

– Quero acreditar que sim – disse ela, embora os olhos, que em *nada* se pareciam com os de Haley, deixassem transparecer sua insegurança.

Suas palavras, porém, tão doces e sinceras, me tocaram e eu amoleci com relação a ela.

– Eu não acredito que você seja minha filha – falei. – Não faz sentido. Meu bebê recém-nascido tinha o cabelo mais escuro que o seu, como o de Haley. Como o do pai. Aposto que seu cabelo era bem clarinho quando você nasceu.

– Castanho. Na verdade, ele é mais escuro do que isto – disse ela, tocando os fios compridos e espessos. – Eu faço luzes.

– Duvido que seja tão escuro quanto seria o da minha filha – falei, ficando de pé. – Você quer algo para comer? Para beber? – indaguei.

Ela balançou a cabeça. Cruzou os braços sobre o estômago.

– Eu não conseguiria engolir nada.

– Você está nervosa?

– Odeio hospitais.

Inclinei a cabeça na direção dela:

– Então foi corajosa vindo aqui. Espere um pouco. Deixe-me consultar Haley primeiro.

Fiquei preocupada em ter assustado a menina, que ela fosse embora. Desejei ter uma corda comprida para me manter presa a ela enquanto falava com Haley.

– Por favor, prometa que não vai sair daqui. E ligue para sua mãe para dizer onde está e o que está acontecendo. Mas, por favor, não vá embora. Você não precisa fazer o teste para a medula se não quiser. Eu só...

– Eu não vou embora – disse ela. – Vim de muito longe. Não vou embora.



– Aonde você foi? – perguntou Haley quando voltei para o quarto.

– Bom, Haley...

Fiquei junto ao pé da cama, debruçada sobre o gradil.

– Aconteceu uma coisa muito doida – falei.

– Você está tremendo.

Era verdade. Eu estava fazendo a cama toda balançar. Empertiguei o corpo e sorri.

– Você notou a garota que estava no corredor um minuto antes que eu saísse do quarto?

Ela balançou a cabeça, negando.

– Bom, havia uma garota lá. Uma adolescente. E ela afirma ser Lily.

Os olhos de Haley se esbugalharam:

– A *nossa* Lily?

– É o que ela diz.

O queixo de Haley caiu.

– A nossa Lily? – repetiu, dessa vez num sussurro.

– Não sei se ela é ou não, meu bem.

Eu continuava a me recusar a alimentar esperanças.

– Não sei o que pensar disso – falei. – Ela me mostrou uma carta de uma parteira... Você sabe o que é uma parteira?

Haley negou com um movimento da cabeça.

– Uma mulher que faz partos. Essa, a que escreveu a carta, fazia partos em casa, aparentemente. Mas preciso explicar depressa, porque deixei a garota lá fora...

– Ande logo, então! – exclamou Haley, lançando um olhar para o corredor. – Ela está lá fora?

– Numa salinha no fim do corredor.

Ou ao menos eu esperava que estivesse. Sabia que a assustara de todas as formas possíveis.

Contei a Haley o que me lembrava da carta e ela me encarou, boquiaberta.

– Puta merda – falou.

– É – concordei. – Puta merda. As datas combinam com o desaparecimento de Lily, e a garota acha que é ela. Veio dirigindo de Wilmington até aqui porque acredita que sou mãe dela.

– Ela é Lily? – indagou Haley.

– Eu me lembro tão bem de Lily – falei. – Lembro como se tivessem gravado a imagem dela na minha cabeça, e não imagino que ela hoje se pareceria com essa menina. Ainda assim...

– Quero conhecê-la!

– Tem certeza? Vai ser estranho, Haley. E você não sabe se ela é ou não sua irmã. Precisa não se esquecer disso. Não criar esperanças.

– Definitivamente quero conhecê-la. A vida toda eu quis conhecê-la.

– Mas ela pode não ser...

– Eu quero tanto que ela seja Lily!

Lembrei que, quando veio o segundo diagnóstico de leucemia, Haley me disse que gostaria que eu tivesse Lily para não ficar sozinha se ela morresse. Eu ficara tocada por sua coragem. Por sua generosidade. Porém eu não queria que ela se sentisse assim. De jeito nenhum.

Estendi a mão para o seu pé sob o cobertor.

– Você sabe que ninguém poderá jamais tomar o seu lugar, certo?

– Quero conhecê-la, mãe – pediu Haley, fazendo um gesto com as mãos para me apressar a sair do quarto. – Vá buscá-la antes que ela suma de novo.

G r a c e

Cruzei as mãos no colo e fiquei parada ali. Por mais apavorada que estivesse quanto ao que podia acontecer em seguida, era a imagem da minha mãe que não me saía da cabeça. Quando ela teria descoberto meu sumiço? Quando descobriria que eu não estava em Chapel Hill? Como ficaria preocupada! Ligaria para Emerson, que talvez lhe dissesse que eu não era sua filha de verdade. Meu peito doeu só de pensar nisso e apertei mais as mãos. Minha mãe se sentiria totalmente sozinha. Sem marido. Sem filha. Pensaria no seu bebê, o que morreu, e se perguntaria como ele poderia ter se tornado alguém maravilhoso, provavelmente brilhante como o pai, e extremamente sociável, como a mãe. Nada parecido com a garota que acabaram ganhando.

Mas minha mãe me amava e, naquele exato momento, eu queria estar com ela. Queria encontrar uma forma de fazê-la entender que eu estava bem, mas que precisava resolver umas coisas sozinha. Só que estava com medo de ligar para ela. Eu ia me ferrar legal.

Essa tal Anna era fria. Eu tinha esperado algo muito diferente. Tinha esperado que seus olhos brilhassem de alegria quando eu dissesse quem era. Tinha esperado que ela me abraçasse e se enchesse daquele amor instantâneo que todas as mães sentem pelos filhos. Nada disso acontecera. Ela desconfiara de mim e tudo o que realmente lhe importava era a outra filha, Haley. Eu estava caindo no vão que separava dois mundos. Minha mãe verdadeira – Anna – havia muito se convencido de que eu estava morta e concentrado todo o seu amor na outra filha, enquanto a mãe que me criou provavelmente agora chorava o bebê que havia perdido.

Mãe. Por que eu sempre a tinha afastado? Ela se preocupava comigo, eu sabia. Devia estar enlouquecendo de aflição nesse exato momento.

Tirei o celular pré-pago da mochila e digitei o número dela. Depois de alguns toques, ela atendeu.

– Alô? – disse minha mãe, e pude perceber, apenas com essa única palavra, que estava desesperada.

– Sou eu – falei.

– Grace! Grace! Onde você está? Tudo bem? De onde está ligando? Você deixou seu telefone...

– Estou bem – respondi. – Eu só queria que você soubesse disso. Tenho que fazer uma coisa e depois eu...

– Você está no hospital infantil?

Não encontrei palavras para responder. Como ela poderia saber?

– Estou a caminho com Emerson e Jenny – disse minha mãe. – É aí que você está? Eu te amo, Grace. Amo demais. Fiquei tão apavorada, meu bem.

– Mãe, você não precisa vir até aqui. Eu estou... – Ergui os olhos e vi Anna de pé na entrada da salinha. – Preciso ir agora – falei, fechando o flip do celular.

– Era a sua mãe? – indagou Anna. – Você falou com ela?

Assenti. O celular tocou e eu o joguei na mochila.

– Não quer atender? – perguntou Anna.

Balancei a cabeça.

Anna sorriu para mim. Tinha um sorriso realmente bonito.

– Haley gostaria de conhecer você, se estiver disposta – disse ela.

Fiquei em pé. Anna me envolveu com um dos braços enquanto atravessávamos o corredor. Seu braço me pareceu o de uma estranha. Ela o deixou pousado de leve em minhas costas, do jeito como fazemos para guiar alguém que mal conhecemos de um cômodo até outro. A voz da minha mãe ecoava em meus ouvidos. *Eu te amo, Grace. Amo demais.* Sorri ligeiramente para mim mesma.

– Minha mãe disse que está vindo para cá – falei.

– Ah, isso é muito bom – disse Anna. – Precisamos esclarecer algumas coisas, não é mesmo? A que distância ela está?

– Ela está em Wilmington... Não, ela disse que já estava a caminho, então não sei a que distância. Minha melhor amiga e a mãe dela estão vindo também.

Visualizei as três juntas no carro.

– Chegamos – disse Anna.

Estávamos novamente à frente da porta do quarto de Haley.

– Entre – falou Anna.

Eu a segui, mas fiquei junto à porta.

– Haley, esta é Grace – apresentou Anna. – Grace, esta é Haley.

Haley estava sentada na cama com as pernas cruzadas, presa a um monte de bolsas e fios. Seu cabelo era muito curto e castanho. Podia ter sido raspado ou estar começando a crescer.

– Oi – falei.

– Uau! Você é tão diferente da imagem que eu tinha de Lily – comentou Haley.

Tive a sensação de estar desapontando ambas. Apertei minha mochila de encontro ao peito.

– Bem, eu não esperava ter uma irmã, ponto final – falei.

Tentei sorrir outra vez, mas aparentemente perdera essa capacidade.

– E você pode *não* ter uma irmã – avisou Anna. – A mãe de Grace está a caminho daqui, Haley – explicou. – Logo teremos algumas respostas. Neste exato momento, vou ligar para o seu pai.

Anna olhou para mim.

– Por que não se senta, Grace? – sugeriu ela, apontando para um sofá do outro lado do quarto.

Fui até lá e me sentei, ainda agarrada à mochila.

– Volto já – disse Anna.

Então ficamos sozinhas, Haley e eu. Meu celular tocou de novo e eu o tirei da mochila e o coloquei no modo silencioso.

– Talvez seja a sua mãe – disse Haley.

– Tudo bem.

Eu não sabia ao certo o que dizer a Haley. Senti pena dela por estar tão doente. Sabia que ela era muito mais corajosa do que eu seria, presa àqueles tubos todos.

– Como você está se sentindo? – perguntei.

– Mamãe explicou tudo sobre a parteira e todo aquele drama – respondeu ela, como se eu não tivesse feito pergunta alguma, os olhos grudados em mim enquanto falava. – Você parece estar morrendo de frio.

Eu tremia, embora achasse que isso não tinha nada a ver com a temperatura do quarto.

– Estou bem – falei.

– Olhe embaixo dessa cama high-tech. Pegue um cobertor para você.

Levantei e puxei um cobertor da prateleira sob a cama do hospital. Era azul-claro e macio e me enrolei nele.

– Você acha mesmo que é minha irmã? – perguntou Haley.

– Sua mãe lhe contou da carta?

Enfiei novamente a mão dentro da mochila e peguei a carta. Entreguei-a a Haley e fiquei observando-a ler.

– Ai-meu-Deus! – exclamou Haley quando terminou. – Isto é a maior doideira! Mas seria tão legal se fosse verdade, quero dizer, mamãe e eu meio que transformamos encontrar Lily numa missão. Jamais esperei que ela, você, fosse aparecer assim, do nada.

Peguei de volta a carta, dobrei ao meio e guardei na mochila.

– Como são seus pais? – indagou Haley. – As pessoas que criaram você? Alguma vez você sentiu que seu lugar não era com eles?

– O tempo todo – respondi, embora não fosse exatamente a verdade, não? Eu não me sentia deslocada com meu pai, o problema era só com a minha mãe. – Nunca pensei “ah, sou adotada” ou algo no gênero – expliquei. – Mas não me dou nada bem com a minha mãe.

– E o seu pai?

– Ele morreu num acidente de carro em março. Uma das alunas da minha mãe... ela é professora... provocou o acidente porque estava digitando uma mensagem de texto enquanto dirigia.

– Puta merda! – exclamou Haley. – Que coisa horrível!

Uma das máquinas de onde saía um fio junto à cama começou a apitar e ela tirou o som apertando um botão, como se não fosse importante.

– Eu nunca conheci realmente o meu pai até agora – prosseguiu ela. – Eu sabia quem ele era e tudo o mais, mas ele saiu de casa quando eu era pequena. Quando adoeci desta vez, ele meio que reapareceu. Na verdade, gosto dele, quer dizer, fico puta por ele ter passado a maior parte da minha vida ausente, mesmo mandando dinheiro e tal, mas mamãe diz que ele era muito imaturo e não aguentou quando fiquei doente, por isso saiu de cena. Primeiro Lily desapareceu e minha mãe ficou doente e tudo, uma barra pesada para ele, depois *eu* tive leucemia e aí foi a gota d’água, o que acabou com meu respeito por ele. Quero dizer, minha mãe não podia se dar ao luxo de ir embora, entendeu? Mas agora ele voltou e está tentando ser um pai. Está promovendo uma grande campanha para tentar encontrar doadores de medula para mim.

– Ele é meu pai também – falei, ainda tremendo debaixo do cobertor.

– Bom, se você é a Lily, sim – concordou Haley.

Pensei em como isso devia ser para Haley. Ela finalmente tinha um relacionamento com o pai e então uma garota estranha aparecia para reivindicar parte dele.

– Não pedi para isso acontecer – falei. – Não estou tentando invadir o seu espaço, nada disso, só preciso...

– Ei, não esquentá – falou Haley, sorrindo. – Se você for Lily, nós queremos você aqui, viu? Rezamos para encontrar você, ao menos eu rezei. Minha mãe não é de rezar, mas eu procuro você desde pequena.

– Quantos anos você tem? – perguntei.

– Quase 13.

Não dava para acreditar que ela era mais de três anos mais nova que eu. Estava pálida e meio inchada e nitidamente doente, mas parecia tão centrada, tão confiante e segura de si. Como Jenny. Eu já me sentia competindo com ela e não a conhecia havia mais de cinco minutos. – Você é muito... Você não se parece em nada comigo – falei.

– Como assim?

– Você é... você parece com a minha mãe, quero dizer, a mãe que me criou. Parece mais com ela do que *eu mesma*. É tão positiva e extrovertida.

Haley deu de ombros.

– Nem sempre sou tão positiva – disse ela. – Posso ficar impressionantemente deprimida. Já tomei antidepressivos bilhões de vezes. Mas tenho esperança, com E maiúsculo. Já tive leucemia antes e fiquei curada. Mas acho que desta vez só a esperança não vai ser suficiente – falou ela e ergueu o olhar para uma das bolsas que pendia da haste junto à cama. – Essa doença é um saco.

– Lamento – falei. – Sua mãe disse que um transplante de medula pode ajudar.

– Só se conseguirmos encontrar um doador. Ela tem esperança de que você talvez

seja compatível, se for Lily.

– Eu sei.

– Minha mãe sempre teve esperança de encontrar Lily. Ela procurou por ela em todo lado. Jamais desistiu de procurar. Fomos a Wilmington um monte de vezes, só para tentar achar alguém que se parecesse com ela.

– Eu estava lá o tempo todo – observei.

– Como foi a sua vida? – indagou Haley.

– Minha vida...

Precisei parar para pensar, porque a pergunta me pegou desprevenida. Pensei na minha casa, sempre obsessivamente limpa, com exceção do meu quarto. Pensei em como Jenny e eu tínhamos redecorado nossos quartos durante o verão, enchendo-os de cor e de bolinhas, enquanto falávamos de Cleve e Devon e morríamos de rir. Pensei em como meu pai e eu inventávamos bebidas elaboradas à base de café. Lembrei a quantidade de comida que os vizinhos levavam para nós ao longo das semanas após a sua morte. Com o coração doído, pensei em como minha mãe sempre planejava até o menor detalhe de minhas festas de aniversário. *Esse é o jeito dela de demonstrar amor, Gracie*. Pensei em como havia crescido com uma grande família com Jenny, Emerson e Ted e até mesmo Noelle. Pensei em Wilmington e em tudo de que eu gostava na cidade, da barba-de-velho que pendia dos carvalhos à margem do rio, passando pelo pequeno parque do meu bairro. E de repente não consegui imaginar a minha vida sem tudo isso. Tudo de bom e de ruim que constituía a minha existência. Parecia tão errado ficar feliz por Noelle ter me roubado, mas naquele momento, eu *me senti* feliz.

Como explicar tudo isso a alguém que não conhecia as pessoas e os lugares do meu mundo?

– A minha vida foi normal, sabe, igual a todas as outras – respondi por alto. – Em parte boa, em parte ruim.

– Espero que você faça o exame – disse Haley. – Mas não vou culpá-la se não quiser fazer, isto é, você acabou de aparecer, de conhecer sua família verdadeira e vão logo agarrando você para pegar seus órgãos...

Ela riu e eu apertei mais o cobertor em volta dos meus ombros.

– Sua mãe disse que é só recolher saliva ou algo assim – falei.

– É. Primeiro é só isso. Depois, se essas células forem compatíveis, vem o exame de sangue. Depois, se acharem compatibilidade, você precisa passar por uma cirurgia para retirar parte da sua medula, mas acho que não é muito ruim. Nem de longe tão ruim quanto o que eu vou ter de passar. Vou precisar fazer químio e radioterapia para matar todo o meu sistema imunológico e meu organismo não rejeitar a medula. Mas, sabe, é a minha única chance.

Pensei no meu pai e em como me senti quando soube que ele havia morrido – a impressão que tive de que deveria haver alguma coisa que eu pudesse fazer para

trazê-lo de volta, a questão era descobrir o quê. Pensei no e-mail que mandei por equívoco para Noelle e que podia ter causado a morte dela. Dessa vez, talvez *houvesse* algo que eu pudesse fazer para salvar alguém. Algo difícil e terrível, mas bom e certo. Significaria agulhas e bisturis, e provavelmente ficar internada uma noite no hospital. Mas talvez eu conseguisse salvar uma vida. A vida da minha *irmã*.

A questão era que eu queria ter minha mãe comigo antes de permitir que eles me tocassem.

Queria ouvir minha mãe dizer que tudo daria certo.

A n n a

Merda, eu estava com medo.

Sentei-me perto da cantina do hospital e liguei para o celular de Bryan tão agitada que estava quase sem ar. Bryan só recentemente reunira coragem para voltar às nossas vidas. Fazia pouco tempo que encontrava seu lugar conosco. Agora isso. Tive medo de que ele fugisse de novo. Que talvez ficasse na Califórnia. Então me lembrei que ele não era o mesmo homem de quando Lily sumira. Não era o mesmo homem de quando Haley caíra doente pela primeira vez. Ele crescera. Era uma pessoa segura. Ou seria ilusão minha? Eu tinha medo de estar só imaginando o homem que eu desejava que ele fosse. E ainda mais medo agora de me permitir acreditar que a garota no quarto de Haley fosse realmente Lily e depois ver essas esperanças morrerem outra vez. Eu ensinara Haley a jamais abrir mão da esperança, mas eu conhecia a verdade: a esperança pode levar à ilusão.

Eu fora ousada ao deixar Haley e Grace sozinhas durante o tempo necessário para dar esse telefonema. Precisava falar com Bryan antes que a mãe de Grace chegasse. Simplesmente não era capaz de guardar essa revelação só para mim.

– Oi – atendeu Bryan. – Está tudo bem?

Ah, quanto calor naquela voz! Eu estava com tanto medo de perder esse calor. Tanto medo de que o que quer que Bryan e eu tivéssemos recuperado sumisse em poucos segundos.

– Tudo – respondi.

Nada estava bem, claro, mas eu sabia o que ele queria dizer: *Nada piorou com Haley, certo?* E nada havia piorado.

– Aconteceu uma coisa inacreditável – falei.

– Inacreditavelmente boa ou inacreditavelmente ruim?

– Apareceu aqui uma garota afirmando ser Lily.

Bryan ficou mudo e me perguntei que significado minhas palavras teriam para ele. Estaria com tanto medo da esperança quanto eu?

– Quem é ela? O que ela quer? Você acha que a publicidade toda...

– Não sei – cortei-o. – Ela trouxe uma carta – acrescentei, contando o que lera e falando da data do nascimento na sua carteira de motorista. – Não acho que alguém a tenha orientado a armar isso, mas alguma coisa não bate. Não consigo atinar o que seja. A mãe está a caminho daqui. Vem de Wilmington. Aparentemente a garota...

ela se chama Grace... soube de tudo por uma amiga e saiu de casa sem avisar a mãe. O pai é falecido.

Bryan ficou calado, digerindo o que eu dissera.

– Você conversou com a mãe? – indagou finalmente.

– Ainda não. Bryan, a garota está disposta a fazer o exame para ver se é compatível como doadora.

– Você acredita que ela seja realmente Lily?

– Não sei em que acreditar. Eu... claro que quero que ela seja, mas não há nenhuma semelhança com o que imaginei que Lily seria hoje. Ela não se parece nem com você nem comigo e não tem nada de Haley. É bonita e parece uma boa menina, mas...

– Onde ela está agora?

– Com Haley.

– Você deixou que ela conhecesse Haley?

Sua voz deixou transparecer que ele não aprovava isso, mas eu estava segura de ter feito a coisa certa.

Você ainda não conhece a sua filha tão bem assim, tive vontade de dizer.

– Expliquei tudo a Haley. Conteí da minha desconfiança. Ela quis conhecer a menina.

– Olhe, vou pegar um voo de volta hoje à noite – disse Bryan. – A entrevista foi ótima e tenho outra marcada com alguém de escalão mais alto amanhã, mas vou avisar que tive uma emergência familiar e precisei...

– Não, não faça isso – falei. – Fique aí e faça a entrevista. Posso dar conta de tudo por aqui.

– Você vem dando conta de tudo sozinha há dez anos. Quero estar presente.

– Está bem. Agora é melhor eu voltar para o quarto. Ligue quando souber a que horas vai chegar.

Desliguei o telefone e me encaminhei de volta para o quarto de Haley com um sorriso nos lábios. Ele estava voltando para casa.

T a r a

Devo ter ligado para o celular de Grace umas dez vezes até que finalmente ela atendeu.

– Não desligue! – pedi. – Por favor, só até eu chegar aí.

– Não tenho tanto crédito assim, mãe. O celular é pré-pago. Assim que você chegar aqui, preciso que dê autorização para que eu faça um teste para ver se sou doadora compatível para a menina que é minha irmã. Você... você sabe a história dela, de Haley? Ela tem leucemia e precisa de um transplante de medula e eles têm de saber se sou compatível.

Fiquei horrorizada. O que estavam fazendo com a minha filha? Eu jamais a imaginara tão vulnerável, tão necessitada da minha presença, quanto naquele momento.

– Grace – chamei, mantendo a voz muito mais calma do que pensei ser possível.

Precisávamos de um advogado. Como eu gostaria que Ian verificasse seus recados no correio de voz.

– Vá com calma, meu bem, por favor. Preciso chegar aí e conversar com... com os médicos e todo mundo. Você pode sentir que conhece essas pessoas, mas não conhece. Não *conhecemos*. Você é minha filha – falei, mordendo cada palavra. – Está me entendendo? E você não tem minha autorização para que quem quer que seja ponha a mão em você. Quando eu chegar aí, vamos resolver tudo.

Emy desviou os olhos da estrada e me lançou um olhar.

– O que está havendo? – indagou.

– Ela pode morrer – alegou Grace.

Mas eu conhecia aquela voz. Ela estava com medo. Queria que eu dissesse não. Para protegê-la. Eu conhecia minha filha melhor do que imaginara.

– Estarei aí em... A que distância estamos? – perguntei a Emerson.

– Bem perto – respondeu ela. – Só depende desse maldito tráfego.

– Em alguns minutos – expliquei a Grace. – Chego daqui a alguns minutos, amor.

– Mãe? Eu não sei o que fazer.

Meus olhos ficaram marejados.

– Eu cuido disso, Grace. Vamos resolver esse assunto juntas.

Eu não queria que ela desligasse, mas ela encerrou a chamada antes que eu pudesse dizer uma palavra mais. Desliguei o meu telefone e olhei para Emerson.

– Meu Deus! – exclamei.
– O que está havendo? – indagou Jenny, inclinando-se para frente.
– Parece que a filha de Anna Knightly precisa de um transplante de medula e querem fazer exames para saber se Grace é compatível.
– Você está brincando! – interveio Emy. – Que gente mais desalmada!
– Quer dizer que Grace aparece e eles a veem como um bando de células em vez de enxergá-la como uma pessoa? – indagou Jenny. – Vamos, mãe, mais rápido!
– Ninguém vai tocar nela sem a minha autorização, não precisam se preocupar – falei.

Meu celular tocou e vi o número de Ian no identificador de chamadas.

– Ian! – atendi, praticamente aos gritos.
– Tara, sinto muito que você tenha descoberto...
– Olhe, estou furiosa com você, mas neste exato momento preciso da sua ajuda, certo?

– Essa Anna Knightly – disse Ian. – Não fale com ela, Tara. Simplesmente pegue Grace e vá embora. Mande o advogado dela falar comigo e lidaremos com a situação daqui. Vou telefonar para umas pessoas que conheço no Departamento de Polícia de Wilmington. Mas, por enquanto, simplesmente garanta a segurança de Grace.

Pegue Grace e vá embora.

– Está bem – concordei.
– Desculpe. Sei que você deve estar...
– Não quero ocupar a linha, caso Grace me ligue de volta – expliquei.
– Está bem. A gente se fala mais tarde.

Desliguei o telefone e passei a mão na testa. Eu estava suando.

– Ele disse para pegar Grace e ir embora – falei, como se esse não tivesse sido o meu plano desde o início. Pensei no tom de voz de Grace ao telefone. – Ela deve estar apavorada – falei, antes de me virar para Jenny. – Onde foi que eu errei com ela, Jenny? – desabafei, minha própria vulnerabilidade vindo à tona. – Por que nunca consegui criar um laço?

– É só aquela história de filhos não se darem bem com os pais – respondeu Jenny com doçura.

– Não, não é – refutei.
– É, sim! – insistiu Emerson.

Mantive meu olhar em Jenny.

– Você e sua mãe têm um relacionamento melhor do que o meu com Grace. Sei disso. Sinto que estraguei tudo de alguma forma.

– Não acho que você tenha estragado nada – disse Jenny. – Grace é intensa, só isso. Ela simplesmente sente tudo mais intensamente que a maioria das pessoas, e isso às vezes torna difícil a aproximação.

Eu continuava a achar que ela estava apenas sendo gentil. Sam jamais tivera problema para se aproximar de Grace. Lembrei-me do discurso de Noelle no funeral

dele. “Sam era o melhor ouvinte do mundo”, dissera Noelle. “É isso que faz dele um advogado tão bom, um marido e um pai tão bom.” Sua voz havia falseado na igreja em silêncio. “E um amigo tão bom.”

Um pai tão bom, pensei agora. Ele sabia ficar na dele com Grace. Eu, não. Eu sempre precisava falar, me mexer, fazer alguma coisa.

– Lá está uma placa indicando o hospital – apontou Emy. – Quando chegarmos, você quer que Jenny e eu entremos com você, ou é melhor procurarmos a cantina e esperarmos lá até que você encontre Grace? Ficar com a gente no seu calcanhar pode atrapalhar ainda mais a situação. O que você acha?

Eu adoraria ter Emy comigo para me dar apoio moral, mas eu só pegaria Grace e iria embora, conforme Ian instruíra. Não precisávamos fazer uma cena, nós quatro.

– Vá para a cantina – falei –, mas fiquei de olho no celular e eu ligo se precisar, certo?

O hospital surgiu à nossa frente, uma enorme construção de vidro e metal. Minha filha estava lá. Eu não acreditava que ela tivesse tido a coragem de pôr os pés lá dentro. De *dirigir* sozinha até lá. Ela era intensa, dissera Jenny. Sim, sem dúvida. Eu queria conhecer cada milímetro dessa intensidade. Eu queria que não fosse tarde demais para nós, mas temia muito que fosse.

G r a c e

Anna andava para lá e para cá no quarto de hospital de Haley, rearrumando livros e controles remotos e caixas de lenços de papel e copos, e Haley falava de um filme que vira. Eu não tirava os olhos da porta. Estávamos as três esperando pela minha mãe. Tê-la ali mudaria tudo. Ela assumiria o controle da situação, e eu me dava conta agora de quanto dependia disso – de a minha mãe estar no controle.

Nós três conversávamos sobre coisas sem importância – minha escola e a parte velha de Alexandria e como era Wilmington, como se eu não passasse de alguém que estava ali de visita, não uma filha e irmã.

Eu dava um pulo toda vez que via alguém no corredor. Finalmente, lá estava ela. Minha mãe. Mal parecia ela mesma, de tão pálida e esgotada. Pulei do sofá, o cobertor escorregando dos meus ombros, e corri para os seus braços.

– Mãe! – exclamei.

E de repente tudo o que eu vivera nas 24 horas anteriores, desde que Jenny me mostrara a carta, a viagem pavorosa sob a chuva forte, a busca por Anna Knightly, me atingiu em cheio. Os músculos das minhas pernas pareceram de papel, e eu tive certeza de que só continuava em pé porque a minha mãe me segurava.

– Meu amor – disse mamãe, a voz serena em meu ouvido. – Meu amor. Tudo bem, estou aqui.

Eu me agarrei a ela.

– Desculpe por ter saído daquele jeito – falei.

– Não faz mal – disse ela. Seus olhos estavam úmidos. – Nada disso importa.

Eu podia ter ficado ali pelo resto da minha vida, envolvida pelos braços dela, em segurança, mas dava para sentir a presença de Anna atrás de mim e Haley observando da cama. Afastei-me da minha mãe.

– Esta é a minha mãe – falei para Anna.

Minha mãe se aproximou de Anna, com a mão estendida.

– Sou Tara Vincent.

– Anna Knightly. E esta é minha filha, Haley.

Minha mãe olhou para Haley.

– Oi, Haley – cumprimentou, envolvendo meus ombros com os braços. – Falei com meu advogado – disse ela a Anna. – Ele entrará em contato com você.

Anna inclinou a cabeça para o lado e vi que ela não gostou da atitude da minha

mãe.

– Podemos conversar um instante? – pediu. – Por favor? De mãe para mãe?

– Não podemos simplesmente *ir embora*, mãe – argumentei.

Eu sabia que ela não entendia direito o que estava acontecendo. Não se dava conta de que havia ali naquele quarto uma situação de vida ou morte.

Minha mãe olhou de mim para Anna.

– Está bem, mas quero falar a sós com minha filha primeiro.

Anna assentiu. Pude ver que ela estava com medo de que a minha mãe me levasse embora. Eu queria ir. Queria, sim. Mas não iria.

– Tem uma saleta no fim do corredor – disse Anna. – Geralmente fica vazia. Podem ir.

Minha mãe segurou minha mão como se eu fosse uma garotinha enquanto atravessávamos o corredor. Como se eu fosse a *sua* garotinha.

E como eu queria ser.

T a r a

Havia tanta coisa que eu queria dizer. Queria fazer mil perguntas a Grace sobre seus medos, sobre a sua insegurança e queria saber tudo o que ela estava pensando e sentindo. Queria que ela soubesse que seria sempre a minha filha, que eu jamais permitiria que ela fosse tirada de mim e que seu corpo pertencia a *ela*. Que não precisava oferecer uma única célula para ver se era compatível com as da estranha naquela cama de hospital.

Mas eu não disse nada disso quando nos sentamos num dos dois sofazinhos no cômodo mínimo. Não fiz pergunta nenhuma. Senti a presença de Sam conosco na saleta, me detendo. Ele teria ouvido a filha sem indagações. Sem enchê-la de perguntas. Ele sabia como amar a nossa filha.

– Eu te amo – falei, e no fim acabou sendo tudo o que precisei dizer.

Ela começou a chorar.

– Sinto muito ter saído daquele jeito – repetiu Grace. – Fui tão burra!

– Não importa – assegurei. – O que importa é que você está bem.

– Eu gostaria de nunca ter descoberto que você não é minha mãe.

– Vamos precisar de um teste de DNA antes que eu acredite nisso – falei –, mas um exame de sangue jamais mudará o que sinto por você, Grace.

Ela enrolou uma mecha de cabelo no dedo.

– Fico com tanta raiva de você – disse ela. – Chego a ter ódio às vezes. E hoje não consigo nem me lembrar por quê. Eu queria ir me encontrar com Cleve e você não deixou e fiquei com tanta raiva... Agora isso parece realmente idiota.

Assenti, apenas para ela saber que eu estava ouvindo.

– Neste exato momento não estou nem pensando em Cleve. Ele é a última coisa na minha cabeça – disse ela e então largou a mecha de cabelo e se inclinou para mim: – Não sei quem eu *sou*, mãe.

Eu quis lhe dizer quem ela era. Ela era a escritora sensível da família, a garota calada que tanto tinha a dizer no papel. Ela era a menina dos olhos do pai e o vínculo que sempre uniu Sam a mim, a biologia que se danasse. Ela era a beldade que, para ser honesta, não se parecia com nenhum de nós dois. Ela era a garota que eu queria tanto conhecer.

Lutei, em vez disso, para encontrar a coisa mais neutra para dizer. A coisa que Sam diria.

– Você continua a ser a Grace – falei e vi logo que era a coisa certa.

Ela franziu de leve a testa ao me olhar, e quase pude ver o movimento da engrenagem em seu cérebro.

– Não quero perder a Grace – disse ela. – Embora eu passe tanto tempo desejando não ser... eu. Desejando ser mais parecida com você.

Verdade? Nem uma vez na vida me ocorrera que ela desejasse ser como eu. Quis lhe perguntar por quê, mas consegui ficar de boca fechada.

– Eu sempre quis ser mais como Jenny. Todo mundo adora a Jenny. Nunca sei o que dizer quando estou em grupo e simplesmente... sou tão diferente, sou estranha.

Não é não, tive vontade de objetar. Como deixar passar tal comentário sem questioná-lo? Mas ela prosseguiu antes que eu tivesse chance de reagir.

– Mas é como se de repente eu quisesse apenas ser eu mesma, mãe – disse Grace.

– Não quero ser a filha de outra pessoa. Haley é maneira. Ela é legal. Mas de repente senti que todos querem salvar a vida dela e... – Grace balançou a cabeça. – Por favor, você pode fazer tudo isso acabar?

Cheguei para perto dela no sofá e a envolvi com os braços.

– Nós duas desejamos a mesma coisa, Grace – falei, alisando os cabelos dela.

Havia quanto tempo ela não me deixava fazer isso?

– Também quero acabar com tudo isso, mas não sei se posso – expliquei.

Era eu que consertava as coisas. Que controlava tudo. Jamais algo me escapara tanto ao controle.

– A única promessa que posso fazer a você é que vou reduzir a velocidade desse trem, certo? – falei.

– Ela pode morrer se eu não doar a minha medula sanguínea.

Quase a corriji, mas deixei passar o erro. Ela parecia tão pequena em meus braços, uma criança que não sabia o que era medula óssea, e eu iria permitir que continuasse a ser essa criança durante tantas horas quantas fossem possíveis.

– Seu bebê morreu – disse ela, com o queixo apoiado em meu ombro, a respiração de encontro ao meu pescoço.

A certa altura eu sabia que o bebê morto iria encontrar o caminho para o meu coração, mas ainda não chegara a hora.

– Não estou pensando nesse bebê – falei. – Estou pensando em você.

– Posso ficar com você quando for conversar com Anna? Por favor?

Tinha sido fácil para Ian me dizer para pegar Grace e ir embora. Fácil para mim pensar em fazer exatamente isso antes de pôr o pé naquele quarto de hospital, onde “Anna Knightly” se transformara de um mero nome em uma mulher. E mãe.

Apertei Grace de encontro a mim. Eu sabia que ela estava com medo de que Anna, de alguma forma, me convencesse a entregá-la sem lutar. Por que será que nesse dia eu entendi tão bem a minha filha? Seria possível que eu sempre a tivesse conhecido?

– Pode – respondi. – Isso tudo tem a ver com você e você fará parte da conversa.

A n n a

A mulher, Tara, quis que Grace estivesse presente quando nos sentamos para conversar na saleta. Achei que seria melhor deixá-la de fora. Ela podia ficar com Haley enquanto conversávamos, mas Tara e Grace formavam uma unidade. Duas contra uma. *Isso é bom*, disse a mim mesma. *É como deve ser*. Se Grace afinal fosse mesmo a minha Lily, eu queria que tivesse levado uma vida assim, em que fosse amada e protegida. Mas Grace parecia tão frágil que eu não tinha certeza se ela deveria ouvir nossa conversa. De qualquer forma, a decisão não era minha.

Grace se parecia mais com Tara do que comigo, sem dúvida, mas, francamente, não era muito parecida com nenhuma de nós. Ela e Tara se sentaram lado a lado no sofá, de mãos dadas. Ambas provavelmente tinham cabelo escuro antes das luzes e ambas tinham olhos castanhos. As feições, porém, eram diferentes. Não pude evitar estudá-las, comparando seus narizes, o formato dos lábios, a curva das sobrancelhas.

A única coisa que eu sentia por Grace tinha a ver com o fato de ela ser uma possível doadora de medula para Haley. Eu não conseguia superar isso, o que me deixava nervosa. Nunca teria imaginado ficar tão indiferente à minha provável filha perdida quando ela estivesse diante de mim.

– Não entendo como tudo isso aconteceu – disse Tara. – Você morava em Wilmington?

– Tenho me feito essa mesma pergunta durante as últimas horas – falei. – Não, eu morava aqui, mas era representante de um laboratório farmacêutico e viajava com frequência a Wilmington.

Rememorei aqueles dias. Precisava chegar às minhas próprias conclusões.

– Eu estava com 35 semanas de gestação e era a minha última viagem a Wilmington – expliquei. – Bryan, meu marido, estava servindo na Somália na época. Enquanto eu estava em Wilmington, entrei prematuramente em trabalho de parto e tive Lily lá. Ela já pesava 2,8 quilos e era saudável. Mas eu vinha tendo problemas de pressão e, poucas horas depois do parto, tive um derrame e entrei em coma.

– Meu Deus! – exclamou Tara.

– Fui transferida para o hospital universitário da Duke em Durham – prossegui. – Bryan continuava no exterior, tentando obter permissão para voltar para casa, mas nesse ponto eu já não tinha a menor ideia da situação. Quando ele chegou, se hospedou em um hotel próximo ao meu hospital. Acho que foi um período horrível

para ele.

Raramente eu pensava nisso, em quanto aquele período devia ter sido absurdamente difícil para Bryan.

– Nossa casa ficava em Alexandria. O bebê recém-nascido estava em Wilmington e eu, em coma, em Durham. Ele ligou para o hospital em Wilmington para saber de Lily e lhe disseram que ela não estava lá, que devia ter sido transferida comigo. Bryan tentou localizar os funcionários da emergência que me transferiram, mas ninguém tinha registro de um bebê transportado comigo. Ela... – falei, olhando para Grace –... ela havia simplesmente se evaporado, junto com todos os registros do nascimento dela. Bryan não sabia o nome do médico que fizera o parto. Foi tudo uma confusão enorme. Fiquei em coma pouco mais de duas semanas. Na verdade, graças a Deus, sofri bem poucos danos com o derrame. Meu lado esquerdo enfraqueceu. Minha visão e fala ficaram meio comprometidas. Minha mão esquerda ainda não é muito firme – expliquei, flexionando os dedos. – Minha memória é que ficou inútil. Eu não me lembrava do nome de nenhum médico. A única coisa de que me lembrava era que havia tido uma bebezinha linda e a queria de volta.

– Sinto muito – disse Tara, mas eu a vi apertar mais a filha contra si, como se não tivesse a intenção de abrir mão dela jamais.

– Quando me recuperei o suficiente para viajar – prossegui –, fomos até Wilmington. Lily estaria com cerca de sete semanas então. Ficamos preocupados de alguém ter achado que ela tivesse sido abandonada, o que, de certa forma, acontecera, e que ela pudesse ter sido entregue para guarda temporária. Por isso, consultamos todos os arquivos do serviço social.

– Que coisa mais horrível para você – comentou Tara, porém ainda agarrada à mão de Grace.

– Vi a carta escrita pela sua parteira para mim – falei. – Eu... É difícil digerir isso tudo. Você fazia alguma ideia?

– Não – respondeu Tara. – Noelle morreu recentemente... – explicou e virou-se para Grace para perguntar: – Você contou?

Grace assentiu.

– Ela cometeu suicídio, e minha amiga e eu encontramos a carta e começamos a procurar a “Anna” para quem Noelle escrevera. Finalmente concluímos que era você, mas não sabíamos que bebê ela... que bebê havia morrido. Jamais na vida pensei que fosse o meu.

– Você não viu seu bebê... quero dizer, você não saberia dizer se o seu bebê de repente parecesse diferente? – indaguei.

– Ela nasceu no meio da noite e meu parto foi muito difícil. Quando Noelle me trouxe a neném de manhã, acho que ela já tinha... já tinha feito a substituição, porque aquele bebê com certeza era Grace.

– Não tenho grande consideração pela sua parteira – falei.

– Ela fez uma coisa terrível – disse Tara. – Mas para mim é difícil permitir que

ela seja lembrada só por isso.

– Conte sobre o projeto social dos bebês – interveio Grace, baixinho.

– Quer contar você? – sugeriu Tara. – Você está mais envolvida nele do que eu.

– Noelle criou uma organização para ajudar bebês... Bebês prematuros, pobres e doentes – explicou Grace. – Ela ganhou um prêmio do governo estadual, mas não quis aceitar.

Eu não consegui encará-la enquanto ela falava. Senti muito medo de me ligar a ela. Em vez disso, olhei para Tara.

– Talvez este seja o motivo – observei, varrendo o ar com a mão para incluir nós três e nossa difícil situação. – Talvez ela tenha sentido que não merecia o prêmio.

– Pode ser – concordou Tara. Ela pôs o braço em volta de Grace. – Acho que precisamos de um teste de DNA. E acho que é melhor nós duas contratarmos advogados. Não estou falando em briga, mas nós...

– Concordo plenamente – falei. – Todos nós precisamos saber com o que estamos lidando. No entanto, expliquei a Grace mais cedo quanto Haley necessita de um doador de medula. Haley está muito doente. Ela está... – dei de ombros, cedendo à palavra –... em estágio *terminal*. E Grace concordou...

– Grace não sabia com o que estava concordando, Anna – disse Tara. – Sinto muito, mas teremos de pôr um freio nisso por enquanto, certo? Vamos com um pouco mais de calma. Vou pedir a meu advogado para contatar o seu e ver quando será oportuno o teste de DNA e partir daí.

Tive vontade de pular do assento e bloquear a porta.

– Num mundo normal, isso poderia fazer sentido – falei.

Sem lágrimas. Por favor, sem lágrimas. Tara era um cliente frio e uma coisa que aprendi na minha atividade profissional foi a necessidade de manter a calma. Ainda assim, não consegui evitar o tremor na minha voz.

– Por favor entenda, Tara. Não sei se Grace é Lily... – disse e então olhei para Grace: – Desculpe por falar de você na terceira pessoa. Simplesmente não sei, mas e se ela for? E se for uma doadora compatível? E se descobrirmos isso tarde demais? Ainda não conseguimos encontrar um doador e um irmão tem uma chance em quatro de ser compatível.

Tara balançou a cabeça.

– Você está pedindo muito dela – disse. – Essa decisão simplesmente terá de esperar.

– Eu quero fazer isso – disse Grace, antes de olhar para a mãe. – Eu preciso.

– Não, amor, não precisa. Você não precisa fazer coisa alguma.

– Eu quero – repetiu Grace.

Por favor, deixe que ela faça, pensei.

Vi Tara amolecer. Um advogado diria para aguardar, eu tinha certeza, mas isso era diferente. Tratava-se de duas mães. Duas filhas.

– Está bem – capitulou Tara. – Se você tem certeza de que é o que quer.

E m e r s o n

O sundae de Jenny derretera e virara uma sopa cor de café em seu copo, enquanto ela mexia o líquido grosso com a colher. Minha salada continuava praticamente intacta. Estávamos sentadas junto à janela da cantina, cercadas pelas conversas de médicos, enfermeiras e visitantes, mas Jenny e eu nos mantínhamos em nossa bolha particular.

Talvez devêssemos ter acompanhado Tara até o quarto da menina. Mas eu me dizia que dar privacidade a elas havia sido melhor. A situação já era confusa o bastante; acrescentar duas pessoas à mistura só pioraria tudo. Mas eu ficara aliviada por Tara não querer que fôssemos com ela. Achei que não aguentaria vê-la passar por tudo aquilo. Eu me sentia muito culpada. Culpada por não ter lhe contado no instante em que suspeitei de que Grace fosse a filha de Anna Knightly. Culpada por ter sido minha filha a responsável por magoar Grace com a verdade. E me atormentava pensar em como Tara estaria se sentindo naquele momento.

Dava para imaginar a conversa entre Tara e Anna Knightly. Duas mães brigando pela filha. Claro que Grace sempre seria de Tara. Qualquer outra solução era impensável. No entanto, o bebê de Anna fora roubado dela. Como seria possível que ela não exigisse de volta ao menos uma parte da vida daquela criança?

Jenny empurrou o copo de sopa de sorvete.

– Desculpe, mãe – repetiu minha filha de novo.

Eu já perdera a conta de quantas vezes ela se desculpara.

– Olhe só – falei, empurrando minha salada para o lado –, você estragou tudo não me contando que tinha ouvido a nossa conversa. Eu estraguei tudo não falando logo com Tara. Mas nada disso mudaria o que Noelle fez e o fato de que agora todo mundo precisa lidar com as consequências. É nisso que você e eu temos de nos concentrar. Em ajudar Tara e Grace a lidar com o que vem por aí.

– Não quero que ela se mude e passe a fazer parte de outra família e venha morar aqui e...

– Duvido que isso aconteça – falei. – Grace tem 16 anos e terá direito a opinar sobre qualquer decisão. E você não acha que Tara vai dizer “Ora, tome, ela é sua”, acha?

– O que você faria se estivesse no lugar de Tara? – indagou Jenny.

Dei um suspiro e olhei para o teto.

– Eu daria à outra mulher, Anna Knightly, minha mais profunda solidariedade, mas faria exatamente o que espero que Tara esteja fazendo, ou seja, tiraria Grace daqui e deixaria os advogados administrarem a situação.

Mas eu estava preocupada. Jenny e eu tínhamos até ficado em dúvida se deveríamos ou não pedir algo para comer, pensando que Tara nos chamaria logo. Agora haviam se passado quase 45 minutos. Por que tanta demora?

– Como você se sentiria no lugar de *Grace*? – perguntei.

Ela mordeu o lábio durante um instante.

– Eu iria querer conhecer essas pessoas – respondeu Jenny. – A minha outra família, mas não iria querer que eles tentassem me tirar de você e do papai. De jeito nenhum eu permitiria isso. E ficaria triste de saber que seu bebê morreu assim. É tão horrível! Coitada da Tara.

– Eu sei – concordei. – É insuportável pensar nisso.

– Simplesmente não aguento pensar em como Grace deve estar se sentindo agora.

– Sei exatamente o que você quer dizer – falei e então olhei minha filha nos olhos.

– Elas vão precisar muito do nosso apoio, Jen.

– Acho que devíamos ter ido com Tara até aquele quarto – disse ela.

Minha filha era mais corajosa que eu.

– Quer ir ficar com Grace? – indaguei.

Jenny assentiu.

– Está bem – concordei, ficando de pé. – Vamos procurá-las.

G r a c e

Mamãe estava sendo ela mesma, conversando com Haley e Anna enquanto aguardávamos no sofá do quarto de Haley uma enfermeira que viria colher material na minha boca. Alguém havia providenciado outra cadeira para que todos pudessem se sentar e eu continuava com frio, ainda que soubesse que a temperatura no quarto estava boa. Novamente me enrolara no cobertor azul, que me servia de armadura. Eu não sabia pelo que devia torcer. Se eu fosse compatível, tinha medo do que aconteceria comigo depois. Se não fosse, Haley podia morrer. Quando pensava nisso sob esse ângulo, eu sabia que não tinha escolha.

Minha mãe estava tão nervosa quanto eu. Falava a mil por hora, o que não chegava a ser incomum, e em dez minutos sabia tudo o que havia para saber sobre o bairro em que Haley e Anna moravam na Virgínia, o que Haley gostava na escola e toda essa conversa fiada. Ela agia como a sempre ligada Tara Vincent, mas seus olhos alternavam entre Haley e Anna e a porta aberta do quarto e ela posicionara sua cadeira bem ao lado da minha e, desde que chegara ao hospital, não parava de me tocar, o que me deixava feliz. *Meu lugar é com ela*, tive vontade de dizer a Anna. *Sei que sou sua filha e não foi justo alguém me roubar, mas minha mãe me criou e meu lugar é com ela, certo?*

Durante o tempo todo em que minha mãe falava, Anna e Haley me observavam como se eu fosse uma fruta numa feira e ambas avaliassem se queriam ou não me levar para casa com elas. Finalmente, não consegui mais aguentar.

– Por favor, parem de me olhar – falei.

Mamãe se aproximou mais de mim no sofá, mas Anna e Haley simplesmente riram.

– Não conseguimos controlar – disse Anna.

– Eu adoraria ter um pouco do seu cabelo – disse Haley.

Imaginei se poderia lhe dar um pouco dele. Mandar cortá-lo e doar para que fizessem uma peruca para Haley. Seria possível dizer a quem queríamos que a doação fosse feita?

Enquanto eu pensava sobre como doar meu cabelo, Emerson e Jenny de repente surgiram à porta.

– Toc, toc – disse Emerson. – Só queríamos ver como Tara e Grace estavam.

Anna se levantou da cadeira como se alguém a tivesse cutucado com uma vara e

Haley de repente sentou-se ereta na cama.
– Puta merda! – exclamou ela.
Então tudo virou de cabeça para baixo.

Noelle

Wilmington, Carolina do Norte
1994

Ela já passara por partos difíceis, partos assustadores, em que um nascimento que se esperava correr sem problemas de repente se complicava a ponto de deixar seu pulso acelerado. Mas o parto de Tara seria para sempre uma das experiências mais assustadoras da sua vida profissional.

Tara ligara de manhã cedinho para avisar que suas contrações haviam começado, motivo pelo qual Noelle não tomou seu coquetel matutino de remédios para a dor nas costas. Em vez disso, colocou pitadas de açafrão por dentro das bochechas e fez uma garrafa térmica de chá de trevo-dos-prados, mas sem grande esperança de obter alívio. Ela reconhecia a eficácia de ervas medicinais em partos, mas elas eram um fiasco quando se tratava de sua dor nas costas. Sua dor andava pior que nunca nos últimos dias. O único alívio vinha da medicação, e ela abençoava os inventores da oxicodona e do diazepam.

A cada hora que passava no longo e estafante trabalho de parto de Tara, as costas de Noelle a atormentavam mais, a um ponto em que ela precisou algumas vezes esconder as lágrimas, por não querer que Tara ou Sam se preocupassem com ela quando precisavam estar concentrados neles mesmos. Sua própria concentração se dividia entre a tarefa em suas mãos e as pílulas que pusera na bolsa. *Só um comprimido de oxicodona*, pensou consigo mesma várias vezes. *Apenas o suficiente para um pequeno alívio*. Mas ela lutou contra a necessidade dos remédios e foi em frente.

Por volta das quatro da tarde, Emy ligou para dizer que sua bolsa-d'água estourara e que uma vizinha a levaria de carro ao hospital. Ted estava na Califórnia numa convenção de corretores de imóveis e ela teria de passar pelo parto sozinha. Emy chorou ao telefone e Noelle se viu dividida.

– Ted está a caminho do aeroporto – disse Emy. – Ele vai tomar o primeiro voo para cá, mas tem de trocar de avião em Chicago. Vai levar horas para chegar.

– Você estará em ótimas mãos, querida – encorajara-a Noelle.

Emy sofreria por não ter Ted nem as duas melhores amigas a seu lado, entretanto, do ponto de vista médico, estaria muito bem assistida – e era isso que importava

naquele momento. Teria que dar tudo certo para ela. Depois de Emy perder dois bebês, Noelle não conseguiria suportar que ela tivesse nada menos que um parto muito tranquilo de sua menininha saudável.

As duas mantiveram contato por telefone, e Noelle confortou e animou Emerson durante o trabalho de parto. Quando Tara desse à luz e Noelle se assegurasse de que mãe e filha estavam bem, falaria com Tara e Sam a respeito de chamarem Clare Briggs para assumir os cuidados pós-parto. Clare era a doula com quem Noelle vinha trabalhando nos últimos anos. Tara a conhecia e ficaria à vontade com ela. Então, se Emerson continuasse em trabalho de parto, Noelle poderia correr até o hospital para lhe fazer companhia.

Tarde da noite, enquanto Ted continuava preso em Chicago e Tara lutava contra o medo e a dor, Noelle ligou para o hospital e soube que Emy estava sendo submetida a uma cesariana de emergência. Como ela desejou estar lá para segurar a mão da irmã!

Manteve contato com o hospital – conhecia praticamente todas as enfermeiras na unidade – e deu um suspiro de alívio quando Jenny nasceu e lhe disseram que tanto o bebê quanto Emerson estavam saudáveis e passavam bem.

Serviu suco de maçã para Tara, Sam e para si mesma e, entre as contrações de Tara, os três brindaram ao nascimento de Jenny McGarrity Stiles. Apenas Sam sabia do seu parentesco com aquele bebê. Ele apertou sua mão quando ela se sentou na beira da cama do casal. Noelle mal podia esperar para ver a sobrinha, mas antes precisava trazer outro bebê ao mundo.

O ofício de parteira é fisicamente exaustivo. Abaixar-se, inclinar-se, torcer-se e servir de suporte faziam parte do processo, e pela primeira vez Noelle não soube dizer com certeza se conseguiria chegar até o fim do processo. A tortura da queimação na parte inferior das costas não dava trégua e mais uma vez ela cogitou tomar um comprimido. *Só um.* Quase podia ouvi-los chamarem seu nome lá de dentro daquela bolsa na cozinha. Ela seria mais eficiente se pudesse se mexer com menos dor, disse a si mesma, mas conhecia o risco, conhecia o perigo. Esse parto era arriscado demais. Estavam lidando com uma parada em posição transversa: o bebê estava agarrado e Noelle sabia que talvez chegasse o momento em que sua única opção fosse levar Tara para o hospital, de modo que recebesse a medicação que aumentaria suas contrações. Tara chorou quando soube dessa possibilidade.

– A saúde do seu bebê é mais importante do que fazer o parto em casa – argumentou Noelle, ao mesmo tempo que garantia que tentaria tudo o que pudesse antes de tomar tal decisão.

Queria separar a real necessidade de Tara de ser levada ao hospital do próprio desejo de estar lá junto a Emerson e seu bebê, bem como sua ânsia por encerrar esse parto e poder tomar um remédio para dor. Ela e Sam trabalharam juntos, escorando Tara, mudando sua posição na cama, fazendo-a caminhar pelo quarto, dando a ela tintura de erva-de-são-cristóvão e outras ervas, ou seja, fazendo tudo que se podia

imaginar para ajudar a garotinha que tentava nascer.

Como última opção antes de ser obrigada a levar Tara para o hospital, Noelle tentou girar o bebê manualmente. O movimento delicado pareceu levar uma eternidade, embora ela soubesse que para Tara devia parecer mais demorado ainda. Noelle desejou ter uma assistente – ela precisava de quatro mãos para realizar a manobra, talvez cinco. Deixou escapar um enorme suspiro de alívio quando o bebê finalmente ficou na posição correta, com os batimentos cardíacos fetais fortes e tranquilizadores. Pouco tempo depois, a criança veio ao mundo e Noelle não soube dizer com certeza qual das quatro pessoas naquele quarto quente e escuro era a mais exausta ou a mais aliviada.



Estava dando banho no bebê na cozinha quando Sam entrou para olhar.

– Ela está bem agora, não está? Tara?

– Ela vai ficar ótima – disse Noelle.

Sabia que ele tivera medo quando Tara perdera a consciência por um breve momento depois do parto. Sabia quanto Sam amava Tara. Via isso toda vez que estava no mesmo ambiente que os dois, e sentia ao mesmo tempo felicidade por ambos – duas pessoas que amava – e uma inveja devastadora que jamais conseguira superar. Agora os dois tinham uma filha para uni-los ainda mais. Ela estava satisfeita por faltarem apenas poucos meses para se casar com Ian. Pela primeira vez na vida, tinha alguém com quem planejar o futuro. Seu desejo de ter filhos, de constituir uma família com pessoas unidas pelo mesmo sangue, algum dia se tornaria realidade.

Mandou Sam voltar para o quarto e fazer companhia a Tara enquanto ela terminava de examinar o bebê e ligava para Clare Briggs vir substituí-la. Depois embrulhou o bebê em cobertores quentinhos, deitando-o com cuidado sobre uma toalha grossa na bancada da cozinha enquanto remexia na bolsa procurando os vidros de remédio. *Finalmente*. Esse parto terminara. Clare chegaria em alguns minutos. Ela podia se dar ao luxo de ter algum alívio agora.

Levou o bebê de volta para o quarto e encontrou Sam e Tara abraçados na cama. Tara sorriu com cansaço e estendeu os braços para o bebê.

– Vamos chamá-la de Noelle – contou Sam.

Naquele instante ela teve certeza de que ele a perdoara pela noite na praia, mas, embora o gesto a emocionasse, ela não podia permitir isso. Era errado. Havia momentos em que sua culpa por aquela noite ainda a atingia, e esse era um deles.

– Por favor, não – insistiu. – Prometam que não vão obrigar essa criança a carregar o meu nome.

Deve ter soado ainda mais veemente do que pretendia, porque o casal rapidamente voltou atrás. Noelle ficou aliviada. Não podia permitir que, em sua ignorância, Tara pusesse seu nome na filha.

Clare chegou, adentrando a casa com a atitude autoconfiante que sempre deixava os pais à vontade. Noelle se assegurou de que todos estivessem o mais confortável possível uns com os outros e partiu para o hospital. Sua exaustão era total, mas não podia esperar para saber notícias de Emerson e ver a sobrinha. Essa era uma criança que podia até parecer-se com ela. Não seria incrível? Noelle só torcia para que não se parecesse *demais* com ela. Não o suficiente para chamar atenção para o fato.

Tomou outro comprimido de oxicodona antes de sair da casa de Sam e Tara. As últimas 24 horas simplesmente haviam sido difíceis demais para suas costas. Quando já estava a caminho do hospital, sentiu o remédio amenizar a dor lancinante. Os músculos das costas se soltaram levemente e a mandíbula tensa relaxou. Foi invadida por uma deliciosa sensação de flutuar enquanto caminhava do carro até a entrada da unidade de ginecologia e obstetrícia. O alívio da dor combinado à sua exaustão e à euforia de estar a minutos de ver a filha de Emy a deixavam quase zozna.

Ela amava aquele lugar à noite, quando a iluminação era suave e reinava um silêncio quase completo. A unidade era dividida em alas de quatro quartos cada. Um pequeno posto de enfermagem destinado a uma ou duas profissionais ficava no centro de cada ala.

Noelle encontrou a ala de Emerson. Jill Kenney, uma enfermeira que Noelle conhecia fazia anos, estava inclinada sobre um dos dois bercinhos de plástico junto ao balcão, trocando a fralda de um bebê com a pele cor de caramelo. A enfermeira parecia ter tido uma noite tão longa e difícil quanto a de Noelle e lhe lançou um sorriso cansado.

– Oi, Noelle – cumprimentou baixinho. – Aposto que veio ver o bebê Stiles. Achei que você fosse assistir ao parto. A mãe é sua melhor amiga, não?

– Tive de fazer um parto em casa de outra amiga – explicou Noelle, retribuindo o sorriso. – Vou pedir a elas que planejem os filhos um pouco melhor da próxima vez.

De pé, já dentro da ala, ela sentiu como se estivesse num sonho, uma sensação prazerosa e bem-vinda. As costas pareciam de algodão, macias e obedientes e, finalmente, livres da dor.

– O nome dela é Jenny – disse Jill reassumindo a posição ereta e indo até a pia lavar as mãos. – Não Jennifer. Jenny. Achei uma gracinha.

Noelle foi até os bercinhos.

– E quem são esses dois?

Jill se sentou diante do balcão. Esfregou as têmporas com os dedos, seu rosto pálido emoldurado pelo cabelo escuro curto.

– Bem, a mãe deste precisava de uma folga – respondeu a enfermeira apontando para o bebê de pele mais escura.

– Você está se sentindo bem? – indagou Noelle.

– Na verdade, não – disse Jill, franzindo a testa. – Enxaqueca. Therese vem me render daqui a pouco e vou para casa. Foi uma noite louca, também. É sempre assim, não?

A enfermeira olhou para um dos monitores sobre o balcão e depois apertou alguns botões no teclado antes de voltar a erguer os olhos para Noelle.

– Quando a gente já não está se sentindo bem é que o dia fica caótico – concluiu ela.

– Parece que sim – concordou Noelle, olhando para o segundo bercinho. – E por que esse outro bebê está aqui? – indagou.

– Ah, a história desse é realmente trágica – explicou Jill. – A mãe teve um derrame e está em coma.

– *Que merda!* – exclamou Noelle, espiando dentro do berço.

O cabelo castanho fininho emoldurava a touquinha de tricô cor-de-rosa. A nenezinha pesava uns 2,9 quilos, calculou Noelle, que podia estimar o peso de um bebê só de olhá-lo, e sua cor estava excelente. O que quer que a mãe tivesse sofrido, aparentemente não prejudicara a filha.

– Estão tentando transferir a mãe para Durham – prosseguiu Jill, apertando mais alguns botões no teclado. – Não sei se decidiram mandar ou não o bebê com ela para a unidade pediátrica.

– Quais os prognósticos para a mãe? – perguntou Noelle.

Ela descansou uma das mãos sobre o balcão. Sentia-se levemente zozza e ansiava por se sentar no quarto de Emerson.

Jill balançou a cabeça e depois fez uma careta, como se o movimento piorasse a dor.

– No momento não são bons – respondeu –, e o pai está servindo no estrangeiro, dá para acreditar? A mãe deu à luz quatro semanas antes do previsto e estava por aqui a trabalho, por isso não há família. Vamos ligar para Ellen assim que amanhecer, a menos que levem o bebê junto com a mãe esta noite.

– É isso mesmo – comentou Noelle.

Ellen era a assistente social que atendia aquele setor.

– Então, qual é o quarto de Emerson?

Jill apontou para a porta atrás de Noelle.

– Ela está dormindo, mas eu ia mesmo trocar a fralda e dar uma mamadeira. Quer fazer isso?

O olhar da colega foi tão esperançoso que Noelle riu.

– Você está mesmo precisando ir para casa e deitar num quarto escuro, não? – indagou, solidária.

Ela entendia de dor. A sua havia cedido por completo. Era uma delícia aquela sensação de flutuar que agora enchia sua cabeça.

Jill consultou o relógio.

– Mal posso esperar. Therese está chegando a qualquer momento.

– Pode deixar que eu cuido do bebê Stiles – disse Noelle, pousando uma das mãos no ombro de Jill. – Tomara que venham rendê-la logo.



Emerson dormia profundamente no quarto silencioso e de iluminação suave. Estava bonita e Noelle se encheu de ternura quando se inclinou para beijar-lhe a testa.

– Finalmente você teve seu bebê, Emy – sussurrou. – Sua garotinha.

Como gostaria de ter estado ali com ela. Odiava pensar que Emerson se sentira sozinha e abandonada num momento tão difícil.

Pôs a mamadeira que Jill havia lhe dado sobre a mesinha próxima à poltrona. Então lavou as mãos na pia e se aproximou do bercinho.

Durante um estranho momento de déjà-vu, achou que já vira aquele bebê. Lá estava a touquinha cor-de-rosa emoldurada pela penugem castanho-mel do cabelo. As feições delicadas do rosto. Os bons 2,9 quilos. Levou uma fração de segundo para se dar conta de que havia sido o bebê no posto de Jill que ela vira um momento atrás, não esta menininha. Apenas uma fração de segundo, mas o suficiente para que ela percebesse que estava mais dopada do que imaginara.

– Oi, tesouro – sussurrou, começando a trocar a fraldinha diminuta.

O bebê – Jenny – começou a se mexer, com um leve franzido na testa e um chorinho débil vindo da garganta. Os olhos de Noelle marejaram e ela mordeu o lábio para fazê-lo parar de tremer.

Quando Jenny já estava limpa e de fralda trocada, Noelle a tirou do berço e se sentou na poltrona com ela nos braços. Os olhos de Jenny começaram a piscar, a abrir e fechar, e a ruga na testa se acentuou entre as sobrancelhas quase imperceptíveis, enquanto os labiozinhos perfeitos se abriram do jeito que Noelle sabia preceder um bom choro de fome. Ela fez cócegas nos lábios do bebê com o bico da mamadeira e sentiu uma pequena explosão de orgulho quando Jenny começou a sugar sem precisar de muito estímulo. A mãozinha da neném descansou na dela, cada dedo uma miniescultura perfeita. Noelle se inclinou para beijar sua testa. Segurara centenas de bebês na vida, mas foi a primeira vez que sussurrou as palavras *eu te amo* para um deles.

A n n a

Washington
2010

Quando a garota surgiu à porta, eu a registrei com um único olhar e isso bastou para que meu coração voasse em sua direção. Meu corpo, porém, congelou com o choque. Permaneci ao lado da cama de Haley, com uma das mãos na mesinha de refeições e a outra apertada contra o peito. Tara se dirigiu até a garota e a mãe dela. Estava falando, mas as palavras podiam muito bem ser de um idioma estrangeiro, fazia as apresentações, mas para mim elas não passaram de ruído de fundo. Haley agarrou a minha mão que estava na mesinha, pressionando os dedos contra o meu pulso. Percebi que, como eu, ela não mais via Grace e Tara. Também não via a outra mulher. Tudo o que nós duas enxergávamos era a menina.

O ruído de fundo da voz de Tara cessou de repente e ela nos encarou.

– Mãe – chamou Haley. – Diga *alguma coisa*.

– O que está havendo? – perguntou Tara.

Se Haley e eu tivéssemos visto essa garota na rua numa das viagens que fizemos a Wilmington, nós a perseguiríamos ao longo de quarteirões, de quilômetros, até a alcançarmos. Nós a procurávamos havia tanto tempo! Saberíamos que a tínhamos encontrado, exatamente como sabíamos agora.

– Por acaso a parteira... – comecei, mas precisei pigarrear –... Noelle... ela também fez o seu parto? – perguntei à garota, embora já soubesse a resposta.

A mulher à porta pôs um braço à volta dela, puxando-a mais para perto de si.

– Não – respondeu. – Jenny nasceu no hospital, pelas mãos de um obstetra.

Ela estava mentindo. Tinha de estar. Minhas pernas pareciam de borracha, mas dei dois passos para chegar à mesa de cabeceira e peguei a foto de Haley com as primas na praia. Segurei-a com ambas as mãos, como se ela fosse muito frágil, e a levei até a mulher e a menina, que continuavam paradas à porta.

– Estas são as filhas da minha cunhada – falei, estendendo a foto para a mulher. – As primas de Haley. Olhem para elas.

Eu sabia o que as duas estavam vendo na foto. Quatro meninas com olhos escuros e redondos. De cabelo quase preto e pele clara. Queixos pouco pronunciados. Narizes um tantinho largos demais para serem bonitos. Afastei-me um pouco das duas e

voltei para o lado de Haley, porque tive medo de não resistir e tocar na menina. Eu tentaria puxá-la para meus braços. Nesse exato momento, precisava me contentar em respirar o mesmo ar que ela. *Finalmente*, pensei. *Finalmente*.

Tara e Grace se aproximaram da mulher e Tara tocou o porta-retratos, que tremia na mão da outra.

– Meu Deus, Emy! – exclamou, quando viu a foto. – Como pode ser possível?

– *Tara* – disse a mulher, como se pedisse à amiga para consertar alguma coisa que lhe escapara totalmente ao controle. – *Não* pode ser – disse ela. – *Não é*.

Observei as quatro examinarem a foto. Vi que percebiam a verdade. Segurei a mão de Haley, esperando o momento de pegar nos braços minha outra filha, minha primogênita, pegá-la nos braços que ansiavam por segurá-la fazia 16 anos. Vi confusão e medo nos belos olhos escuros da garota e isso me partiu o coração.

– Jenny – falei. – Esse é o seu nome, não é? Entendi direito?

Eu não prestara atenção às apresentações.

A garota ergueu os olhos da foto devagar.

– É – sussurrou.

– Não tenha medo – falei.

Grace olhou para a mãe.

– Eu não sou...?

Tara demorou um instante para balançar a cabeça.

– Acho que não – disse ela, antes de tocar o ombro da outra mulher. – Emy, será que isso é possível? Do que você se lembra?

– Eu tive Jenny no hospital – repetiu a mulher. – É impossível. É ridículo.

– Qual a data do seu aniversário? – perguntei a Jenny.

– 31 de agosto – sussurrou ela.

Minha filha, pensei, com os olhos marejados. Ela ficara dois dias sozinha num hospital sem a mãe para embalá-la. Sem a mãe para falar com ela. Ela ficara totalmente sozinha até a parteira roubá-la, secretamente, levando todos os registros de sua existência, apagando-a de modo que eu jamais fosse capaz de encontrá-la.

– Você é a minha Lily, Jenny. Tenho certeza.

– Pare com isso! – gritou a mulher, puxando Jenny para perto de si, e eu vi que falara demais, cedo demais, mas não tinha conseguido me controlar.

A garota se libertou da mãe e correu para o corredor. Grace saiu atrás dela. Tara segurou o braço da mulher para impedi-la de seguir as duas.

– Deixe a Grace cuidar disso – falou.

A mulher parecia apavorada.

– Não entendo o que está acontecendo!

– Ela é a Lily – disse Haley. – Com certeza ela é a Lily.

Tara olhou para mim, as mãos segurando firme o antebraço da outra mulher.

– Me deixe conversar com Emerson – pediu.

Eu não queria que as duas se fossem. Tive medo de que Lily mais uma vez se

evaporasse. Mas o que eu podia fazer?

– Está bem – concordei.

Emerson já saíra, sumindo no corredor, afastando-se de mim o mais rápido que pôde.

– Mas, por favor, não vão embora – acrescentei, embora ambas já estivessem longe e só Haley tenha ouvido minhas palavras.

Noelle

Wilmington, Carolina do Norte
1994

Ela acordou de repente, com um susto, e não conseguiu entender onde estava imediatamente. A iluminação estranha, suave, do quarto a desorientou. Piscou várias vezes, tentando enxergar melhor. A pequena pia. O bercinho. Virou a cabeça para a direita e viu a cama onde Emerson dormia. Sentiu alguma coisa dura de encontro à coxa, através da saia, e, quando baixou os olhos, viu uma mamadeira a seu lado na poltrona. Lembrou-se de estar alimentando a neném. Como era o nome dela? Grace? Tinham pensado em chamá-la de Noelle. Não, esse bebê não era Grace, era a filha de Emerson. Jennifer. Jenny. Lembrou-se vagamente de ter se levantado para colocar o bebê de volta no bercinho, mas ele estava vazio. Tentou se lembrar. Será que Jill entrara e tirara o bebê de seu colo? Respirou fundo, temendo ficar tonta quando se levantasse. Apoiou as mãos no assento para manter o equilíbrio, mas, quando começou a se levantar, seu olhar pousou no chão e ela viu o bebê, que escorregara de seus braços cansados e deslizara pelo tecido sedoso da saia.

Ficou sem ar. Inclinou-se depressa demais para pegar o bebê e caiu da poltrona, batendo o quadril no chão. Agarrando a criança, puxou-a para o colo, mas viu logo que era tarde demais. Impossivelmente tarde demais. A cabeça do bebê estava numa posição anormal e seus lábios, já roxos e sem vida.

Noelle olhou para o bebê, arregalou os olhos e sentiu o pavor lhe encher o peito. *Você a matou, você a matou, você a matou!* As mãos tremiam enquanto ela tentava endireitar a cabecinha sobre o pescoço quebrado. Inclinou-se para tentar insuflar o ar vital naqueles labiozinhos roxos e no narizinho minúsculo, onde um filete de sangue já coagulava.

Pôs-se de pé com esforço, apoiando uma das mãos na pia. Teve a impressão de que urrava, mas o som estava preso em seu peito e não poderia sair dali. Pôs o bebê no bercinho, depois ficou parada, em choque, tentando aclarar as ideias. Tentando pensar.

O bebê no posto de enfermagem. A garotinha parecida com esta. A filha da mulher que está à beira da morte. Do pai em outro país.

Como afastar Jill de lá? Silenciosamente, atravessou o quarto e abriu a porta do

posto de enfermagem. Vazio. Jill não estava lá, mas o bebê continuava no bercinho. Cabelo castanho, 2,9 quilos. Não havia tempo a perder. Não havia tempo para pensar.

Noelle pegou o bebê no colo. Pegou também o prontuário preso ao berço e voltou com os dois para o quarto de Emerson. Suas mãos tremiam violentamente quando ela deitou o neném sem mãe junto à filha de Emerson. Então enrolou num cobertor de flanela a criança sem vida, a pequena Jenny de Emerson, e a colocou com cuidado em sua enorme bolsa de couro.

As pulseirinhas! Enfiou a mão dentro da bolsa e removeu a pulseira do bebê, que colocou na criança do bercinho, porém não antes de reparar no nome dela: *KNIGHTLY, menina*. Deixou cair dentro da bolsa o registro e a pulseirinha do bebê. Queimaria tudo. Já conseguia até ver as chamas em sua lareira.

Saiu às escondidas do hospital, passando por algumas enfermeiras e um obstetra conhecidos, mas que mal repararam nela ao cruzarem apressados o corredor. Havia um desespero pairando no ar do setor essa noite. Um desespero que também estava nela. Um desespero que ficaria nela pelo resto da vida.



Eram três e meia da manhã quando ela chegou em casa, e a essa altura o que a movia era pura adrenalina. Quase sem pensar, encontrou uma pá no barracão do jardim. Escolheu o canto do quintal que ficava mais afastado da casa e, no escuro, cavou, cavou e cavou a terra que as chuvas de agosto haviam amolecido. Fez um buraco profundo e estreito. Enrolou o bebê em sua saia favorita, porque era bonita e porque precisava sacrificar algo que amava. Deitou-se de bruços na terra e, com cuidado, pôs a criança no fundo do buraco. Depois o cobriu com várias pás de terra e finalmente deixou as lágrimas correrem.

Quando terminou, sentou-se na terra sobre o bebê, sobre a Jenny de Emerson, e ficou ali, imóvel, mesmo quando uma garoa fina começou a cair. Continuou sentada ali até que o céu começou a clarear, tingindo-se de rosa, verde e lilás, como um buquê de flores para uma bebezinha. Era isso o que faria naquela manhã, pensou. Iria até a loja de jardinagem e perguntaria que plantas davam flores que formassem um tapete de botões em tom pastel que ninguém conseguisse olhar sem pensar *Este é um jardim cheio de amor*.

T a r a

Washington
2010

Encontramos Grace e Jenny na saleta no final do corredor. As duas estavam sentadas no chão, encostadas em uma das poltronas, e minha filha – *minha* filha, eu tinha certeza – passara o braço em volta da melhor amiga. Ambas ergueram os olhos quando Emy e eu entramos.

– Mãe – disse Jenny –, por favor, me diga que não sou filha dela! Eu me parecer com aquelas garotas não quer dizer nada.

Emerson desabou na poltrona. A cor desaparecera por completo do seu rosto. Ela passou a mão na cabeça de Jenny, carinhosamente apertando um punhado de cabelo nas mãos como se pudesse ficar presa a ela dessa forma.

– Não entendo como você poderia ser filha dela – falou. – Noelle não teve nada a ver com o seu nascimento.

Flagrei a dúvida nos olhos de Emy quando ela falou. Ambas havíamos visto a foto daquelas meninas. Dava para trocar uma delas por Jenny na imagem e ninguém notaria a diferença.

– A carta que Noelle escreveu para Anna... – falei. – A carta não dizia onde ela estava quando deixou cair o bebê, dizia?

Emerson virou a cabeça na minha direção subitamente, com uma expressão magoada no rosto.

– Você acha mesmo que Jenny pode ser aquele bebê? – indagou, quase rosnando para mim. – Pois me diga como isso poderia ter acontecido.

Sentei-me na poltrona em frente à delas, imaginando quanto dizer. Como dizer tudo sem ser cruel? Porque o que acontecera me parecia muito claro agora.

– Noelle ficou chateada por você estar sozinha durante o trabalho de parto.

Senti todos os olhos fixos em mim.

– Ted estava tentando pegar um voo para casa e Noelle estava comigo e com Sam, lembra? Mas depois que Grace nasceu, ela chamou uma doula para poder ir ver você no hospital.

– Ela *nunca* foi até o hospital – rebateu Emerson.

Olhei para as minhas mãos pousadas no colo. Eu estava girando a aliança no meu

dedo.

– Isso foi o que ela nos disse depois – falei baixinho e ergui novamente os olhos para Emerson. – Claro que ela nos diria isso, que jamais chegara a ir até o hospital. Que estava muito cansada e simplesmente foi para casa e dormiu. Essa história não lhe pareceu inacreditável na época, Emy? Que ela não tivesse ido ver você?

Emerson desviou o olhar de mim. Continuava a segurar o cabelo de Jenny.

– *Mãe!* – exclamou Jenny, tapando os ouvidos com as mãos, como se pudesse bloquear o que estava acontecendo. – Não estou *aguentando* isso!

Senti um enorme alívio em saber que Grace e eu estávamos livres do pesadelo, mas agora eu revivia as emoções daquele longo dia através da amiga que eu tanto amava. *Diga a Jenny que ela sempre será sua filha*, pensei, inclinando-me para a frente, e Emy aparentemente captou minha mensagem.

– Não sei o que está acontecendo, Jenny – disse ela. – Vamos descobrir. Mas não me importa quem deu você à luz, seu pai e eu a criamos e você é nossa filha.

– Haley precisa de um transplante de medula – interveio Grace, sem ajudar em nada. – Eu ia fazer o teste para ver se sou compatível. Eles só precisam colher material na sua boca.

– *Grace!* – exclamei, com mais veemência do que pretendia. – Dê a Jenny e Emerson uma chance de entenderem o que está acontecendo, meu bem. Lembra como você estava se sentindo só algumas horas atrás?

Grace pareceu arrependida.

– Está certo. Desculpe.

Ela crescera hoje, pensei. Havia dirigido centenas de quilômetros sozinha. Entrara num hospital. Concordara em passar por um tratamento médico para ajudar uma irmã que não conhecia. Não se tratava da mesma garota da véspera.

– Quero ir para casa – disse Jenny. – Não me faça voltar para aquele quarto, mãe. Por favor, me leve para casa.

Emy olhou para mim.

– Acho que é melhor irmos embora – disse ela. – Preciso conversar com Ian.

Eu me levantei.

– Vou até lá avisar que estamos de saída – falei. – Terei de deixar seus contatos, Emy. Tudo bem? E pegar o delas para você, certo?

Emerson negou com a cabeça:

– Não quero que elas me liguem.

Claro que não.

– Vou dar apenas o telefone de Ian – garanti.

Ela assentiu com relutância. Inclinei-me para abraçá-la e beijar o topo da cabeça de Jenny.

– Eu te amo, Jen. Volto num minuto.



Encontrei Anna sentada na beira da cama de Haley e vi logo que ambas haviam chorado. Pude imaginar como se sentiam, de repente tão perto da garota que haviam temido jamais encontrar, mas impossibilitadas de tocá-la ou mesmo de falar com ela.

Anna se pôs de pé num salto e se aproximou rapidamente de mim.

– Como ela está? – indagou. – Ela está bem?

Assenti.

– Ela e Emerson têm muito em que pensar – falei. – Elas não têm certeza... Bem, você pode imaginar como as duas estão devastadas neste exato momento. Vim lhe dizer que estamos indo embora e...

– Não! – gemeu Haley. – Precisamos falar com a Lily!

Balancei a cabeça.

– Lamento, Haley. Jenny quer ir para casa e, neste momento, acho que é o melhor a fazer. Mas Emerson vai conversar com o advogado e ele entrará em contato com você e sua mãe muito em breve. Digam qual é a melhor forma de contatá-las.

Anna pegou uma maleta no chão, perto do sofá. Pude ver que ela lutava contra as lágrimas enquanto tirava de lá um cartão de visitas. Acrescentou alguns outros telefones no verso e eu escrevi o número do telefone de Ian num pedaço de papel que arranquei do meu bloco.

– Não queremos magoar Lily. Jenny – disse Anna, entregando-me o cartão. – Queremos fazer isso do jeito certo. Mas Haley precisa...

– Eu sei – falei. – Neste momento Jenny está em choque. Emerson também – acrescentei, tentando sorrir. – E eu também, para ser franca.

– Nós também – disse Haley. – Sério.

Quando me virei para sair do quarto, Anna pegou meu braço.

– Grace é linda. Quando a vi, pensei “Que garota linda”, mas não senti nada... Aqui – explicou, pondo a mão no peito. – Mas quando vi Jenny, eu soube. Mesmo que ela não fosse igualzinha às primas de Haley, eu saberia. Foi como se um pedaço do meu coração que estava faltando de repente aparecesse ali, na porta. Você entende?

Assenti. O pedaço que faltava do meu próprio coração estava na saleta no final do corredor e, nesse dia difícil, senti aquele pedaço lenta e cuidadosamente voltar a se encaixar.

G r a c e

Jenny e eu voltamos no banco de trás, com minha mãe ao volante. Tivemos de deixar o carro de Emerson no estacionamento do hospital. Não havia opção. Apenas uma pessoa ali estava em condições de dirigir e era minha mãe. E nem ela estava se saindo tão bem assim.

Tudo havia virado do avesso do jeito mais louco possível. Era como se você precisasse fazer uma das piores coisas que pudesse imaginar, tipo andar descalça sobre brasas, e de repente sua melhor amiga fizesse isso por você. A gente sabe como nossa melhor amiga se sente porque a gente se sentiu do mesmo jeito, e dói ver a amiga passar por tudo isso.

Eu já havia pensado em como o amor pode pegar você de repente. Um dia, quando eu tinha 11 anos, de repente me dei conta de que amava Jenny da mesma maneira como amava minha mãe e meu pai. Tínhamos ido à praia, tomado sol juntas e pulado ondas. Eu estava muito feliz. Então olhei para Jenny e pensei *Eu te amo*, simples assim. Foi uma revelação, de verdade. Cerca de um ano depois, Jenny disse “Tchau, te amo”, quando conversávamos ao telefone, do mesmo jeito como nossas mães diziam essas palavras uma para a outra, e foi como se de repente houvesse mais cor na minha vida. Só que o amor traz um pouco de dor. Quando Jenny quebrou o tornozelo dois anos atrás, fiquei sentada com ela num degrau da varanda enquanto esperávamos a ambulância e foi como se meu próprio tornozelo tivesse se quebrado. Foi ruim assim.

Agora, sentada no banco traseiro do automóvel com Jenny, eu tinha a mesma sensação.

– Como elas são? – me perguntou Jenny. – Aquela garota e a mãe? Eu nem cheguei a olhar para elas.

– São legais – garanti, para tranquilizá-la, embora algumas horas antes eu não tivesse sentido nada por elas.

Pensei na frieza de Anna.

– É difícil dizer – emendei –, porque eu cheguei naquele quarto e disse “Oi, sou sua filha!”, o que, obviamente, deixou as duas piradas. E aí você apareceu e elas piraram mais ainda.

Emerson e minha mãe conversavam baixinho no banco da frente. De onde eu estava, podia ver um lenço de papel amassado na mão de Emerson. Durante a

primeira hora da viagem, eu ouvira palavras como *Eu me recuso a acreditar* e *Isso vai matar Ted* e *Onde está meu bebê?*. Eram palavras sussurradas e eu não queria que Jenny as ouvisse, por isso tentei encobri-las falando um pouco mais alto. Ouvi Emerson falar com Ted ao telefone, tão baixinho que não entendi o que ela disse. Como ela iria contar a Ted que a filha deles provavelmente não era filha deles, afinal?

– Então... Me fale da doença que Haley tem – pediu Jenny, passado um tempo.

– É leucemia – falei. – Só conversei com ela um pouquinho, mas ela é legal.

Senti uma pontinha de inveja: se Jenny era realmente filha de Anna, então ela tinha uma irmã.

– Ela parece realmente forte – falei. – Não dá a impressão de que vá morrer amanhã, mas isso pode acontecer.

Não pude evitar. Eu sabia que minha mãe achava que Jenny não era capaz de lidar com isso, mas ela precisava saber a verdade.

– Ela *vai* morrer se não conseguir fazer um transplante de medula – expliquei.

– E agora eles vão querer que eu faça isso, não é? – disse ela.

– Você não é obrigada, mas acho que deveria. Um irmão tem uma chance em quatro de ser compatível.

Emerson deve ter me ouvido. Ela se virou em seu assento.

– Jenny, nem pense nisso agora, está bem? Ainda nem fazemos ideia do que está acontecendo realmente, e mesmo que acabe se comprovando que você é o bebê que Noelle roubou, você não precisa decidir *nada* neste momento. Nem sobre fazer parte da vida deles e menos ainda sobre ser doadora de medula.

Achei que nunca tinha ouvido Emerson falar com tanta firmeza.

– Você não precisa decidir *nunca* se não quiser – acrescentou ela.

Jenny não disse nada, mas quando Emerson tornou a se virar para frente, olhou para mim.

– O que é preciso? Para ser doador?

– Primeiro, colher material na sua boca – respondi. – Depois, se você for compatível nesse teste, fazer um exame de sangue. Se o exame mostrar compatibilidade, então eles precisam tirar um pouco da sua medula. Não sei exatamente como. Mas se você precisar, eu vou com você.

– Você ia fazer? – indagou ela.

– Isso não significa que você precise fazer também.

– Mas você é uma medrosa. E *você* ia fazer.

Eu mesma me surpreendera.

– Ela pode morrer – falei, dando de ombros.

Jenny torceu o nariz e depois se inclinou para a frente e deu um tapinha no ombro de Emerson.

– Mãe, preciso descobrir se sou compatível com ela, com Haley.

Emerson tornou a se virar. Olhou para Jenny. Depois olhou para mim. Seu rosto

era um desastre: pálido, borrado de rímel.

– Está bem – falou. – Vamos encontrar um jeito.

O celular de Jenny tocou e ela checkou o identificador de chamadas.

– É Cleve – disse ela, olhando para mim. – Falei com ele durante a viagem para Washington e contei o que estava acontecendo. Atendo?

Peguei o telefone da mão dela.

– Oi – atendi.

– Grace! Você está com Jenny? Onde está? Estou preocupado com você! Quase fiquei doido imaginando o que estava acontecendo.

Sorri. Ele se preocupava. Quase ficara doido.

– Estou bem, mas é uma história longa demais para contar agora. A gente se fala amanhã?

– Só me diga que está tudo bem – pediu Cleve.

– Está tudo bem – garanti.

Cleve não fazia parte disso. Jamais seria capaz de entender tudo o que acontecera. Eu estava com as pessoas que *entendiam*: minha mãe, Emerson e Jenny. Senti que Cleve pertencia a outra parte da minha vida que de repente parecia muito distante no tempo e percebi que, naquele dia muito longo, em que achei que me tornaria outra pessoa, havia sido exatamente isso o que ocorrera.

E m e r s o n

Ilha Topsail, Carolina do Norte

Eu estava parada junto à porta de vidro da casa de frente para o mar que Ted, Jenny e eu havíamos alugado. Era um dia de semana em outubro e, até onde meus olhos podiam alcançar, não havia vivalma na praia. Sabíamos que teríamos praticamente a ilha só para nós. Por isso estávamos lá.

Ted, Jenny e os cachorros haviam saído, mas eu recusei o programa com a desculpa de que iria preparar lasanha para o jantar. Na verdade, porém, eu queria ficar sozinha. Queria tempo para pensar.

O resultado do teste de DNA chegara no dia anterior. Não desabei como esperava, acho que porque, quando o telefonema veio, eu já sabia que não havia outra explicação para o que acontecera senão a de Tara. Ted ligou para um corretor conhecido seu e reservou a casa de praia e eu liguei para a Hunter High a fim de tirar Jenny da escola por alguns dias. Precisávamos desse período juntos, só nós três, antes de permitir que qualquer outra pessoa – Anna Knightly e sua família, para ser específica – entrasse em nossas vidas. Três dias para Jenny, Ted e eu nos adaptarmos à nova realidade.

Durante alguns dias após aquela malfadada viagem a Washington, fui tomada por tantas emoções insanas que mal podia aguentá-las. Num minuto, me enfurecia com Noelle; no seguinte, me enchia de gratidão. Num minuto, eu me via devastada de dor quanto ao bebê que perdera sem nem sequer ter a chance de vê-lo ou tocá-lo; no seguinte, eu me enchia de um amor tão puro e profundo por Jenny que era como se me afogasse nele. Agora, todas essas emoções haviam sido apagadas por uma simples pergunta: o que o futuro nos reservava? A única coisa de que eu tinha certeza, a única coisa que me importava, era que precisava ajudar Jenny a descobrir seu caminho nesse futuro. Meus próprios medos e perdas e raiva já não importavam. Tudo o que importava agora era Jenny.

Vi os cachorros primeiro. Shadow e Blue entravam e saíam da água rasa, perseguindo um ao outro pela areia com uma energia que jamais demonstravam em casa. Então vi Ted e Jenny caminhando alguns passos atrás dos cães. Ted fazia um movimento amplo com os braços como se ilustrasse a enormidade do oceano. Ou talvez, pensei, estivesse descrevendo seu amor por Jenny. Eu jamais me sentira tão

perto de meu marido quanto nos últimos dias. Estávamos na mesma equipe.

“Você é nossa filha”, dissera Ted a Jenny, com tamanha veemência que ninguém poderia duvidar de que ele falava sério. “Acha que um teste de DNA pode mudar isso?”

Conforme os dois se aproximaram da casa, observei Ted pegar a mão de Jenny. Ambos balançavam os braços para a frente e para trás como se fossem crianças. Como se nada de ruim tivesse acontecido ou pudesse vir a acontecer. Como se nossas vidas não tivessem sofrido uma guinada tão sombria quanto eu imaginara. Observando os dois, senti uma inesperada onda de felicidade.

Abri a porta de correr e saí para o deque. Acenei para eles e eles acenaram em resposta. Não consegui esperar que eles chegassem até a casa. Assistiríamos a um filme à noite, depois do jantar. Talvez nos distraíssemos com algum jogo. Haveria tempo mais tarde para pensarmos em nosso futuro novo e incerto. Tudo o que eu sabia era que o enfrentaríamos juntos.

Meu marido.

Eu.

E minha filha.

Epílogo

T a r a

Wilmington, Carolina do Norte
Março de 2011

Emy teve a ideia de fazermos uma limpeza na casa de Noelle, e achei ótimo. Estaciono em frente ao terreno e observo a vista. A construção, agora amarela, com detalhes brancos e persianas pretas, está adorável. Duas cadeiras de balanço brancas foram postas na pequena varanda e o quintal está cheio de azaleias coloridas prestes a abrir.

Suzanne vai se mudar na próxima semana. Ela não sabe nada sobre a limpeza. Jamais pareceu minimamente preocupada que fosse com o fato de que Noelle se matou nessa casa, mas temos certeza de que Noelle aprovaria o que estamos fazendo aqui hoje.

O carro de Emy está na entrada e estaciono o meu do outro lado da rua. Estive aqui algumas vezes desde a reforma. A cozinha e o banheiro foram postos abaixo e refeitos; o assoalho, envernizado; e as paredes de todos os cômodos, pintadas em cálidos tons toscanos, como Suzanne sugeriu. Levou uma eternidade – Emy tinha outras coisas em que pensar –, mas tudo está terminado agora e pronto para ganhar vida nova com Suzanne.

Emy me recebe na cozinha.

– Você fica com o lado direito – diz ela, entregando-me uma tigela contendo um maço de sálvia fumegante.

Um filete de fumaça sobe no ar. Ela aponta para o segundo quarto, próximo aos fundos da casa, e me instrui sobre o que fazer.

Esta noite, depois que a limpeza da casa estiver concluída, Grace e Jenny começarão a transferir as sacolas com as doações para bebês para o segundo quarto – com alguma ajuda de Cleve, que está passando as férias de primavera em casa. Não posso exagerar e dizer que Grace superou a paixão por Cleve. Juro que consigo sentir seu coração bater um tantinho mais rápido quando ele está por perto, mas ela já está saindo com um amigo de Devon, o namorado de Jenny, e me disse que ele é “legal”, o que suponho que signifique que ela goste bastante dele. Grace jamais será um livro aberto como eu. Aprendi que quanto mais fundo eu cavo, mais ela se

recolhe. Mas se eu esperar, se estiver a seu lado do jeito como Sam costumava fazer, sem pressionar ou xeretar, ela acaba recorrendo a mim. Às vezes é uma espera muito difícil. Cada confiança partilhada, porém, é preciosa. Passei um dia inteiro sem saber ao certo quem ela era e como nos encaixávamos. Ironicamente, o dia em que temi não mais ser sua mãe foi o dia em que aprendi a ser.

Jenny não foi uma doadora compatível para Haley, mas ela conseguiu seu transplante em janeiro, depois que encontraram alguém através do banco de dados global. Sua recuperação tem sido extremamente difícil, cheia de incertezas, infecções e uma internação atrás da outra. Mas agora ela está em casa, ao menos por algum tempo, e ela e Jenny se falam pelo Skype todo dia. Todo *minuto*, segundo Grace, que tem um leve ciúme do relacionamento que Jenny e a irmã vêm construindo. Emerson tem seu próprio ciúme para digerir, mas está aprendendo a partilhar Jenny com Anna, como estamos todos, e tentando bravamente expandir sua visão de família a fim de incluir Anna, Haley e Bryan.

Emerson sobe numa escada para tirar as pilhas do detector de fumaça. Então ela acende seu próprio maço de sálvia com a chama da vela que arde sobre a bancada. Depois apaga o fogo e deixa a erva fumar.

– Só espero não provocar um incêndio – diz ela enquanto se dirige ao quarto que pertenceu a Noelle.

No segundo quarto, caminho fazendo um amplo círculo, parando para encher os cantos com a fumaça aromática. Das janelas, eu olho para o jardim, onde narcisos e flores de açafrão parecem ter brotado da noite para o dia. Não temos certeza – e jamais teremos –, mas acreditamos ter entendido o amor que Noelle tinha pelo seu jardim e pela banheira de pássaros com a estátua da garotinha. Pensamos no passado, recordando que ela começou a cultivar o jardim logo depois de Emerson dar à luz sua filha. Noelle jamais demonstrara interesse pelo quintal antes, mas cuidava daquele jardim com todo o amor. Quase o tipo de amor que se dedicaria a um filho. A uma sobrinha, talvez.

Acredito que Sam soubesse. Acredito que um dia, quando Noelle não mais conseguiu guardar sozinha esse segredo decisivo e devastador, ela tenha pedido a Sam para encontrar-se com ela em algum lugar onde não corresse o risco de esbarrar com nenhum de nós. Algum lugar como a Wrightsville Beach. Talvez tenha lhe contado tudo, de cliente para advogado. Pode ter contado a ele sobre o jardim, levando-o a me perguntar pouco tempo depois, a troco de nada: *Que história é essa do jardim de Noelle?*

Pela janela do quarto, vejo Emerson caminhar até o jardim. Observo enquanto ela arranca umas poucas folhas mortas da banheira de pássaros e depois pousa a mão na cabeça da garotinha de bronze. Me encho de amor por ela. Levo a tigela de sálvia para o banheiro e passo um pouco de água nela, antes de pô-la sobre a bancada. Quero ficar com Emy. Nesse ano de mudanças, apenas uma coisa permaneceu certa e sólida: o vínculo que tenho com minha melhor amiga. Então saio para ajudá-la a

preparar o jardim para receber a primavera.

Agradecimentos

A Carolina do Norte tem muitas regiões ímpares onde situar um romance e amei conhecer melhor a bela Wilmington quando escrevi *Segredos e mentiras*. Agradeço aos meus relações-públicas na Carolina do Norte, Tori Jones e Kim Hennes, por partilhar seu amor por Wilmington enquanto passeavam comigo pela cidade. Vocês dois são excelentes guias turísticos! Agradeço também a Beth Scarbrough, que estudou na Universidade da Carolina do Norte no mesmo período que as Garotas do Galloway e me ajudou a pintar um retrato da vida delas no campus.

Como de hábito, as outras seis integrantes do Weymouth Seven me ajudaram a montar esta história entre jogos de tabuleiro, conversas com fantasmas e o trabalho em seus próprios romances. Obrigada, Mary Kay Andrews, Margaret Maron, Katy Munger, Sarah Shaber, Alexandra Sokoloff e Brenda Witchger. Duas outras amigas escritoras, Emilie Richards e Maureen Sherbondy, também contribuíram com ideias em vários pontos da história, assim como minha irmã, Joann Scanlon, e minha assistente, Denise Gibbs. Sou grata a todas.

Obrigada, Tina Blackwell, pela linda indígena sobre a barba-de-velho, que alterei desavergonhadamente para servir à minha história. Obrigada, Kelly Williamson, por me dar um vislumbre da vida de um aluno de ensino médio na Carolina do Norte. Obrigada, Janina Campbell, por partilhar suas pungentes lembranças do pai enquanto eu moldava o personagem de Grace. Eleanor Smith me ajudou a delinear a pesquisa feita por Emerson na biblioteca e Phyllis Sabourin reavivou minha memória quanto a maternidades e enfermarias de hospital, já meio embotada pela distância que me separa dos meus dias de assistente social.

A internet não só permite pesquisas impessoais, como também nos dá um vislumbre intimista das jornadas de vida de gente de verdade através de blogs. A pesquisa que fiz sobre a leucemia de Haley me pôs em contato com muitas dessas histórias, e elas me emocionaram profundamente. Fiquei especialmente comovida com a experiência de Kay Howe, da Holanda. Mesmo quando minha pesquisa já estava concluída, continuei a ler o blog escrito pelo pai de Kay, torcendo por aquela corajosa menina de 10 anos cuja vontade de viver me inspirava diariamente. Fiquei pasma e triste quando Kay perdeu a luta contra a leucemia, mas ela e sua família terão para sempre um lugar em meu coração.

Agradeço à minha agente, Susan Ginsburg, que deve ser a pessoa mais positiva do ramo editorial. Adoro seu otimismo! Um obrigada especial à minha editora, Miranda Indrigo, que não só é capaz de ver a floresta a partir das árvores, como também sempre me ajuda a encontrar o melhor caminho entre as trilhas tortuosas.

Finalmente, por ler cada palavra de praticamente cada esboço e me fornecer sua

crítica honesta juntamente com seu apoio, por ser meu fotógrafo e melhor amigo, obrigada, John Pagliuca. Lamento não ter havido lugar para encaixar aquela perseguição automobilística que você queria. Quem sabe da próxima vez?

Sobre a autora

© John Pagliuca 2013



DIANE CHAMBERLAIN é formada em serviço social e, antes de ter a primeira obra publicada, trabalhou em hospitais em San Diego e Washington e com atendimento psicoterapêutico de adolescentes. Hoje ela se dedica exclusivamente a escrever e é autora de 22 livros, com direitos vendidos para 19 países. Suas obras são histórias complexas sobre amor, compaixão e perdão, com um toque de mistério e suspense. *Segredos e mentiras* chegou às listas de mais vendidos do *The Times* e do *The Irish Times*.

Diane nasceu em Plainfield, Nova Jersey, e mora na Carolina do Norte com seus dois cachorros e o marido, o fotógrafo John Pagliuca.

www.dianechamberlain.com

facebook.com/Diane.Chamberlain.Readers.Page

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

PARTE I – NOELLE

Capítulo 1 – Noelle

Capítulo 2 – Tara

Capítulo 3 – Emerson

Capítulo 4 – Noelle

Capítulo 5 – Tara

Capítulo 6 – Emerson

Capítulo 7 – Noelle

Capítulo 8 – Tara

Capítulo 9 – Emerson

Capítulo 10 – Noelle

Capítulo 11 – Tara

Capítulo 12 – Emerson

Capítulo 13 – Noelle

Capítulo 14 – Tara

Capítulo 15 – Emerson

PARTE II – ANNA

Capítulo 16 – Anna

Capítulo 17 – Emerson

Capítulo 18 – Noelle

Capítulo 19 – Anna

Capítulo 20 – Tara

Capítulo 21 – Anna

Capítulo 22 – Emerson

Capítulo 23 – Noelle

Capítulo 24 – Tara

Capítulo 25 – Anna

Capítulo 26 – Tara

Capítulo 27 – Emerson

Capítulo 28 – Tara

Capítulo 29 – Noelle

Capítulo 30 – Tara

Capítulo 31 – Noelle

[Capítulo 32 – Emerson](#)

[PARTE III – GRACE](#)

[Capítulo 33 – Grace](#)

[Capítulo 34 – Tara](#)

[Capítulo 35 – Noelle](#)

[Capítulo 36 – Emerson](#)

[Capítulo 37 – Grace](#)

[Capítulo 38 – Grace](#)

[Capítulo 39 – Tara](#)

[Capítulo 40 – Emerson](#)

[Capítulo 41 – Grace](#)

[Capítulo 42 – Anna](#)

[Capítulo 43 – Grace](#)

[Capítulo 44 – Tara](#)

[Capítulo 45 – Grace](#)

[Capítulo 46 – Emerson](#)

[Capítulo 47 – Tara](#)

[Capítulo 48 – Grace](#)

[Capítulo 49 – Tara](#)

[Capítulo 50 – Anna](#)

[Capítulo 51 – Grace](#)

[Capítulo 52 – Anna](#)

[Capítulo 53 – Tara](#)

[Capítulo 54 – Grace](#)

[Capítulo 55 – Tara](#)

[Capítulo 56 – Anna](#)

[Capítulo 57 – Emerson](#)

[Capítulo 58 – Grace](#)

[Capítulo 59 – Noelle](#)

[Capítulo 60 – Anna](#)

[Capítulo 61 – Noelle](#)

[Capítulo 62 – Tara](#)

[Capítulo 63 – Grace](#)

[Capítulo 64 – Emerson](#)

[Epílogo – Tara](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)
[Informações sobre a Arqueiro](#)

Sumário

Créditos

PARTE I – NOELLE

Capítulo 1 – Noelle

Capítulo 2 – Tara

Capítulo 3 – Emerson

Capítulo 4 – Noelle

Capítulo 5 – Tara

Capítulo 6 – Emerson

Capítulo 7 – Noelle

Capítulo 8 – Tara

Capítulo 9 – Emerson

Capítulo 10 – Noelle

Capítulo 11 – Tara

Capítulo 12 – Emerson

Capítulo 13 – Noelle

Capítulo 14 – Tara

Capítulo 15 – Emerson

PARTE II – ANNA

Capítulo 16 – Anna

Capítulo 17 – Emerson

Capítulo 18 – Noelle

Capítulo 19 – Anna

Capítulo 20 – Tara

Capítulo 21 – Anna

Capítulo 22 – Emerson

Capítulo 23 – Noelle

Capítulo 24 – Tara

Capítulo 25 – Anna

Capítulo 26 – Tara

Capítulo 27 – Emerson

Capítulo 28 – Tara

Capítulo 29 – Noelle

Capítulo 30 – Tara

Capítulo 31 – Noelle

[Capítulo 32 – Emerson](#)

[PARTE III – GRACE](#)

[Capítulo 33 – Grace](#)

[Capítulo 34 – Tara](#)

[Capítulo 35 – Noelle](#)

[Capítulo 36 – Emerson](#)

[Capítulo 37 – Grace](#)

[Capítulo 38 – Grace](#)

[Capítulo 39 – Tara](#)

[Capítulo 40 – Emerson](#)

[Capítulo 41 – Grace](#)

[Capítulo 42 – Anna](#)

[Capítulo 43 – Grace](#)

[Capítulo 44 – Tara](#)

[Capítulo 45 – Grace](#)

[Capítulo 46 – Emerson](#)

[Capítulo 47 – Tara](#)

[Capítulo 48 – Grace](#)

[Capítulo 49 – Tara](#)

[Capítulo 50 – Anna](#)

[Capítulo 51 – Grace](#)

[Capítulo 52 – Anna](#)

[Capítulo 53 – Tara](#)

[Capítulo 54 – Grace](#)

[Capítulo 55 – Tara](#)

[Capítulo 56 – Anna](#)

[Capítulo 57 – Emerson](#)

[Capítulo 58 – Grace](#)

[Capítulo 59 – Noelle](#)

[Capítulo 60 – Anna](#)

[Capítulo 61 – Noelle](#)

[Capítulo 62 – Tara](#)

[Capítulo 63 – Grace](#)

[Capítulo 64 – Emerson](#)

[Epílogo – Tara](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)
[Informações sobre a Arqueiro](#)